

Um *thriller*
intenso numa
jornada pelo
labirinto da
mente humana

GATOS NA NOITE

FÁBIO VENTURA

AUTOR DE *CORAÇÕES DE PAPEL*

MINOTAURO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Um *thriller*
intenso numa
jornada pelo
labirinto da
mente humana

GATOS NA NOITE

FÁBIO VENTURA

AUTOR DE *CORAÇÕES DE PAPEL*

MINOTAURO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Um *thriller*
intenso numa
jornada pelo
labirinto da
mente humana

GATOS NA NOITE

FÁBIO VENTURA

AUTOR DE *CORAÇÕES DE PAPEL*

MINOTAURO

GATOS NA NOITE

Título original:

Gatos na Noite

© Fábio Ventura, 2024

Revisão:

Sílvia Galvão Dias

Capa:

Susana Villar

Conversão para ebook:

Cumbuca Studio

e-ISBN: 9789899204188

Paginação:

João Jegundo

para

Minotauro

maio de 2024

Direitos reservados para todos os países de língua portuguesa por

MINOTAURO, uma chancela de Edições Almedina, S.A.

Avenida Emídio Navarro, 81, 3.º D - 3000-151 Coimbra – Portugal

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida,
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.

Qualquer transgressão à lei dos Direitos de Autor será passível
de procedimento judicial.

GATOS NA NOITE

FÁBIO VENTURA



MINOTAURO

*Conhecer a própria escuridão é o melhor método para lidar
com as trevas dos outros.*

Carl Jung

Tomé

Esta noite voltei a sonhar com o fim do mundo e, no centro da destruição, o meu pai, uma sombra fugidia entre o caos. Era como se as minhas próprias memórias quisessem fugir de mim. Esses sonhos terminavam sempre da mesma forma, um asfixiante silêncio que permanecia comigo, mesmo depois de acordar.

A vibração do telemóvel despertou-me dessas imagens, o nome do meu irmão no ecrã, deixando-me um gosto ácido no fundo da garganta. Se atendesse, iria ficar de mau humor, como sempre. Preferia evitar dramas quando estava a meio de um trabalho.

— Está tudo bem? — perguntou Ivo, o rapaz que me estava a ajudar.

Tinha-o encontrado num anúncio *online*, meses antes. Era-me útil para aqueles pequenos trabalhos e aborrecido o suficiente para não me perturbar com a sua energia. Não podia dizer que éramos amigos, até porque a minha relação com as outras pessoas era complexa. Mas era bom estar com alguém de vez em quando.

— Vou só fumar enquanto terminas isso — respondi, rejeitando a chamada.

Desci o alpendre, dei a volta à casa e sentei-me num dos degraus. O ruído das cigarras naquela manhã de verão era irritante. Limpei o suor da testa e acendi um cigarro. Só passados alguns instantes dei conta de que estava a bater o pé. Fiquei imediatamente chateado ao perceber o poder que a minha família ainda tinha sobre mim onde quer que estivesse. Certamente o meu irmão já estaria a crucificar-me por não ter atendido a chamada, aquele olhar reprovador que me irritava tanto nele. As minhas memórias mais antigas eram as de discutir com Jeremias. Tentei abstrair-me disso.

Olhei para a janela traseira do carro estacionado e vi a lombada laranja do livro que me levara ali, o tema ideal para a minha página de TikTok e para o *podcast*. O número de seguidores praticamente explodiu quando anunciei que iria explorar a verdadeira história por trás de Ash Falls.

— Ei!, deixaste o telemóvel lá atrás. Não para de vibrar — disse Ivo, surgindo de repente ao meu lado.

— Achas mesmo que me iria esquecer se não fosse intencional? O meu telemóvel é como uma extensão de mim — respondi, apagando o cigarro na terra com uma pisadela.

— Alguém não tomou café hoje, já percebi. Disseste que a casa costuma estar vazia, mas não me sinto à vontade aqui. Preferia terminar isto rapidamente.

Ainda que atualmente conseguisse viver do dinheiro que angariava com as minhas redes sociais, a verdade é que preferia desenrascar-me e gastar pouco dinheiro ou até nenhum. Aquela casa ficava nos arredores da cidade onde vivia e servia perfeitamente de cenário para os vídeos. Do que tinha investigado, era apenas usada aos fins de semana. Desde que filmasse de forma que não fosse identificada, não haveria problema, certo? Além disso, não me parecia que os donos fossem utilizadores de TikTok.

— Vais falar assim? Parece que acordaste agora e depois de uma noite de borgia — perguntou Ivo, com ar gozão.

Olhei para o meu reflexo no vidro de uma janela fechada — cabelo preto despenteado e camisa larga de manga curta com pelo menos três botões desabotoados com as tatuagens à mostra —, e achei que o visual desleixado era perfeito. Era assim que os meus seguidores conheciam o Tomé.

— Vamos a isso — pedi, enquanto ele iniciava as gravações que eu iria passar a madrugada inteira a editar.

Uma casa na floresta era o cenário ideal para os planos em que eu surgia a falar, intercalados com imagens do *reality show* e dos escritores que dele fizeram parte. Era aquilo que eu adorava fazer, pelo menos naquela fase da minha vida. Já fora empregado de mesa, assistente de produção, estafeta, ajudante de armazém e até rececionista de um estúdio de tatuagens, tudo isso em quatro países diferentes. Mas tinha encontrado a minha paixão na investigação e

exposição de mitos e teorias da conspiração, algo que me garantiria algum sucesso. Terminara um caso havia pouco tempo, uma série de surtos psicóticos numa escola. Os boatos diziam ser causados por uma aplicação criada por um estudante universitário. Para minha desilusão, afinal não passara de uma desculpa que esses alunos encontraram para justificar o uso de drogas sintéticas que dera mau resultado. Bem, a história real não era exatamente assim, mas conteúdos desses precisam sempre de *floreados* para ser atrativos tanto para os seguidores como para os algoritmos.

Levámos a manhã inteira a gravar. Na minha cabeça, já estava a imaginar os vídeos que iria criar, assim como o tipo de elementos que conquistariam o meu público. Até já estava em contacto com o agente de um dos escritores daquele programa residencial para o entrevistar para o *podcast*.

Com Ivo a conduzir o seu velho *Ford Fiesta*, saímos da casa rural por uma estrada de terra batida. O meu telemóvel vibrou no bolso, despertando-me da acelerada inspiração. Tinha dezenas de notificações das minhas redes sociais e pelo menos três chamadas de Jeremias. Mas foi a sua mensagem que me fez estremecer.

O pai apareceu. Está no hospital. Liga-me assim que possas.

A imagem do sonho com o meu pai rebentou na minha cabeça, e os fragmentos pararam como se tivesse carregado na pausa. O seu rosto estava agora violentamente disforme. Senti o coração como um tambor e vontade de pedir a Ivo que me levasse imediatamente até ao local onde o meu pai estava internado. Li a mensagem dezenas de vezes, imaginando mil possibilidades e mil histórias para aquele regresso, a ser real. Admirava-me que fosse Jeremias a dar-me a notícia quando fora ele a assumir o papel de pai após aquele súbito desaparecimento. Talvez fizesse sentido por isso mesmo, o meu irmão sempre a fazer o que considera ser o moralmente correto. Por isso chocávamos tanto. Eu era o impulsivo e o rebelde da família, ele, o homem exemplar.

— Meu, não estás a ouvir nada do que estou a dizer, pois não? — perguntou Ivo. A sua expressão mudou quando olhou para a minha cara. — Ei!, que se passa?

— O meu pai está no hospital.

— Oh, lamento. Que aconteceu?

— Está em coma, ao que parece — respondi, mecanicamente. — Não sei nada dele desde miúdo. Até receber esta notícia.

— Isso é lixado. E agora? Vais até lá?

— Não sei. Preciso de falar com o meu irmão primeiro. Sempre fantasiei com este dia, mas agora nem sei bem o que sentir — respondi eu, já com uma intensa vontade de fumar outro cigarro.

— Deve ser do choque.

— É mais do que isso. O seu desaparecimento nunca foi explicado, e isso sempre me lixou a cabeça. E agora regressa sem mais nem menos.

— Lamento tudo isso. Nem sei o que faria na tua situação.

— Para já, só quero chegar a casa e começar a editar.

Enquanto expelia o fumo de cigarro pela janela aberta, tentei mudar a conversa para algo mais banal, como música ou séries. No entanto, a nuvem tóxica que acompanhava o contacto do meu irmão sufocava-me a cada quilómetro.

*

Era já meia-noite e não tinha conseguido editar nada de jeito. Olhei do cinzeiro a transbordar de cigarros para o ecrã do computador apenas com dois minutos de vídeo editado. A minha cabeça era um turbilhão de imagens e pensamentos que eu não conseguia domar. Desliguei o computador e fiz aquilo que normalmente fazia para acalmar a minha mente hiperativa. Enfie os auriculares nos ouvidos com o volume da música no máximo, apaguei as luzes e dancei no escuro até à exaustão. Atirei-me para a cama completamente suado e ofegante. No entanto, os meus pensamentos tempestuosos continuavam sem se deixar afogar.

O meu olhar resvalou para o meu telemóvel, que brilhava bem ao lado das caixas de medicamentos por abrir que deixara de tomar meses antes. Não tinha respondido ao meu irmão nem retribuído as chamadas. Jeremias devia estar furioso, ou pior. Desapontado. Tínhamo-nos afastado ao longo dos anos, mas, nas raras ocasiões em que entrava em contacto comigo, fazia sempre questão de se afirmar como *chefe* de família, e isso aumentava o fosso entre nós. Não tinha aquele sentimento em relação às minhas irmãs, cada um centrado na sua vida. Porém, com Jeremias sempre fora diferente.

A dança e os cigarros já não estavam a fazer nada pela minha

ansiedade. Saí e desci a escada do prédio. Na rua, a minha pele ainda molhada foi confrontada com a brisa daquela noite de junho. Em vez de sair por aí para me cansar ainda mais, preferi entrar no café do rés do chão do edifício, que ainda estava aberto. Lá dentro estavam apenas o dono, a limpar o balcão, e um homem idoso de frente para um copo vazio. Sentei-me ao balcão e pedi um copo de absinto, sabendo que não me ficaria por aí.

Olhei para o meu reflexo no fundo do copo e, por momentos, vi novamente aquele miúdo de dez anos quando a minha família ainda era normal. Havia tanto por explicar e por desvendar sobre o que acontecera em 1999, o mistério supremo que ainda não conseguira solucionar. Aquele inusitado desaparecimento do meu pai, a polícia a questionar a minha mãe, o dia em que regressámos ao pequeno apartamento na cidade, a minha mãe a conduzir com expressão indecifrável, a minha irmã mais velha ao seu lado com os olhos aguados, Jeremias atrás comigo, a agarrar na mão da minha irmã mais nova, tão pequena e frágil. Aquela ausência absurda do meu pai.

Mas havia mais, muito mais por descobrir sobre aqueles meses até ao seu desaparecimento. Factos inexplicáveis e segredos que todos na família se envergonhavam de revelar. Durante anos, sempre fora o único a insistir em manter o baú aberto. Todos se recusaram a falar sobre o que se passara na casa era como se tivessem roubado parte da minha vida e das minhas memórias. Ainda que, no fundo, soubesse que nos protegiam, o ressentimento era um dos grandes motivos para me ter afastado de tudo.

Isso deixou-me a pensar — que estaria a sentir cada um dos meus três irmãos com a notícia do reaparecimento do nosso pai?

A investigação do *reality show* com os escritores teria de esperar. Havia ali outra história a explorar e pela qual ansiava, uma que me era pessoal e que poderia dar respostas sobre o meu passado.

Agarrei no telemóvel para responder à mensagem do meu irmão. Antes mesmo de carregar no «enviar», percebi que não estava sozinho ao balcão. Ao meu lado, alguém do meu passado estava de regresso.

Fevereiro de 1999

— Põe a música mais alta! — ordenou Cibeles, chegando-se para os bancos da frente do carro onde seguiam os pais.

— Não estás já enjoada de tanta Britney? Faz-me ter saudades dos tempos em que ouvias Spice Girls — desdenhou Jeremias, ao seu lado, o que originou um olhar reprovador da irmã.

— A Britney Spears não tem nada que ver com as Spice Girls! Ela é a artista do momento e vai ser a maior estrela do mundo. Vais ver!

— Cibeles, pergunta primeiro aos teus irmãos se posso aumentar o volume. Somos uma família democrática — disse gentilmente Júlia, a mãe, que seguia ao volante.

— Quero lá saber. Ela faz tudo o que quer, mesmo — respondeu Tomé, amuado.

— Também gosto da música. Não me importo nada — disse a voz suave de Gabriel, agarrado aos seus desenhos ainda que com o carro em andamento.

Foi ao som da música *Baby One More Time* que a família Xavier chegou à sua nova casa. O pai, Mateus, foi o primeiro a sair do carro. Tirou os óculos e contemplou aquele que seria o seu novo lar durante uns tempos. Júlia observou o marido, um homem alto e habitualmente sério, suavizar o rosto e relaxar a postura. Os seus subtis traços asiáticos, por influência da mãe japonesa, davam-lhe um ar ainda mais gracioso. Saiu também do carro, com os filhos atrás de si. A primeira coisa que sentiu foi o aroma do mar, ouvindo o arrebatador barulho das ondas contra as rochas. Depois analisou o edifício à sua frente.

O branco das paredes da Casa da Lua era quase incandescente à luz do Sol daquele início de tarde. Os rochedos dourados da falésia onde

fora construída, típicos daquela zona do sul do país, eram como esculturas rendilhadas, autêntico cenário surrealista de um sonho. Era bastante grande, e as suas linhas retas, vanguardistas naquele tipo de arquitetura, muito diferente do que estavam habituados a ver numa vivenda familiar. Mas o que se destacava mais era o segundo andar, mais pequeno, com um observatório envidraçado e que dava o nome à casa devido à *proximidade* em relação à Lua.

— Agora que sei que vamos viver aqui, parece-me ainda mais perfeita — disse Mateus, apertando o ombro da esposa.

— Não te entusiasmes demasiado. Será nossa apenas por uns tempos — advertiu Júlia. — Mas tenho de admitir que é impressionante.

Os filhos estavam igualmente boquiabertos com aquela enorme e moderna casa, que até dava acesso à praia, uma evolução do seu já apertado apartamento T3. Mas Júlia não tinha tanta certeza de se aquela casa se adequava à sua família. Parecia demasiado imponente e deslocada para os acomodar e à sua dinâmica. Só havia uma estrada até ali, e a povoação mais próxima ficava a meia hora de carro por sinuosas e estreitas estradas de terra batida por entre árvores altas, vegetação rasteira e rochedos. A seu ver, isso não era nada prático nem algo a que estivesse habituada, tendo morado toda a vida numa cidade grande.

Ainda que o marido recebesse relativamente bem como professor universitário, e ela, como professora de inglês para adultos, mudarem-se para ali parecia uma decisão algo irrefletida. Aliás, parecera tudo demasiado fácil, com o melhor amigo e colega do marido a ceder aquela moradia (uma das suas casas de férias) para que pudesse trabalhar na sua promissora investigação sem grandes perturbações. Ficava também mais perto do polo universitário para onde tinha pedido transferência e onde lecionaria duas aulas por semana.

Quando Mateus anunciara, meses antes, que fora promovido na universidade e que o seu projeto de investigação na área da Psicologia tinha sido aprovado para financiamento, estava longe de imaginar que isso implicaria uma alteração de residência. Mas aquela era a oportunidade de uma vida, algo que o marido ambicionava fazia anos, pelo que aceitou aquela mudança com a condição de que seria temporária e de que não iria afetar a estabilidade e a educação

dos filhos.

O sempre diligente Jeremias e o doce Gabriel encaravam a mudança como algo positivo. Cíbele estava irritada por deixar as amigas, e Tomé respondera com o seu habitual desdém, tendo em conta a fase terrível em que se encontrava. Tão ocupada estava com as mudanças, a transferência de escola dos filhos, a busca de novo local de trabalho e a preparação do apartamento para arrendar, que não se tinha permitido dar tempo para analisar o que realmente pensava daquela alteração na sua vida. Até àquele momento em que entrava pelos portões da casa, com os filhos e o marido a correrem à sua frente.

Júlia percorreu toda a casa numa tentativa de que *falasse* consigo. Por dentro, parecia bem mais acolhedora e familiar do que o exterior demasiado estéril — uma sala ampla, que incluía a mesa de jantar, uma cozinha longa e bem equipada, um escritório para a família, lavandaria e sala de arrumos no rés do chão, que dava acesso à garagem, e um primeiro andar com cinco quartos grandes. O segundo andar era composto unicamente pelo observatório. No exterior havia ainda um quintal, que dava para a praia e onde Júlia se imaginou a fazer animados churrascos ou a relaxar com um livro.

— Estava a pensar usar o segundo andar como escritório — disse Mateus quando ela chegou ao quarto de casal. Estava a tirar objetos de uma das dezenas de caixas de papelão que a transportadora tinha ali deixado no dia anterior.

— Não achas que se pode tornar quente de mais com aqueles vidros todos? — perguntou Júlia.

— Posso abrir as janelas e deixar entrar a brisa do mar. Toda aquela luz e o cenário são incríveis para trabalhar. Sinto que posso ser mais produtivo assim.

— O teu trabalho envolve receberes aqui pessoas. Não me agrada a ideia de ter estranhos a atravessar a casa e a passar pelos miúdos. Inicialmente falámos na garagem...

— Já viste bem o interior? Não é adequado. Além disso, o acordo foi receber os participantes do estudo, quando estás no trabalho, e os miúdos, na escola.

— Está bem. Desde que mantenhas esse andar fechado. Não quero os miúdos a entrar lá e a perturbar o teu trabalho ou a mexer em algo

que não devem.

Mateus caminhou da ponta do quarto onde estava e tocou no queixo da mulher para lhe dar um beijo. Quando terminou num sorriso, Júlia voltou ao que estava a fazer sem palavras. Também sorriu ao perceber que a dinâmica dos dois se mantinha passados tantos anos e tantas mudanças, aqueles pequenos gestos silenciosos que significavam tanto para si.

— Mãe, o Gabriel voltou a roubar as minhas bonecas — queixou-se Cibele, surgindo no quarto.

— Tens doze anos, já não brincas com elas.

— Mas são minhas. Além disso, ele é um rapaz.

— E então? Se o Gabriel quer brincar com bonecas, brinca com bonecas — respondeu a mãe, deixando a filha sem argumentos. Suspirou ao notar o rosto magoado da filha. — Vou falar com ele, dizer-lhe que te peça autorização, pelo menos.

Júlia atravessou o corredor. Havia pelo menos um quarto para cada filho, o que era um alívio, tendo em conta o pequeno apartamento onde viviam até então. Ia ser um problema se tivessem de regressar. Mas Mateus já tinha falado que o ano vivido naquela casa também serviria para poupar dinheiro suficiente para dar de entrada para uma casa maior.

Cibele havia regressado à arrumação da sua roupa no armário, ouvindo música de uma aparelhagem já montada. Tomé estava no quarto do irmão a implicar com qualquer coisa, como sempre. Jeremias continuava a dobrar e a arrumar meticulosamente a sua roupa sem ligar a nenhuma das idiotices que o irmão dizia.

Gabriel estava deitado de barriga para baixo, no chão do seu novo quarto, a desenhar as bonecas de Cibele, que serviam de modelos. As caixas estavam todas por abrir, mas havia um arco-íris de canetas de feltro e lápis de cor espalhado pelo quarto. Júlia baixou-se para passar a mão pelo seu fino cabelo dourado. Toda a família tinha cabelo escuro, tirando Gabriel, um legado da avó materna. Ainda que destoasse de toda a família, originando até comentários menos bons sobre a integridade de Júlia, seria sempre o seu «Príncipezinho». Porém, ultimamente essa alcunha começava a parecer errada. Olhou para o desenho, as cores demasiado taciturnas para retratar bonecas tão plásticas e com roupa berrante. Desde pequeno que Gabriel

mostrava um lado muito artístico, mas demasiado obscuro para alguém tão novo.

— Voltaste a tirar as bonecas à tua irmã. Tens de lhas pedir, sabes como ela é.

— Só as trouxe emprestadas para fazer um desenho. Tive esta ideia na viagem. Acho que ficam mais bonitas assim — disse, numa voz dengosa.

— Eu sei. Mas é boa educação pedir autorização quando levamos algo que não é nosso.

— Está bem...

— Vamos fazer o seguinte. Depois de tratarmos da mudança, vamos a uma loja de brinquedos na cidade e compramos-te uma boneca à tua escolha. Será só tua.

Gabriel levantou-se do chão e apertou a mãe num abraço com os seus finos braços.

Júlia beijou-o na testa e olhou através da janela do quarto do filho para a imensidão do mar e do céu a escurecer. De súbito, um vulto passou lá fora, o que a fez dar um salto. Gabriel olhou confuso para a mãe quando a viu dirigir-se para a janela.

Um gato preto no telhado. Júlia não sabia muito bem o que lhe passara pela cabeça naquele segundo em que o vira passar. Era apenas um gato. O que não deixava de ser estranho, tendo em conta a distância a que estavam de outras casas. Talvez tivesse sido abandonado por alguém que estivera ali.

— Vem aqui, meu lindo. Que fazes aqui? — perguntou ela, com uma voz abebezada, chamando-o com a mão. Gabriel já estava ao seu lado, fascinado com aquela criatura de pelo sedoso.

O gato olhou para eles de relance, soltou um miado rouco e desapareceu pelo telhado. Júlia não era uma mulher supersticiosa e até adorava gatos. Mas aquela aparição fez surgir um sabor amargo na boca.

Antes de fechar a janela, reparou que dali tinha vista para um castelo ao longe. Obscurecido pela neblina, deixada pelas ondas retumbantes ao longo da costa, parecia quase uma mágica ilusão. De muralhas e paredes escuras e a repousar numa alta falésia, praticamente o completo oposto da Casa da Lua. Teria de planear uma visita com a sua família, se estivesse aberto ao público. Não se

lembrava de ter ouvido falar de um castelo naquela região.

A noção de que estava num local isolado e estranho começava a afligi-la de novo. Talvez estivesse a preocupar-se demasiado.

A verdade é que era impossível não se deixar contagiar pelo êxtase do marido e dos filhos com aquela aventura. Aquela mudança, ainda que drástica, poderia ser positiva para a história da sua família. Apesar disso, não se conseguia libertar daquele aperto no peito, enquanto caminhava pelo corredor, de regresso ao seu quarto.

Jeremias

O ruído da ventoinha no meu gabinete tornou-se ainda mais azucrinante na presença da quietude do rapaz à minha frente. Dois minutos tinham passado desde que lhe fizera a pergunta, e ainda não conseguira responder, as suas mãos suadas a esfregar uma na outra, com o olhar perdido numa qualquer mancha da minha secretária já desgastada.

— Estou aqui para te ajudar. Tudo o que é dito neste gabinete fica entre nós. Mas depende de ti, se estás preparado para conversar. Julgo que te iria fazer bem.

Olhei uma vez mais para a sua ficha, dando-lhe tempo para encontrar as palavras certas. Família desestruturada com dificuldades financeiras e *bullying* por parte de colegas. Não era nada de novo, infelizmente. A maior parte dos miúdos sobrevivía àquele tormento a que chamavam de adolescência e acabava por fazer uma vida normal enquanto adultos. Mas era o meu papel amenizar essa passagem turbulenta ou antecipar se esses problemas não se tornariam em algo nefasto que pusesse a sua vida ou a dos outros em risco.

Era a terceira vez que vinha ter comigo, quase sempre antes do início das aulas, para que aquela consulta não fosse outro motivo de injúrias ou até agressões nos corredores. Consequia perfeitamente rever-me nele, quando tinha a sua idade, aquele olhar desconexo, incompreendido e sem compreender o mundo que o rodeia nem o que espera de si. Corpo quase adulto, mas ainda criança assustada. Até fisicamente éramos parecidos, apesar da minha barba — alto, olhos e cabelo negros como corvos, nariz comprido e pontiagudo. Podia muito bem passar por meu filho. Estremeci perante o pensamento.

— Roubaram-me a minha roupa no balneário — disse, finalmente, tão baixinho, que quase nem ouvi.

— Tiraram-te a roupa? E foi devolvida?

— Atiraram-na para a rua e deixaram-me sozinho. Não tinha sequer uma toalha para me tapar.

— Não havia nenhum funcionário que te ajudasse?

Abanou lentamente a cabeça e levantou os olhos para os meus, os quais me contaram imediatamente a história de como tivera de sair nu para resgatar a sua roupa, perante o gozo dos colegas, situação que provavelmente fora gravada e cujo vídeo, por esta altura, já seria viral por toda a escola. Era fácil chegar a essas conclusões quando eu próprio estivera na sua posição.

— Essa é uma situação grave. Nos dias de hoje, esse tipo de assédio tem consequências — expliquei.

— Se contar quem foi, vai ser pior para mim.

— Eles puseram em causa a tua integridade física e emocional. Não podemos permitir que situações dessas tenham lugar nesta instituição de ensino.

— Prefiro manter as coisas como estão.

— Nesse caso, porque estás aqui? — perguntei calmamente.

O rapaz suspirou e voltou a fixar a minha secretária, e percebi que nem o próprio sabia o que responder. Praticamente conseguia ouvir o grito de desespero naquela mente tão jovem, mas já tão perturbada. Família negligente e amigos inexistentes, queria apenas alguém com quem desabafar, mesmo que fosse com um adulto que mal conhecia. A adolescência podia ser um inferno que ficaria sempre connosco. Aliás, esse fora um dos motivos que me levara àquela profissão de psicólogo educacional — salvar jovens alunos, o que nunca ninguém fizera por mim.

Endireitei as costas, suspirei e olhei para a ventoinha que rodava lentamente naquela sufocante manhã de junho.

— Não te consigo ajudar, se não me ajudares também.

— O ano está quase a terminar — respondeu ele, encolhendo os ombros. — Posso ter uma pausa no verão até recomeçar tudo.

Aquela resignação acordou algo dentro de mim que normalmente conseguia manter trancado. Havia anos que treinava para que assim

fosse. Porém, naquele momento, era o Jeremias, de dezasseis anos, que estava ali com o mesmo tipo de conformismo. Tirei os óculos, pus os cotovelos na mesa com as mãos entrelaçadas e preendi o olhar nele.

Nesse caso, não me resta outra hipótese a não ser sugerir que trates pessoalmente do teu problema. Chegares ao teu limite pode ser muito benéfico quando te queres vingar de alguém. Estás habituado a mover-te nas sombras, pelo que não vais ter problemas em encontrar as moradas dos teus colegas que te infernizam a vida e entrar nas suas casas. Nem acreditas como é fácil conseguir aceder aos seus segredos, a um vídeo comprometedor, histórico de Internet, uma caixa escondida debaixo da cama, uma gaveta esquecida.

Se mesmo assim não for eficaz, há sempre maneira de lhes roubar algo querido da mesma forma que te roubam a dignidade todos os dias — uma mota, um animal de estimação, a sua casa. Alguém da sua família, se for preciso...

Pisquei os olhos e voltei à realidade. O rapaz continuava a esfregar as mãos de maneira quase doentia. Voltei a afogar aqueles pensamentos no lugar mais profundo da minha mente.

— O período da manhã está quase a começar. Vou dar-te algum tempo para que decidas o que fazer. Lembra-te de que a minha porta está sempre aberta, está bem?

Acompanhei-o até à saída. Vi-o entrar na multidão de alunos, encolhido e de cabeça baixa, desaparecendo por entre eles como um fantasma. O barulho no corredor era quase excruciante, vozes altas, carregadas de hormonas e excitação, mas também de crueldade e ignorância.

Precisava de um café. Esperei pelo toque de entrada, agarrei no meu telemóvel e na carteira e saí para o corredor já vazio. Gostava do meu trabalho, mas a energia de uma escola era algo que acharia sempre desconcertante. Fora o meio que tinha encontrado para enfrentar os meus demónios. Cada um dos meus irmãos também fazia isso, à sua maneira.

No caminho para o café que ficava do outro lado da rua, olhei para o meu telemóvel. Tiago ainda não havia sequer lido a minha última mensagem. Tinha consciência de que já estava a aproximar-me de uma fronteira em que poderia ser considerado assédio. Ele tinha sido muito claro quando dissera que já não queria voltar a falar comigo ou

sequer a olhar para mim. Foram as últimas palavras que ouvira da sua boca coberta de lágrimas antes de bater com a porta de casa. Tudo o que eu queria era conversar como adultos, sem a influência do calor das emoções. Ainda estávamos casados, apesar de tudo. Era injusto simplesmente cortar-me da sua vida daquela forma.

Tinha pelo menos meia hora até ter de regressar ao meu gabinete. Sentei-me na esplanada e pedi um café. Ao meu lado, duas senhoras idosas liam o mesmo livro, o último romance erótico de Ophelia Amin. O mediatismo já havia acalmado, mas recordava-me bem do seu rosto e do dos outros cinco escritores, espalhados por todo o lado durante meses.

— A escrita dela mudou muito desde aquele *reality show* — opinou uma delas.

— Sim. Gosto mais dos livros anteriores. Mais picantes — respondeu a outra, a rir.

— Depois de se saber o que fez, parece ter ficado mais retraída. Uma pena...

A vibração do meu telemóvel despertou-me daquele momento *voyeurista*. Imediatamente pensei ser Tiago, mas era um número que não conhecia.

— *Bom dia. Estou a falar com Jeremias Xavier?* — perguntou uma voz feminina algo mecânica.

— O próprio.

— *Desculpe-me por estar a ligar desta forma. Estou a ligar para informar de que o seu pai deu entrada no Hospital Central do Sul nesta madrugada. O seu número estava registado como contacto de emergência.*

— Peço desculpa, mas deve haver algum engano. O meu pai está desaparecido há vinte e três anos — expliquei eu, da forma mais educada que consegui.

— *Mateus Xavier?*

— Sim, é esse o nome dele.

— *Foi ele que deu entrada no nosso hospital, sim. Ainda estamos a fazer alguns exames, mas posso avançar que foi encontrado inconsciente ontem à noite e está em estado de coma. Seria importante que estivesse aqui algum membro da família.*

Naquele momento, senti que deixei de ouvir e de ver, o meu olhar toldado pelo peso que a ausência dele tivera na minha vida.

— Estarei aí assim que puder.

Não me lembro de ter bebido o café nem de regressar ao meu gabinete, mas a verdade é que já ali estava, distraído, a olhar para a ruidosa ventoinha. Estava convencido de que aquilo era um engano ou até uma partida. Era impossível que o meu pai pudesse aparecer assim de súbito, passado tanto tempo. Na minha cabeça, estava morto e enterrado, um abandono que me atirara muito cedo para uma vida adulta em que tivera de ajudar a minha mãe a criar os meus irmãos. Ainda conseguia ver a minha mãe, intocável no exterior, mas destruída por dentro; os meus irmãos, perdidos e confusos.

Nenhum pai digno de ser pai poderia fazer uma coisa dessas. O que quer que lhe tenha acontecido, deixou-te na merda num dos momentos mais vulneráveis da tua vida. E agora volta, subliminar e sorrateiramente, quando a tua vida começa a desmoronar-se de novo, não como um fantasma, mas um demónio. Mais valia que estivesse mesmo morto.

Enquanto tentava empurrar novamente aquela voz para os confins da minha mente, assustei-me com um vulto a passar lá fora, bem colado à minha janela. Não era normal alguém passar ali, naquela zona de canteiros. Tinha sido tudo muito rápido, mas parecera-me um homem muito alto e robusto. Familiar. Levantei-me num ápice e apressei-me para o corredor. Os alunos estavam todos nas salas de aula, mas não significava que estivessem em segurança. Fui para o exterior, para perto das janelas que davam para o meu gabinete. Não havia sinais de que alguém tivesse passado ali, ainda mais um homem daquele tamanho. De repente, pelo canto do olho, vi-o novamente a contornar o edifício, um vislumbre da pele suada a brilhar ao sol. Atravessei a porta do pavilhão em busca dele, mas a única coisa que vi foi uma figura a bater a porta. Agarrei na maçaneta com força, tentando reunir coragem suficiente para entrar. Assim que o fiz, fui confrontado com o jardineiro da escola a carregar um saco com utensílios, olhando para mim com ar confuso.

— Dr. Xavier? Está pálido. Precisa de alguma coisa?

— Peço desculpa. Pensei ser outra pessoa — esclareci, ofegante e sentindo as pingas de suor a escorrer pelo rosto.

Voltei a fechar a porta e praticamente cambaleei de regresso ao meu

gabinete. Porém, a paranoia fez-me perscrutar todos os recantos daqueles corredores.

Deixei-me afundar na minha cadeira, olhando repetidamente para a janela, com receio de voltar a ver aquela figura enorme. Talvez fosse apenas o choque da notícia do regresso do meu pai. Ou então esse abrupto retorno vinha acompanhado de traumas que julgara estarem resolvidos. Mas traumas desses nunca desaparecem, apenas se escondem.

Agarrei no meu telemóvel e liguei aos meus três irmãos. Nenhum atendeu, pelo que acabei por enviar mensagens, na esperança de que as lessem o mais brevemente possível. Tinha de os proteger. Mas também precisava de que me ajudassem a proteger de mim próprio.

Cibele

Quase me desequilibrei da pequena sanita, quando ouvi uma voz chamar pelo meu nome, da entrada da casa de banho dos putos. Atirei imediatamente o cigarro para a água e abanei a mão para expulsar o fumo pela estreita janela acima de mim.

— Cibele, estás aqui? O baile está quase a começar.

De todas as pessoas que poderiam estar à minha procura, tinha de ser a deslavada da Judite. Uma pessoa já não podia fazer a porra de uma pausa! Quase podia apostar a minha vida que fora delegada de turma durante a vida escolar, aquela menina certinha que toda a gente odeia e que relembra o professor de que há trabalhos de casa. Certificando-me de que já não havia fumo à minha volta que me denunciasses, saí do cubículo, deparando-me com a sua figura irritantemente cintilante.

— Ah, afinal estavas aí. Procurei-te por todo o lado — lamuriou ela.

— Não sei se foi daqueles croquetes de carne, mas algo não me caiu bem — justifiquei com um sorriso, dirigindo-me ao lavatório o mais longe possível dela.

— Fui eu que trouxe os croquetes...

— Oh, a sério? Estão ótimos. Não lighes, tenho um estômago muito sensível.

— Bem, já que és a presidente da Associação de Pais, não podemos começar sem ti. As músicas já estão a postos e os miúdos estão na pista. Vai ser tão bonito! Vou tirar inúmeras fotos!

Uma foto linda seria a do teu sorriso manchado de batom, pensei eu. Estar tão entusiasmada por um baile de finalistas de miúdos do 4.º ano era algo que me ultrapassava, uma invenção ridícula de pais neuróticos de crianças ditadoras com fascínio pela cultura americana.

Mas não tinha moral para criticar quando eu própria estava envolvida e era uma líder naquele circo. As coisas a que me prestava só para parecer uma pessoa normal...

— Podes ir à frente e dizer que podem começar. Vou apenas retocar a maquilhagem. Ah, e Judite, obrigada por todo o teu trabalho. Tens sido uma excelente ajuda — agradecei, tocando com a mão no peito.

Depois de ela sair, pude revirar os olhos à vontade. Que desperdício de cigarro! Só teria de aguentar umas duas horas até chegar a casa, tirar o sutiã, trancar a porta do quarto e ver dois ou três episódios de *O Sexo e a Cidade* (a série antiga, não a merda de sequência feita recentemente) enquanto bebo um copo de vinho tinto, bem cheio. Omar estava numa viagem de negócios e chegaria na manhã seguinte. Só precisava de cansar os miúdos naquela anedota.

Até lá, podia divertir-me um pouco. Pinte os lábios de um vermelho carregado, que contrastava com a minha pele branca, e contornei os olhos com *eyeliner* tão preto como o meu cabelo, fazendo sobressair os meus olhos azuis. Borrifei-me com perfume e enfiei um *Tic Tac* na boca para disfarçar os sinais do tabaco. Ajeitei o vestido de forma que me tornasse irresistível para os pais dos colegas dos meus filhos, que certamente iriam pensar em mim quando estivessem na cama com as suas mulheres frígidas.

Percorri o corredor vazio, ladeado por pequenos cacifos coloridos, os meus sapatos a ecoar no espaço de modo quase fantasmagórico. Antes de abrir as portas do ginásio, a música oca de uma qualquer artista *pop* do momento fez-me lembrar aquela rapariga inocente que ouvia em *loop* os seus ídolos. Sentindo a obscuridade a espreitar de dentro das salas de aula vazias, rapidamente reprimi essas memórias.

A pessoa que tivera a ideia de dar um tema àquele baile e que me forçara a ceder merecia uma cabeçada. Ainda por cima, Havai! Todo o ginásio parecia que um gigante tinha vomitado palmeiras, colares de flores e a palavra *Aloha* por todo o lado. Mães e pais estavam todos reunidos a um canto, agarrados aos seus telemóveis, a fotografar crianças a dançar desajeitadamente.

Não foi preciso procurar muito pelos meus filhos, dois rapazes com a cara e a pele de caramelo do pai. Assim que me viram, acenaram avidamente. Retribuí com um sorriso e um leve aceno. Nove anos depois, aquele sentimento de ser mãe ainda me era estranho. Vinda de

uma família fragmentada e com sonhos como qualquer outra rapariga dos tempos modernos, nunca fora meu desejo ser mãe. Um acidente depois de uma festa bem regada, e o Universo castigara-me com gémeos. Podia muito bem ter feito alguma coisa para acabar com aquilo e continuar a minha vida. Mas algo em mim me disse que aceitasse e arriscasse aquele destino que me era imposto. E agora ali estava eu, com um orgulho dos meus filhos que não conseguia explicar, num baile escolar, a comer petiscos insípidos, cozinhados por pessoas que odeio.

Quando a música terminou, os dois largaram os seus pares e correram para mim.

— Viste-me a dançar, mãe? Não pisei ninguém! — disse Rafi.

— Eu pisei, mas tinha mais ritmo do que ele — acusou Rami, apontando para o irmão.

— Estavam os dois muito bem! Não interessa se pisam alguém, o que interessa é que se divirtam. Merecem!

Quando começou outra música, regressaram à pista de dança. Havia dias em que me apetecia deixar os dois à beira da estrada e partir sem olhar para trás. Mas aqueles sacanas eram adoráveis até quando me infernizavam a vida.

— Será que consigo adivinhar qual o petisco que trouxeste hoje? — perguntou uma voz melosa, atrás de mim. Era o marido de Judite. Era tão giro, que nem acreditava que tivesse casado com alguém como ela. Ele adorava aqueles momentos fugazes de *flirt*. Já eu, naquele dia, não estava para ali virada.

— Sabes bem que trago sempre uma das minhas especialidades para estas ocasiões. É aquela tarte de chocolate no centro da mesa.

Comprada, como sempre, a uma doceira velhota, fora da cidade. Nunca me apanhariam na cozinha a fazer bolos ou doces.

— Reconheci-a assim que a provei. Tens um dom, Cibele — bajulou ele, com um sorriso enviesado.

E continuou a falar, acho que dos seus exercícios de *crossfit*. Fingia estar interessada enquanto abria o meu telemóvel e cuscava as aplicações de encontros onde eu tinha perfis falsos. Já recebera bastantes mensagens de homens sedentos. Nunca iria avançar mais do que aquilo, mas adorava tal tipo de atenção só para passar o tempo. Quando não estava a fazer isso, punha gostos em todas as publicações

de Instagram de celebridades e *influencers* cujas vidas invejava. Não eram hábitos dos quais me orgulhava, mas ao menos não me sentia tão morta por dentro.

O meu momento de escape foi interrompido pela chegada de uma mensagem de Omar:

O Jeremias precisa de falar contigo. Voltaste a bloqueá-lo?

Que queria a porra do meu irmão? Tínhamos discutido havia uns dias e, num ato de fúria, bloqueara o número dele. Para ser sincera, até me esquecera disso.

— Desculpa, preciso de fazer uma chamada. Podes ficar de olho nos meus meninos? — pedi eu, com um leve toque na sua mão.

Esfreguei os braços nus quando saí do edifício para aquela noite anormalmente fresca. Sentei-me num banco rabiscado e liguei para o meu irmão enquanto olhava para a Lua. Parecia maior e mais brilhante do que o costume, tal qual me lembrava naquela casa amaldiçoada. Só tocou duas vezes até Jeremias atender.

— *Voltaste a bloquear-me* — afirmou ele, na sua voz grave.

— Esqueci-me, O. K.? Escusas de me dar sermões. Se não me tivesses irritado naquele dia, ainda estaríamos a trocar *memes* porcos.

Jeremias não se riu, o que me deixou preocupada. Hesitou, e eu até conseguia ouvir o estalido dos seus lábios ao tentar encontrar as palavras certas. Suspirou umas duas vezes antes de voltar a falar.

— *O pai apareceu. Está no hospital, em coma.*

Senti todo o meu corpo a estremecer como se tivesse submergido num lago gelado. De súbito, surgiram as memórias daquele homem que eu amava incondicionalmente, que me desarmava com um só sorriso e que me partira o coração ao me abandonar num dos anos mais caóticos da minha vida. Voltei a falar segundos depois, tentando não demonstrar o quão abalada estava.

— Como assim, «apareceu»?

— *Estou tão chocado como tu.*

— Como descobriste isso?

— *Recebi um telefonema do hospital ao início da manhã. Por algum motivo, o meu número estava registado como contacto de emergência.*

— O quê? Isso não faz sentido! — gritei eu. Por breves momentos, passou-me pela cabeça a hipótese de o meu irmão estar a esconder

alguma coisa.

— *Também não sei o porquê, Cibele. Isto é tudo muito estranho e repentino. Mas temos de ir lá...*

— Por que raio é que nos devemos importar com o homem que nos abandonou? E nem penses defendê-lo!

— *Nunca o faria, sabes disso. Enviei mensagens ao Tomé e à Noa. Estou à espera de que me respondam. Mas, Cibele, esta pode ser a nossa oportunidade para saber o que se passou. Temos de o ver.*

O meu coração saltou um batimento quando ouvi aquelas palavras. Era como se o meu próprio irmão me estivesse a convidar para descer ao Inferno. Não era o voltar a ver aquele homem que me assustava, mas as memórias que arrastava com ele.

— Estou no baile de finalistas dos miúdos. Ligo-te ao final da noite.

— *Fico à espera.*

Regressei ao ginásio, sentindo o meu corpo a levitar, de tão fraco que ficara com aquela notícia. Nem sequer havia álcool naquela porcaria de festa para me ajudar! Ainda faltava algum tempo para terminar o baile, mas cada minuto parecia uma hora. Só tinha vontade de arrancar os meus filhos dali e ir para casa, engolir um ou mais comprimidos, enfiar-me na cama e adormecer para não ter de pensar naquilo.

Encostei-me às cortinas, perdendo-me na sua negritude. Perscrutei a multidão de alunos, professores e pais que exibiam uma alegria que me enraivecia. Por entre os corpos animados, ilusão ou partida da mente, julguei ver novamente aquele *rosto* a olhar para mim. O meu coração gelou perante a possibilidade de, vinte e três anos depois, ainda estar comigo.

Noa

Os edifícios dos hospitais sempre me pareceram castelos góticos. Ou pelo menos era assim que os imaginava desde jovem, uma forma de proteger a minha mente, já de si vulnerável, devido às intermináveis viagens àqueles locais para matar Gabriel e evocar Noa em pleno. A visão daquelas grandes edificações brancas e estéreis com cheiro a álcool e a desespero transformava-se aos meus olhos, as paredes forradas com trepadeiras e pedra ornamentada, e eu uma princesa em busca da sua salvação. Só que, neste caso, o dragão era o meu próprio corpo, agora enterrado numa memória.

— Tudo bem, maninha? — perguntou Tomé, terminando o seu cigarro. Só quando falou é que percebi que estava ali especada num completo transe em frente àquele gigante de betão.

— Sim. Apenas não gosto de hospitais — respondi, com um suspiro.

— Há alguém que goste?

Algures no parque de estacionamento alguém estava a ouvir *funk* brasileiro, o que estava a irritar Tomé, profundamente. Ao longo dos anos, aprendera a camuflar aqueles repentinos acessos de impulsividade. Vivia a vida e as emoções de forma muito intensa, como uma chama incandescente que não sabe para onde brilhar mais. Mas, infelizmente, ainda não tinha aprendido a controlar aquela luz.

Ao longo do nosso crescimento, sempre fomos próximos. Não sei se devido às idades ou personalidades, mas havia sempre uma clara divisão entre Jeremias e Cibele e Tomé e eu. Mesmo com o afastamento físico, o meu irmão fazia sempre questão de verificar se estava tudo bem comigo. Ainda que preferisse que tivesse estado presente nos meus momentos mais difíceis, no longo processo para apagar Gabriel tivera sempre uma mensagem dele para me animar.

— Tens tatuagens novas. Mostra-mas! — pedi eu, para aliviar o ambiente.

Tomé esticou os braços na minha direção, de cigarro pendurado no canto dos lábios e as argolas nas orelhas a reluzir ao sol. Cada vez que estava com ele, havia uma nova tatuagem. Eu divertia-me a procurar os novos desenhos soltos, como se de um jogo se tratasse. Nunca lhe perguntava o significado ou o motivo, mas sabia que cada uma daquelas tatuagens era uma memória ou uma desilusão. Era parte da estratégia que Tomé tinha encontrado para exorcizar as coisas na sua vida. O meu olhar desviou-se para o seu peito, descoberto pela *T-shirt* de manga cava, para a imagem de um gato preto à frente da Lua, bem por cima do coração e senti algumas memórias melancólicas virem ao de cima.

— O Jeremias está a demorar muito tempo e está um calor abrasador — disse eu, atando o cabelo num rabo de cavalo. Quando fiz referência ao nosso irmão mais velho, o humor de Tomé mudou abruptamente, algo a que já estava habituada.

— Típico. É para mostrar que quem manda é ele.

Quando recebi o contacto de Jeremias sobre o nosso pai, estava a meio de um trabalho de ilustração para um livro infantil. Senti que alguma coisa ia acontecer nesse dia. Estava com a minha inspiração tão difusa, que, quando dei por mim, a imagem que estava a criar parecia saída de um filme de terror. Foi aí que li a mensagem do meu irmão a dar a notícia. Não consegui trabalhar durante o resto do dia. Saí de casa e caminhei até anoitecer, tentando evocar memórias do meu pai que sabia estarem cá dentro, mas teimavam em continuar riscadas. Na minha cabeça, nem sequer tinha rosto, os momentos passados com ele como fragmentos de fotografias rasgadas. O nosso pai não tinha apenas desaparecido naquele final de 1999. Havia sido completamente aniquilado.

Estava sentada num miradouro, virado para o mar totalmente escuro e quieto, quando recebi a chamada de Tomé. Quando atendi, percebi o quão tarde era e o quão gelada estava. Nessa mesma madrugada, conduzi até à sua cidade para ir buscá-lo, e fizemo-nos à estrada em direção ao sul. Falámos de tudo, menos da nossa família, das mirabolantes e chocantes histórias que investigava para as suas redes sociais à coleção de quadros que eu estava a pintar de pessoas

com sangue a escorrer do nariz.

Agora que ali estávamos, a realidade espreitava por entre aqueles carros estacionados com as suas garras afiadas a brilhar ameaçadoramente.

Esperámos ali quase uma hora até Jeremias emergir do hospital, desviando-se de ambulâncias apressadas para vir ter connosco. Já não o via fazia mais de um ano, mas continuava bonito como sempre. Sempre invejara os seus olhos e cabelo ondulado totalmente pretos, tão diferentes dos meus mortíços olhos azuis e fino cabelo loiro. Jeremias tinha-me criado e apoiado como um pai ao longo da minha vida e, para mim, seria sempre perfeito, mesmo com o ar abatido que apresentava naquele momento. Olhei para a marca no seu dedo anelar esquerdo onde outrora estivera uma aliança. A separação do marido tinha sido recente e nada pacífica. Sentia-me mal por não estar tão presente na sua vida. Mas, por muito que amasse os meus irmãos, a sua presença física vinha sempre carregada de memórias dolorosas que pertenciam a Gabriel.

— Como estás, Noa? Tive saudades tuas — segredou ele ao meu ouvido, num abraço apertado. Não era habitualmente uma pessoa de afetos, o que me deixou tão atordoada como derretida ao sentir-lhe o calor e o cheiro.

— Estou bem, penso eu.

— Olá, Tomé. Também senti a tua falta.

Tomé esticou a mão para o cumprimentar, mas Jeremias puxou-o para um abraço também, o que deixou o primeiro tão surpreendido como incomodado. O nosso irmão mais velho era bem mais alto do que todos nós, pelo que facilmente conseguiu despentear ainda mais o cabelo de Tomé, num gesto que costumava fazer quando éramos crianças. Tinha mais memórias dos dois em choque do que fraternidade. Ainda assim, não tinha dúvidas de que se amavam. Era impossível quebrar uma ligação criada a partir do sangue e do trauma, por mais teimoso que Tomé fosse.

— Estou mesmo muito feliz por terem vindo. Não sei se conseguiria lidar com isto sozinho — afirmou Jeremias, com rara vulnerabilidade na voz.

— Para ser sincera, ainda não sei muito bem o que sentir em relação a isto.

— Não é todos os dias que alguém *regressa dos mortos*. — Tomé sentou-se no capô do meu carro e sacou de outro cigarro. Estava claramente ansioso, pois nunca o vira fumar com tanta fúria. — E a dona de casa perfeita não vem?

— A Cibebe vai chegar mais tarde. O Omar estava em viagem e chegou esta manhã para ficar com os miúdos. Entretanto, só podemos visitá-lo ao final da tarde. Não temos alternativa a não ser esperar.

— Então por que raio estiveste ali dentro tanto tempo, connosco aqui a derreter ao sol? — perguntou Tomé.

— Estive a tentar descobrir o máximo de informação possível. Tenho um conhecido dos meus tempos de faculdade aqui a trabalhar. O quarto está a ser vigiado, mas consegui que permitissem a entrada durante alguns minutos.

— Vigiado?

— Sim, além da situação delicada, a polícia também está aqui...

— Engraçado estar tão interessada agora, quando antes tratou o caso como se fosse de «baixa prioridade» — retorquiu Tomé, com tom de desdém.

— Tecnicamente, nunca foi entendido pelas autoridades que o pai estivesse desaparecido. Apenas *ausente*.

Tomé não respondeu, mas notava-se que ficara surpreendido por Jeremias concordar com ele.

— Insisti bastante, mas apenas me informaram de que deu entrada aqui em coma. Estão a realizar alguns exames, pelo que ainda não sabem ao certo os motivos.

— Mas está ferido? Conseguiste vê-lo? — insistiu Tomé.

— Lamento, mas vamos ter mesmo de esperar até saber mais pormenores. Posso pagar o almoço, entretanto?

Jeremias levou-nos a um restaurante japonês, não muito longe dali. Era desprovido de decoração associada ao Japão, pelo que comecei logo a pintar aquelas paredes como uma sombria e tradicional mansão nipónica. Enquanto esperávamos pelo nosso pedido, gerou-se um silêncio confrangedor. Tomé deslizava o dedo no telemóvel, enquanto Jeremias brincava com a ponta da toalha de mesa, o primeiro todo torto na cadeira, e o segundo reto, a ponto de me parecer desconfortável.

— Quem acham que vai ganhar a aposta? — perguntou Tomé, de repente, sem levantar os olhos dos comentários da sua página de TikTok.

— Que aposta? — questionou Jeremias.

— Sobre o que aconteceu com o pai. Quer dizer, cada um de nós tem uma teoria diferente, certo? Já falámos sobre isso no passado.

— Isto não é um dos teus vídeos, Tomé. A situação é séria. Ele pode morrer a qualquer momento e podemos nem conseguir as respostas que procuramos.

— Agora estás preocupado com ele? Não foste tu que um dia disseste que para ti havia morrido, quando percebeste que tinhas de cuidar de nós, enquanto a mãe se matava a trabalhar para nos sustentar aos quatro? Até tiveste de trabalhar desde cedo, enquanto estudavas numa universidade de merda, por isso...

Jeremias abriu a boca para ripostar, mas desistiu. Sabia muito bem que discutir com o irmão era sempre uma batalha perdida. Por mais que achasse que conhecia o meu irmão mais velho, nunca conseguia ler no seu olhar se estava com raiva contida ou apenas desilusão quando falava com Tomé.

— Sempre achei que se tinha apaixonado por uma sereia e partido para o mar — disse eu, para aliviar a tensão. Os dois olharam para mim desagradados com a minha teoria fantasiosa. — Falando a sério, sempre achei que tinha morrido no mar, acidente ou suicídio.

— Isso não explica o motivo para nunca se ter encontrado um corpo. E porquê fazer isso? — perguntou Jeremias.

— Diz-me tu. De todos nós, foste o que viveste mais tempo com ele e quem o conheceu melhor, de certa forma. Além disso, tornaste-te psicólogo como ele — acusou Tomé.

— Psicólogo educacional. É uma área muito diferente da do pai — corrigiu ele. — Ele tornou-se numa pessoa diferente naquela casa, mais fechado e isolado, obcecado com a sua investigação.

— Nunca nos explicaste que investigação era essa — insistiu Tomé.

— O pai estava dedicado ao estudo do inconsciente, mas nunca soube em concreto o que estava a investigar. Depois do desaparecimento, tanto a universidade como a polícia confiscaram todos os materiais. Tentei encontrar informações ou pistas esquecidas, pois acreditava que pudessem dar-me respostas sobre o que

acontecera, mas nada. Analisando o tempo que passámos com ele, sempre foi muito zeloso da sua vida profissional e dos seus segredos.

— Então acreditas mesmo que a investigação pode estar relacionada com o seu desaparecimento? — perguntei, imaginando já uma história de *suspense*. — Estava a investigar algo que não devia, ou foi talvez vítima de alguma vingança.

— A polícia excluiu ambas as hipóteses, segundo me contou a mãe.

— Talvez tenha enlouquecido ou adoecido e não quis ser um fardo para nós — continuei eu.

— A sério que continuam a negar o óbvio? — berrou Tomé, assustando o empregado que veio deixar um prato de *sushi* na nossa mesa. — Não se lembram das coisas estranhas que vivemos naquela casa?

— Não vamos começar com essa conversa novamente — disse Jeremias, de sobrolho franzido. — Nem tudo tem de ser uma teoria da conspiração, Tomé. Eras um miúdo impressionável.

— Não fui o único a sofrer com os acontecimentos bizarros naquele local. Como podes ignorar a teoria de que pode ter sido aquela casa a fazer alguma coisa ao pai e que este regresso pode estar relacionado com isso?

— Já falámos sobre isso, Tomé! — insistiu Jeremias, claramente já a ficar sem paciência. — O que nós achamos que vimos ou vivemos naquela casa foi motivado pelo *stress* e pelo trauma do desaparecimento do pai. Nenhum de nós experienciou mais nada ao longo destes anos.

— É ridícula a forma como concordas comigo, mas não o admites. Chegas a mentir na nossa cara. Típico teu — berrou Tomé, batendo com o punho na mesa.

— Têm de aceitar que ele simplesmente se fartou de nós e nos abandonou — disse uma voz cínica, atrás da nossa mesa. Cibeles passava por cada um de nós com os seus olhos como lâminas.

— Bem me parecia que cheirava a enxofre... — disse Tomé.

— Também tive saudades tuas, *maninho* — respondeu ela, pousando a mala de marca e sentando-se ao meu lado. — Espero que tenham pedido *sushi* a contar comigo, cambada de *millenials*. Estou a quase a terminar o meu jejum intermitente.

Cibele parecia-me mais bonita cada vez que a via. Fazia lembrar a *femme fatale* de um filme francês, a sua beleza tão natural, mas ao mesmo tempo tão perigosa. Nunca conseguia decifrar o seu rosto, o que me deixava sempre num misto de admiração e medo da minha própria irmã. Ainda me lembrava de quando experimentava a sua roupa e a maquilhagem às escondidas, a fúria bem patente na força com que me agarrava no braço e me expulsava do quarto quando me descobria. Dos meus três irmãos, Cibele fora sempre aquela que sentira mais resistência em aceitar a minha transformação, apesar de nunca ter sequer mostrado ou dito nada a esse respeito. Em todo o processo, havia sempre ali palavras penduradas, algo por dizer e que deixava ficar num limbo desesperante.

— Eu sei que é uma visão fria — continuou Cibele. — Mas é assim tão difícil acreditar que simplesmente nos abandonou? Há tantos casos desses por aí, homens egoístas que um dia revelam o verdadeiro carácter e deixam as famílias.

— Ele não era assim. Algo mudou — reforçou Tomé. — Estava sempre ocupado com o trabalho, mas era bom pai. Algo aconteceu na Casa da Lua!

Todos nós sabíamos que Tomé era fascinado por histórias de conspirações desde pequeno, uma forma de aprender a lidar com a sua mente acelerada. Aliás, tinha aproveitado isso da melhor forma no trabalho que fazia no mundo digital. No entanto, havia um quebra-cabeça que sempre fora obsessão para si — o desaparecimento do nosso pai. Passado tanto tempo, ainda não conseguira largar o período passado na Casa da Lua. Uns anos antes, confidenciara-me que queria investigar a casa. Por muito que amasse o meu irmão, não conseguia acreditar que uma simples vivenda tivesse alguma coisa que ver com o que acontecera com a nossa família. Eu encontrava na fantasia um refúgio, mas sabia distingui-la da cinzenta realidade.

— Não sejas ridículo, Tomé — disse Cibele, abocanhando uma peça de *sushi*. — Uma mera casa de férias que nos foi emprestada durante uns meses. Nada de estranho nisso. Da última vez que pesquisei, até vi que tem sido usada para hospedagem no Airbnb.

— Então também tens pesquisado sobre a casa...

— Pura curiosidade. Não deixou de ser uma casa onde vivemos.

— Então e se admitisses que também experienciaste situações

estranhas na casa? Coisas difíceis de explicar.

— Tomé, talvez seja melhor... — interrompi eu, antecipando a fúria da minha irmã numa discussão que fora recorrente ao longo dos anos.

— Não houve nada estranho na casa, idiota. Apenas um pai que quis deixar de ser pai e marido.

— Então porque é que este *fantasma* regressou agora?

— O único que pode responder a isso está inconsciente numa cama de hospital — disse Jeremias, numa voz apaziguadora, mas firme. Ficámos todos calados.

— Podemos então comer o *sushi* em paz? Ou preferem continuar com a sessão de conspirações e histórias de fantasmas? — perguntou Cibele.

*

Não era permitida a entrada de mais de duas pessoas por visita, mas, graças à cunha de Jeremias, conseguimos subir os quatro. Quase conseguia sentir a tensão eletrizante dos meus irmãos a caminhar à minha frente. Já eu, estava mais nervosa por voltar a atravessar um corredor de hospital, um cenário que ainda me deixava desassossegada.

Um médico e um homem vestido de preto, que supus ser da Polícia, esperavam por nós à porta do quarto. Era intimidante estar na presença das autoridades quando se visitava alguém internado. Nesse aspeto, tinha de dar razão a Tomé ao achar estranho o envolvimento da Polícia. Talvez fosse normal em casos em que surge alguém desaparecido há tanto tempo. Mas fiquei a pensar no quão perigoso seria afinal o regresso do meu pai.

Antes de entrarmos, o médico repetiu o que já sabíamos, que havia sido encontrado inconsciente e que, mesmo após os exames, ainda não tinham encontrado um motivo nem conseguiam que despertasse. O seu prognóstico era muito reservado e existia a possibilidade de nem acordar. Consegui perceber nas entrelinhas e no seu olhar frio que podia até nem sobreviver, o que tornava aquele regresso ainda mais cruel.

A primeira coisa que percebi, quando entrámos no quarto, foi o quão escuro estava. Havia uma linha de luz dourada do Sol que entrava por uma fresta da persiana fechada, mas, de resto, o quarto

estava tão sombrio quanto as expressões dos meus irmãos, quando olharam para aquele homem deitado na cama, perdido na sua profunda inconsciência. Não sei se os outros tinham reparado, mas no pescoço do pai havia marcas negras que me pareceram dedos. Havia ali, afinal, outro motivo para a presença das autoridades?

A nossa mãe abolira as fotografias do nosso pai lá de casa, e falar sobre ele era assunto tabu desde que desaparecera; por isso, aquele homem era realmente um estranho para mim. Mesmo deitado naquela situação, pareceu-me demasiado parecido a Jeremias. Para alguém com quase sessenta anos, parecia mais jovem, com poucas rugas e o cabelo ligeiramente grisalho. Mas notava-se que estava fraco, com barba descuidada e rosto encovado.

Nenhum de nós falou, mas as caras de Tomé e Jeremias diziam tudo. Já a expressão de Cibele era completamente ilegível.

— Por onde andaste este tempo todo, velhote? — perguntou Tomé, baixinho, tocando ao de leve na sua mão.

— Aham que nos está a ouvir? — questionei.

— Há estudos que referem que uma pessoa em coma consegue captar os sons de entes queridos — explicou Jeremias.

— Passado tanto tempo, não acredito que ainda sejamos considerados entes queridos — disse amargamente Cibele, saindo instantes depois.

— Não o julguem sem saber o que aconteceu. Todos merecem uma oportunidade para se explicar — defendeu Tomé.

Jeremias assentiu lentamente. Apesar do ressentimento, ver o pai passados tantos anos estava a afetá-lo. Era tão contraditório ver as reações dos meus dois irmãos: o mais velho parado como uma imponente árvore, e o outro a andar de um lado para o outro a analisar cada traço do nosso pai como se pudesse contar uma história.

Com o médico e o polícia lá fora a pigarrear, percebemos que era altura de sair. No corredor, um homem de cabelo grisalho, vestido com *blazer* preto e camisa branca, esperava ao lado de Cibele. A primeira coisa em que reparei foi no quão suado estava, a testa molhada e uma pinga de suor a escorrer até à sua barba aparada. Quando nos viu, estendeu a mão.

— Boa tarde. Presumo que não se lembrem de mim. Sou o António Basílio, amigo e colega do seu pai. Bem, ex-colega — apresentou-se

ele, cumprimentando-nos aos três. — Peço desculpa por só aparecer agora, mas estive o dia todo nas aulas.

— O dono da Casa da Lua — lembrou Cibele, apesar de ser desnecessário. Aquele nome surgira muitas vezes aquando do desaparecimento do nosso pai. Até tinha uma vaga ideia de o ver lá em casa em aniversários ou jantares.

— Exato. Já se passaram muitos anos. Se me cruzasse com vocês na rua, infelizmente não os reconheceria. Mas são agora adultos muito bem-apegoados. Confesso que até me emocionei um pouco quando os vi. Especialmente tu, Jeremias. Estás tão parecido ao Mateus quando tinha a tua idade. Belas e distantes memórias...

— Apesar das circunstâncias, é um prazer voltar a reencontrá-lo, doutor Basílio — disse Jeremias, com a sua habitual cortesia, embora tenha visto que engolira em seco quando referira a sua semelhança com o pai.

— Só Basílio, por favor. É como todos me tratam. Além disso, trabalhamos na mesma área, certo? O Mateus era família para mim. Quer dizer, diria que ainda é.

— Parto do princípio de que também foi informado do seu reaparecimento e estado de saúde.

— De certa forma, sim — disse o homem nervosamente. Tirou um lenço do bolso do *blazer* e limpou a testa. Duas enfermeiras passaram por nós, deixando o homem desconfortável. Talvez o polícia também fosse responsável por isso. — Podemos ir para um local mais sossegado?

— Sim, posso providenciar isso — avançou Jeremias, já agarrado ao seu telemóvel.

Vi a desconfiança com que Tomé olhava para Basílio. Certamente já teria detetado alguma coisa por trás das suas palavras e gestos inquietos. Era como se se esforçasse demasiado para que gostássemos dele.

Seguimos Jeremias pelo elevador e por um novo corredor até entrarmos numa sala vazia.

— Podemos falar aqui. Esta sala não está a ser utilizada — anunciou Jeremias, sentando-se numa das mesas.

— Que nos quer dizer, afinal? — perguntou Tomé bruscamente.

Estava encostado a uma das paredes, de braços cruzados. Naquela luz sombria, parecia um rufia. Cibeles sentou-se de pernas cruzadas numa das cadeiras encostadas à parede, com uma mão magra a apoiar o queixo e o cabelo como uma cascata escura sobre o ombro. Eu fiquei de pé, sentindo-me intrusa naquela conversa.

— Destemido como sempre, Tomé. Ainda me lembro da tua energia inesgotável. Bem, o melhor será mesmo ser direto — disse finalmente Basílio, suspirando. — O seu pai foi encontrado na Casa da Lua.

— Então admite que sabia que ele tinha reaparecido? Que estava vivo? — bombardeou Tomé.

— Não propriamente. Não sabia do Mateus desde que desapareceu há vinte e três anos. A Casa da Lua tem sido usada no Airbnb. Tenho estado a aproveitar o *boom* do setor turístico e normalmente conto com uma agência para tratar disso. Há semanas, houve alguém que reservou a casa durante uns meses. Não é incomum, especialmente para um imóvel com as características da Casa da Lua. Ontem, recebi um telefonema da minha empregada, aos gritos a dizer que o hóspede estava caído e inconsciente. Chamou a ambulância e eu larguei tudo para vir ao hospital ver o que se passava. Tive receio dos problemas que isso me poderia trazer. Até que vi um fantasma deitado naquela cama.

— Mas não reconheceu o nome? — perguntou Jeremias.

— O Mateus deu um nome falso. Por instantes, quando o vi naquele quarto, até pensei que fosse coincidência, ou a minha cabeça a pregar-me partidas. Mas não há dúvida de que é o Mateus. Caramba, até parece ter metade da minha idade, como se estes anos não tivessem sido nada.

— Tem a certeza de que nunca mais falou com ele ao longo destes anos? — insistiu Tomé.

— Garanto que não. Estou tão em choque como vocês. A forma abrupta com que o Mateus desapareceu das nossas vidas, da minha casa... Durante muito tempo, desde que se foram embora, nem sequer consegui lá entrar.

— Nesse caso, porquê aparecer agora? E porquê naquela casa novamente? Parece um jogo doentio — disse Cibeles.

— Não faço ideia. E a única pessoa que pode responder a isso está naquele quarto.

— E sabe explicar o porquê de o meu número estar registado como contacto de emergência? — perguntou Jeremias. Era a mesma expressão neutra que usava quando tentava arrancar algo dos outros.

— Lamento, mas não faço mesmo ideia. Podem fazer-me todas as perguntas que quiserem, mas garanto que estou no mesmo barco que todos vocês.

Ficámos os cinco em silêncio, cada um num carrossel de pensamentos, teorias e possibilidades sobre aquela misteriosa aparição.

— Podemos voltar à casa? — sugeri, de repente. Todos os outros olharam para mim como se só agora tivessem reparado na minha presença ao pé da porta.

— À Casa da Lua? Bem, não vejo porque não. Na realidade, o seu pai pagou dois meses de estada. Devo muito ao Mateus, e vocês são como família. É óbvio que podem ir.

— Estás louca? Por que raio queres voltar lá? — atirou Cibeles.

— A Noa tem razão. Pode ser a forma de descobrirmos o que se passa — defendeu Tomé, levantando-se de repente como se já estivesse pronto para sair. — Tenho a certeza de que todos pensaram no mesmo quando se falou da casa.

— Tomé, podes não gostar do que vais encontrar. Se encontrares sequer alguma coisa — advertiu Jeremias.

— Não são obrigados a vir. Mas eu e a Noa vamos.

Jeremias olhou para Cibeles, que bufou de raiva, mas acabou por assentir. Estava decidido. A família Xavier ia regressar ao sítio onde tudo se desmoronara.

Março de 1999

A aldeia de Quebranto não fazia jus ao seu nome tão sombrio. Último pedaço de civilização antes do caminho para a Casa da Lua, era um local pacato e quase parado no tempo. A população era bastante idosa, vivendo calma e honestamente nas suas casas brancas, na pequena praça ajardinada e na capela encantadora. O café e o minimercado eram os únicos negócios para servir os habitantes.

A cidade mais próxima, onde Júlia trabalhava e onde se localizavam as escolas dos seus filhos, ficava a meia hora de caminho por uma estrada municipal.

Habituada ao ambiente acelerado da cidade, aquele sítio era um choque cultural. Júlia gostava da ideia de se integrar numa comunidade tão pequena e em que havia mais espírito de entreatajuda. Quando saiu do carro com Tomé, sorriu para o filho e caminhou até ao minimercado onde foram recebidos por uma mulher que aparentava ter a sua idade. Quando os viu entrar, cumprimentou-os com ávida curiosidade. Tomé apressou-se pelos corredores numa missão para procurar tudo o que era necessário para um piquenique na praia. Enquanto isso, Júlia aproveitou para conversar com a mulher.

— Bom dia. Peço desculpa pelo meu pequeno pirata. Acordou com a ideia de fazer um piquenique na praia e está entusiasmado.

— Ah, vieram passear na nossa praia?

— Bem, na realidade moramos lá. Estamos na Casa da Lua.

A boa disposição da mulher pareceu mudar. Agora mais desconfiada, disfarçadamente a arrumar caixas de fósforos na prateleira atrás do balcão.

— Ah, são a família que veio para a casa de férias dos Basílios —

afirmou ela, de forma quase pejorativa. — O seu marido é médico, não é?

— Psicólogo, na realidade. Mudámo-nos em fevereiro.

— Muito bem. Espero que corra tudo pelo melhor — disse, pouco sincera e virando-se de costas.

— Peço desculpa. Não pude deixar de reparar que mudou o trato quando falei na Casa da Lua. Algum problema?

— Não, nada disso. Quer dizer, as pessoas daqui não têm muito para fazer, então falam sobre o que não devem. Quando os Basílios construíram a casa, há uns anos, junto à praia, tal não foi muito bem-visto.

— Por algum motivo específico?

— A nossa população faz jus ao nome da aldeia. São boas pessoas, mas muito supersticiosas. Toda a minha vida ouvi histórias sobre a nossa costa, de maldições e histórias de amor trágicas. Até há quem diga que os labirintos dentro das rochas escondem entradas para outros mundos. Não ligue, são coisas de velhos que não têm o que fazer. Devo ter mais ou menos a sua idade, mas lido diariamente com tantos idosos, que às vezes me sinto uma.

— Nunca pensou em ir embora?

— E ir para onde? Aqui ao menos tenho quem cuide de mim e posso retribuir.

— É justo — aceitou Júlia, sorrindo para a mulher que agora lhe parecia mais descontraída.

— Peço desculpa, não quis assustá-la. Tenho a certeza de que será uma estada maravilhosa. E serão sempre bem-vindos aqui, claro.

— Por falar nisso, deixe-me ver o que o meu pequeno anda a fazer.

Júlia procurou por Tomé entre os corredores do minimercado, que já de si não era muito grande. Ficou alarmada quando não o encontrou ou ouviu, sendo ele uma criança muito agitada. O seu coração quase saltou para fora do peito, quando não o encontrou, o pânico a bombardeá-la com mil possibilidades devido ao seu descuido. Vendo uma porta entreaberta no fundo do estabelecimento, foi dar com o filho, espicado, a olhar para uma parede da sala de arrumos.

— Tomé, não podes entrar assim em locais interditos — repreendeu-

o Júlia, agarrando-lhe no braço. Sentiu-se quase tonta com o susto que tinha apanhado — Que estás aqui a fazer?

Tomé demorou algum tempo a despertar com o toque da mãe. Parecia que estava em transe a olhar para algo num dos cantos daquela pequena divisão.

— Alguém chamou por mim. Pensei que precisasse de ajuda.

Júlia olhou em volta. Estavam sozinhos. Agarrou-lhe a mão e arrastou-o para junto do balcão, encostando a porta lentamente. Quando Tomé regressou ao seu habitual estado hiperativo, ficou mais aliviada.

— Vai ser um piquenique animado, estou a ver — meteu-se a mulher com Tomé, entregando-me um saco de plástico para as compras.

— Sim, adoro aquela praia! Até se vê o castelo em dias de sol — respondeu ele, com um voraz entusiasmo.

— Por falar nisso, sabe se o castelo é visitável? — perguntou Júlia.

— O Castelo de São Rafael? Pensei que soubesse. Os Basílios compraram-no há uns anos, mas acho que ainda não sabem bem o que fazer com ele. Está fechado há muito tempo. Lembro-me de brincar lá em pequena, e já estava ao abandono. Andou sempre pelo meio de disputas familiares e dívidas. Uma pena, bem podia ajudar a ter mais visitantes por aqui.

— Muito obrigada por tudo. Voltaremos cá, certamente.

— Obrigada e bom dia. Bom piquenique, jovem!

Enquanto conduzia de regresso a casa, ainda pensou na pena que tinha por não poder visitar o castelo. Talvez Basílio pudesse fazer uma visita com eles. Seria incrível uma aventura dessas em família. Mas depois voltou a já familiar sensação de inquietação, quando viu o filho pelo retrovisor, a olhar pela janela do carro. Agora sossegado e calado. Nada dele.

*

— Meninos, não vão para muito longe! — gritou Júlia, ao ver os quatro filhos correrem pela praia vazia.

Depois de uma implacável semana de chuva, finalmente um dia de sol em que podiam visitar a praia mesmo por baixo da falésia onde a Casa da Lua repousava como um palácio de um livro de fantasia. Ao

menos tinha dado para organizar a casa depois das mudanças. Era certo que aquela residência era temporária, mas, com todas as suas coisas a preencher as divisões e com a rápida adaptação dos filhos àquele local, já se começava a sentir mais em casa.

Todos os quatro filhos tinham ajudado a preparar o piquenique. Mateus havia ficado no seu escritório. Olhou para lá e quase podia jurar que conseguia ver o marido, colado aos vidros, a observar a sua família a passear na praia naquela manhã de sábado. Tinham decidido fazer aquele programa para que Mateus pudesse receber uma das voluntárias para o seu estudo. O combinado era atender pessoas em dias de semana, quando a família estivesse fora, mas esta era uma exceção, como garantira o marido. Quando saiu de casa com os miúdos, ainda se cruzou com uma mulher ainda jovem, magra e bem vestida, mas de olhar vazio. Quando acabou de descer a interminável escada até à praia, a sua expressão ainda lhe estava gravada na mente, mas rapidamente se dissipou, quando viu a felicidade dos filhos, a correr livremente pelo areal. Naquele momento, pareceram-lhes tão livres, tão puros.

Júlia estendeu a toalha na areia e inspirou a neblina das ondas. Antes de se atirar para o livro que trouxera (*Chocolat*, de Joanne Harris, uma novidade acabada de comprar numa livraria inglesa da cidade), observou cada um dos filhos. Gabriel estava já de joelhos na areia a construir um castelo de torres pontiagudas, e Cibeles, deitada numa toalha, com óculos de sol e *discman* na mão. Jeremias e Tomé brincavam à apanhada, o segundo a alternar entre risadas e irritação por não conseguir apanhar o irmão. Depois das atribulações, aquele momento pareceu-lhe o mais pacífico que tivera em muito tempo.

Após vários minutos a ler, pareceu-lhe ouvir um grito. Parecia vir da casa. Levantou-se imediatamente e ficou a olhar para o observatório. Teria acontecido alguma coisa com a mulher? Estaria o marido em perigo? Pediu a Jeremias que cuidasse dos irmãos e subiu rapidamente a escada de regresso à casa.

Quando lá chegou, estava tudo em silêncio. Subiu sorrateiramente até ao segundo andar e encostou o ouvido na porta.

— Consegue vê-los? — perguntou Mateus.

— Não sei. Estavam aqui e agora já não estão. Agora está tudo muito desfocado — respondeu a mulher, numa voz arrastada, quase

grogue.

— Basta que descreva o que a rodeia.

— Foi tudo muito rápido e confuso. Agora só vejo um nevoeiro escuro.

— Vamos tentar uma abordagem diferente. Um momento.

Júlia ouviu os passos do marido pelo observatório e, quando deu por si, já ele estava a abrir a porta. A expressão de Mateus foi algo que nunca vira em tantos anos de relação, algo que não conseguiu identificar como sendo dele.

— Desculpa. Ouvi um grito e pensei que tivesse havido algum problema — sussurrou ela.

— Está tudo bem, não te preocupes — respondeu ele, com um sorriso tranquilizador antes de fechar a porta atrás de si. — Explico-te tudo mais tarde. Não posso interromper a sessão.

Mateus regressou ao escritório e Júlia voltou para a praia. Enquanto descia, sentiu-se envergonhada por ter perturbado o marido. Não gostava de interferir no seu trabalho, pois era algo que Mateus levava muito a sério. Parou a meio da escada, já quando conseguia visualizar toda a extensão da praia. Passado o momento de embaraço, processou mais claramente na sua mente as imagens que vira atrás do marido, no interior do observatório — a mulher deitada no sofá, de olhos abertos, e uma mesa a seu lado com um rádio portátil, folhas brancas, canetas e cartas de *tarot* espalhadas, algo completamente fora do carácter e do âmbito do trabalho do marido.

Que andas tu a fazer, Mateus?, pensou Júlia, pressagiando aquele sentimento de desassossego a regressar.

*

Depois da hora de almoço, Mateus juntou-se à família, mesmo quando Júlia tinha acabado de arrumar os restos do piquenique e voltava a passar creme protetor na pele clara de Gabriel.

— Achei que não vinhas — disse Júlia.

— É sábado e a sessão já terminou. Agora posso aproveitar o resto do dia com a minha família.

A resposta tranquilizou Júlia depois do que sucedera horas antes, até porque Mateus parecia mais bem-disposto. Talvez tivesse conseguido os progressos que desejava.

— Estás pronto, Príncipezinho. Vai terminar aquele maravilhoso castelo — disse Júlia, dando-lhe uma leve palmada no rabo. Gabriel correu feliz, de regresso ao seu empreendimento.

— Talvez devêssemos deixar de usar essa alcunha — disse Mateus após alguns momentos de silêncio a observar os filhos.

— Príncipezinho?

— Sim. Acho que o deixa desconfortável. Certamente já reparaste que é uma criança diferente.

— Sim. Tens razão. Ultimamente sinto-me mal por usar a alcunha, mas ainda está muito entranhada em mim.

— Não é o único dos nossos filhos que é diferente — disse ele, olhando na direção de Tomé e Jeremias. — Tenho muito receio pelos seus futuros, o que podem vir a sofrer sem que nós, pais, possamos estar sempre presentes para os proteger.

— Mateus, ainda são tão novos. Deixa-os aproveitar a sua inocência.

— Não estou a dizer que não possam aproveitar. Mas crianças e jovens também sofrem, alguns até mais do que nós. Sou confrontado com essa realidade regularmente no meu trabalho e penso nisso todos os dias quando vejo os nossos filhos. Amo-os, mas não me consigo libertar do medo de não conseguir fazer o suficiente para os defender.

— Nós não somos deuses, Mateus. Temos falhas e erramos, tal como os nossos pais. Vimos os dois de famílias monoparentais, sabes o quão difícil é. Mas aceitámos o desafio e agora temos quatro filhos espetaculares. Estás a ser demasiado duro connosco.

— Tu és excelente mãe, Júlia. Não quis insultar-te. Mas quatro filhos não é tarefa fácil. Por isso é que estou tão centrado no meu trabalho. Isto também é por eles.

— O melhor que podes fazer é simplesmente ser pai. Lembra-te disso. Sempre.

— Tens razão. E por falar nisso, vou convocar a criança que há em mim e dar cabo daqueles miúdos com mimos.

Júlia viu o marido a descalçar-se e a arregaçar as calças até aos joelhos. Até a correr pela areia aquele homem alto lhe parecia elegante, com uma jovialidade rara, que adorava contemplar. Atirou água do mar para cima de uma adormecida Cibele só para a irritar (o que nunca acontecia com o pai), ajudou a construir um fosso à volta

do castelo de Gabriel e correu atrás de Tomé e Jeremias, atirando-os ao chão numa balbúrdia de areia molhada.

Aquela sensação de paz que Júlia sentira ao chegar à praia estava de regresso. Inadvertidamente, olhou para a casa no alto da falésia antes de voltar ao livro e lembrou-se do que vira no observatório. Sentiu uma intensa curiosidade de confirmar o que realmente vira lá dentro. Mas não podia trair o marido assim. Ainda que a magoasse, tinha de aceitar que o marido podia ter segredos. Lembrando-se das palavras de Mateus sobre proteger os filhos, decidiu confiar nele. Pelo menos para já.

Tomé

A Casa da Lua ficava a uma hora e meia de distância do hospital onde estava o nosso pai. Os quatro, enfiados no carro de Jeremias, a olhar para a paisagem costeira que pouco mudara em vinte e três anos, era inevitável não ser transportado para aquele momento em que fizemos o caminho inverso, sem olhar para trás e sem pai. Cibeles seguia à frente com ele, agarrada ao telemóvel, enquanto eu ia atrás com Noa, certamente perdida nas suas fantasias obscuras ao olhar pela janela. Fascinava-me aquela imaginação incrível da minha irmã, uma artista que aprendera a usar os seus dramas pessoais para retratar o mundo com o seu dom.

Tinha de admitir que, no fundo, também tinha orgulho de Jeremias e Cibeles, ainda que o distanciamento emocional me impedisse de o expressar. Apesar dos problemas no casamento, Jeremias conseguira o emprego que queria e possuía uma vida relativamente estável e tranquila. Cibeles encontrara um marido rico e fazia vida de esposa-troféu, com dois miúdos espetaculares. Apesar da sua personalidade tempestuosa (que parecia soltar apenas quando estava connosco), tolerava os irmãos, mesmo desconfiando de que escondia alguma mágoa por não ter seguido os seus sonhos como alguns de nós. Não era difícil perceber que, quando olhava para mim, invejava a minha liberdade. Mal sabia ela que essa liberdade era a minha prisão.

Começou a tocar uma música dos Nirvana, na rádio, e imediatamente surgiu a imagem do nosso pai, recostado na cadeira da sua secretária a ouvir a banda, num dos seus momentos de reflexão. Jeremias aumentou o volume e ficámos os quatro a ouvir *Lithium*, cada qual perdido nas suas memórias passadas com ele.

Eu era louco pelo meu pai, aquele homem tão sério, mas sempre com um sorriso secreto que imediatamente fazia dissipar o furacão constante que era a minha cabeça. No dia em que desapareceu, o furacão transformou-se num cenário pós-apocalíptico que nunca foi reconstruído.

Já sabia que Cibele costumava pesquisar sobre a casa, mas será que em todos aqueles anos já tinham lá voltado? A Casa da Lua era o meu projeto pessoal desde que criara os meus canais. Por isso, obviamente, já lá tinha ido. Várias vezes até. No entanto, nunca conseguira entrar na casa. Era como se o portão fosse uma barreira que me impedia de dar mais um passo. Em vez disso, rondava a casa das sombras como um predador. Na maior parte das vezes, estava desocupada, mas já vira pessoas a entrar e a sair aquando das suas férias ou escapadelas. Por vezes, imaginava o nosso pai a sair casualmente de casa, igual a quando o vira pela última vez antes de ir para a cama naquela noite de final de ano, mas depressa voltava à realidade. Normalmente usava uma qualquer bicicleta roubada na aldeia. Regressava horas depois e deixava-a no mesmo local, enfiando-me no único café para me agarrar às garrafas de cerveja que serviriam de companhia para o resto da noite. Perguntava-me sempre se as pessoas mais velhas daquela povoação se lembrariam daquele rapaz reguila que vivera na Casa da Lua e que perdera o pai misteriosamente para aquela casa. Uma casa como um monstro, que o engolira.

Agora estava a voltar. Com os meus irmãos. Era um ciclo. O meu coração voltou a inundar-se de adrenalina, medo e excitação ao mesmo tempo.

— Vá, Tomé, vamos lá ouvir — pediu Cibele.

— O quê? — perguntei eu, desconfiado.

— Podemos já não falar muito, mas conheço bem o meu irmão. E, ao contrário do que pensas, sigo a tua página e os teus vídeos. Contamos o que já descobriste sobre a casa.

— Agora já estás interessada? — questionou Jeremias, desdenhoso. Defender-me para atacar Cibele foi nova surpresa para mim.

— No momento em que o nosso pai surge do nada, na casa onde foi visto pela última vez, obviamente quero ouvir histórias, teorias, factos... Vejo muitas séries e documentários. Que acham que faço o dia todo quando os miúdos estão na escola?

— Acho que atraís homens inocentes até casa para os matar e enterrar no quintal — sugeri, arrancando uma risada a Jeremias e a Noa.

— Deixo isso para a hora do almoço. Vá, conta lá o que sabes.

— Não gosto de *infodump* — respondi.

— Também estou curiosa — pediu Noa.

— Querem saber a realidade? Não há nada de interessante sobre a casa. Foi construída pela família do Basílio uns seis anos antes de irmos para lá. Serviu como casa de férias e, de há uns anos para cá, está no Airbnb. Tirando o desaparecimento do pai e algumas superstições que as pessoas contam sobre a região, não há nada de estranho associado à casa. Nada de mortes, desaparecimentos misteriosos ou fraudes. Apenas uma casa aborrecida.

— Não acredito — anunciou Cibele. — Tu não és de desistir assim tão facilmente. Já te vi andar um dia inteiro de bicicleta com o tornozelo torcido só por teimosia.

— Não disse que tinha desistido.

— É por isso mesmo que vamos até à casa — reforçou Jeremias em tom de encerramento da conversa. — Podemos encontrar algumas respostas sobre o que o pai andou a fazer nestes anos todos.

Chegámos à Casa da Lua, ao final da tarde, depois de percorrer o sinuoso caminho de terra batida e vegetação densa. Talvez se mantivesse assim para preservar a casa como local de resguardo. Para mim, aquele caminho não era novidade, mas senti a tensão dos meus irmãos ao saírem do carro para enfrentar a casa novamente.

O céu em tons de lilás dava uma tonalidade quase fantasmagórica às paredes. Cada vez que ia ali, a casa parecia-me intocada, igual ao dia em que chegáramos ali enquanto família feliz. Mas era um engodo. Conseguia senti-lo!

— Não há problema em simplesmente entrar? — perguntou Noa, esfregando os braços.

— Ele pagou para estar aqui, não foi? — disse Cibele, avançando pelo portão. — Está deitado numa cama de hospital, acho que não se vai importar se os filhos que abandonou entrarem na casa.

Cibele, Jeremias e Noa avançaram sem medos para a entrada. Detive-me no portão, como sempre. Quase conseguia sentir a fisicalidade da fronteira que dividia a intensa curiosidade que nutria

em desvendar aquela história da noção de que estava a prosseguir para algo perigoso, capaz de rasgar a minha própria existência.

Antes de entrar, reparei num ponto negro no horizonte — o Castelo de São Rafael. Estava iluminado, o que era uma novidade. A aldeia de Quebranto tinha sido outra das vítimas do turismo exacerbado, mas era uma surpresa para mim que aquele castelo abandonado estivesse finalmente a ser utilizado.

— Vens, Tomé? — perguntou Noa, já à porta, de rosto preocupado.

— Vou.

A casa parecia perfeita, como se tivesse acabado de ser preparada para novos hóspedes. Até o frigorífico da cozinha estava vazio, apenas com uma singela garrafa de água lá dentro. Quando subimos, naturalmente cada um de nós perscrutou o quarto que outrora fora seu. O meu parecia um autêntico quarto de hotel com mobília do IKEA, minimalista, descaracterizado e com aroma de ambientador de centro comercial. Até o quarto principal estava intacto. Reunidos no corredor, restava-nos procurar no observatório.

Antes de entrar atrás de Jeremias e Cibeles, fui confrontado com o perfume amadeirado muito característico do meu pai, o mesmo de há tantos anos. As memórias desabaram sobre mim como se as estrelas que via através do vidro estivessem a cair. As paredes ainda estavam forradas com livros, e no sofá havia uma manta e uma almofada, como se alguém dormisse ali. A secretária era diferente e, em vez do grande computador branco, tinha agora uma pilha de cassetes de vídeo.

— Não vejo uma destas há anos — disse Cibeles, pegando numa das caixas pretas. Nenhuma estava identificada. — Será que ainda há algum vídeo na casa?

— Mesmo que houvesse, não teríamos sorte. As fitas estão em péssimo estado. São muito antigas — expliquei eu, analisando cada uma das fitas bolorentas. — Só uma me parece relativamente em bom estado.

— A esta hora, duvido de que consigamos sequer ir a uma loja pedir para as restaurar e passar para formato digital — disse Cibeles. — Que acham que está aqui?

— Respostas, espero eu. Mas não me parece que as consigamos esta noite — disse Jeremias.

— Não há mesmo mais nada nesta casa que o pai tenha trazido? — perguntou Noa. — Parece tão bizarro ter arrendado a casa durante meses e ter apenas cassetes de vídeo.

— Quem sabe o que vai na cabeça do velho? Já não o conhecemos, Noa. Até pode estar senil — retorquiu Cibele. — Que história tão pouco apoteótica...

— Vamos ter de esperar até amanhã então — sugeriu Jeremias.

— E dormir aqui? Não há comida nem me apetece permanecer nesta casa mais do que o necessário.

— Não vais morrer por uma noite sem comer. Começas o jejum intermitente mais cedo. Ou o problema é estar connosco? — atirei eu.

— Façam o que quiserem. Vou chamar um Uber e vou para um hotel.

— Boa sorte para conseguires que venham até aqui. Além disso, é ridículo pagares por um hotel quando podes perfeitamente ficar cá em casa — expliquei.

— O dia foi esgotante para todos nós — disse Jeremias, passando as mãos pelos livros nas estantes. — Podemos descansar, dormir sobre o assunto e retomar amanhã. Quem esperou vinte e três anos pode esperar mais um dia.

— *Big brother*, demorei muitos anos a desligar-me das memórias desta casa. Não vou deitar tudo por terra ao dormir cá. Se quiserem, levarei as cassetes a alguma loja e regressarei assim que possa.

— Não é preciso — disse Noa. — Conheço alguém na cidade que pode ajudar com o restauro e a conversão. Pode levar algum tempo, mas posso tratar disso, se me deixarem.

— Parece que temos um plano então. Os rapazes ficam aqui fechados numa sessão de autocomiseração, a Noa vai ter com o ex-namorado para descobrir que afinal as cassetes têm filmes dos anos 90, e eu vou relaxar para um hotel enquanto encomendo uma *pizza* e vejo um documentário sobre *serial killers*.

— Precisas de ser sempre tão descritiva? — perguntou Jeremias, revirando os olhos.

— Faz parte dos talentos de cabra — acusei eu.

— Há muito que isso deixou de ser um insulto para mim. Que tal se arranjasses alguém para libertares toda essa tensão e deixares de ser

tão ácido?

— Já tentei com mulheres, já tentei com homens, acho que simplesmente não gosto de pessoas.

— Há alguém que goste? Enfim. Vamos embora, Noa. Ainda aproveitamos o pôr do Sol antes de chegar o Uber. Bons sonhos, idiotas.

*

Assim que Cibele e Noa partiram, eu e Jeremias afastámo-nos como os mesmos polos de dois ímanes. Sabia que ele iria tentar meter conversa comigo e perguntar-me sobre a minha vida para me criticar ou aconselhar, pelo que rapidamente comecei a percorrer toda a casa em busca de pistas sobre o meu pai.

Nada.

Nem dava para perceber ao certo quanto tempo tinha ali estado ou sequer se dormia e comia naquele local. Nada que pudesse explicar o porquê de ter voltado à Casa da Lua e o que andara a fazer ao longo daqueles anos. E só com a porra de umas cassetes estragadas! Era tão frustrante, que me apetecia dar pontapés naquelas paredes até a casa desmoronar sobre a falésia e revelar os segredos escondidos nas suas fundações.

Precisava de um cigarro. Fui para o quintal e sentei-me com o queixo colado aos joelhos, no muro que dava para as rochas. Nem sequer me atrevi a acender as luzes, deixando-me ficar apenas com o luar.

Olhei para o observatório, iluminado acima de mim. Jeremias ainda deveria estar lá a procurar algum sinal sobre a história secreta do nosso pai. Quase conseguia sentir o seu desespero por ser ele a encontrar explicações para amenizar os traumas dos irmãos mais novos. Nunca ninguém lhe pedira que assumisse esse papel, mas estava demasiado entranhado, como se fosse essa a sua missão. Jeremias estava destinado a ser pai desde que nascera, destino esse corrompido pela sua homossexualidade e pelo casamento falhado. Quem sabe até por fantasmas deixados por um pai ausente. Por vezes, sentia-me mal por me irritar tanto com ele e por o afastar quando apenas me queria dar a mão. Mas havia algo negro em Jeremias que me deixava a ferver descontroladamente, e isso acontecia

mesmo antes do desaparecimento do nosso pai.

Inspirei o aroma do mar noturno e expeli uma nuvem de fumo. Ali no quintal, comigo, vi um vulto a dar um salto para o telhado. Lembrei-me imediatamente do gato da casa, que eu adorava. As memórias dele deram-me um conforto há muito esquecido.

Fechei os olhos, sentindo a mente a resvalar para um remoinho de imagens e possibilidades. Quando os abri, olhei indiscriminadamente para a praia e julguei ter visto movimento. Talvez adolescentes ou *hippies* a passear por ali como habitualmente. O movimento ficou mais nítido e vi uma figura escura a caminhar na direção das rochas onde a casa se situava. A sombra parou e senti o seu olhar insidioso na minha direção. De repente, mais uma sombra a surgir, pondo-se ao lado da outra. E depois mais outra. E outra. Por algum motivo, mesmo sem conseguir identificar quem eram aquelas pessoas, eram-me estranhamente familiares. E ameaçadoras. Saltei do muro e fiquei alerta para resgatar Jeremias e fugir, ou esconder-me nalgum lado. Aqueles segundos em que fiquei parado quase sem respirar, a observar algum tipo de movimento daqueles *freaks*, pareceram-me intermináveis.

De súbito, o vento e o mar pararam, como se o mundo estivesse suspenso, deixando um silêncio atordoador que me comprimia o cérebro. O céu ganhou tonalidade avermelhada, como uma tempestade de fogo. Olhei de volta para todas aquelas sombras. Estavam a sorrir, um sorriso branco que conseguia ver mesmo àquela distância. E de repente já não era eu ali. Era apenas uma sombra, tal como elas.

Uma presença atrás de mim despertou-me daquele entorpecimento. Só então percebi que estava em tronco nu e de pé em cima do muro, os pés no limiar, quase a cair para as rochas afiadas. Antes que tivesse tempo para me virar para trás, um forte empurrão fez-me desequilibrar. Prestes a cair, vi o rosto assustado do meu irmão a esticar o braço para me puxar para lugar seguro.

Jeremias agarrou-me a tempo. Quando senti o toque da sua pele na minha, percebi que isso era tão mau como cair. A minha mente foi atacada por milhões de imagens e sentimentos, o peso avassalador de mágoa, raiva, depressão e desejos reprimidos a apagar-me a consciência. Antes de perder os sentidos, ainda vi Jeremias a puxar-me

para si com uma força quase sobre-humana, e a praia completamente vazia e escura.

Jeremias

Observando Tomé no sofá da sala, quase podia dizer que estava a dormir, de tão pacífica que a sua expressão me parecia. Depois de desmaiar no quintal, não voltou a acordar. Em pânico com o que acabara de fazer, carreguei o corpo dele para ali. Havia quase uma hora que me mantinha sentado numa das poltronas a observá-lo na penumbra, a minha cobardia a impedir-me de ligar para uma ambulância ou de fazer fosse o que fosse para me certificar de que estava bem. Tinha sido eu a empurrá-lo e ainda não acreditava que fora capaz disso. A visão imaginada do seu corpo ensanguentado nas rochas ainda gravada na minha cabeça. O problema é que, quando surgia, sentia um certo prazer e estava aterrorizado por isso.

Enquanto analisava o corpo adormecido e seminu do meu irmão, fazia mil retrospectivas e análises do que me tinha levado a agir assim: eu sozinho no observatório, frustrado por não conseguir encontrar nada relevante, eu a descer a escada e o corredor escuro à procura de Tomé, eu a atravessar a porta da cozinha e a deparar-me com ele na beira do muro do quintal. Mas, naquele segundo em que pisquei os olhos, não era o meu irmão que ali estava. Era a mesma figura que me atormentava em adolescente e que agora regressava naquele período tão vulnerável para mim. Grande, seminu, assustador. Num impulso para o expulsar, empurrei-o, para logo imediatamente a seguir perceber que, afinal, era o meu irmão que ali estava.

O pior de tudo era aquela incerteza de se Tomé se lembraria do que eu havia feito. A nossa relação já era tão delicada, que nem queria imaginar o que um ato daqueles poderia causar no deserto já existente entre nós. Olhei para as várias tatuagens espalhadas pelo seu corpo e lamentei praticamente já nem nos conhecermos. Tão envolvido nos

meus dramas pessoais, já nem sabia da vida e história do meu irmão.

Agarrei no telemóvel e escrevi uma mensagem para Tiago. Era ele que normalmente servia de boia de salvação quando sentia a minha saúde mental afetada. Sem o seu apoio, sentia-me a ser levado por um remoinho de desespero, e aquela alucinação que me levava a empurrar Tomé era um claro sinal de que não estava bem. Olhei uma vez mais para a lista de mensagens não lidas e sem resposta.

Seria bem melhor que ele tivesse tido um acidente ou que estivesse à beira da morte, pois seria justificação mais aceitável para não te responder e não querer reatar a relação. Ele que se foda!

Levantei-me da poltrona, respirando nervosamente. Apoiei a mão na janela, sentindo-me nauseado com aquela invasão de pensamentos obscuros. Talvez estivesse mais frágil do que pensava.

A relação destruída, o reaparecimento do meu pai, o regresso à casa com os meus irmãos, tudo atraía velhos traumas por que lutara bastante para tratar sozinho.

Voltei a olhar para Tomé no sofá. Avancei sobre ele, tocando com a mão no seu rosto para ver se estava bem. Talvez devesse pegar no carro e levá-lo a um hospital. Qualquer irmão ou pai faria isso.

A pele dele é tão macia e está tão vulnerável. O corpo dele está à tua mercê. Toca nele, passa a mão por ele. Tu sabes que queres. Sabes que precisas.

Saltei para longe do sofá, batendo com as costas violentamente na estante da televisão. Puxei pelos meus próprios cabelos, como se isso pudesse arrancar aquela voz da minha cabeça. Porque estava aquilo a acontecer comigo com tanta intensidade?

No piso de cima, o ranger do soalho de madeira deixou-me alerta. Não parecia um simples ruído, antes uma presença. Verifiquei se Tomé estava seguro no sofá, com receio de voltar a tocar nele, e avancei lentamente pela escada, mesmo sem acender a luz.

E se o meu pai não estava sozinho lá em casa? E se fosse alguém que me tivesse visto a empurrar Tomé? Tentei ser furtivo, mas o meu coração acelerado quase ecoava pelos quartos enquanto procurava pela origem do barulho. Só me faltava o meu antigo quarto. Abri a porta devagar e olhei para todos os recantos. De repente, um vulto saiu debaixo da cama, fazendo-me recuar com o susto. Um gato. Apenas um gato preto. Baixei-me para passar a mão pelo seu pelo,

murmurando palavras tranquilas que eram mais para mim do que para ele. Certamente teria entrado pela cozinha aquando do incidente com Tomé. Assim que toquei nele, arranhou-me a mão, assanhado, e voltou a desaparecer pelas sombras. Isso trouxe ao de cima o meu último momento com o gato que os meus irmãos tanto adoravam.

Ainda mais frustrado, e sentindo a mão a arder, olhei para aquela cama, tão diferente da minha. A última vez que vira o meu pai havia sido ali. Lembrava-me bem de que estava a ler um livro de banda desenhada dos *X-Men*, quando veio para dar as boas-noites e voltar a desejar bom ano, mal sabendo eu que seria uma verdadeira despedida. Eram raros os momentos em que estávamos só os dois, os meus irmãos sempre à sua volta nas raras pausas do trabalho. Naquela primeira madrugada do milénio, sentou-se perto de mim, lançando-me um daqueles sorrisos enigmáticos que me fascinavam e faziam desejar ser como ele um dia.

— Sabes que não vai ser sempre assim, certo? — disse-me, com voz profunda. — As coisas vão melhorar. Mas tens de aceitar que todas as nossas vidas são feitas de altos e baixos. Depende da forma como encaras cada um desses marcos da tua história.

Naquele momento, o Jeremias de dezasseis anos não compreendeu aquelas palavras, a mente demasiado confusa para reconhecer que os problemas se iriam dissipar para dar lugar a outros mais densos e complexos da vida adulta. Não sei se ele sabia que iria desaparecer, piorando ainda mais a minha vida. Mas, naquele último momento, senti realmente que as coisas podiam melhorar. E depois esvaneceu-se, deixando-me completamente perdido a cuidar de três irmãos e de uma mãe deprimida, roubando-me a minha juventude.

Espero que morra naquela cama de hospital e que regresse para o inferno de onde saiu. Mas quero que antes disso acorde e sinta um sofrimento maior do que aquele que nos causou. Que seja uma morte agonizante para corpo, mente e alma.

Novamente atacado por aquela voz, deitei-me na cama, entrelacei as mãos e fechei os olhos, tentando afastar os pensamentos nefastos. Sentindo a minha mente a resvalar para a inconsciência do sono, senti um peso sufocante sobre o meu corpo. Quando abri os olhos, fiquei em choque quando vi o *Homem* em cima de mim, a sua pele quente e oleosa e a queimar a minha. Parecia um urso, de tão grande sobre

mim. Sorria selvaticamente, e o olhar era sedento e primitivo.

Completamente paralisado, senti as colossais mãos dele a apertarem-me o pescoço.

Cibele

Odiava que as rececionistas de hotel parecessem mais jovens e frescas do que eu. Tentei encontrar naquela mulher algum defeito que pudesse indicar, de forma educada, só para a deixar insegura. Mas depois percebi que ter um emprego daqueles já era castigo suficiente.

— Aqui tem os documentos de volta, minha senhora — disse ela, fazendo-me estremecer com o «senhora». — O seu quarto fica no sétimo andar. É só seguir naquele elevador, por favor.

— O hotel tem bar?

— Sim, claro. Siga por aquele corredor. A vista é ótima, mesmo de noite. Mas se estiver cansada e preferir ir para o quarto, posso providenciar a entrega de alguma bebida.

— Obrigada, querida. Estou bem para já. Boa noite e bom trabalho — despedi-me eu, com um «cabra» entredentes.

Olhei uma vez mais para o telemóvel, na esperança de ter uma mensagem de Noa a pedir ajuda ou que a fosse buscar, mas nada.

A viagem de carro tinha sido excruciante! Naquele silêncio incómodo, não me restava outra opção a não ser despejar indiscriminadamente centenas de gostos em publicações de *influencers* no Instagram. A barreira entre irmãs era cada vez maior, e Noa era das poucas pessoas com quem não conseguia encontrar conversa, nem sequer de circunstância. Sabia que ela sentia que não apoiava a sua transformação. Na realidade, tinha apenas saudades de que precisasse de mim, fosse irmão ou irmã. Desde pequena que era tão independente, que me sentia uma intrusa no seu caminho.

Quando a deixei naquele bairro duvidoso para se encontrar sabe-se lá com que tarado ou traficante com quem ela se dava, senti o impulso de a levar comigo e passarmos momentos agradáveis juntas. Conversas

de irmãs, comigo a transmitir toda a minha sabedoria e experiência. Sabia que vivia com algumas dificuldades, e uma noite de luxo não lhe faria mal nenhum. Mas depois vi o seu rosto melancólico e o olhar solitário a despedir-se, e percebi que não havia espaço para mim ou para as minhas fantasias.

O bar do hotel estava praticamente vazio, mas a rececionista tinha razão — a vista era magnífica. Sentei-me ao balcão de forma a ficar virada para as grandes janelas que davam para a cidade brilhante, as luzes de prédios e candeeiros como estrelas de uma galáxia. Pedi um *Cosmopolitan* ao *barman*, o que me fez sentir a Carrie Bradshaw. Momentos de relaxamento como aquele eram raros para mim, especialmente com dois rapazes a exigir atenção constante. Além disso, depois de um dia como aquele, estava mesmo a precisar de voltar a sentir-me mulher e não aquela adolescente assustada de há vinte e três anos. Sentia a pele suja só por ter entrado naquela casa.

Reconheci de imediato o homem que entrava no bar. Lucas Blackburn era o autor favorito do meu marido, mas eu conhecia-o melhor de programas e páginas de celebridades que devorava. Sabia, por exemplo, que havia terminado recentemente a relação com Cecília Celes, que estivera com ele no popular *reality show* com escritores. Que estava uma estrela internacional ali a fazer? Por coincidência, eu trazia um dos livros dela na mala, uma treta qualquer *New Age*, que não me estava a agarrar minimamente. Vestido com um casaco de cabedal e com aquele típico ar de *bad boy* que fazia totalmente o meu género, sentou-se numa poltrona, com semblante carregado, e começou a deslizar o dedo no telemóvel. Eu conhecia bem aquele gesto e aquele ritmo — estava numa *app* de encontros.

Ele era magnético e eu, uma mulher solitária naquela noite, sedenta de adrenalina. Omar fazia cada vez mais viagens de negócios e tinha quase a certeza de que andava metido com alguma insonsa da empresa. Não o censurava, dada a monotonia que nos mastigava nos últimos anos. Pus o cabelo solto por cima do ombro, agarrei na minha bebida e fui ter com Lucas.

— Boa noite. Peço desculpa, mas reconheci-o assim que entrou. O meu marido é fã dos seus livros.

— Ah sim? Bom para ele — disse, secamente, sem retirar sequer os olhos do telemóvel.

— Tentei ler as suas histórias algumas vezes, mas assustam-me imenso — expliquei, com uma gargalhada. Ele continuava sem me ligar nenhuma. — Olhando para si, ninguém diria ser capaz de escrever algo assim.

— Se se assusta tão facilmente, talvez não devesse estar sozinha num bar de hotel a esta hora da noite a falar com um estranho.

Lucas olhou finalmente para mim. O seu intenso olhar fez-me lembrar o de Jeremias, mas não o normal. Aquele raro, que me intimidava.

— Peço desculpa, não quis de todo incomodar.

— Não incomoda. Já estava de saída.

Lucas levantou-se e saiu sem sequer tomar uma bebida. Algo me dizia que fora por minha causa. Regressando ao meu lugar, ao balcão, tive vontade de lhe atirar com o meu copo enquanto desaparecia pelo corredor. Humilhada, bebi tudo de uma só vez e subi pelo elevador.

O corredor parecia interminável, de paredes de um berrante cor-de-rosa e tapete vermelho-sangue. Uma mulher tentava abrir a porta do quarto ao lado do meu, passando o cartão repetidamente. Estava de costas e com o cabelo a esconder-lhe o rosto. Assim que passei o meu cartão e entrei, a mulher finalmente entrou no seu quarto, os movimentos quase em espelho em relação aos meus.

Descalcei os sapatos e atirei-me para cima da cama, observando o quadro abstrato no teto. Odiava quartos com aquele tipo de decoração. Achava sempre que toda aquela arte iria cair em cima de mim durante a noite, matando-me de forma parva.

O telemóvel vibrou na minha mala. Por um estúpido e impossível instante, achei que fosse Lucas, arrependido de como me tratara no bar. Imaginei como seria passar a noite com uma celebridade, a excitação que seria. Atendi a chamada de Omar com um longo suspiro.

— *Então, como estás? Está a correr bem?* — perguntou ele, de forma quase enfadada. Ao contrário de mim, era muito transparente.

— Vim para um hotel. Não suportaria ficar naquela casa.

— *Estás a pagar um hotel quando a casa é literalmente uma acomodação do Airbnb que já está paga?*

— Desculpa-me, não percebi que agora éramos pobres.

Omar riu. Se havia coisa que adorava era dinheiro, mesmo que fosse a mãe dos seus filhos a gastá-lo. Assumira os negócios da família e até estava a criar mais riqueza do que os pais. Apesar de a sua mãe me odiar e de me achar oportunista, a realidade é que ele me tinha escolhido, e eu não podia ter vida mais confortável do que aquela.

— *Conseguiste descobrir alguma coisa do teu pai?*

Aquela menção fez desabar sobre mim as lembranças daquele homem na cama de hospital. Estava a tentar abstrair-me disso, mas sabia que possivelmente as imagens iriam chegar durante a noite para me impedir de dormir.

— Para já, nada. A casa estava intocada. Só encontrámos algumas cassetes de vídeo em mau estado, por mais estúpido que isso possa parecer. A Noa foi ter com alguém para passar as imagens para digital, e o Jeremias e o Tomé ficaram na casa.

— *Aqueles dois sozinhos? Por esta altura, já um deles está a boiar no mar.*

— Não quero nem saber.

— *E como te sentes com tudo isso?*

Aquele raro momento de demonstração de afeto da parte de Omar fez-me sentir culpada pelo que estava disposta a fazer com Lucas, se estivesse interessado. Não sei ao certo se teria coragem para avançar, mas a vontade estava cá.

— Não sinto nada. Não conheço aquele homem. Para mim, está demente e voltou para nos chatear. Quem é que regressa para a casa de onde desapareceu com uma carrada de cassetes?

— *Desde que não venha acompanhado de dívidas... Vê é se resolves isso rapidamente. Os miúdos estão a dar comigo em doido.*

— Não te faz mal nenhum passares alguns momentos com os teus filhos. Sei muito bem que os estás a alimentar com *pizza* e *Coca-Cola*. Por isso não deve estar a ser assim tão difícil.

— *Conheces-me bem. Vai descansar. Amanhã falamos.*

Será que conhecia? Havia dias em que não me conhecia nem a mim. Após desligar a chamada, reparei nas notificações das *apps* de encontros: mensagens e fotografias de dezenas de homens, fascinados com os perfis falsos que criara. Aquela troca de mensagens era tão

viciante, fingir ser várias pessoas, várias vidas excitantes que não a minha.

Ouvi um choro abafado no quarto ao lado do meu. Seria aquela mulher? Tentei ignorá-lo, mas o choro intensificou-se. Lembrei-me da sua figura sobre a porta, aquela postura quase vergada. Talvez precisasse de ajuda, mas longe de mim arriscar a ter um brutamontes a bater-me como fazia com a esposa. Agarrei no telefone para ligar para a receção, mas detive-me quando ouvi a porta do quarto da mulher. Depois ouvi os seus passos no corredor, que pararam mesmo em frente à minha porta. O silêncio era aterrador. Levantei-me lentamente da cama e olhei para a entrada. Sentia a mulher do outro lado como que a observar-me através da porta. O peso da sua presença era horrível. Seria imaginação minha que a mulher estivesse ali? Avancei devagar até à entrada, colando o ouvido na porta. Assim que o fiz, a mulher desatou às gargalhadas, um riso doentio e alto, que reconheci de imediato. Recuei para o fundo do quarto, agachando-me no chão, aterrada com aquela aparição convocada dos confins dos meus traumas. Tapei os ouvidos com força. Não podia ser coincidência aquele aterrador regresso ao mesmo tempo do do meu pai.

E, de repente, silêncio novamente. Senti-me dividida entre ligar para a receção, arriscando-me a que me achassem louca, e fugir dali. Calçando-me e recolhendo a minha mala, escolhi a segunda opção.

O corredor estava vazio. Olhei para os dois lados e vi que a porta do quarto ao lado estava fechada, o que me fez acreditar que poderia ter imaginado aquilo devido ao *stress*. De qualquer forma, já não queria permanecer ali.

Carreguei no botão do elevador. Entretanto, o ambiente pesado voltara. Olhei para o fundo do corredor, e lá estava ela, espedada a olhar para mim. Carreguei repetidamente no botão do elevador como se isso fosse capaz de o acelerar. A mulher estava com expressão tresloucada. Vi-a agarrar na pele atrás da orelha e arrancar a cara como uma máscara. Por baixo, em vez de músculos e sangue, outro rosto surgia, desta vez o de uma mulher repleta de desejo ardente, a máscara a cair na carpete como um pedaço de carne enegrecida. E foi então que começou a caminhar na minha direção, no preciso momento em que a porta do elevador se abria e eu entrava apavorada. Assim que se fechou, carreguei imediatamente no botão do *lobby* do

hotel, mas começou a subir para os andares superiores e só parou no último. Olhei para o teto em busca de uma câmara. Será que, algures no hotel, alguém estaria a ver as imagens de uma mulher alucinada a fugir?

As portas abriram-se e espreitei. Ainda que estivesse no último andar, talvez não fosse boa ideia continuar no elevador. Senti-me como aquelas personagens burras de um filme de terror que só tomam decisões irrefletidas. Encontrando a escada de serviço, quando me preparava para descer, ouvi a porta no andar de baixo a bater. Deixei-me ficar quieta. Podia ser um hóspede ou um empregado, mas olhei para baixo e vi a mulher a subir a escada. Subi, atravessei a porta do topo e dei por mim no terraço do hotel.

Encurralada, tal como ela queria.

Procurei por outra saída, mas só havia aquela. Não tinha alternativa. Virei-me para a porta e esperei, sentindo o vento fresco da madrugada a gelar-me a pele e a embaraçar-me o cabelo contra o rosto. Só reparei que segurava o telemóvel na mão quando começou a vibrar com uma chamada de Noa. Mas já não podia atender.

A Mulher das Máscaras caminhava na minha direção com os sapatos de salto alto a ecoar na noite. Não pude deixar de pensar na contradição do seu aspeto elegante em relação ao meu, despenteada, arrepiada e encolhida.

— Que queres? Porque voltaste? — perguntei, num murmúrio derrotado, mesmo sabendo que não me iria responder. Nunca o fazia.

A mulher voltou a agarrar na pele atrás da orelha e a arrancar a face como uma máscara. Por baixo, vi com horror um rosto igual ao meu a sorrir para mim. Em vez de se desfazer da máscara, colou-a na minha cara. Senti a textura fria e viscosa. Mas também terror. E depois a escuridão que me levou.

Abril de 1999

Jeremias gritou para que Cibeles baixasse o volume da aparelhagem. Mesmo ali, na sala, conseguia ouvir a música alta no andar de cima.

Tudo o que Jeremias queria era assistir à sua série favorita com tranquilidade. O *Neon Genesis Evangelion* dava tão cedo durante o fim de semana, que preferia dormir e gravá-lo em cassete para o ver durante a semana. Depois de mais dias de escola em que a adaptação teimava em não ser harmoniosa, tudo o que queria era um pouco de paz. Com quase dezassete anos, isso parecia cada vez mais uma missão difícil, por vezes até impossível na sua cabeça, que mais parecia um romance. Achava que aquela mudança para um meio mais pequeno pudesse ajudar, mas os colegas eram tão ou mais cruéis do que os da cidade de onde viera.

— BAIXA ESSA MERDA! — voltou ele a gritar.

Acabou por surtir efeito, pois ao fechar a porta, a música no quarto de Cibeles ficou mais abafada. Tinha a certeza de que o insultara entredentes quando o fizera. Aquele grito na sua voz já tão grave acabou por atrair a mãe da cozinha. E não estava feliz.

— Jeremias! Que se passa contigo? Não é teu falares dessa forma.

— Desculpa-me, mãe. A Cibeles já me estava a irritar com a música tão alta.

— Tens razão — respondeu ela, com o rosto mais suavizado e um sorriso cúmplice. — Juro que até sonho com as músicas que ouve sem parar. Tenta evitar os termos grosseiros da próxima vez por causa dos teus irmãos.

— Devem dizer coisas piores...

— Ainda assim.

Júlia voltou para a cozinha, e Jeremias olhou pela janela alta da

sala para os seus dois irmãos que estavam no quintal. Gabriel desenhava na mesa de madeira, enquanto Tomé se divertia a empoleirar-se no muro e a perseguir *Luna*, o gato preto que, entretanto, tinham adotado e cujo nome fora dado por Gabriel em honra dos seus desenhos animados favoritos, *Sailor Moon*. Tudo em Tomé era demasiado intenso, quase esgotante. Não podia deixar de pensar no quão contraditória era a imagem de um glorioso pôr do Sol com o irmão a correr, a saltar e a atormentar o pobre gato. Estava sempre chateado com alguma coisa e implicava com todos, exceto com Gabriel. Era sempre tão protetor do irmão mais novo, que Jeremias sentia até ciúmes. Esse devia ser o seu papel.

Desviou a atenção dos irmãos, tirou a televisão da pausa e voltou para o *anime* japonês que estava a ver enquanto comia um pacote de *Ruffles* e pousava os pés em cima da mesa de centro. Havia muita complexidade naquela série que ainda não compreendia totalmente, mas que ao mesmo tempo o fascinava. Queria saber mais sobre o que estava por trás de tudo. Já tinha andando a pesquisar na Internet e até se juntara a um grupo de *chat* do mIRC sobre a série. Mas a maior parte da informação que encontrava centrava-se apenas nos aspetos da história e ação, não nos segredos por detrás das personagens, na sua psicologia, nas relações e nos impulsos.

Quando terminou, desligou o vídeo e guardou a cassete. Quando mudou para a televisão, o telejornal estava a mostrar a notícia do ataque numa escola americana. Jeremias assistiu às imagens de alunos a fugir, muitos ensanguentados, outros a saltar de janelas, um autêntico cenário de terror. Dois alunos da Columbine High School, no Colorado, tinham entrado com armas, disparando sobre alunos e professores. Havia já mortos confirmados, incluindo os atacantes, e falavam do termo «massacre». Jeremias olhou para tudo aquilo de pé, no meio da sala, horrorizado com o que levaria dois adolescentes como ele a fazer algo tão violento num local que todos julgavam seguro.

Não percebeu quanto tempo esteve ali especado até ouvir o pai chegar a casa, despertando-o da hipnose. Estava com ar abatido e mal o cumprimentou. Subiu a escada e ouviu a porta do seu escritório fechar-se no segundo andar. A mãe voltou a sair da cozinha.

— Isto foi o teu pai?

— Sim, acabou de subir. Não parecia muito contente.

— Já falo com ele. Entretanto, chama os teus irmãos e vamos jantar.

*

Júlia subiu até ao observatório com um tabuleiro com o jantar. Deu espaço a Mateus antes de decidir fazê-lo, já com os filhos nos respetivos quartos. Habitualmente era ele quem preparava o jantar, exceto nos dias em que se deslocava à universidade para as suas aulas, com boleia de Basílio. Tinha sido esse outro dos acordos entre o casal, dado que o marido passava mais tempo em casa e muitas vezes ela chegava tarde.

Antes de abrir a porta, percebeu que o marido estava a ouvir baixinho Jeff Buckley, um dos seus favoritos. Só ali havia estado três vezes depois das mudanças e arrumações, como se aquele espaço fosse sagrado. As luzes estavam apagadas, mas os vidros deixavam entrar o luar, que iluminava as estantes repletas de livros, o longo sofá e a secretária com computador. Reparou nos trabalhos de Carl Jung, organizados numa das estantes, imaculados, tendo em conta o quanto o marido era fã. Mateus estava reclinado na sua cadeira com a haste dos óculos na boca e o olhar perdido. Júlia não pôde deixar de admirar a figura esguia do marido, o cabelo escuro, perfeitamente penteado, e a barba impecável. Quase parecia o mesmo jovem que conhecera dezoito anos antes numa festa universitária, ele, deslocado a um canto, a espreitar os livros da biblioteca daquela casa, e ela, uma jovem que se identificava cada vez menos com os colegas imaturos. Bastaram apenas algumas horas para perceberem o quanto se identificavam um com o outro, o que acabara por evoluir para um amor que perdurava até àquele momento.

— Trouxe-te o jantar, Mateus. Não sei o que se passou, mas ao menos come alguma coisa — disse ela, ciente de que o marido era alguém de ideias fixas e que aquela não era a primeira vez que o trabalho o deixava assim.

— Sim, tens razão — respondeu ele, com um meio sorriso, regressando da incursão pelos meandros da sua mente. — Ia lá abaixo de qualquer forma, mas obrigado.

— Passou-se alguma coisa?

Mateus olhou para Júlia durante alguns segundos, certamente a

decidir se deveria desabafar ou não. Essas hesitações magoavam-na sempre.

— A universidade não aprovou as metodologias da investigação. Pediram-me que as reformulasse por as considerarem «pouco éticas».

— Mas não estavam integradas no projeto que já tinha sido aprovado?

— Tive de reformular algumas após perceber que não iriam ser eficazes nem iria ter progressos significativos em relação ao objetivo do estudo.

Júlia não tinha muito conhecimento sobre a área da Psicologia, além do senso comum. Apoiava incondicionalmente o marido, tendo inclusive aceitado mudar a sua vida. Mas os únicos momentos em que Júlia não o conseguia amar era quando entrava naquele estado de obsessão com o trabalho.

— Basicamente, é como se tivesse de recomeçar do zero. Eles não entendem que esta investigação pode ser revolucionária e mudar a forma como olhamos para a Psicologia e para a mente humana. Uma cambada de conservadores em escritórios empoeirados — queixou-se ele.

— Mas que metodologias polémicas são essas afinal, Mateus? Sei que não gostas de falar sobre o teu trabalho, mas se tens a universidade preocupada, talvez devesse repensar o que andas a fazer —

sugeriu Júlia, um pouco desassossegada com a forma quase maníaca com que ele falava e relembrando-se da situação com a jovem mulher, lá em casa, no mês passado.

— Não irias perceber, Júlia. Esta investigação é muito importante para mim, mas também o será para o tratamento de muitas pessoas que precisam de ajuda psicológica.

— Compreendo — respondeu ela, dirigindo-se até ao marido e passando a mão pelo seu cabelo. — E estou aqui para te apoiar como sempre fiz. Confia em ti, no teu bom coração e no teu trabalho, mas não te percas no caminho.

— Vou encontrar uma solução. Obrigado, Júlia — agradeceu ele, com um sorriso e um beijo.

— Bem, e eu vou andando para a cama. Há um livro de Nora Roberts à minha espera na mesa de cabeceira. Não te demores por

aqui. Os miúdos estão a dormir e sei de algumas *estratégias* para te ajudar a desanuviar...

Quando Júlia desceu, Mateus deixou-se ficar no escritório escuro até o CD de Jeff Buckley terminar. No mais profundo silêncio, dirigiu-se até aos vidros altos das janelas, vendo o mar a bater nas rochas num cenário de negro e azul-escuro ferozes. Era assim que sentia a sua cabeça naquele momento, a busca cega por uma solução no caos.

Quando desceu para deixar o tabuleiro do jantar na cozinha, viu que Jeremias ainda estava acordado na sala, iluminado apenas pela luz da televisão. Tão fixado estava nas imagens do massacre na escola americana, que não se deu conta da presença do pai. Quando o chamou, deu um salto, como se estivesse a fazer algo que não devia.

— Já devias estar na cama, Jeremias.

— Desculpa-me, pai. Distraí-me com as horas. Já viste o que aconteceu na América? Que coisa horrível!

— Sim, estavam a falar sobre isso na universidade. Uma tragédia. Mas já chega de televisão, só te vai fazer mal. Vai para a cama descansar. O tempo vai estar bom amanhã, podemos dar um passeio por aí. Estamos todos a precisar de descontraír.

Subiram os dois e Mateus despediu-se do filho, que entrou para o quarto quase a cambalear no seu corpo alto e ainda desengonçado. Sabia o quão chocado estava com aquelas imagens da escola. Não se tratava apenas de conhecer muito bem os filhos, o seu trabalho era precisamente estudar os meandros da natureza humana e ajudar os outros a encontrar o caminho para a sua própria reabilitação. Seria assim tão difícil a universidade perceber que estava prestes a descobrir uma forma mais vanguardista e eficaz de acelerar esse processo?

Mateus espreitou cada um dos quartos dos filhos numa tentativa de encontrar o seu equilíbrio. Sentia um intenso amor por aqueles miúdos, algo que nem ele conseguia explicar, por mais teorias que estudasse na sua área. Tal como todas as pessoas, até eles tinham os seus problemas, uma semente que começava a germinar com resultados imprevisíveis.

A sua investigação não era só para ajudar os outros. Era para os seus filhos também e para as futuras gerações, uma solução secreta, mas tão perto e tão óbvia, que chegava a ser ridículo nunca ninguém ter explorado isso. Tinha bastado estar no local certo, à hora certa, com a

pessoa certa. Precisava apenas de dar continuidade à missão que lhe havia sido atribuída.

Antes de entrar no seu quarto, voltou a olhar para cada uma das quatro portas dos filhos e percebeu que, afinal, o segredo para resolver o problema da sua investigação estava ali, naquela casa.

Noa

A viagem de Uber até à cidade pareceu interminável. Fiquei admirada por Cibeles não aproveitar para lançar o seu charme ao motorista. Era hábito querer ser o centro das atenções, o que não era difícil, dada a sua aparência. Mas, naquele momento em que deslizava o dedo indiscriminadamente pelo Instagram, pareceu-me uma princesa triste. Ainda que afastadas, o sangue que nos unia, inevitavelmente, permitia-me sentir o quão abalada estava com toda a situação, mesmo não o demonstrando. Nas vagas memórias que tinha da minha infância, Cibeles estava sempre agarrada ao pai, a menina dos seus olhos. Mal ele sabia que havia outra menina que podia mimar. Ou talvez soubesse e escolhera ignorá-la, tal como Cibeles fizera durante grande parte da minha juventude.

A primeira paragem foi a minha. Cibeles tinha seguido para o hotel que, entretanto, reservara. Havia momentos em que invejava a facilidade com que vivia. Marido rico, filhos bonitos e saudáveis, tempo livre para os seus caprichos, enquanto eu me debatia com alguns meses em que não recebia encomendas de trabalhos de *design* ou ilustração. Mas depois percebia que por detrás daquela exuberância toda ainda havia um buraco no peito, que sugava tudo à sua volta numa busca incessante por ser preenchido.

Fiquei a observar a viatura até desaparecer ao fundo da rua. Ao contrário da Casa da Lua, a noite ali estava abafada e havia eletricidade no ar como se estivesse prestes a chover. Apertei a alça da mala com as pesadas cassetes de vídeo e caminhei na direção da escada que descia para a cave de uma casa velha com tinta a pelar. Só ali havia estado uma vez fazia anos. Mas não era o voltar ali que me deixava ansiosa, antes aquele reencontro. Bati levemente à porta e,

minutos depois, surgiu um homem descalço, de cabelo despenteado e *T-shirt* branca, com tatuagens a adornar os braços. A sua figura delgada lembrava-me sempre Tomé.

— Olá, Leo.

— Quando recebi a tua mensagem, achei que era a gozar — anunciou ele, olhando fixamente para mim. Sentia sempre que me estava a analisar a alma quando o fazia. Depois puxou-me para um forte abraço em que pude sentir aquele cheiro tão familiar a tabaco misturado com flores. — Tive saudades tuas.

— Também eu. Lamento este tempo todo sem dar notícias.

— Não precisas de te desculpar. Estávamos ambos a passar por merdas. As pessoas estão juntas, depois afastam-se, depois regressam como se nada fosse.

— Gostava que fosse assim tão poético, mas na realidade preciso de ti — admiti eu, mostrando a mala cheia de cassetes de vídeo.

— Assim tão importante que não podia esperar por amanhã?

— Sei que preferes a noite para trabalhar, tal como eu. Podemos pôr a conversa em dia.

— Entra então — convidou ele, esticando o braço para o interior, o que me permitiu ver as pétalas da tatuagem de um lírio no seu peito.

A cave arrendada onde Leo vivia era o reflexo perfeito da sua personalidade, um autêntico museu, repleto de artefactos, a maior parte dos anos 90: pilhas de cassetes e CD, livros e videojogos, aparelhos amontoados, e figuras e objetos apertados em estantes. Na secretária onde tinha os computadores e vários ecrãs, um cigarro ainda libertava os últimos ornamentos de fumo no cinzeiro. Olhei para a cama desfeita e lembrei-me daquele dia em que fugira dali, a Noa ainda demasiado jovem para lidar com o simples toque de um homem.

— Senta-te no sofá, fica à vontade. Bebes o quê? Cerveja? — perguntou ele, dirigindo-se para a pequena cozinha.

— Sim, pode ser — aceitei eu, sentando-me. Só então percebi que estava a tocar uma música dos Radiohead, o que voltou a trazer algumas memórias do meu pai que eu julgara esquecidas. Olhei novamente para as cassetes na mala aos meus pés, trepadeiras negras a sair de lá, prontas a subir pelas minhas pernas.

— O meu pai apareceu — contei. Leo parou o que estava a fazer e

olhou para mim de sobrolho carregado. — Os meus irmãos acreditam que estas cassetes podem conter a explicação para o mistério do seu desaparecimento.

— Onde está ele agora?

— Numa cama de hospital. Inconsciente.

— E tu como estás?

— Não sei bem. Os meus irmãos estão claramente perturbados, mesmo que não admitam. Eu acho que não consigo sentir nada. Não o conheço, na verdade. Nem sequer sei se é boa ou má pessoa.

Leo entregou-me uma cerveja gelada e sentou-se ao meu lado, afastado o suficiente para não nos tocarmos, sempre respeitador e contido. O seu rosto tinha mais algumas marcas de expressão desde a última vez que o vi, mas ainda mantinha a mesma jovialidade que conhecera na ala psiquiátrica de um hospital, o olhar intenso e desarmante que me conquistara num dos meus frequentes momentos de vulnerabilidade.

— E ficaste com a missão de desvendar esse mistério, estou a ver — disse ele, tocando com a mão na mala. — Vieste falar com a pessoa certa. Pelo menos, serviu para voltar a ver-te.

— Para ser sincera, também estava a precisar de me afastar de toda a tensão entre os meus irmãos. Chega a ser cansativo.

— As pessoas às vezes são uma seca, não é? Demasiado temperamentais — riu-se ele, olhando para uma memória algures na casa. —

Vamos a isso então.

Leo foi até à secretária, analisou cada uma das cassetes e franziu o sobrolho quando percebeu o estado lastimável em que estavam as fitas. Talvez aquele processo fosse mais demorado do que estava à espera.

— Não sei se consigo salvar todas as cassetes, mas felizmente a maior parte só tem sujidade e bolor à superfície — explicou ele, abrindo uma delas com uma chave e limpando-a com um líquido que tirou do armário. — Há uma que me parece mais nova. Vou começar por essa.

Inseriu a cassete num dos videogravadores por cima do computador e deixou a magia acontecer. Senti uma ansiedade repentina por estar a invadir os segredos do meu pai. Talvez as cassetes não tivessem nada

de especial ou estivessem em tão mau estado, que não seria possível nenhum tipo de restauro. Ou então talvez revelassem um lado malévolo dele, ou a justificação heroica para ter desaparecido durante todos aqueles anos. O que quer que fosse que estivesse ali, sabia que detinham o poder para mudar tudo.

— Queres ver um filme enquanto isto está a correr? — sugeriu ele, após uns quarenta minutos em que o vi limpar cada cassete e em que falámos das nossas vidas durante os anos em que estivéramos afastados. — Vai demorar a noite toda, provavelmente. Ainda são algumas.

— Que sugeres?

— Precisas de perguntar?

— Nós já vimos *As Virgens Suicidas* muitas vezes — expliquei, com um sorriso.

— E de todas essas vezes foi maravilhoso e disse-nos sempre coisas diferentes. Depois podemos ver outras coisas. Vou interrompendo para mudar as cassetes.

Durante o filme, senti várias vezes o olhar fugidio de Leo. Era evidente que ainda sentia algo por mim. Reencontrá-lo também reacendera qualquer coisa cá dentro que julgara extinta. Quando olhava para ele, estava sempre rodeado de flores negras e frondosas, como um príncipe gótico de uma floresta amaldiçoada, o que era tremendamente sedutor para mim. Mais confortável como Noa, imaginei as nossas vidas se voltássemos a tentar...

Adormeci algures durante os suicídios das irmãs Lisbon, os meus sonhos povoados por raparigas e rapazes melancólicos a deambular em câmara lenta por um subúrbio de casas de cores pastéis. Quando acordei, a casa estava escura, apenas iluminada pela estática da velha televisão. Leo tinha adormecido na outra ponta do sofá.

Ao meu redor, ouvi murmúrios e olhei em volta à procura da origem do som. Parecia vir da própria televisão. Aproximei-me, lembrando-me do dia em que ouvira som semelhante num rádio portátil no escritório do meu pai.

Amor. Sexo. Morte. Paixão. Medo. Obsessão, disse a voz na televisão.

AMOR. SEXO. MORTE. PAIXÃO. MEDO. OBSESSÃO, disse a voz, agora mais alto, assustando-me.

AMOR.

SEXO.

MORTE.

PAIXÃO.

MEDO.

OBSESSÃO.

Recuei até tropeçar numa pilha de livros e cair no chão. Olhei para a janela estreita e deparei-me com dois rostos que olhavam fixamente para mim. Um homem e uma mulher. Ou duas mulheres ou dois homens. No meio da minha confusão, percebi o quão familiares eram.

A televisão parou com os gritos e desligou-se. Olhei para a janela e os dois *voyeurs* também tinham desaparecido. Deixei-me ficar ali no chão, quieta. De repente, a televisão voltou a ligar-se com uma estática irregular. Eu já não estava no chão, mas deitada na cama de Leo. As duas figuras do exterior estavam agora ao meu lado, nus. Olhei para os seus corpos, a mulher com pénis e o homem com vagina, mas trocando os sexos a cada segundo. Sorrindo para mim, os dois passavam carinhosamente a mão pelos meus braços despidos. Fechei os olhos com força para afastar aquela alucinação.

— Noa? — chamou Leo, como se estivesse ao fundo de um longo corredor.

Voltei a abrir os olhos. Estava na cama, sozinha. A casa novamente iluminada e a televisão desligada. Leo observava-me do sofá, ainda ensonado.

— Está tudo bem?

Não soube responder. Transtornada, passei a mão pelos lençóis remexidos, como se pudesse sentir o calor deixado por aquelas duas figuras.

... Não sei se serei bem-sucedido ou não...

O som baixinho vinha do computador. Levantei-me e dirigi-me até lá com Leo atrás de mim. No programa que ele estava a usar para passar o conteúdo das cassetes para digital, o meu pai olhava para mim. Era o mesmo homem que vira deitado na cama de hospital. Estava escuro e praticamente só conseguia ver parte do seu rosto na imagem.

— *Tenho feito o impossível para remediar isto, mas não sei se serei capaz* — continuou ele, numa voz distante e rouca, esfregando as

mãos e passando-as nervosamente pelo cabelo e pela barba. — *Estou muito cansado. Mas tenho de avançar, é o mínimo que posso fazer para os compensar por tudo o que fiz.*

As palavras seguintes fizeram-me estremecer.

— Noa? — chamou Leo, alarmado.

— Tenho de voltar à casa! Acho que os meus irmãos estão em perigo.

Tomé

Voltei a sonhar com o meu pai. Desta vez, o seu rosto estava mais vívido do que nunca. Preferia que continuasse esborratado, pois agora gritava em agonia enquanto centenas de sombras o esmagavam no decorrer daquele apocalipse.

Acordei no preciso instante em que o meu pai foi reduzido a nada. Por momentos, ao olhar para as sombras no teto, achei que voltara à minha pré-adolescência naquela casa. Não me lembrava de como tinha ido ali parar, mas não tive tempo de tentar recordar-me, dado o som agonizante que ouvi no piso de cima. Parecia alguém a sufocar. Subi os degraus de dois em dois. Irrompi pelo antigo quarto de Jeremias e dei com ele deitado na cama, agarrado ao próprio pescoço, o corpo a contorcer-se violentamente. Saltei para cima dele e tentei segurar-lhe as mãos, mas ele era maior e mais forte do que eu. Sempre fora. De repente, surgiram as imagens dessa noite, do meu próprio irmão a empurrar-me para as rochas, do seu braço a puxar-me logo a seguir e a deixar-me inconsciente com a força das suas emoções. Senti-me tentado a deixar que se matasse daquela forma, mas tinha de ajudar o meu irmão!

Concentrei-me em absorver toda aquela má energia, tentando canalizá-la para a força de que necessitava para o libertar. Cerrei os dentes, sentindo o suor a escorrer pelo rosto e pelas costas. Praticamente arranhei as suas mãos e os braços para evitar que asfixiasse. Passados alguns segundos, que me pareceram horas, Jeremias libertou as mãos do pescoço, fazendo-me cair no chão.

Senti-me fraco, a minha respiração fatigada a juntar-se à de Jeremias, a tossir e exausto, um caos de energia a rodopiar pelo quarto.

— Salvaste-me a vida — disse ele, numa voz rouca.

— Por que raio fizeste isso?

— Que parte? A que quase te matei ou a que quase me matei?

Jeremias rodou a cabeça na minha direção e fitou-me com um olhar soturno. Por mais que a nossa relação fosse atribulada, naquele momento percebi que era eu que precisava de o proteger.

— Não estou bem, Tomé. Já não estou há algum tempo.

A minha saúde mental... vejo coisas que não devia.

— Eu sei.

— Como assim?

— Eu sei que vês *coisas*. Pode não ter sido a vida toda, mas começou nesta casa e surgem quando estás mais vulnerável, não é? Eu sei, porque sou igual. Foi por isso que deixei a medicação.

— Deixaste a medicação? — perguntou, preocupado.

— Isso agora não interessa. Não quando vocês são como eu. Durante anos, fizeram-me parecer um maluco quando falava do assunto.

— Não nos podes censurar por reprimir certas memórias, Tomé...

— Não são memórias. Quase morreste há minutos. Ao contrário de vocês, eu quis explorar porque me estava a acontecer isto. Porque era assim.

— Que queres que te diga? — atirou Jeremias, exasperado. — Que sempre tiveste razão? Que sou um homem doente?

— Quero que admitas que não estás doente. Que foi esta casa a fazer-nos qualquer coisa. Alguma coisa que nunca nos deixou.

— Tomé, já falámos sobre isto. Não há nada de sobrenatural na saúde mental.

— Meu, acorda! — berrei eu, simulando que estava a apertar o pescoço com as minhas mãos. — Não foste tu a fazer isto. Eu sei! Custa-te muito deixar esse teu lado tão lógico e racional por um momento e aceitar que há mais na vida que não conseguimos explicar? Só te estou a pedir que sejas honesto comigo.

— Tudo bem — assentiu Jeremias. — Estou disposto a manter a mente aberta em relação a isto. Mas tens de fazer algo em troca.

— O quê?

— A possibilidade de que o pai esteve envolvido nesta nossa... condição. Durante anos, debati-me com essa hipótese. Cada vez que

tentava encontrar uma explicação para o que se passava comigo, todos os caminhos iam dar à investigação do pai.

— Achas que nos usou.

— Talvez. Estás disposto a enfrentar a verdade se isso manchar a imagem dele na tua cabeça? Que tudo isto possa ser fruto da nossa imaginação e de traumas?

— És tão cabeça-dura! Foste tu que disseste que o pai estava a investigar algo sobre o inconsciente. Podia estar relacionado com o paranormal.

— Então achas que são fantasmas?

— Não. Acho que é algo diferente. Daí o estudo do pai. Já investiguei dezenas de casos e tenho milhares de seguidores à custa disso. Sei quando há uma história a ser explorada, e a nossa família tresanda a isso. Não sou o irmão mais inteligente, mas podiam dar-me algum crédito de vez em quando.

— Eu dou-te crédito, Tomé. Vens sempre com esse argumento de vítima incompreendida.

— A sério? Ninguém diria, com o teu julgamento constante.

— O meu papel é cuidar de ti e das nossas irmãs. Dediquei parte da minha vida a assumir o papel do pai. E só para que saibas, orgulho-me de ti e do que alcançaste. Vi todos os teus vídeos e ouvi todos os episódios do *podcast* até hoje.

Pela primeira vez na vida, senti-me culpado por embirrar com o meu irmão. Pior do que isso, começava a sentir-me um cabrão pela forma como o tratara durante toda a vida.

Jeremias soltou um suspiro exasperado, levantou-se e acendeu a luz do quarto, tornando o cenário mais real e longe da conversa assombrosa que enchia o quarto. Parecia um gigante a olhar para a minha triste figura no chão.

— Vítima ou culpado, nada apaga os vinte e três anos de ausência.

Tirei o maço de cigarros do bolso, mas estava vazio. Levantei-me num salto e bati com o ombro em Jeremias ao sair do quarto.

— Vou à aldeia ver se arranjo cigarros. Tenta não te matar, entretanto — disse eu, sem olhar para trás.

— Nem penses em levar o meu carro. Não tens carta — gritou ele do primeiro andar quando eu já estava a resgatar a minha *T-shirt* do chão

do quintal. Ainda conseguia sentir o empurrão nas minhas costas e o posterior puxão que me fizera desmaiar.

Felizmente, havia uma bicicleta na garagem. A casa e o meu irmão estavam a descontrolar-me, precisava de me afastar. Ainda há minutos nem tinha força nas pernas, agora estava com uma energia tão intensa, que precisava de a esgotar rapidamente antes que explodisse. Penetrando na escuridão da costa, fiz-me à estrada em direção a Quebranto.

Era bastante tarde quando lá cheguei, mas sabia que o café ainda estaria aberto. Encostei a bicicleta a um muro e, quando lá entrei, senti o mesmo olhar reprovador de sempre. Ao longo dos anos em que passara por ali para vigiar a Casa da Lua, tinha observado a transformação da pacata aldeia num ponto turístico repleto de pessoas dos mais variados países e tipos. Ainda assim, a xenofobia continuava entranhada, falsos sorrisos para os forasteiros tão necessários para o negócio.

Dirigi-me à máquina de tabaco, sentindo os olhares dos velhos lá sentados a seguir aquele marginal com ar de drogado que aparecia ao início da madrugada. Quis sentar-me e pedir uma bebida, mas percebi que não tinha mais dinheiro comigo.

Já lá fora, sentei-me num dos bancos de madeira da praça central e fumei desenfreadamente dois cigarros de seguida. Sentindo-me mais calmo, percebi que não fora boa ideia deixar Jeremias sozinho na casa, especialmente depois de quase se matar durante o sono ou possessão ou o raio que a puta daquela casa estava a fazer connosco ou o caralho das entidades paranormais que estavam a lixar as nossas vidas de merda!

O barulho do telemóvel a cair no chão despertou-me daquele momento de fúria cega. Havia anos que não me sentia a deslizar para a loucura daquela forma. Talvez Jeremias tivesse razão e fosse má ideia deixar a medicação. Talvez abafar as visões e as vozes não fosse tão mau assim. Talvez não tivesse sido um bom plano voltar a entrar na casa. Talvez fosse por isso que via agora sete figuras a observar-me dos recantos mais escuros daquelas ruas. Talvez fosse realmente louco.

Talvez.

Talvez.

Talvez.

Um carro topo de gama entrou pela aldeia. Passou lentamente até parar ao meu lado. Lá dentro, um casal de meia-idade, bem vestido, sorria para mim. Consegua sentir o cheiro a luxo do interior. Reparei nas duas máscaras ornamentadas no banco de trás.

— Boa noite, jovem. Não sei se é daqui, mas consegue indicar-nos o caminho para o Castelo de São Rafael?

— É só seguir por aquela estrada atrás da casa amarela — aponte eu. — Não sabia que o castelo agora fazia festas.

— Não fazia até há bem pouco tempo. Mas é algo muito restrito — respondeu o homem ao volante, de forma presunçosa.

— Divirtam-se na festa *restrita* então — disse eu, sarcasticamente, enfiando outro cigarro na boca.

Quando já estava a terminar o quarto cigarro, surgiu outro carro fino, desta vez com vidros fumados. Teria de me ir embora rapidamente ou não parariam de surgir pessoas pomposas à procura da treta do castelo. Parou ao meu lado, mas os vidros fumados não abriram. Por algum motivo, na minha cabeça soaram os alarmes quando nada aconteceu durante alguns instantes em que senti que estava a ser analisado. Quando, de repente, irromperam da viatura dois homens encarapuçados, todos vestidos de negro, e me agarraram com força nos braços. Arrependi-me de não ter fugido mais cedo. Comecei a gritar, mas uma picada no pescoço roubou-me todas as forças e a energia, sentindo-me derreter pelo chão.

A última coisa que senti antes de cair na inconsciência foi o meu rosto, colado nos bancos de pele do carro.

Jeremias

Não queria admitir que estava com receio de ficar sozinho naquela casa, mas era a realidade. Um homem de trinta e nove anos com medo de uma casa e de si próprio. Assim que Tomé saiu de bicicleta, especialmente depois da nossa discussão, parecia que em cada canto havia um ruído, uma sombra, uma presença. O *Homem*, pronto para me atacar novamente. Era como se a casa estivesse viva. Como o meu irmão fizera questão de afirmar, eu era habitualmente racional. Tentava encontrar uma explicação lógica ou científica para tudo. Mas estava extremamente vulnerável, deixando-me contaminar por teorias ligadas ao oculto, que eu sempre desdenhara ao longo da minha vida.

Mas aquela casa e as memórias trancadas que evocava...

Acendi todas as luzes e fechei todas as portas e janelas numa tentativa vã de me sentir mais seguro. Dormir estava fora de questão e não sabia quando é que Tomé voltaria da sua aventura noturna. Talvez fosse melhor assim. Não me restavam mais forças para enfrentar a sua constante fúria. Houve um momento com ele, naquela noite, em que sentira que as coisas se poderiam resolver entre nós. Até tudo descarrilar e voltar ao mesmo de sempre. Tal como Tiago havia feito comigo.

Cedendo à tentação, voltei a ligar para o meu ainda marido. Caixa de correio. O telemóvel continuava desligado. Procurei por imagens e áudios antigos nas mensagens trocadas pelo WhatsApp, num período em que éramos felizes e despreocupados. Agora começava a ver sinais na sua voz e no seu olhar nas fotos de que as coisas não estavam bem. O cancro da nossa relação já estava ali, a crescer, e eu recusava-me a ver isso. Queria ser forte o suficiente para enfrentar o mundo, tal como sugeria a todos os jovens que entravam pelo meu gabinete. Mas

eu era mais fraco do que todos eles. Afundei-me no sofá da sala, cobrindo o rosto com as mãos, derrotado e fraco.

De súbito, um ruído crepitante ecoou pela casa, seguido de uma melodia abafada. Era baixo, mas, no silêncio da noite, conseguia ouvi-lo. Segui a origem do som pela casa como se me atraísse. Quando dei por mim, estava no observatório, de frente para a estante com a coleção de Carl Jung do meu pai. Atrás da madeira, conseguia ouvir a música dos Nirvana intercalada com o ruído de estática. Havia algo ali.

Um a um, comecei a tirar os livros até revelar um botão numa placa de metal já enferrujada. Sem hesitar, carreguei nele. Durante alguns segundos, nada aconteceu. Até que ouvi um clique atrás da estante, que se descolou da parede. Fiz força para a empurrar mais um pouco até revelar o que me parecia ser um elevador. Nem estava a acreditar que descobrira uma passagem secreta naquela casa! Talvez fosse aquele tipo de adrenalina que Tomé sentia quando fazia as suas investigações. Podia esperar por ele ou até ligar ou mandar mensagem sobre o que acabara de descobrir. Mas e se fosse perigoso? Se Tomé estivesse ali, já estaria a descer por aquele elevador, que nem sabíamos que existia, avançando sobre o perigo como o aventureiro destemido que era.

Entrei no minúsculo elevador e carreguei no único botão. Pelos meus irmãos e por mim, naquela noite o aventureiro seria eu. Enquanto descia, continuava a ouvir o som dos Nirvana a aproximar-se. Imaginei o porquê da existência daquele elevador no observatório e se já existiria em 1999. O meu pai e Basílio teriam intencionalmente escondido a sua existência. Mas porquê? Será que a Polícia sabia daquela passagem aquando das investigações? Fosse o que fosse, descia para uma mentira. Afinal, Tomé tinha razão quando dizia que a Casa da Lua ainda escondia segredos.

Cheguei à base com um leve embate. Imediatamente senti o aroma salgado do mar. Quando saí, pisei areia molhada e, ao ligar a lanterna do telemóvel, percebi que estava num túnel dentro das rochas. Estava literalmente dentro da falésia, numa gruta cujo decurso se perdia na escuridão.

Segui aquele caminho até chegar a uma porta de metal numa parede que se aglutinava às rochas. Agarrei na maçaneta, sentindo a descarga

de adrenalina no corpo. Assim que entrei, a música calou-se. O local onde me encontrava era como um armazém, as paredes e o chão de betão a contrastar com as rochas naturais lá fora. Procurei por um interruptor, iluminando apenas o centro daquele espaço quase vazio. Ali estava o que parecia ser uma grande caixa de vidro com uma cama desfeita no interior. Pelo menos três tripés com câmaras antigas rodeavam aquela estrutura, duas viradas para lá e outra virada para um canto escuro.

Aproximei-me da caixa, que mais me parecia uma prisão. Os vidros estavam imundos, assim como as câmaras. Eram-me estranhamente familiares, embora soubesse que nunca ali estivera. Como *déjà-vu*. Havia uma porta, quase invisível, que estava destrancada. Quando entrei na sala a que dava acesso, foi como se tivesse submergido noutra dimensão, de tão intensa e opressiva que era a atmosfera daquele espaço minúsculo. Toquei ao de leve nos lençóis frios. Será que o meu pai dormia ali? Não. Conseguia vê-lo do lado de fora, a observar o seu segredo obscuro através do vidro.

Continuei a percorrer o espaço em busca de pistas. Numa longa secretária num canto do armazém, havia uma aparelhagem e alguns rádios portáteis. Lá dentro estava um CD dos Nirvana. Era dali que vinha a música. Mas porquê ligar-se sozinho e como chegara o som até mim? Por um breve instante, pensei na possibilidade de ser o meu pai a comunicar comigo de onde quer que estivesse a sua mente. Esse era o tipo de teoria irrealista de Tomé. Mas então porque estaria eu a pensar nisso? Que se estaria a passar comigo?

Continuei a percorrer as paredes escuras com a ajuda da luz do telemóvel. Até ver algo que me causou um arrepio — uma parede praticamente forrada com fotografias, minhas e dos meus irmãos. Mas não eram apenas imagens da nossa infância e adolescência. Havia dezenas de fotografias tiradas ao longo do nosso crescimento e vida adulta, a minha mais recente tirada uns meros meses antes, numa ida a um concerto de música clássica com Tiago.

O nosso pai estivera sempre por perto a observar-nos durante todo aquele tempo?

Analisei cada uma daquelas fotografias, tentando identificar o momento em que foram tiradas. Havia imagens minhas na universidade e no meu trabalho na escola, o casamento de Cibebe e os

meus sobrinhos, a transformação física de Noa, Tomé em viagem ou a gravar vídeos. Senti-me traído e injustiçado, o meu sangue a borbulhar de raiva, não conseguindo sequer conceber a possibilidade de que talvez não tivessem sido tiradas por ele.

Por baixo das fotografias, na parede, havia mais qualquer coisa. Comecei a arrancar todas até revelar folhas rasgadas com alguma coisa rabiscada — *Sombra, Persona, Animus e Anima*, e *Self*. Eram os arquétipos principais das teorias de Carl Jung. Tinha pleno conhecimento do fascínio do meu pai pelo pensador suíço, mas não só. Nunca havia dito nada aos meus irmãos, mas também conhecia a sua atração pelo paranormal. Por algumas vezes, descobri em casa cartas de *tarot* ou artigos impressos sobre o tema, embora os tenha desvalorizado por achar que se relacionavam com o seu interesse pelo estudo da mente. Mas e se havia mais do que isso na sua obsessão pelo inconsciente? De que tratava verdadeiramente a sua investigação e que tinha isso que ver connosco?

Olhei novamente para a prisão de vidro e para as câmaras. Sabia que havia qualquer coisa de que deveria lembrar-me, mas não conseguia. Era como se soubesse que havia ali um jogo, mas desconhecia as regras.

A vibração do meu telemóvel despertou-me daquela hipnose. Era Noa.

— Jeremias... saiam... casa... perigoso.

O meu coração ficou acelerado com esse alerta. Olhei para a rede quase mínima no ecrã e insisti para que ela se explicasse, mas a chamada acabou por cair. Tentei ligar de volta, mas já não tinha sinal.

Ouvi o eco das engrenagens do elevador a atravessar o túnel. Só poderia ser Tomé. Ele não podia ver tudo aquilo, não para já. Sabendo de que não estava a tomar a medicação e que já se estava a notar a sua descompensação, aquilo podia prejudicar ainda mais a sua mente.

Apaguei as luzes e corri pelo túnel até chegar ao elevador. Tão convencido de que era o meu irmão, fiquei paralisado quando dois homens vestidos de negro e cara tapada saltaram lá de dentro e me injetaram qualquer coisa no pescoço. Ainda tentei resistir, mas senti os meus membros ficarem moles. Em silêncio, os dois homens carregaram o meu corpo inerte para o elevador. Antes de perder os sentidos, ainda vi as nossas fotografias espalhadas pela areia molhada,

fragmentos de vidas agora engolidas pelos segredos do meu pai.

Maio de 1999

Quando Júlia chegou a casa com os filhos depois de um longo dia de trabalho, reparou na grande quantidade de caixas de papelão vazias à entrada da casa. Não estavam identificadas e não se dera conta de que o marido tivesse feito encomendas. Talvez estivesse relacionado com o trabalho, mas não lhe agradava a ideia de ter o marido a gastar o dinheiro da família sem a consultar. Teria de ter uma conversa com Mateus sobre isso.

Os filhos passaram por ela ao entrar, dispersando pela casa. Tomé atirou-se pesadamente para cima do sofá sem sequer se descalçar. Júlia já tinha reparado no carro que o filho parecia mais quieto e calado do que o costume, o que não era de todo normal naquele rapaz enérgico.

— Que se passa, meu pirata? Está tudo bem contigo? — perguntou.

— Estou cheio de sono. Dormi mal.

— Deitas-te mais cedo hoje. Amanhã estarás como novo.

— Tive sonhos malucos, daqueles em que não percebo se estou acordado ou não. Quase adormeci nas aulas.

— Isso não é bom. Mas não é comum, pois não? — questionou Júlia, reparando agora nas olheiras do filho. Quase se sentiu culpada por saber que nunca dormira tão bem e tão pesadamente como naquela casa, ao contrário de Tomé, pelo visto.

— Acontece às vezes. Acho que não gosto daquele quarto.

— Podemos ver se algum dos teus irmãos aceita trocar.

— Não é preciso. Isto passa.

Júlia sabia que, mesmo que não passasse, não voltaria a queixar-se.

Tinha apenas onze anos, mas Tomé era tão teimoso como orgulhoso e odiava mostrar fraqueza. Teria de ficar atenta, talvez até falar com Mateus para se certificar de que aquela perturbação no sono do filho não seria a origem de um problema maior.

Luna, entretanto, apareceu do nada e aninhou-se junto a Tomé como que a protegê-lo. Júlia deixou o filho deitado no sofá a ver televisão, dirigindo-se para a cozinha para ajudar o marido com o jantar.

Alguns no escritório da família, Cibele discutia com Jeremias, mas Júlia estava sem energia para ligar a isso. Um dia inteiro a dar aulas a adultos e gerir uma casa e quatro filhos não era fácil. Mateus costumava ser um pai e marido mais presente, mas aquela investigação afastara-o da família.

Mateus estava bem-disposto, de barriga colada ao fogão. A mesa até já estava posta e cheirava maravilhosamente bem. A luz quente do pôr do Sol que entrava pela porta do quintal pintava o seu rosto de um dourado quase divino. Beijou-o e agarrou nalguns utensílios para o ajudar. Todo aquele ambiente acabou por a relaxar.

— O Tomé queixou-se de que tem tido problemas para dormir — contou ela. — Talvez fosse boa ideia perceberes o que se passa.

— Sim, tenho notado que anda mais quieto do que o normal. Tenho a certeza de que não é nada. Está a crescer, a pré-adolescência tem dessas coisas.

— Sabes como é um miúdo sensível. Preferia que te certificasses de que está tudo bem. Só para ficar descansada.

— Tudo bem. Eu converso com ele — sorriu Mateus.

— Pode não bastar conversar...

— Relaxa. Vais ver que não é nada com que devas preocupar-te. Se for caso para isso, marcarei consulta para ele com um colega.

— Obrigada — agradeceu ela, beijando-o novamente.

*

No escritório do rés do chão, Jeremias estava de braços cruzados, encostado à parede, a olhar para Cibele, que estava sentada à frente do computador de família.

— Cibele, tenho de fazer pesquisa para um trabalho de História! — disse ele, os dentes cerrados.

— Não tens, não! Sei muito bem que queres falar com os teus *amiguinhos* no mIRC. Estiveste aqui todo o dia de ontem.

— Tu nem estás a fazer nada de especial! Estás só a ver galerias de fotos de artistas.

— E então? É pesquisa também. E a seguir também vou conversar no mIRC. Tenho vida social, sabes?

Jeremias suspirou, mas acabou por se render e sair. Subiu a escada e fechou a porta do quarto com força. Atirou-se para cima da cama, a cabeça cheia de discursos de raiva, dirigidos à irmã. Quem sabe até uma estalada no seu rosto petulante. Imediatamente se recriminou por pensar nisso. Nunca faria tal coisa aos seus irmãos, um pensamento intruso em si. Mas Cibele conseguia ser tão irritante! Para se abstrair, tirou algumas revistas de adolescentes que escondia numa mochila velha debaixo da cama. Eram revistas antigas, roubadas à irmã. Quando precisava de relaxar, gostava de observar os artistas, aquelas *boy bands* da moda, com aqueles corpos definidos e rostos perfeitos, pensamentos pecaminosos, mas tão excitantes. Algo proibido na sua vida de filho, irmão e aluno exemplar.

Perdido nas suas fantasias, não se deu conta dos passinhos de Gabriel a passar no corredor. Já estava habituado a parecer um fantasma naquela casa, sempre sossegado, sempre silencioso. Até então, estivera a desenhar uma bruxa com vestes modernas e negras, a adaptação da sua nova boneca a um filme de terror que tinha visto às escondidas com Tomé e Cibele na tarde de sábado em que os pais haviam ido às compras com Jeremias. Nunca um filme o fascinara tanto como *O Feitiço*, a cassete que a mãe mantinha escondida sobre quatro bruxas adolescentes. Até sonhava ser uma delas.

Enquanto pintava as cobras que formavam o trono onde se sentava a bruxa, ouviu um ruído estranho, vindo do piso de cima, do escritório do pai. Era como se um aparelho estivesse ligado. Preocupado de que o pai se tivesse esquecido de desligar alguma coisa, subiu a escada, mesmo sabendo que não podia entrar naquela divisão. Rodou lentamente a maçaneta e entrou. O escritório do pai era como o último andar da torre de um feiticeiro, todo forrado com livros, mas com vidros a toda a volta como o portal para um céu de outra dimensão.

Gabriel atravessou o espaço em busca da origem do som. Em cima

da secretária, debaixo de algumas folhas manuscritas, estava um rádio portátil que emitia um ruído crepitante de estática que arrepiava um ponto algures atrás da orelha. Em vez de o desligar, Gabriel sentiu o impulso de brincar com as frequências. Já tinha aprendido sobre isso na escola, pelo que teve curiosidade em saber o que podia apanhar. Após algumas tentativas, detetou algo que finalmente se pareceu com uma melodia, seguida de um suspiro. Depois uma voz distorcida.

És tu... E não és tu... Hoje, não és tu... A seguir.

Gabriel não entendeu as palavras crípticas. Porém, ainda agarrado ao rádio, sentiu-se impelido a olhar lá para fora. O mar estava calmo nesse dia, quase como vidro. Por isso mesmo não foi difícil notar movimento na praia. Mesmo do alto da falésia, conseguiu perceber que se tratava de duas crianças da sua idade. Não conseguiu perceber os seus géneros àquela distância, mas estavam a divertir-se a correr e a brincar. Talvez os seus pais estivessem a observar de longe. Alguns instantes depois, pararam e olharam para cima, quase diretamente para Gabriel, que recuou como se tivesse sido descoberto. Depois desapareceram pelas rochas por baixo da casa. Nesse preciso momento, o rádio calou-se.

Convencido de que fizera alguma asneira, Gabriel voltou a pôr o rádio por baixo das folhas e saiu do escritório do pai, fechando a porta devagar. Refugiando-se no seu quarto, a sua prodigiosa imaginação começou a criar uma história em torno do que vira. Agarrou numa folha em branco e começou a desenhar as crianças da praia.

*

Mateus esperou que Júlia começasse a respirar profundamente antes de sair da cama. Com aquele sono pesado, nunca iria acordar. Aliás, ninguém naquela casa iria estar acordado além de si, não depois daquele jantar e do que misturara na água e na comida. Mas, para jogar pelo seguro, tinha de ser sorrateiro. No corredor, parou à porta do quarto de Cibele. Um vulto no corredor assustou-o. Era apenas o gato dos filhos. Os seus olhos verdes brilhavam enquanto observava Mateus ao lado da porta de Tomé.

O Tomé hoje precisa de descansar, Luna, pensou ele.

Abrindo a porta devagar, ficou alguns instantes a observar a filha. Por esta altura, já estava a fazer efeito. Aproximou-se dela e agarrou-

lhe a mão, guiando-a para fora da cama, depois pela escada, até ao observatório. Retirou da estante um dos livros de Jung e esticou o braço para acionar o botão. Guiando novamente a filha pelo elevador e depois pelo túnel e até ao armazém, deitou-a gentilmente na cama, dentro da caixa de vidro, que fechou. Depois ligou os rádios e as três câmaras e tirou o caderno que trazia no bolso.

— Cibele. Estás a ouvir a minha voz?

A filha virou-se de barriga para cima e acenou, abrindo os olhos, mas completamente longe dali.

— Vamos começar então. Diz-me o que estás a ver e se estás acompanhada.

Cibele

O reflexo no espelho piscava os olhos na minha direção e o primeiro pensamento que me veio à cabeça foi o do desastre que estavam o meu cabelo e o meu rosto. Um súbito solavanco fez-me perder o equilíbrio e percebi que estava numa minúscula casa de banho de plástico. Uma terrível dor de cabeça obscureceu-me a visão durante instantes, memórias sem sentido a perfurar-me o cérebro.

Abri a porta e deparei-me com um autocarro cheio de gente, o calor e o cheiro a suor a encurralar-me de imediato. Estava de noite e a fraca luz do interior quase não era suficiente para o analisar em condições.

Como raio tinha chegado até ali e onde estava?

Caminhei lentamente pelo corredor em busca do meu suposto lugar enquanto fazia um enorme esforço para não entrar em pânico. Passei as mãos pelo cabelo embaraçado. Estava com a mesma roupa e sentia-me nojenta.

Quanto tempo tinha passado e o que se passara comigo?

Sentei-me num banco vazio, ao lado de um homem com *headphones*, na esperança de que aquele fosse o meu assento. Não reagiu, pelo que depreendi que estava certa. Perscrutando o autocarro lotado, percebi que só podia ser ali. Então porque não tinha comigo a minha mala ou o telemóvel?

Com o máximo de calma possível, tentei entender onde estava, lendo as placas na paisagem desértica e escura lá fora, mas percebi pela lentidão da viatura que nem sequer estávamos numa autoestrada. Perguntar ao homem ensonado ao meu lado para onde íamos far-me-ia parecer louca. Podia pedir o telemóvel emprestado e ligar para Omar ou um dos meus irmãos ou até mesmo para a Polícia, mas ia

parecer à mesma uma daquelas mulheres tresloucadas que eu própria criticava e com as quais até gozava.

Mas não era só isso. Havia qualquer coisa no interior daquele autocarro que me deixava arrepiada e alerta. Como se estivesse em perigo.

Ao olhar novamente para a floresta de cabeças à minha volta, uma delas virou-se na minha direção. Uma mulher olhava fixamente para mim a sorrir. De repente, outra, mas essa de semblante sério. Mais outra, pânico no seu rosto. De repente, tinha já cinco mulheres a olhar para mim, cada uma com expressão diferente. Pareciam impossivelmente todas a mesma mulher. Senti-me despida. Atacada.

E foi aí que todas as memórias da noite anterior regressaram, a perseguição da *Mulher das Máscaras*, no hotel, que me levou a perder os sentidos e a acordar num autocarro no fim do mundo.

— Pare já o autocarro! — gritei eu, levantando-me. Vi o reflexo do condutor no para-brisas a despertar do seu entorpecimento e a olhar para mim admirado.

— Está tudo bem?

— Eu pedi que parasse o autocarro! — voltei a gritar, desta vez num tom mais autoritário. Aos rostos das cinco estranhas mulheres juntaram-se os de todos os outros passageiros, ensonados e confusos com aquela doida aos gritos.

— Está a sentir-se bem? — indagou o homem que seguia ao meu lado, tirando os *headphones*.

— Para sua segurança, o autocarro deve parar imediatamente e devem sair! Aquelas cabras de merda não são reais! — berrei, apontando para as cinco mulheres.

Só quando aquelas palavras saíram da minha boca é que percebi o quão demente parecia. Não era só o pânico por não saber o que me acontecera e como tinha ido ali parar, era também a falta de autocontrolo quando essa era a minha característica mais vincada. À minha volta, os passageiros murmuravam entre eles, gozo e medo a encher o veículo.

— Minha senhora, peço que se acalme e que se sente. Já saímos tarde do terminal, não vou parar no meio do nada só porque mo está a pedir — anunciou o condutor, chateado.

Tinha de sair dali. O meu instinto não parava de gritar para fugir e

proteger-me. Tinha de fazer alguma coisa ou podia acontecer o pior com todas aquelas pessoas.

— Este nojento acabou de me assediar — acusei, apontando para o incrédulo homem ao meu lado. — Não estou segura neste autocarro e quero que me deixe sair neste preciso momento!

— É doida dos cornos ou quê? — insultou-me o homem.

— Não vou parar o autocarro no meio de nenhures e deixá-la aqui — insistiu o motorista.

As mulheres continuavam a olhar para mim com as suas expressões ainda mais exageradas. Eram como estátuas prontas a ganhar vida para me atacar a mim e às outras pessoas. Conhecia bem os horrores que eram capazes de causar. Tinha de tomar medidas mais drásticas.

Assim que comecei a pontapear a porta lateral, alguns passageiros levantaram-se para me agarrar os braços e arrastar-me de volta ao corredor. Algumas pessoas gritavam para o motorista deixar sair a «louca», um termo que me esforçara imenso por abolir nos meus tempos de escola. Se ao menos soubessem que estava apenas a tentar protegê-los.

— Larguem-me! Elas estão a pôr o autocarro em risco! — disse eu, já esmagada no chão com duas pessoas a prender-me os membros. Mais uma vez, aquelas palavras saíam descontroladamente da minha boca.

De súbito, senti o autocarro a abrandar até parar definitivamente, deixando-me aliviada. Vi os pés do motorista a aproximar-se. Estava a exigir uma explicação e a lamentar-se por ter de levar com o meu surto psicótico.

— Desculpem-me. Já estou mais calma. Não sei o que me deu — disse eu, relaxando os músculos para que me pudessem largar.

Sentando-me, ofegante, no chão do autocarro, as pessoas à minha volta afastavam-se como se tivesse lepra. Naquele ângulo de visão, conseguia ver o rosto de uma das mulheres a analisar-me, agora intrigado.

— Peço desculpa. Acho que o calor me afetou a cabeça. Preciso apenas de um pouco de água.

Não era difícil acreditarem em mim, dado que estava completamente suada depois de todo aquele *stress*. Uma mulher de um dos bancos de trás veio entregar-me uma garrafa de água, que bebi

prontamente enquanto toda a gente me observava como se pudesse explodir a qualquer momento.

— Obrigada. Estou bem melhor — expliquei eu, levantando-me com a ajuda de um passageiro e caminhando lentamente para o meu lugar.

Era o momento. Assim que o ajuntamento de pessoas no corredor dispersou, abalroei o motorista e desatei a correr em direção à saída. Ainda senti algumas mãos a tentar agarrar-me, mas não foi o suficiente para me impedir de chegar à frente e tocar no botão para abrir a porta. Quase caí ao descer a escada e ao penetrar na floresta de eucaliptos na beira da estrada. Não sabia ao certo para que direção correr naquela escuridão toda, mas ao menos estava livre do autocarro. Olhei por cima do ombro e vi dezenas de pessoas coladas ao vidro a ver-me a escapar. Ainda ouvi o motorista a gritar por mim, da porta, mas felizmente não me perseguiu. Ao lado dele, as cinco mulheres seguiam-me com o olhar. Agora tinha a certeza de que só eu as conseguia ver, pois ninguém notara sequer a presença delas, quando começaram a correr atrás de mim, praticamente ao mesmo tempo e com movimentos iguais. Tentei correr com maior velocidade, castigando-me por mentir a toda a gente, quando dizia que ia ao ginásio, e, na realidade, ficava no sofá a ver televisão e o telemóvel.

Fugi durante minutos sem olhar para trás e sem rumo até ficar exausta e me deixar cair na terra húmida. Prendi a respiração para tentar sentir a presença delas. Espreitei por trás de uma árvore e não vi nada. Sentindo a adrenalina a dissipar-se, a realidade caiu sobre mim como chuva torrencial. Estava sozinha, perdida, suja e sem nenhuma forma de contacto. Pior. Se eu estava novamente a sofrer com o regresso da *Mulher das Máscaras*, claramente relacionado com o regresso do meu pai, desconfiava que os meus irmãos também estavam em perigo. Irritavam-me profundamente, na maior parte das vezes eram um frete gigante, e os laços que nos uniam estavam mais fracos do que nunca, mas eram família, e eu tinha de fazer alguma coisa por eles.

Estava a amanhecer, a luz índigo a penetrar pelos troncos. E então, por entre a iluminação frouxa do crepúsculo, a *Mulher das Máscaras* surgiu a fixar-me. Desta vez, a sua expressão era neutra e não arrancou o rosto para dar lugar a outro.

— Que queres de mim? — gritei eu, consciente de que nunca iria

responder. — Para de me perseguir e atormentar!

Não reagiu ao meu ataque de fúria. Perante a minha frustração, acabou por levantar o braço e apontar para o lado esquerdo. Estaria, afinal, a ajudar-me? Nunca soubera ao certo quem ou o que era. Fruto da minha fragilidade mental ou emocional, ou algo mais que nunca compreendera? No passado, a sua aparição era ambígua, mas o que foi capaz de fazer não perdoava tudo o que ajudou.

Olhei da ponta do seu dedo indicador para o olhar penetrante que me fixava, quase me obrigando a reagir. Levantei-me e sacudi as folhas e a terra da minha roupa imunda. Quando voltei a olhar para o local onde estava, ela já tinha desaparecido.

Decidi caminhar na direção oposta à que a mulher apontava, receosa, mas determinada, sentindo mil rostos a observar-me e a condenar-me por entre as árvores. Ao fim de alguns minutos a andar, voltou a aparecer, apontando noutra direção. E eu voltava a ir na direção oposta. Recusava-me a ceder aos seus caprichos. Foi assim durante pelo menos uma hora até chegar a uma estrada. O que me esperava naquela via secundária era um carro preto, estacionado na berma. Já tinha visto séries policiais e filmes de terror suficientes para saber que devia dar meia-volta e fugir novamente. Mas algo me fez permanecer ali.

Uma mulher morena, de meia-idade, saiu da viatura, ao telemóvel. Quando me viu, pareceu reconhecer-me. Estava até aliviada quando desligou a chamada e sorriu para mim.

Uma presença atrás de mim fez-me virar. Um homem com vestes negras de militar e rosto tapado agarrava numa seringa prestes a ser espetada em mim.

— Isso não será necessário — pedi. — Quem quer que sejam, aceito ir com vocês de livre e espontânea vontade.

A mulher caminhou calmamente na nossa direção, intrigada com a minha resposta. Após alguns momentos de hesitação em que me analisou, assentiu e o homem recuou. Sem palavras, abriu a porta de trás do carro e convidou-me a entrar.

Quando o carro arrancou, com os dois à frente, tive um vislumbre da *Mulher das Máscaras* por entre as árvores, o seu rosto um misto de desilusão e ira. Pela primeira vez na minha vida, lamentei não ter aceitado a sua ajuda.

Noa

— Tens a certeza de que ficas bem? Disseste que os teus irmãos estavam em perigo. Também tu podes ficar em risco — avisou Leo, ao volante do velho *Renault 4L* que pedira emprestado ao senhorio.

— Não te preocupes, sei cuidar de mim. Preciso de que trates das cassetes o quanto antes enquanto me certifico de que estão bem. Até agora nenhum deles atendeu as minhas chamadas.

— E a tua irmã?

— Também não atendeu. Mas calculo que seja por estar a dormir confortavelmente na cama macia do hotel — respondi, com alguma amargura.

Estava preocupada depois do que vira naquele excerto de uma das cassetes, mas, no fundo, também estava a ter algum prazer em ser eu a heroína por uma vez na vida. Ser a irmã mais nova era demasiado solitário quando todos queriam proteger-me a toda a hora. Podia muito bem ter chamado um Uber ou um táxi ou até mesmo ser eu a conduzir aquele carro até ali, mas, na realidade, também me sentia nervosa, e ter a força de Leo até ao fim da linha era um bálsamo para as minhas emoções.

— Depois do que vimos, não deverias estar preocupada com o teu pai também?

— Os meus irmãos são a minha prioridade. Um homem em coma num hospital é a menor das minhas preocupações agora. Além disso, a polícia está a vigiá-lo.

— Posso verificar se está tudo bem com ele.

— Prefiro que trates das cassetes para já, Leo — pedi, tocando-lhe na perna para reforçar o pedido. Ele estremeceu e inadvertidamente afastou-a.

— Desculpa, foi instintivo — disse ele, atrapalhado. — Conduzir contigo a meu lado traz-me memórias de alguém. Têm algumas semelhanças.

Um dos elementos que nos unira, anos antes, era o carregarmos demónios que se assemelhavam a uma doença. Mas o segredo dessa união era não falarmos sobre eles, tal como naquele momento não questionei sobre a pessoa que viajara com ele no passado e que o deixava tão tristonho e distante quando evocava essas memórias.

A paisagem rochosa da estrada deu lugar ao amanhecer na costa, uma tonalidade de azuis e cinzentos que trazia consigo maus augúrios. O mar estava revoltado e espinhoso, como se centenas de tentáculos monstruosos estivessem a acompanhar-nos em direção à Casa da Lua. Assim que Leo me deixou no portão, obriguei-o a partir imediatamente de regresso a sua casa para continuar com o restauro e a digitalização das restantes cassetes de vídeo. Podia ter-lhe pedido que trouxesse todo o material com ele e tratasse de tudo mesmo ali em casa. Mas o meu instinto dizia-me que era mais seguro assim. O som do motor rouco do carro dissipou-se, deixando-me apenas com o rebentar das ondas e as gaivotas.

O carro de Jeremias ainda estava à entrada, o que me tranquilizou. Ao passar o portão, as imagens do vídeo do meu pai regressaram. O aspeto derrotado, o aviso para que não voltássemos à casa, justificando que havia pessoas interessadas em perseguir-nos, devido ao que guardávamos nas nossas mentes, o perigo que representávamos para nós e para os outros. Não sabia com o que estava a lidar nem o que era tão perigoso assim para levar um homem como ele a simplesmente desaparecer.

Antes de tocar à campainha, reparei que a porta estava entreaberta. Lá dentro, havia uma estranha atmosfera palpitante, como se uma grande descarga de energia ainda perdurasse no ar, resquícios de um feitiço deixado para trás. Agora que estava sozinha a entrar na casa, já com a luz do Sol a pintar as paredes, não pude deixar de recordar aquele menino franzino que passava solitário, carregado de lápis e canetas para escapar à sua prisão.

Vi um vulto a entrar para o escritório ao lado da sala. Quando lá entrei, vi um gato preto em cima do sofá. Era-me terrivelmente familiar, não só fisicamente, mas no que me fazia sentir quando

olhava para aqueles líquidos olhos verdes. O meu fiel companheiro.

— Não podes ser o *Luna*, pois não? — perguntei, aproximando-me.
— Talvez um neto.

Antes que conseguisse tocar-lhe, saltou para o chão e escondeu-se atrás do sofá. Baixei-me e olhei para aquela figura negra que parecia estar no fundo de um túnel. Quando estiquei o braço para atraí-lo, ouvi passos no piso acima, seguidos de uma voz. Percebi imediatamente que não eram os meus irmãos. Espremi-me para trás do sofá até sentir o pelo quente do gato tocar-me no braço. Ficámos ambos imóveis e calados.

— Já repeti várias vezes: só cá estava um deles — disse a voz masculina, agora perigosamente perto de nós. Consequia ouvir uma voz do outro lado da chamada de telemóvel. — As irmãs não estavam aqui. O outro também não, mas foi visto na aldeia. Procurámos pela casa toda e na praia também — contou, já exasperado. —

Devem ter ido para algum hotel, sei lá. [Pausa.] Não, o mais velho estava precisamente no laboratório. [Pausa.] Qual é a situação do pai? [Pausa.] Certo, mas todos os cuidados são poucos. Vamos ser penalizados no pagamento se isto continuar assim. Mantenham a vigilância apertada.

O homem desligou a chamada sem se despedir. Começou a caminhar pesadamente pela casa, suspirando de frustração. Senti-me uma daquelas personagens que ficam presas no covil do vilão. Por algum motivo, a menção de «laboratório» despertara algo nas profundezas da minha mente, como se soubesse a que local se referia. Era como uma memória recôndita e proibida a que não devia aceder. Só a mera tentativa me deixava com dor de cabeça.

Tinha de fugir dali e ajudar os meus irmãos. Ou pelo menos saber para onde tinham sido levados. Pela conversa do homem, lidava com gente perigosa, talvez os mesmos que estavam envolvidos no desaparecimento do nosso pai e que agora queriam fazer o mesmo connosco. O gato olhou para mim como que a perguntar-me o que queria fazer.

Costumava fazer uma brincadeira com *Luna* em que líamos o pensamento um do outro. Mesmo após a sua trágica morte, levei muitos anos a sentir a sua presença, especialmente naqueles momentos em que Gabriel definhava. Olhei para aquele gato e pedi-

lhe ajuda. Passados uns segundos, começou a miar loucamente enquanto corria pela casa como um *poltergeist*. Ouvi os passos rápidos do homem na direção dele. Estava a levá-lo para longe de mim. Assim que o ouvi a correr escada acima, saí de trás do sofá e esgueirei-me para a cozinha e depois para o quintal. Talvez se descesse pelas rochas até à praia, conseguisse escapar e esconder-me sem que desse conta.

Saltei por cima do muro e comecei a descer pelas rochas escarpadas. Era arriscado, mas ao mesmo tempo dava-me a adrenalina de que precisava para escapar das garras dos raptos do meu irmão. Aquela manhã de verão estava demasiado fria, e o vento do mar estava a dificultar a descida. Acima de mim, no topo da falésia onde assentava a casa, um homem de negro observava-me com dois grandes olhos de vidro numa cara toda coberta. Comecei a descer com maior rapidez, cortando as mãos no processo. O homem, entretanto, tinha desaparecido, mas vi ao longe que estava já a descer a escada em direção à praia que, àquela hora, ainda estava vazia. Quando aterrei na areia, desequilibrei-me ao sentir as pernas tensas, mas forcei-me a recuperar para desatar a correr pelo areal.

O homem estava quase a alcançar-me, célere como um lobo colérico. Mas eu era mais ágil do que ele, com toda a sua pesada roupa preta de militar. Não me restavam grandes alternativas a não ser correr para as grutas das rochas do outro lado da praia. Quando me aproximei o suficiente, reconheci as duas figuras que quase se confundiam no dourado dos rochedos, uma de cada lado da abertura onde Gabriel se perdera outrora. Afinal a aparição em casa de Leo não tinha sido imaginação minha. Os *Meninos* eram agora adultos, ela formosa e curvilínea, com longos cabelos loiros de sereia, e ele alto e musculado, como um guerreiro romano. Ambos nus e com os órgãos genitais trocados. Sabia que esperavam por mim, travessos como sempre, convidando-me a entrar no seu labirinto. Os traumas de infância quase me fizeram voltar para trás. Mas era a minha vida que estava em jogo.

Quase sem olhar para eles, entrei na gruta, correndo para o primeiro túnel que encontrei. Tal como acontecera quando era pequena, já lá estavam, cada um atraindo-me para uma das várias reentrâncias que serpenteavam pelo surrealismo daquele local. Ouvindo os passos pesados do homem a perseguir-me, não tive hipótese a não ser aceitar

que me guiassem. À medida que entrava por grutas e mais grutas, após um vislumbre de cabelos, de dedos a chamar, de pernas a passar, o ambiente ia ficando mais escuro. Mas também as expressões sedutoras deles a chamar-me com ritmo cada vez mais frenético, capaz de manipular o próprio tempo. Já não estava em grutas, mas na masmorra de um reino amaldiçoado. Deixei de ouvir o homem atrás de mim, mas era tarde de mais para recuar. Até que senti água a molhar-me os ténis, subindo o nível com rapidez atordoante.

Avançando já com a água pelos joelhos, cheguei a uma ampla câmara. A luz do Sol entrava por um buraco, iluminando a água. Mas não era a sua habitual luz branca. Era vermelho-sangue. Todo o espaço parecia a entrada para as profundezas do Inferno, a água como lava. De pé em duas rochas, as duas figuras fixavam-me, a sua pele perfeita agora de um carmesim demoníaco. Já com a água pela cintura, senti-os a invadir a minha mente.

ACEITA.

OBEDECE.

MERGULHA.

ACEITA.

Aquela inevitabilidade acompanhava-me desde pequena, suspensa como um feitiço que podia ser quebrado em algum momento de fraqueza. Sabia que não tinha escapatória possível. Os dois estenderam as mãos e eu caminhei para o centro daquele círculo de luz vermelha na água. Hesitante, agarrei nas suas mãos, olhando para cada um daqueles pares de olhos de brilho quase primitivo. Logo de seguida, como predadores, forçaram-me a mergulhar.

Debati-me enquanto me puxavam para as profundezas daquele oceano que sempre receei. De repente, o mar violento passou de sangue para um azul tranquilo, deixei de lutar. Quando me largaram, senti o meu corpo leve, tão leve, como se eu fosse uma mísera concha, levada pela força de mil marés. Envolta no mais puro azul, os dois nadavam à minha volta como que a embalar-me.

Aquela leveza e calma eram intoxicantes. Nunca sentira algo assim. Talvez se me deixasse levar pudesse finalmente ficar livre de tudo e sentir-me bem para sempre. Olhei uma última vez para a luz que iluminava a superfície do mar como cristais a ficar cada vez mais pequenos.

Fechei os olhos. Em paz.

ACEITA.

E, de repente, um puxão violento levou-me de volta para o Inferno.

Tomé

Despertei com o solavanco de um buraco na estrada. Fechei imediatamente os olhos perante a dor lancinante na minha cabeça. Era como se estivessem a espetar-me uma faca. Quando os voltei a abrir, a escuridão permanecia, a textura de um saco preto na minha cabeça a asfixiar-me. Quis tocar no meu rosto dormente, mas reparei que estava com as mãos amarradas atrás das costas. Conseguia sentir a presença de mais alguém, mas não naquele banco comigo. Contorci-me para tentar abrir a porta, mas estava trancada, obviamente.

O meu sangue ferveu perante a possibilidade de terem feito mal aos meus irmãos também.

Não estava a lidar com amadores, embora tivesse conseguido livrar-me facilmente do saco na cabeça com alguns movimentos. Olhei imediatamente pela janela para perceber onde estava. Seguíamos pela costa, uma estrada que conhecia bem. O Sol estava prestes a nascer, pelo que presumi que não estávamos muito longe da casa.

À minha frente, dois vultos ouviam música abafada, separados por uma barreira de vidro opaco.

— Olá, Tomé.

A voz grave fez-me dar um salto. Ao meu lado seguia o meu pai, acordado. Estava mais velho, como vira no hospital, mas ainda tinha tanto daquele homem que me deixara em pequeno. O olhar era praticamente o mesmo. Senti uma descarga elétrica que me arrepiou.

— Pai! Estás aqui! Recuperaste! — dei-me conta do volume da minha voz, mas as figuras que seguiam à frente não reagiram. — Dava tudo para te abraçar, mas não consigo.

Foi então que percebi que ele não estava amarrado. As palmas das mãos seguiam em cima das pernas, e o seu sorriso era enigmático

como sempre.

— Não estás realmente aqui, pois não? — perguntei, sentindo a desilusão enublar o espaço entre nós.

— Sabes bem que não, filho.

— Que és então? Fruto da minha cabeça lixada? Efeito da droga que aqueles gajos me injetaram?

— Neste momento, sou aquele que te pode ajudar.

— Uma alucinação então.

— Sou aquilo que tu quiseses chamar. Mas isso é indiferente agora. Não temos muito tempo.

— Que queres que faça? Fui sequestrado e nem sei porquê.

Hesitei quando disse isto. Ocorreu-me que aquele rapto podia nem estar relacionado com o meu pai, mas sim com o trabalho de investigação que fazia para as minhas redes. Ainda que eu fosse inofensivo, dado o tipo de conteúdo de entretenimento que criava, alguns dos casos envolviam organizações mais perigosas que podiam querer vingar-se de mim. Se assim fosse, eu teria posto os meus irmãos em perigo. Ainda assim, o meu instinto continuava a dizer-me que tudo o que estava a acontecer se relacionava com aquele homem.

— A neblina ainda é densa, mas acabarás por desvendar este mistério como sempre desejaste. O segredo está em ti.

— Mas como? Não faço ideia do que se passa — insisti, já a ficar irritado.

— Sempre foste o mais intuitivo entre os teus irmãos. O que te torna especial é o que te pode ajudar.

— Para de falar por enigmas, porra! — berrei, atirando-me para cima dele. O meu pai nem se mexeu. Do outro lado do vidro, a sombra de uma das figuras virou a cabeça.

— Não consigo ajudar de outra forma. Tens de ser tu a resolver isto, como sempre fizeste. Tens de regressar.

Frustrado, voltei ao meu lugar, puxando pela cabeça sobre o que o meu pai me estava a tentar dizer. «Tens de regressar.» Fechei os olhos e deixei as minhas memórias viajarem até 1999, o ano que mudara tudo.

— Tu consegues, filho — continuou ele.

Perscrutei os destroços deixados pela explosão de imagens: *Luna*, o

nosso gato preto, os sonhos bizarros, as paredes brancas da casa, as rochas escarpadas, os meus irmãos, a minha mãe, o meu pai. As sombras. O mar. Os gritos. O choro. O inferno de água.

— Olha lá para fora — pediu o meu pai.

O cenário fora do carro tinha mudado completamente para algo muito semelhante ao que vira antes de Jeremias me empurrar.

O céu agora era de um vermelho saturado com nuvens escuras que me feriam os olhos. Ao longe, conseguia distinguir um rasgão negro que ia do mar até ao céu, como se um gigante tivesse destruído o próprio tecido da realidade. Ao longo do percurso, havia dezenas de pessoas espalhadas por rochas, estrada e campo. Estava tão escuro, que mais pareciam sombras. Todas ficavam a olhar para o carro quando passávamos. Não, não para o carro. Para mim.

— Estou a alucinar? — perguntei.

— Não é alucinação, mas não está muito distante disso. A nossa mente é muito mais vasta e complexa do que pensas.

Voltei a olhar para as sombras lá fora. Aos poucos, todas foram levantando os braços, apontando para o mesmo local: o rasgão no céu. Sabia que a Casa da Lua estava bem no centro daquele local de trevas.

— Parece que sabes para onde ir. O local de origem e de fim. Mas precisas dos teus irmãos para fechar o ciclo. E os teus irmãos precisam de ti.

— E como me safo disto? — questionei, mostrando as mãos amarradas e apontando para a porta trancada.

— As sombras não são só espectadoras.

Voltei a olhar para as dezenas de figuras no exterior. Eram tantas e tão familiares. Antes de lhes implorar que me ajudassem, virei-me uma última vez para o meu pai.

— Tenho saudades tuas. Da mãe também.

— Ainda tens os teus irmãos, Tomás. Precisam uns dos outros.

Imaginação ou alucinação, a verdade é que estava grato ao meu pai por despertar em mim a força de que precisava para me safar. Com o máximo de ginástica possível, tentei prender o cinto de segurança. Depois olhei para as sombras. Conseguia sentir a sua energia expectante. Praticamente exigiam que lhes pedisse ajuda. Com o máximo de intenção possível, pedi-lhes que atacassem o carro.

O primeiro embate fez que a viatura desse uma guinada para a esquerda. O segundo obrigou-a a desviar-se para a direita. E, de repente, vieram dezenas de choques que abalroaram o carro como se fosse um brinquedo. Acabou por embater no raile de segurança com violência e capotar. Ouvi os gritos abafados dos homens que seguiam à frente. Ao contrário dos filmes, em que um acidente destes ocorre em câmara lenta, as voltas que o carro deu até ficar virado ao contrário na estrada numa explosão de vidros ocorreram tão rápido, que nem as consegui assimilar.

Mesmo com a minha cabeça cheia de sangue e as dores no corpo, consegui desprender o cinto de segurança até cair no chão cheio de pedaços de vidros que me cortaram a pele. Rastejei até conseguir sair e comecei a correr pela estrada e depois pelo campo, longe do carro e na direção do rasgão no céu. Atravessei as pessoas, que continuavam a parecer-me sombras, os seus rostos quase borrados quando tentava identificá-los.

Atrás de mim, ouvi os homens a gemer, mas logo de seguida a gritar. Um disparo tornou real um dos meus maiores receios. Olhei por cima do ombro e vi um deles a correr na minha direção de arma em riste. Estava magoado na perna, mas, ainda assim, quase me conseguia apanhar.

Outro disparo fez-me encolher. Ele conseguiria atingir-me se continuasse a disparar daquela forma. Pedi novamente às sombras que me ajudassem, e rapidamente obedeceram, caminhando na direção dele e formando uma barreira que o impediu de avançar mais. Ofegante, parei e fiquei a olhar para aquela cena. Estavam a comprimir-se tanto à volta dele, que depressa o engoliram. Ainda o ouvi gritar, mas foi rapidamente suprimido por aquele ataque angustiante. Quando começaram a dispersar novamente, não estava lá nada. Era como se nunca tivesse estado ali. Ao longe, vi o fumo do carro acidentado, imaginando o que teria acontecido ao segundo homem.

Quando me virei para retomar a minha caminhada, fui confrontado por dezenas de sombras já praticamente em cima de mim. Exigiam algo depois de me ter ajudado. Antes que pudesse escapar, já estava completamente cercado, o meu corpo comprimido por todas elas. Gritei, enquanto me sentia a asfixiar, os meus músculos apertados.

Deixei de ver o céu vermelho e tudo à minha volta e dentro de mim era escuridão.

*

Senti o vento quente a queimar-me a pele e a despentear o cabelo suado. Abri os olhos. Estava de volta ao mundo *normal*, como se aquele cenário de pesadelo escarlate tivesse sido ilusão. Quase me desequilibrei quando percebi que estava na beira de um penhasco que dava para o mar. Ao longe, vi a Casa da Lua. Olhei depois para os meus pulsos, livres das amarras.

Não sabia como havia ido ali parar e já nada fazia sentido. Ou talvez fosse eu que já não fazia sentido, a minha mente finalmente em estilhaços.

Notei movimento humano, no mar, lá em baixo. Apesar da espuma das ondas, consegui ver uma pessoa a debater-se na água. Reconheceria aquele cabelo loiro em qualquer lado. Era Noa. Sem pensar no risco que era saltar daquela altura, atirei-me, sentindo o choque com a água fria e a violência da maré.

Reuni toda a energia que ainda me restava para nadar em direção à minha irmã. Agora já não tinha sombras para me ajudar, era minha toda a responsabilidade de a salvar. Quando cheguei à área onde supostamente estava, mergulhei. O pânico ameaçava dominar-me, quando percebi a imensidão de oceano que estava a querer roubá-la de mim, e eu sem sequer um sinal seu. Até que a vi, flutuando naquele azul intenso como uma medusa. Nadei até ela e puxei-a comigo até à superfície. Quando emergimos, ambos tossimos violentamente, ávidos de ar e de vida. Quando percebeu que era eu, abraçou-me.

Enfraquecidos, nadámos até à praia, deixando que a força das ondas nos empurrasse. Cambaleámos até à areia seca e deixámo-nos cair de braços abertos. Àquela hora, havia algumas pessoas na praia, correndo alarmadas até nós. Depois de acalmar, Noa abraçou-me novamente, as suas lágrimas quentes misturadas com a água salgada no meu ombro.

— Sabes bem que não podes nadar até muito longe, maninha — brinquei eu para aligeirar a situação.

— És gozão até numa situação destas — respondeu, sorrindo. A sua expressão ficou imediatamente séria. — Que aconteceu contigo?

— Não sei. Não consigo explicar as últimas horas...

— Havia alguém na casa. Ouvi-o dizer que levaram o Jeremias, mas não sei para onde. Temo pela Cibele também.

— Já é fim da tarde. Como é que passou tanto tempo? — perguntei, distraído e hipnotizado pelo pôr do Sol.

— Sabia que não devia ter-te deixado sozinha.

Olhámos os dois para um homem da minha idade que surgia por entre as pessoas. Apaixonei-me imediatamente pelas suas intrincadas tatuagens nos braços. Pareciam vivas.

— Leo? — chamou Noa.

— Liguei-te várias vezes. Já tenho as imagens prontas, mas não sei se estão preparados para elas.

— Temos de ajudar o Jeremias. Também estou preocupada com a Cibele.

— Talvez estas imagens possam ajudar — respondeu Leo. — Não sei se será seguro ficarmos aqui, especialmente com o que acabou de acontecer com vocês.

Eu e Leo ajudámos Noa a levantar-se e a sacudir a areia. Estávamos a tremer de frio enquanto caminhávamos pela areia. Olhei para a casa no topo da falésia, o rasgão no céu a derramar escuridão líquida por cima das suas paredes. Imaginei-me um guerreiro a destruir aquilo tudo.

Junho de 1999

Jeremias não se conseguia manter atento àquela aula de História, mesmo sendo uma das suas disciplinas favoritas. A voz do professor parecia um eco distante, assim como as conversas e os murmúrios dos colegas. Ultimamente, andava tão cansado e com tanto sono, que tomar atenção às aulas era um martírio. Acordava mais cansado do que quando se deitava, uma infinidade de imagens de estranhos sonhos que se evaporavam nos raios de Sol que entravam de manhã pelas frestas da persiana. Tinha de manter a concentração ou aquele cansaço iria afetar as suas boas notas, das poucas coisas positivas que o mantinham à tona na escola.

Olhou inadvertidamente pela janela, de queixo apoiado na mão, vendo a lentidão da passagem do tempo lá fora. Nada acontecia a não ser um homem em tronco nu, que parecia trabalhar numa obra ali perto. Mesmo àquela distância, conseguia ver a pele suada a reluzir ao sol. E parecia enorme e musculado. A sua mente passou de distraída a atenta perante a visão daquela figura, os seus pensamentos pecaminosos que mantinha escondidos a quererem escapar. Era tão parecido àqueles homens que via às escondidas na Internet... De súbito, o homem parou o que estava a fazer e pareceu olhar na sua direção. O peso do olhar no seu, acompanhado por um sorriso malevolente, fizeram-no sentir que tinha sido descoberto a meio de um crime. Como podia ele notar que um aluno o observava de uma janela fechada a tanta distância? E porque é que o homem, de repente, lhe parecia tão familiar?

Uma bola de papel a bater na sua cabeça acordou-o daquele feitiço. Ao fundo da sala, dois colegas riam dele, os mesmos que costumavam atormentá-lo nos intervalos e durante as aulas de

Educação Física, o «marrão que parece um maricas», que era gozado em qualquer escola onde estivesse. O professor nem sequer interrompeu o discurso mecânico, e Jeremias fez um esforço para ignorar a atitude, como sempre fazia. *Está quase a acabar. Depois é só mais um ano*, pensou ele para tranquilizar a sua mente.

Ao soar o toque, esperou que todos saíssem da sala. Olhou novamente para o exterior, mas o homem já tinha desaparecido. A imagem do seu sorriso e olhar intenso deixaram um arrepio na pele e, por momentos, sentiu medo de sair do recinto para ir ter ao trabalho da mãe. Talvez se sentisse mais calmo na companhia da sua família, embora isso o fizesse sentir covarde.

O corredor estava cheio de alunos que se preparavam para partir. Havia um intenso cheiro a suor no ar, o verão prestes a chegar pesava sobre aquela maré de adolescentes. Jeremias procurou pelos irmãos, mas optou por sair sozinho. Não era assim tão longe. Tão esquivo e preocupado com a sua fuga, que nem reparou que alguém o observava de um canto do corredor, à espera de atacar.

*

Cibele olhou para o ecrã do seu *Nokia* enquanto arrumava os livros e cadernos na mochila. Ao seu lado estavam já duas colegas que a impediram de ler as três mensagens que recebera. Ao contrário dos seus irmãos, ser nova na escola era motivo de exaltação, aquela rapariga bonita e até exótica que vinha da grande cidade, atraindo raparigas e rapazes que orbitavam ao seu redor. Apesar da sua crescente popularidade, ser querida e simpática para todos eles era cada vez mais um esforço, especialmente porque andava cansada naquelas últimas semanas. Felizmente as férias de verão estavam a chegar e poderia descansar de todo aquele aborrecimento de aulas e falsidade de colegas.

Tentando escapar às lapas das suas amigas, foi para a casa de banho e fechou-se num dos cubículos. Como era fim do dia e todos se preparavam para ir embora, estava vazia. Sentou-se na sanita fechada e abriu avidamente as mensagens do rapaz com quem andava a falar no mIRC havia meses. Estava completamente viciada na forma como ali podia ser várias pessoas diferentes. No entanto, com aquele rapaz de treze anos, mais um ano do que ela, o caso era outro. Em todas as oportunidades que tinham, conversavam *online* ou trocavam

mensagens de telemóvel. Ele também vivia na região sul, mas na outra ponta. Já tinha recebido a fotografia dele e era tão giro! Até achava que era parecido ao Nick Carter dos Backstreet Boys.

As mensagens eram sempre muito românticas, e Cibeles respondia com o mesmo carinho. Estava ansiosa por chegar a casa e se apoderar do computador para falar mais com ele. E aí do irmão que o quisesse usar!

Ouvindo alguém entrar na casa de banho, o som das conversas dos alunos, no corredor, seguido de passos de sapato de salto alto a ecoar ali. *Alguma professora*, pensou ela. A pessoa abriu a torneira e começou a rir alto, um riso quase descontrolado e aterrorizante. Cibeles assustou-se com aquela atitude despropositada para uma docente. Espreitou pela fresta da porta fechada, mas apenas conseguia ver as costas da mulher, que estava virada para o espelho. Usava um vestido preto e tinha o cabelo solto em cachos muito compridos.

De súbito, o riso parou e viu-a tocar na cara com as duas mãos como se estivesse a limpar qualquer coisa. Na bacia, algo caiu com um som viscoso. A mulher estava agora a chorar, um murmúrio baixinho que ia aumentando o volume até praticamente estar a gritar de desespero. O choro parecia vindo de um filme de terror, o que obrigou Cibeles a tapar os ouvidos e a recuar para cima da sanita com medo daquela mulher louca.

Demorou muito até se calar. A mulher precisava claramente de ajuda. Com a casa de banho novamente em silêncio, Cibeles ganhou coragem para espreitar de novo. Viu a mulher sair dos lavatórios e entrar no cubículo ao lado. Assim que o fez, Cibeles saiu rapidamente do seu. Antes de fugir dali, olhou da porta fechada do cubículo para o lavatório, que estava todo sujo com algo escuro semelhante a sangue. No corredor, olhou para os poucos alunos e professores que ainda ali restavam, mas parecia que ninguém tinha ouvido nada. Sentindo o coração ainda acelerado com aquele estranho encontro, saiu da escola para a segurança da sua família.

*

Tomé gostava de tomar sempre o caminho mais longo para o trabalho da mãe, a alguns minutos da escola. Ao contrário de Cibeles e Jeremias, dava sempre a volta por trás do recinto e seguia por uma rua diferente para o Centro de Línguas daquela pequena cidade. Até a

sua escola ia do 5.º ao 12.º ano, uma bizzarria em relação à cidade de onde vinha, com dezenas de estabelecimentos de ensino.

Não tinha paciência para passar mais tempo com os irmãos do que o necessário, e desde que ingressara naquela escola não havia feito nenhum amigo. Preferia o conforto da sua própria companhia a tentar convencer todos os colegas de que não era nenhum maluquinho. Nos intervalos, ficava na biblioteca a ler e a reler livros da coleção dos *Arrepios* ou das *Aventuras Fantásticas* para depois se imaginar numa dessas histórias quando percorria sozinho o caminho para o trabalho da mãe. Estar entre colegas era sempre tão avassalador para si, muitas vezes, muitas emoções, muito tudo, deixando sempre a sua cabeça *desarrumada*. Andava exausto ultimamente. Ainda não tinha recuperado o sono naquelas últimas semanas e parecia estar a piorar. Era como se aquela casa fosse má para si!

Naquele dia, começara um novo livro requisitado que o fascinara mais do que qualquer outro que já lera — *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Sentindo o seu peso na mochila, avançou pelo caminho de terra atrás da escola. Um conjunto de gatos deambulava pela vegetação que ladeava o caminho, e Tomé imaginou uma varinha na sua mão, enquanto combatia enormes monstros fantásticos e feiticeiros negros, gestos elaborados como se fosse aluno de Hogwarts. Os gatos observavam-no com desdém, mas isso não o demoveu de continuar a sua demanda.

A mãe demorava-se sempre nas suas aulas, mas já estava a ficar tarde, pelo que continuou a passo apressado. Ao fim de alguns minutos, ouviu gritos abafados e risadas num descampado entre casas em construção. Aproximou-se do local e viu alguém prostrado no chão com dois rapazes a pontapeá-lo. Olhou para a areia e reconheceu aquela mochila e os livros e cadernos espalhados. Era Jeremias. Assolado por uma extrema necessidade de proteger o irmão, correu na direção deles, o seu corpo escanzelado a embater contra aqueles adolescentes com o dobro do seu tamanho. Um deles efetivamente caiu, desprevenido, e Tomé, num impulso, começou a esmurrá-lo com as suas mãos magras. O outro atacante agarrou na mochila de Tomé e atirou-o para longe como um boneco de trapos. Viu o rosto do irmão cheio de areia e sangue a olhar para ele. Isso ainda o motivou mais, correndo novamente para eles, pontapeando o rapaz mais entroncado.

— ‘Tás a gozar comigo, puto? Tens o quê, dez anos? — disse o outro, que se levantava do chão.

— ‘Tá a proteger o paineliro do irmão. Gente maluca da cidade grande — disse o mais alto, agarrando com força nos cabelos de Tomé e atirando-o novamente para longe.

Deitado no chão, cheio de areia, quando os seus olhos se cruzaram com os do irmão, foi como se toda a sua humilhação e raiva se tivessem transferido para Tomé. Novamente dominado por uma intensa sensação de revolta, agarrou numa pedra ao pé de si e correu na direção dos dois rapazes, saltando para cima deles como um selvagem. A sua visão ficou turva, e pareceu estar a lutar contra dez pessoas em vez de duas, os seus golpes rápidos e violentos, os seus berros ainda agudos de criança, perdidos por entre os grunhidos dos outros.

Quando Tomé acordou daquela quase possessão, a primeira coisa que viu foi o céu nublado e depois o rosto ensanguentado do irmão a puxá-lo pela areia daquele terreno baldio. Afastando o toque do irmão com uma chapada, levantou-se num salto. A sua *T-shirt* estava cheia de areia e sangue que nem percebia se era seu. Ao longe, viu os dois rapazes a cambalear para longe deles, um deles agarrado à cabeça empapada de sangue escuro.

— Que raio te deu, Tomé? — perguntou Jeremias ainda ofegante.

— Nem agradeces?

— Não te pedi ajuda. És apenas um miúdo. Sei lidar com os meus problemas.

— Vai-te foder!

Jeremias olhou aturdido para o irmão. Não era nada dele ter aquele comportamento e usar aquela linguagem. Tomé imediatamente se arrependeu daquelas palavras que sentia não serem suas. Nunca havia proferido aquela expressão. Sentiu vergonha.

Ambos arrumaram as mochilas e o material escolar sujos e caminharam afastados e calados até ao trabalho da mãe. Quando lá chegaram, tanto Júlia como Cibeles ficaram alarmadas com o estado lastimável deles. Até Gabriel olhou assustado para os irmãos, do interior do carro. Nenhum dos dois quis falar sobre o que se passara, apesar da insistência frustrada da mãe. Toda a viagem até casa decorreu no mais completo silêncio. No entanto, cada um dos irmãos

estava praticamente a gritar no violento remoinho das suas mentes, Jeremias lembrando-se dos fugidios vislumbres do homem enorme a observá-los, e Tomé, das sombras que o rodeavam ao longo da luta.

*

Júlia acordou a meio da noite com a cama vazia ao seu lado. Adormecera a meio da leitura do livro de Danielle Steel que tinha comprado nessa semana. Olhou para o despertador na mesa de cabeceira e viu o quão tarde era. Já não faltava muito para amanhecer. Onde estava Mateus?

Levantou-se para procurar pelo marido, não tivesse adormecido a ver televisão ou a meio do trabalho. A sala de estar encontrava-se vazia, subiu novamente para o observatório, mas também não estava lá. Não resistiu à tentação de bisbilhotar aquele local. Podia muito bem ser apanhada, mas, ao mesmo tempo, não conseguia livrar-se daquela sensação doentia de que o marido andava a fazer algo que não devia. Aproximando-se da secretária, viu algumas folhas com anotações sem grande interesse, mas havia algo mais a espreitar por baixo da base da secretária — cartas de *tarot*. Lembrou-se imediatamente daquela manhã com a jovem mulher, meses antes, enquanto olhava para as cartas do Louco, do Diabo, da Sacerdotisa, dos Amantes e do Ermita. Porquê essas, especificamente, e porque andava o marido envolvido com o oculto?

Não se demorou mais por ali. Deixando os objetos na mesma posição, saiu, entendendo que aquele era um golpe na confiança do casal. Restava-lhe procurar no quintal e foi aí mesmo que encontrou o marido, sentado numa cadeira, de olhos fechados e copo vazio ao lado. Quando tocou no rosto de Mateus, ele abriu imediatamente os olhos.

— Estás gelado. Estás aqui há muito tempo? — perguntou ela.

— Algum. Não consegui dormir, então vim para aqui para pensar. Há qualquer coisa nesta paisagem da madrugada que me acalma.

— Ao menos vestias um casaco.

— Sim, *mãe* — respondeu ele, com um sorriso. — Desculpa-me, não quis preocupar-te. Não é hábito acordares a meio da noite, achei que não ias reparar.

— Tens razão. Mas senti falta do teu calor ao meu lado — brincou

ela.

— E encontraste o que querias no observatório?

— Como? — Júlia sentiu o seu coração saltar um batimento com aquela pergunta.

— Vi as luzes. Ficaste lá algum tempo. Nunca te proibi de lá ir. Podes entrar quando quiseres, não tenho nada a esconder.

— Estava apenas à tua procura. Estava preocupada.

— Estou a brincar contigo — explicou ele, puxando-a para o seu colo e beijando-lhe o pescoço. — Agora estou mais quente.

Júlia acabou por relaxar e ceder aos carinhos do marido, ficando enroscados a ver o nascer do Sol. Porém, nos meandros da sua intuição, sentiu que aquela casa e os seus segredos estavam lentamente a roubar-lhe o marido.

Jeremias

O meu despertar foi lento e confuso. Primeiro, a sensação de peso nos olhos, como se estivessem colados. Depois a dor surda a martelar-me a cabeça, impedindo-me de me lembrar dos últimos momentos antes de cair na inconsciência. Estava deitado numa cama e num quarto desconhecidos. Enquanto os meus olhos se habituavam à claridade fraca que entrava pela janela comprida, analisei as paredes de pedra, repletas de quadros. Havia também um odor a mofo misturado com ambientador.

Quem quer que me tivesse levado para ali não me tinha amarrado. Caminhei até à porta, apoiando-me na parede, ainda sentindo as pernas dormentes e uma intensa vontade de vomitar. Estava trancada. Atravessei o quarto até à janela, adornada por pesadas cortinas vermelhas, quase tropeçando na tapete de padrões intrincados que me deixavam ainda mais tonto. Estava igualmente trancada. Lá fora, observei um mar imenso, pintado de laranja de final de tarde. E, num ponto branco ao longe, vi a Casa da Lua. Analisando uma vez mais a cor daquelas paredes e os rochedos da costa, percebi que estava no interior do Castelo de São Rafael.

Encostei-me à janela e observei os quadros que enchiam o quarto. Cada um deles era de um estilo artístico muito distinto, mas todos retratavam figuras humanas envoltas em símbolos místicos. A maior parte era sombria, como pinturas de alguém com perturbações mentais.

O quadro que se destacava mais, de frente para a cama, com um arcanjo que presumi ser São Rafael dominado por uma enorme sombra que brotava da terra.

Já te lembras agora? De como aqueles gajos te atacaram? Sabes lá o que

já fizeram com os teus irmãos por esta altura, violados, esventrados, decepados. E tu, como sempre, um covarde que nada fez para os proteger. Metes-me nojo. A tua única redenção é fazer o mesmo com a próxima pessoa que entrar por aquela porta.

Apertei os punhos contra as têmporas, tentando silenciar a voz que me contaminava. Tinha de resistir e afogá-la nas profundezas da minha mente como sempre fazia. Quase tive medo de reabrir os olhos, o receio de encontrar o *Homem* ali comigo, mas felizmente continuava sozinho.

Percebendo que fora raptado por algum motivo ainda desconhecido, de repente o quarto tornou-se claustrofóbico. A falta de respostas e aquele silêncio absurdo ameaçavam corroer-me a sanidade. Não adiantava gritar ou bater na porta ou na janela. Quem me mantinha ali planeava o meu rapto, e podia apostar que estava relacionado com o meu pai.

O cabrão do teu pai. Mais uma vez a deixar-te na merda, não é? Que segredos nefastos guardou todos estes anos para te fazer isto? Que crimes ou pecados? Como se não tivesses já problemas suficientes. Devias ter colado uma almofada no rosto dele quando o viste naquela cama de hospital.

— Para com isso! — gritei, deslizando pela parede até ao chão e puxando o cabelo.

Estava sozinho, preso num castelo que julgara abandonado, sem pista alguma sobre nada ou sobre o paradeiro dos meus irmãos. E o pior de tudo: não havia garantias de que a pessoa ou pessoas envolvidas não estavam a observar cada momento do meu desespero, aguardando a altura certa para agir.

Não sei quanto tempo fiquei ali, no chão, até ouvir barulho do outro lado da porta. Um homem com roupa preta como a dos que me haviam atacado destrancou-a e entrou. Conseguia ver-me refletido nos enormes óculos que escondiam o resto da cara. Atirou com um fato para cima da cama, sem palavras, e ficou à espera que eu reagisse. Podia atacá-lo e tentar fugir, sendo eu mais alto que ele. Mas desconfiava de que tinha alguma arma escondida ou que mais homens esperavam por mim no corredor.

Covarde!

Levantei-me e analisei camisa, calças e *blazer* pretos em cima da

cama. O homem não arredou pé, pelo que despi a minha roupa suja e suada ali mesmo e mudei para aquele fato sóbrio. O homem saiu, deixando a porta aberta, e percebi que deveria segui-lo.

O corredor era mais sumptuoso do que o quarto, todo decorado com panos vermelhos e dourados. Havia algo suspenso no ar que me dizia que todo aquele luxo estava escondido havia algum tempo naquele castelo. Percebendo que iria encontrar-me com alguém importante para ter mudado de roupa, passei a mão pelo cabelo numa tentativa vã de parecer mais apresentável.

Percebi que havia música abafada a preencher o ambiente.

O homem abriu duas grandes portas de madeira brilhante e recuou, atirando-me para o meio de uma multidão bem vestida, num enorme salão de tetos e janelas altos e um ostentoso lustre no centro. Com um olhar mais atento, percebi que todas estavam mascaradas, daquele tipo de máscara clássica com adornos, o que tornava o ambiente ainda mais luxuoso e misterioso. Com a música de *rock* sinfónico agora bastante alta, aquela festa tinha empregados a circular com canapés e copos esguios, e grupos de pessoas cuja superficialidade se sentia a milhas. Era o tipo de local que Cibele adorava e de que eu fugia a sete pés.

Senti-me pequeno e deslocado entre aquelas pessoas, até porque, tirando os empregados, era o único sem máscara. Caminhei entre elas, sentindo que todos me analisavam e que segredavam sobre mim. Podia até jurar que estavam fascinados comigo. Não sabia ao certo para onde ir ou com quem falar, ainda atordoado com aquela situação insólita.

No fundo da sala, um conjunto de pessoas contemplava quatro esculturas que estavam em exposição em cima de blocos de mármore — uma mulher, sentada num trono com dezenas de máscaras no seu colo, e, a seus pés, um homem com uma enorme figura demoníaca sobre si, um casal entrelaçado como se os seus corpos fossem um só, e uma figura branca no centro de dezenas sombras negras que formavam uma espécie de coroa. As detalhadas esculturas eram de um estilo que nunca tinha visto e fascinavam-me ao mesmo tempo que me assombravam. E foi então que reparei que nos cubos onde repousavam as esculturas estavam legendas com os mesmos arquétipos de Jung que vira na sala secreta do meu pai.

Senti o olhar pesado de um homem solitário de barba castanha a observar-me atentamente de um canto do salão. A sua máscara era mais simples, mostrando apenas um par de olhos incisivos.

Ao contrário dos outros convidados, não bebia nada. Algo nele me era vagamente familiar. Começou a caminhar na minha direção, mas deteve-se quando olhou para trás de mim.

— Jeremias, meu caro. Ainda bem que apareceste! — cumprimentou uma voz alta para se fazer ouvir sobre a música.

Virei-me e dei de caras com Basílio, o amigo do meu pai que reencontrara no hospital. Mesmo com máscara, consegui reconhecer logo a sua voz e a postura. Deu-me duas palmadas no ombro como se fôssemos velhos amigos.

— Está tudo bem? Pareces perturbado — perguntou ele, com falsa preocupação.

— Que significa isto, Basílio? Porque me trouxeram para aqui?

— Não percebo. Tens a certeza de que está tudo bem? — insistiu ele. — Entendo que a situação do teu pai seja preocupante, mas quando te convidei para esta festa, achei que seria bom para te distraíres.

Ele está a manipular-te. Olha bem para a cara de cabrão dele. Está envolvido neste embuste e agora está a tentar convencer-te de que o doido és tu. Dá-lhe um soco! Parte um copo e espeta-lho no pescoço! Força! E depois começa a partir esta merda toda!

— Talvez seja melhor irmos para um local mais sossegado — convidou ele, observando os meus punhos fechados. Só aí percebi a força que estava a fazer, já com as unhas a entrar na carne. Basílio pôs a mão nas minhas costas, forçando-me a avançar. — Não vais querer fazer uma cena aqui. Vem comigo.

Olhei por cima do ombro, mas o estranho homem que vinha falar comigo desaparecera. Por algum motivo, sentia que era diferente de todos os outros que ali estavam. Um forasteiro como eu. Alguém que talvez me pudesse ajudar.

A energia da festa mudou abruptamente. As pessoas já não estavam curiosas ou fascinadas comigo, antes receosas. À medida que atravessava o salão atrás de Basílio, afastavam-se como se eu fosse um tresloucado prestes a atacar toda a gente. Se eu cedesse aos meus impulsos latentes, talvez acontecesse isso mesmo.

Basílio levou-me para outro corredor mais estreito. Chegámos a uma biblioteca com uma lareira enorme e austeras estantes cheias de livros que talvez nunca tivessem sido manuseados. O calor lá dentro era quase insuportável. Atirou com a máscara para uma secretária, encheu dois copos com *whiskey* e entregou-me um deles. Recusei.

— Preciso de uma explicação. Que se está a passar aqui? — perguntei.

— Uma festa, Jeremias. Em sua honra.

— Que quer dizer com isso?

— Se os teus irmãos estivessem aqui, seria uma festa mais composta. Mas tivemos alguns *contratempos*.

— Que fez com os meus irmãos?

— Calma, Jeremias. Isto não é um filme. Não tenho nenhum interesse em entrar nesse tipo de diálogo forçado. Já não tenho idade para essas coisas — Basílio sentou-se numa das poltronas, com um longo suspiro, e bebeu um trago. Mantive-me de pé para analisar melhor todos os seus gestos e comportamentos. — Senta-te, por favor. Esse ar de mártir não te fica bem.

— Prefiro ficar de pé.

— Teimoso como o teu pai. Era um dos traços da sua personalidade que mais me irritavam.

— É. Ainda está vivo.

— Não precisas de fingir que te importas com ele. Moralidade é algo que já não existe nos dias de hoje. Sei muito bem que preferias que nunca tivesse aparecido ou até que tivesse morrido. Ter reaparecido é um fardo para ti. Tens receio de que retome o lugar que assumiste quando desapareceu.

— É meu pai, apesar de tudo.

— Era teu pai. Até te abandonar. Mas o abandono veio muito antes de desaparecer das suas vidas, não é?

— Onde quer chegar com esta conversa? — perguntei eu, cruzando os braços.

— Deixa-me perguntar-te isto: quem achas que são aquelas pessoas que estão na festa? — apontou ele com o copo para a porta.

— Não faço ideia.

— Ainda que prefiram manter as identidades em segredo, por

motivos óbvios, cada uma daquelas pessoas foi ajudada pelo Mateus ao longo destes anos. E deixa-me que te diga que são pessoas mesmo muito importantes, muito mais do que tu e eu certamente. Depressões profundas, traumas, vícios, obsessões incontroláveis... O teu pai conseguiu tratar quase todas elas. Tornou-se num herói.

Aquela história foi uma faca espetada no peito, imaginar que o meu pai abandonara a família para ajudar um conjunto de estranhos, ricos e poderosos. Ele não era assim...

— E tudo isso nasceu com vocês. Por esta altura, já debes ter percebido que o Mateus fez experiências com os filhos naquela casa. Até eu só tomei conhecimento disso há pouco tempo e fiquei deveras chocado com o meu amigo, sempre tão correto, por ser capaz de fazer algo assim. Sempre achei que estivesse relacionado com aqueles que se tinham voluntariado para o estudo. Mas devia ter percebido que o Mateus daria um passo mais à frente para não ver os seus objetivos prejudicados. Admito que não foi o processo mais ético. Posso até dizer que foi cruel o que fez com vocês. Caramba, tenho cinco filhos de três mulheres diferentes e até eu era incapaz de fazer isso — riu-se ele. — Mas ao ver os resultados fantásticos que alcançou, tive de me render e aceitar que foi a melhor decisão.

— Que experiências fez ele connosco?

— O teu pai sempre foi muito fechado e cauteloso. Sou o seu melhor amigo e, ainda assim, parece que não conheço nem metade dos seus segredos. O mundo não estava preparado para a sua genialidade. Há quem considere que ainda não está, ele incluído. Mas eu faço parte daqueles que acreditam que é o momento para dar um passo em frente. Melhor ainda, um salto. Eu, todos aqueles que estão na festa e todos os outros que não puderam estar presentes, mas que já fazem parte desta *família*. Foi por isso que os atraí até à casa e te trouxe para aqui. Quero mostrar o seu potencial.

— Pare de falar por enigmas e diga de uma vez por todas o que se está a passar aqui e o que quer de mim e dos meus irmãos.

— Jeremias, antes de avançar mais, quero que fique bem claro que não és um simples peão neste jogo — anunciou ele, com uma expressão pesada e até cansada. Bebeu o resto do *whiskey* e escreveu qualquer coisa no telemóvel. — Isto é muito maior do que imaginas. Em todos estes anos que tratou estas pessoas, parecia haver alguma

coisa em falta. O Mateus parecia retraído, hesitante em avançar para voos mais altos. O teu pai bem tentou escondê-lo durante todos estes anos, mas a verdade é que tu e os teus irmãos são as chaves para que a humanidade se possa transformar.

— Que fez com os meus irmãos?

— Chega de perguntas. Nada será feito contra ti ou os teus irmãos se seguirem exatamente o que for pedido. Isto também é para seu benefício. Vamos.

Voltei a seguir Basílio, desta vez subindo por uma escada e entrando numa sala rodeada por cortinas vermelhas. Do outro lado, conseguia ouvir o ruído das pessoas da festa, mas sem música. Dois homens de negro chegaram acompanhados por outro que estava amarrado e com um saco preto na cabeça. O prisioneiro foi obrigado a ajoelhar-se a meus pés. Basílio voltou a pôr a máscara e sorriu triunfantemente para mim.

— Se não queres que aconteça nada aos teus irmãos, vai ter de acontecer algo com este homem. Só tens de convocar a sombra que te acompanha.

Basílio tirou o saco da cabeça do homem no preciso momento em que as cortinas se abriram e a multidão começou a bater palmas.

Era Tiago. Amordaçado e prostrado. Quando se virou para mim, o seu olhar era um misto de raiva e de súplica. Até a voz negra dentro de mim ficou em silêncio. Estava perante uma chantagem da qual não tinha escapatória.

Atrás de mim, senti a mão grande do *Homem* a pousar sobre o meu ombro.

Cibele

Se há uns dias me tivessem perguntado se me imaginava fechada no quarto de um castelo com decoração piroso e enjoativa por causa do meu pai, desataria a rir. Mas era onde estava, embora ainda não soubesse porquê.

Não insisti muito com perguntas àquela mulher que me conduziu até ali, pois tinha percebido, desde logo, que só teria silêncio de volta. Ainda não era o momento para respostas. Ao menos dera para perceber que afinal o autocarro estava já muito perto da minha cidade, para a segurança do meu lar e da minha família, e que a *Mulher das Máscaras* estava por trás desse meu momento de possessão.

Por mais estúpido que pudesse parecer, nem sequer me lembrava do nome daquele castelo. Nunca lhe tinha prestado muita atenção, quando vivi na Casa da Lua, especialmente porque na altura estava abandonado e ainda mais isolado do que nós. Fantasias sobre aquele local era hábito dos meus irmãos mais novos. Mas depois de passar por carros luxuosos estacionados dentro dos muros, corredores luxuosos e música de festa, percebi que afinal deveria ter tomado mais atenção.

Ainda que tenha ido para ali voluntariamente, tanto a porta como a janela do quarto estavam trancadas. Não os censurava. Se possuíam informações sobre mim, sabiam que não era a pessoa mais confiável do mundo. Apenas me desleixara a escondê-lo nos últimos anos.

Havia espelhos por todo o lado, confundindo-me ao ver a minha triste figura em vários ângulos. Nem parecia eu. Reparei no vestido e nos sapatos na poltrona, ambos de marca. Conseguia sentir o luxo só de os tocar. A casa de banho também estava recheada de produtos de

higiene e beleza novos, pelo que não hesitei em tomar um longo duche quente e aperaltar-me. Olhei da roupa suja de lama, descartada no chão, para os meus reflexos. Quem entrasse por aquela porta iria lidar com a Cibele no seu esplendor.

Tudo aquilo era um convite para a manipulação, mas talvez não soubessem que esse era um dos meus maiores traços de personalidade e aquele que me dava mais prazer usar. Sentei-me na poltrona de pernas cruzadas a observar o céu estrelado, consciente de que estava a ser observada. Mantive o meu rosto calmo e gestos serenos, mas, por dentro, estava apavorada. Descobria naquele momento de crise o tipo de mãe que era ao pensar se iria voltar a ver os meus filhos ou se também eles estariam em perigo. Também estava preocupada com os meus irmãos, possivelmente também vítimas daquele *rapto*.

Ouvi a tranca da porta. Era a mulher que me conduzira até ali. Agora que conseguia observá-la com mais atenção, percebi que era mais velha, talvez na casa dos sessenta. Nem a maquilhagem pastosa e rachada conseguia esconder isso. Era mais pequena do que eu, e o terrível vestido de lentejoulas tornava-a ainda mais baixa. A mulher sentou-se aos pés da cama e sorriu.

— Cibele, o meu nome é Aida. Pedimos desculpa pela forma como a trouxemos para aqui. Admito que não lidámos muito bem com a situação.

— Sim, ser transportada para aqui sem explicação e trancar-me num quarto não é a minha ideia de boas-vindas.

— O seu sarcasmo é compreensível. Aliás, até o considero a melhor reação possível. Tudo teria sido mais fácil se não se tivesse ido embora daquele autocarro e depois fugido. Mas surpreendeu-me ao aceitar vir connosco sem resistência e sem mais nenhum *episódio*.

Estremeci quando usou aquele termo de forma tão incisiva. A última vez que o ouvira tinha sido semanas antes do desaparecimento do nosso pai. Isso deixou-me a pensar no tipo de informação que sabia sobre o meu passado.

— Se tudo tivesse corrido como planeado, teríamos tido uma agradável e esclarecedora conversa no hotel onde estava hospedada — disse ela, deixando-me alarmada.

Afinal, estávamos a ser vigiados. Imediatamente recordei todas as pessoas com quem me cruzara nos últimos dias: os pais dos colegas

dos meus filhos, Basílio, Lucas Blackburn... um dos meus irmãos?

De repente, pelo canto do olho, vi a *Mulher das Máscaras* surgir nos vários espelhos do quarto. Por um lado, era aterrador vê-la de tantos ângulos, mas agora sabia que a minha única alternativa era ceder, como devia ter feito antes de ser levada para ali.

— Presumo que vá explicar o porquê de estar aqui então — insinuei eu.

— Obviamente. E que fique claro que não é nem será nossa prisioneira. A porta estava trancada apenas para a proteger. Já agora, espero que o vestido e os sapatos sejam do seu agrado.

— São lindíssimos. É como se conhecessem bem os meus gostos — brinquei, de forma casual. A mulher não deixou transparecer se estava a acreditar na minha simpatia ou não.

— Bem, para começar, devo dizer que sou admiradora do seu pai. Mas recentemente tomei conhecimento de que decidiu abandonar os filhos há algum tempo. Nem sabia que tinha família. Tenho de admitir que fiquei desiludida quando soube, mas ao mesmo tempo entendo que teve os seus motivos.

Notei movimento nos espelhos. A *Mulher das Máscaras* arrancou o rosto e estava agora a chorar. Logo de seguida, senti os meus olhos a ficarem aguados.

— Sim, não foi fácil crescer sem o meu pai. Amava-o muito, e o seu desaparecimento abalou toda a família. Tudo o que desejava era que voltasse para se explicar e para que eu pudesse perdoá-lo.

Limpei as lágrimas com a ponta dos dedos, mas a mulher prontamente tirou um lenço de uma das gavetas e entregou-mo.

— Sei que provavelmente não serve de consolo, mas o seu pai ajudou muita gente ao longo destes anos. Eu incluída. As suas terapias revolucionárias contribuíram para a cura de muitas pessoas.

— Sim. Sempre foi um homem ambicioso, mas com coração de ouro — afirmei, a voz ligeiramente tremida. — Se ao menos eu pudesse falar com ele para que me contasse tudo.

A mulher estava hesitante em falar mais do que devia. Conseguia senti-lo. A *Mulher das Máscaras* estava agora com novo rosto, um de intriga e curiosidade.

— A Cibebe conhece as teorias de Carl Jung?

— Confesso que, com tudo o que aconteceu, ganhei alguma aversão à Psicologia. O meu irmão mais velho acabou por se interessar mais e seguir essa área.

— O seu pai sempre foi muito interessado nos seus estudos, a ponto de os usar como base da sua investigação. Jung estava centrado na teoria do inconsciente coletivo, algo que todos nós, humanos, herdamos dos nossos antepassados e partilhamos desde a nascença, sejam medos, instintos ou crenças. O medo da morte, do escuro, de predadores, ou até as bases da mitologia e as religiões são alguns exemplos. Regentes desse inconsciente coletivo, também estabeleceu quatro arquétipos principais que estão dentro de todos nós e guiam a nossa consciência: Sombra, o nosso lado negro; *Persona*, as várias facetas que usamos, consoante a situação social; *Animus* e *Anima*, a forma como percecionamos o Homem e a Mulher; e *Self*, a junção de todas as nossas características e experiências, conscientes e inconscientes.

A *Mulher das Máscaras* estava agora a tapar a boca com as mãos. Apesar daquele momento de Wikipédia, não podia deixar transparecer que já desconfiava de que a sua investigação estava relacionada com tudo o que estava a acontecer.

— O Mateus iniciou a investigação, partindo do pressuposto de que conseguiria alcançar esse inconsciente coletivo dentro da mente de cada pessoa e tratá-la. E, de facto, conseguiu-o. Com recurso a um fármaco muito especial, chegou a uma estratégia em que cada paciente entra no seu próprio inconsciente para enfrentar ansiedades, medos, depressões e impulsos. Não funciona com toda a gente, é certo, mas conseguiu ajudar muita gente — afirmou ela, com um fascínio quase doentio pelo meu pai.

— Mas para prosseguir com a investigação e desaparecer da sociedade, teve de ter a ajuda de alguém ou de alguma organização, certo? E você faz parte dela.

— Eu sou uma mera advogada. Também eu fui ajudada pelo seu pai antes de ser recrutada. Praticamente não conseguia sair da cama quando o meu marido me deixou por uma mulher mais nova. Devo muito ao Mateus, acredite.

— E onde entro eu, e os meus irmãos, ao certo? — perguntei, seriamente.

— Há pouco tempo foi revelado que o Mateus tinha avançado mais na sua investigação do que todos pensavam, algo que poderia intensificar o tratamento criado por si. Aqui entre nós, também sou mãe e percebo porque o escondeu. Apesar de tudo, vocês os quatro foram as cobaias dos primórdios da sua investigação.

— O meu pai usou-nos para os seus testes? — questionei, não conseguindo manter a postura como o estava a fazer até então.

À minha volta, a *Mulher das Máscaras* estava a gritar surdamente, enquanto eu era atingida por imagens soltas de mim, ainda adolescente, deitada numa cama numa prisão de vidro.

— Lamento ser eu a contar-lhe desta forma, mas é justo que saiba a verdade — desculpou-se. Era um brilho de prazer o que via no seu olhar?

— Que tipo de testes fez connosco então?

— O Mateus é um génio! Não conseguiu apenas entrar no inconsciente de cada um de nós, coletivo ou pessoal. Quis também observar e extrair elementos das nossas mentes. E pelo visto foi bem-sucedido. Entende a revolução que isso seria para a humanidade e para a compreensão e controlo da nossa mente?

— Deixe-se de tretas. Raptaram-me para fazer testes comigo tal como o meu pai fez, não é?

— Nada disso. Antes pelo contrário. Desde que se soube disso, ficámos encantados com as suas capacidades. Acreditamos que estejam adormecidas, mas estão aí, sem dúvida. Percebe o quão especiais vocês são, Cibele? Isto pode ser muito benéfico para as suas vidas, mas também para centenas ou milhares de outras. Vocês podem ajudar a mudar a humanidade e o mundo!

— Peço desculpa, mas não consigo acreditar nem em metade do que me está a contar.

A mulher levantou-se da cama, bateu à porta e, poucos segundos depois, entrou outro homem encarapuçado, que trazia duas máscaras de baile.

— Talvez o melhor seja mostrar-lhe o que quero dizer — disse ela, entregando-me uma das máscaras douradas.

Saí atrás dela por um corredor comprido que me fez lembrar um museu. Por trás de duas portas escuras, surgiu um salão ostentoso, repleto de pessoas mascaradas com elegante roupa de gala. Senti-me

imediatamente isolada ao deambular por aquelas pessoas, mesmo sabendo que não me conheciam. Aida parou e agarrou-me no pulso, apontando para duas grandes cortinas.

— É isto que quero que veja — anunciou ao meu ouvido.

O burburinho da festa acalmou quando as cortinas se apartaram e revelaram duas figuras num palco improvisado. Pisquei os olhos várias vezes, incrédula com quem estava lá — Jeremias, confuso e assustado, e Tiago, o meu cunhado, ajoelhado e amordaçado. Num impulso, avancei na sua direção, mas Aida voltou a agarrar-me no pulso com força.

— Espere um momento. Confie em mim — pediu ela.

A multidão aparentemente poderosa e influente que o meu pai tinha ajudado ao longo dos anos começou a bater palmas de forma tão efusiva, que parecia que o meu irmão era uma celebridade. Era como se fosse um deus, de tão impressionadas que estavam. Como se o desejassem. Senti ciúmes, o que me surpreendeu.

Baixei o olhar para o chão encerado e, em vez do meu reflexo, vi novamente a *Mulher das Máscaras*. Olhando novamente para o meu irmão, cada vez mais desesperado, mantive-me na multidão, desaparecendo entre ela como mais uma gota daquele oceano de loucura.

Noa

— Penso que consegui recuperar praticamente tudo — disse Leo, ligando um computador portátil à televisão da sala da sua casa. Era o local mais seguro, tendo em conta o risco que se tornara a Casa da Lua.

— Não tem problema. A Noa já me disse que és dos nossos. Já ajudaste bastante — agradeceu Tomé.

Pude perceber que Tomé gostava dele, o que me aliviou. Certamente sentia o mesmo tipo de energia apaziguadora que eu. Entretanto, contara-me tudo o que se tinha passado na casa e na aldeia: o seu desmaio, o quase estrangulamento de Jeremias, a discussão, o rapto e a fuga. Senti que havia algo mais que não me estava a contar, mas não insisti.

— Leo, talvez seja melhor afastares-te de tudo isto. Está a tornar-se demasiado perigoso e não posso nem quero pôr-te em risco — pedi eu.

— Fora de questão. Já estou demasiado envolvido. Além disso, já lidei com coisas bem piores e bizarras. Não me vou afastar, deixando-os nesta situação, Noa — disse ele, com um sorriso que me desmanchou.

— Continuo a achar que é melhor regressarmos à casa. Podemos encontrar mais pistas — sugeriu Tomé.

— Nem penses! — defendi eu. — Não nos vamos arriscar a ser levados por essas pessoas.

— Concordo com a Noa. Além disso, acho que é melhor assistirem aos vídeos primeiro. Tudo fará mais sentido. Não será necessário verem tudo, não acontece grande coisa na maior parte deles. Mas será o suficiente.

Não sabia ao certo o que esperar das imagens, mas certamente não contava observar o meu pai a fazer experiências connosco num armazém, deitados numa cama dentro de uma caixa de vidro. Apesar de já não reconhecer aquele menino de oito e nove anos, arrepiou-me vê-lo tão vulnerável ao que quer que fosse que o nosso pai estava a fazer connosco. Tomé assistia a tudo com expressão quase insaciável, como se quisesse ver tudo de uma só vez e descobrir aqueles segredos instantaneamente.

— Que sítio é aquele? Para onde nos levava o pai? Não me lembro de nada daquilo! — exclamou Tomé, a falar muito rápido.

— Os vídeos não têm som? — perguntei, reparando nas bocas que se mexiam. Ocasionalmente o nosso pai surgia a passar do outro lado do vidro, agarrado a um caderno onde rabiscava as suas observações.

— Não — respondeu Leo. — Foram gravados mesmo sem som. Talvez a intenção fosse mesmo essa. As imagens mostram cada um de vocês em diferentes momentos. Mas anotei alguns trechos que seria importante que vissem.

— Mostra-nos essas cassetes, por favor — pressionou Tomé.

Leo selecionou algumas cassetes com *post-its* e avançou para o segundo específico de uma delas. Jeremias estava deitado a responder ao nosso pai, mas algo fez que ficasse muito agitado e a contorcer-se, a ponto de o meu pai ter de entrar para o acalmar.

— Espera, vi ali qualquer coisa. Avança *frame* a *frame* — pediu Tomé, atirando-se para a frente com a excitação.

Colocando o portátil em cima dos joelhos, Leo, muito cuidadosamente, foi avançando as imagens para detetar o que Tomé tinha visto. Estremeci quando surgiu atrás do meu irmão uma figura humana translúcida. Parecia um homem em tronco nu e era tão alto, que até tinha de se encurvar dentro da caixa de vidro. Mas o que me aterrava mais eram os olhos totalmente pretos e o sorriso cruel. Mais do que um homem, parecia-me um demónio. Leo olhava confuso de nós os dois para o ecrã e percebi que não estava a ver nada. O que quer que *aquilo* fosse, apenas eu e Tomé o estávamos a ver.

— Que é? Quem é? — indaguei, quebrando o silêncio.

— *Aquilo* é o que a casa nos atirou para cima e que o pai escondeu — respondeu Tomé, com certeza tal, que parecia estar contente por ter razão.

— Achas que o Jeremias o via?

— Acredito que ainda o vê. Entrarmos nesta casa fez com que regressasse. Só pode ser isso.

Com aquelas palavras, senti que as aparições podiam surgir a qualquer momento junto de nós. Quase podia sentir a sua respiração atrás de mim, arrepiando-me a pele da nuca.

— Tu também vias alguma coisa, Noa. Não adianta negares. Se calhar ainda vês.

Imediatamente surgiram na minha cabeça as memórias dos *Meninos*, travessos, mas ao mesmo tempo companheiros em tempos de solidão. Mas tinham crescido como eu e agora surgiam novamente, ávidos da minha companhia.

— A Cibele nega, mas sei que também é como nós — continuou Tomé. — Lembro-me bem da sua mudança de comportamento naquela casa. Sempre me senti sozinho nesta crença de que havia algo mais obscuro na nossa história, algo que nos marcou para a vida. Mas também acredito que alguma coisa apagou as nossas memórias. Quem sabe o pai... para nos proteger.

— Que vês tu?

— Normalmente, pessoas que mais parecem sombras. Nunca consigo identificar nenhuma delas. Quando vivíamos lá em casa não eram tantas. Hoje em dia são centenas. Na maior parte das vezes, só me observam, mas consigo sentir a sua energia quando é malévola. Não consigo explicar como o fizeram, mas a verdade é que me ajudaram a chegar até ti e a salvar-te. Durante muito tempo fizeram-me acreditar que tinha problemas mentais, mas agora estou confiante de que isto é maior do que eu. Do que nós.

— Eu vejo um casal. Foram eles que me atraíram para as grutas e para o mar. Por isso não sei se são tão bons assim...

Dado o histórico que tinha com Leo, não quis aprofundar a descrição dessas aparições, o terem crescido ao mesmo tempo que eu, mas também a sua troca constante de sexos, tornando-os dúbios e confusos até para mim. Agora que ouvia a explicação do meu irmão, percebia que estavam relacionados com a minha transformação, demónios deixados para trás por tantos anos de tortura física, mental e emocional.

— Não estás sozinho, Tomé — disse eu, apertando a sua mão. Senti

que hesitou em afastá-la. — Lamento se alguma vez te fiz sentir assim.

— Eu sei, maninha — sorriu ele. — Mas agora temos oportunidade de saber a verdade e quem sabe de recuperar o que nos foi roubado.

— Precisamos de ajudar o Jeremias. E a Cibele também, ao que parece.

— Desculpem-me por interromper. A Noa já viu uma parte, mas é importante que vejas também estas imagens, Tomé. Foram gravadas recentemente por cima de uma cassete das experiências.

Olhei com maior atenção para detetar alguma coisa que me tivesse escapado — o ar desesperado, o aviso para que não fosse para a casa, o perigo que estava à espreita, o reflexo da caixa de vidro nos seus óculos. Por momentos, aquela cena pareceu-me saída de um filme em nada relacionado connosco.

— Eu sabia que a casa era o centro de tudo. O pai estava a avisar-nos, mas algo correu mal e a mensagem não chegou até nós. Temos mesmo de voltar à casa, é a única forma de descobrirmos mais alguma coisa.

O meu irmão estava cego com a excitação de continuar aquela aventura. Já eu sentia que estava a entrar numa armadilha criada pelos mesmos monstros que levaram Jeremias.

Olhei para as cassetes, empilhadas no chão ao pé da televisão, horas de imagens de autênticas atrocidades dentro do nosso inconsciente, usado pelo nosso próprio pai. Aquele cenário era-me estranho e familiar ao mesmo tempo. Não sabia ao certo de que forma ele conseguira levar-nos para ali durante tantas noites sem ninguém dar por isso. Aos meus olhos, alguém que manipulara e usara os próprios filhos para as suas ambições não era digno de ser chamado de pai. Mas era fácil achar isso daquele homem quando guardava tão poucas memórias suas. Porém Tomé continuava a vê-lo como uma espécie de herói ou mártir. Tinha receio de verbalizar a minha opinião, mas, ao mesmo tempo, a verdade iria arruiná-lo finalmente. Era uma questão de tempo, mas a ruína era certa.

— Tomé, tudo isto é muito perigoso e claramente o pai estava metido em algo que não devia. Tens a certeza de que estás preparado para a verdade?

— Pareces o idiota do Jeremias a falar! — berrou ele, levantando-se com brusquidão. — É nosso pai! Sabe-se lá o que sofreu para gravar

este vídeo e para nos avisar! Ele precisa de nós — suplicou Tomé, com um entusiasmo cego que me feriu.

— Como podes continuar a defender o homem que nos usou e destruiu a nossa juventude e a vida da mãe? — acusei, aumentando o volume da voz, o que o sobressaltou.

— Noa, eu não...

— Quando eu mais precisava do apoio e do amor de um pai, os únicos que estiveram sempre presentes e se sacrificaram por mim foram a mãe e o Jeremias. E tu escolhes renegar o nosso irmão enquanto enalteces um homem egoísta que claramente nos usou e abandonou como lixo.

— Estás a ser injusta, eu...

— Agora vais ouvir-me! Posso ser a irmã mais nova, sempre calada e sem espaço para verbalizar uma opinião, mas também faço parte desta família disfuncional. Eu amo-te, Tomé. A sério que amo. E perdoo-te por não teres estado presente nos meus piores momentos. Mas não és o único com problemas. A diferença é que tu escolhes fugir.

Duas lágrimas escorreram pela minha face. Senti-me vazia ao olhar para o rosto de mágoa do meu irmão, mas aquilo tinha sido libertador. O que nos unia era forte, e Tomé fora o primeiro a reconhecer a existência de Noa. Mas, a par da minha mãe, Jeremias acompanhara-me a todas as consultas, tinha-me visitado todos os dias na ala psiquiátrica, quando já não aguentava mais a dor de viver num corpo que não era meu, e esboçara sempre um sorriso sincero e carinhoso, mesmo quando a minha aparência se tornara irreconhecível. De Cibeles e Tomé apenas uma ácida ausência. Até ver a forma como Tomé defendia o nosso pai, não sabia que guardava todo aquele ressentimento.

Olhei para Leo ao fundo da sala. Estava desconfortável por presenciar a explosão de alguém que via como doce e tranquila. Depois desviei o olhar para a janela. Sorrateiros como sempre, os *Meninos agora adultos* observavam-me, agachados, com ar satisfeito, os seus corpos nus quase colados no vidro sujo. Era um convite.

— Preciso de apanhar ar.

Bati a porta e subi a escada até chegar à rua. O ar estava frio como lâminas, o que me fez tocar nas cicatrizes nos pulsos.

Enfie-me num dos becos escuros atrás da casa de Leo. Sentindo o odor a lixo, olhei para uma das paredes sujas. Fazia lembrar as manchas de humidade no meu quarto da Casa da Lua. Ainda me lembrava dos desenhos que fizera naquelas paredes, inspirados nessas manchas, primeiro secretamente debaixo da cama. Quando a minha mãe descobriu, em vez de um raspanete, pediu que continuasse as ilustrações por todo o quarto. Quando saíssemos de casa, poderiam pintar tudo, se os donos assim o quisessem. Quase podia ver o castelo junto ao mar, os tentáculos dos monstros, as heras, os fantasmas, os vampiros, a Lua tão amarela e misteriosa. Durante semanas, aqueles desenhos foram o meu aconchego nas noites mal dormidas e nos pesadelos.

Tinha saudades da minha mãe. Quase podia ver a sua figura e sentir o seu perfume ali comigo. Mas essa era outra mágoa que não podia permitir que brotasse do meu coração. Não naquele momento. Não iria aguentar.

Senti a impaciência e a desolação de Tomé, que andava de um lado para o outro na casa de Leo. O melhor era mesmo deixá-lo esgotar a energia para que pudesse descansar.

Sentia-me impotente para ajudar Jeremias, sem saber sequer por onde começar. Cibele continuava sem dar sinal, e nem Omar sabia dela. Acabei por dar uma desculpa qualquer para que não ficasse preocupado, mas não pareceu acreditar em mim. Seria melhor envolver a Polícia e deixá-la tratar do assunto? A minha intuição dizia que não e começava a acreditar que nem sequer era a Polícia que o estava a vigiar naquele hospital.

Com a mente a oscilar entre a dúvida e a clareza, senti uma presença no beco comigo. Algo naquela explosão com Tomé me tinha deixado mais solta. Imaginei que fosse Leo a procurar por mim e a verificar se estava bem. Fiquei surpreendida por perceber que queria que fosse Leo, que finalmente me tocasse e me tomasse como talvez estivéssemos destinados a fazer, dois corações magoados, mas tão esfomeados de amor e afeto.

Senti alguém a encostar-se do meu lado direito e depois uma mão firme a tocar-me no peito e depois na barriga. Virei a cabeça e beijei Leo. Mas não era Leo. A boca era diferente, mais masculina e forte. Depois senti outra pessoa encostar-se do outro lado, uma mão gentil a

acariciar-me a pele por baixo da blusa. Agarrou no meu rosto e beijou-me ternamente. Empurrando-me contra a parede, os toques dos dois estavam a deixar-me extasiada e sôfrega de prazer físico.

Entrelaçada com os *Meninos agora adultos*, deixei-me levar e aceitei os seus desejos.

Julho de 1999

Cibele sentiu as unhas da amiga a cravar-se na sua pele. O seu grito ecoou pela sala de cinema. Repreendendo a rapariga, voltou a tomar atenção ao filme. *O Projeto Blair Witch* não era nada assustador como diziam. Tomé insistia que aquelas imagens amadoras eram reais, que até vira na Internet as entrevistas das famílias dos três desaparecidos, mas Cibele tinha a certeza de que era tudo um golpe de *marketing*. Sentiu que, naquela sala repleta de adolescentes histéricos a sujar o chão com pipocas, ela era a única com inteligência suficiente para perceber que aquele filme não passava de um embuste. Isso fê-la sentir-se isolada.

Quando o filme terminou, Cibele saiu com as amigas, semicerrando os olhos perante o sol quente daquela tarde de julho. Acabaram por passear pelo centro comercial, visitando lojas de roupa e de CD. Estava a ver o preço do CD da Christina Aguilera quando recebeu uma mensagem de telemóvel. Era do seu namorado. Bem, ainda não tinham assumido que eram namorados, mas as conversas ao longo daquelas semanas faziam parecer que sim.

— A minha mãe já está lá em baixo. Vou andando, meninas — anunciou ela.

— Oh, tens a certeza? A minha mãe ficou de nos levar a todas — disse uma delas, algo desconfiada.

— Sim. Mandou-me mensagem durante o filme. Tem compras para fazer e quer que vá com ela. Mães...

Sentiu o coração acelerado enquanto descia a escada rolante. Tinha mentido à mãe e às amigas sobre os seus verdadeiros planos para aquela tarde. O seu namorado estava na cidade, de visita a um familiar, e iriam finalmente encontrar-se. Depois do encontro,

arranjaria forma de voltar para casa de autocarro ou táxi com o dinheiro da mesada.

Ultimamente, parecia que não se conseguia conectar a ninguém, nem à família, nem aos colegas. Estava cansada de fingir ser afável ou de ser a rapariga perfeita. Com ele, sentia que podia ser a verdadeira Cibele. Nem queria acreditar que finalmente ia poder tocar nele. Quem sabe até beijá-lo!

Marcaram encontro junto a uma fonte da praça da cidade. Estava vestida com um *top* de alças às riscas e calças de ganga, como combinado. Ele viria com calças largas e uma *T-shirt* cinzenta da *FUBU*. Sentou-se num dos bancos da praça e esperou, olhando várias vezes para o telemóvel enquanto o seu coração explodia de emoção.

— Cibele? — chamou uma voz masculina atrás de si.

O sorriso de Cibele rapidamente se esvaneceu quando percebeu que estava a olhar para um estranho. Por momento, pensou que fosse outra pessoa, talvez um amigo do pai. Mas reconheceu de imediato a roupa dele e isso não podia ser coincidência. Não tinha nada que ver com a fotografia para a qual olhara e suspirara vezes sem conta. Ainda que fosse bonito, aquele homem com ar jovial não era muito mais novo do que o seu pai. Sentou-se a seu lado, e Cibele sentiu-se paralisada.

— Eu sei. Devo-te um pedido de desculpas. Menti em relação à minha idade e fotografia. Mas tudo o que conversámos foi real. E eu gosto realmente de ti.

O homem pareceu sincero, o que a deixou ainda mais confusa. Já tinha ouvido histórias daquelas, abusadores que atraem adolescentes como ela para lhes fazer mal. Mas tudo o que tinham partilhado naqueles meses não podia ser mentira. Ainda que fosse mais velho, ele compreendia-a melhor do que ninguém. Ou seria mesmo tudo um engano?

— Não quero que penses que sou um tarado qualquer. Apenas acredito que há pessoas que podem ser amigas independentemente da idade. E eu quero continuar a ser teu amigo, Cibele.

Durante uma meia hora, conversaram naquele banco, ele muito mais do que ela. Ainda se sentia transtornada com aquele encontro tão diferente do que tinha fantasiado. Cibele respondia às perguntas do homem como forma de agradecer. Não queria de todo antagonizá-lo,

com receio das consequências. Os batimentos rápidos do seu coração estavam a deixá-la exausta. Ficava a analisar os rostos de cada pessoa que passava para ver se percebiam o que se estava a passar ali. Sentia-se culpada, como se tivesse feito a maior asneira da sua vida. Só desejava poder ir para casa. Fugir. Esquecer aquilo.

— Cumpri o prometido — afirmou ele. — Trouxe a minha coleção de CD, artistas que tenho a certeza de que nunca ouviste falar. Vais adorar o talento deles, músicas que te vão deixar viciada. Se quiseres, podemos ir embora e ficamos um bocadinho a ouvir. Nada de segundas intenções, apenas passar momentos agradáveis — prometeu ele, com um sorriso simpático.

Cibele sabia que devia recusar e ir embora. Desaparecer dali ou pedir ajuda. Desejou que o pai, a mãe ou até mesmo Jeremias aparecessem para a levar dali. Mas continuava a sentir-se bloqueada, prisioneira de um grande erro que tinha cometido. Encurralada.

Acabou por se deixar levar e seguiu o homem pela praça e através de duas ruas até uma pensão velha num beco sem saída. Enquanto subia a escada bafienta com ele, ouviu gritos vindos de outros quartos. Quando entrou no pequeno quarto, viu a cama ainda feita e uma mala de viagem. Não lhe pareceu que tivesse muitos CD lá dentro ou sequer um rádio ou aparelhagem para os ouvir.

— Senta-te, fica à vontade — disse ele, apontando para a cama. — Deixa cá ver por qual vamos começar. Este parece-me bem.

Tirou um CD pirata da mala e inseriu-o num *discman*. Entregou um dos *phones* a Cibele e pôs o outro no seu ouvido. Parecera-lhe uma mistura violenta de *rap* e *hip-hop*, nada a ver com o que ouvia ou gostava.

— Estás muito tensa. Este artista é para se ouvir relaxado. Chega aqui.

As mãos grandes do homem agarraram nos ombros de Cibele, massajando-os. Imediatamente se sentiu ainda mais tensa e hirta. Enojada. Em pouco tempo, já ele a empurrava lentamente, forçando-a a deitar-se, o peso dele quase a asfixiá-la naquela colcha com cheiro a lixívia. Cibele tomou consciência de que estava a minutos de se tornar numa daquelas vítimas das histórias que ouvia na escola e lia em fóruns na Internet. Fechou os olhos com força, sentindo as mãos do homem a percorrer lentamente o seu corpo como se fosse um polvo

viscoso. Tentou que a sua mente viajasse para longe para não ter de presenciar o próprio abuso. O que surgiu na sua cabeça foram imagens soltas dos estranhos sonhos que ultimamente tinha na Casa da Lua, como se a envolvê-la e a embalá-la. E, de repente, o homem já não a estava a tocar.

— Filha duma puta! Arranhaste-me! — gritou ele.

Cibele abriu os olhos. O homem estava caído no chão com a mão no rosto com algum sangue. Percebeu que não estavam sozinhos e viu com terror a presença de uma mulher que olhava para eles de um dos cantos do quarto, ainda com as unhas pontiagudas no ar. Bonita, mas com olhar perigoso. A mesma que vira nos seus sonhos e, percebia agora, na casa de banho da escola. Não se lembrava de ter arranhado o homem. Pelo sorriso maníaco da mulher, concluiu ter sido ela. Pegando num pedaço de pele atrás da orelha, arrancou o rosto como uma máscara. Por baixo, um novo rosto surgia, mas este repleto de ira. Avançou sobre o homem e começou a arranhá-lo e a pontapear-lhe os órgãos genitais e a cabeça com o sapato de salto alto. Tentou resistir, mas a mulher era demasiado rápida e selvagem. Os gritos dele encheram Cibele de coragem para sair dali.

Escapando do hotel, Cibele começou a pensar numa desculpa qualquer para dar à mãe antes de lhe ligar para a ir buscar. Ao fundo da rua, virou-se e olhou para a janela do quarto. A mulher olhava para ela com nova expressão — uma de saciedade.

*

— Jeremias, vou ter de ir buscar a tua irmã à cidade — avisou Júlia, entrando na sala para se calçar. — Parece que a mãe de uma das amigas teve uma emergência e não as consegue levar a todas.

— Vais de propósito à cidade para ir buscar a princesa? — perguntou ele, pausando o jogo da *PlayStation*.

— Não sejas assim. Posso aproveitar para fazer umas compras. Podes cuidar do Gabriel, por favor? O pai está numa consulta com o Tomé.

— Tudo bem... É o irmão que dá menos trabalho, de qualquer forma.

— És um anjo! Até logo então — despediu-se Júlia, com um beijo na testa do filho.

Jeremias voltou ao jogo *Silent Hill*. Estava ocupado a disparar sobre um monstro disforme em pleno nevoeiro quando o pequeno irmão apareceu na sala.

— Podemos ir um bocadinho à praia? — pediu Gabriel, numa voz tímida.

— À praia? Tu nem gostas de lá ir.

— Hoje, apetece-me. Estou farto de estar no quarto. Queria pintar o mar e a falésia.

— Tudo bem — cedeu Jeremias, com um suspiro, gravando o jogo e desligando a consola. — Vai despachar-te então. E não te livras do protetor solar!

Chegados à praia, ainda restavam algumas pessoas a aproveitar aquele dia de verão. Jeremias estendeu a toalha, deitou-se e começou a ler um dos livros da coleção *Sandman*, de Neil Gaiman, que tinha trazido consigo. Gabriel sentou-se mesmo na areia e tirou um bloco e um estojo de lápis, que usou para desenhar o cenário, acrescentando dragões voadores e seres aquáticos colossais a sair do mar. Não demorou muito até Jeremias adormecer a seu lado com o livro a tapar-lhe a cara.

Começou a ficar farto de desenhar. Sem se afastar demasiado, começou a procurar conchas brilhantes na areia. Havia umas lindas e disformes, com tons de rosa e roxo, a que a sua mãe chamara «joias do mar» e cujas cores queria recriar. A praia já se tinha esvaziado de pessoas, restando apenas ele e o seu irmão a dormir pesadamente na toalha. O mar estava calmo nesse dia, quase apetecível, mas era algo que aterrorizava Gabriel.

Risos infantis chamaram a sua atenção. Do lado oposto ao da casa, duas crianças brincavam ao pé das rochas. Gabriel reconheceu de imediato aquele par que já vira ali do observatório, mas também dos seus sonhos e desenhos, embora não se lembrasse do que viera primeiro. Olhando com mais atenção, a criança que lhe parecia uma menina estava vestida com roupa de rapaz. Já o rapaz usava um vestido florido. Aquela mistura pareceu-lhe tão confusa como fascinante. E estava tremendamente curioso para os conhecer. Olhou para o irmão ainda a dormir e decidiu ir ter com eles. Duas crianças nunca lhe fariam mal.

— Moram aqui perto? — perguntou ele aos miúdos. Olhou em volta

e não viu nenhum adulto a cuidar deles.

As crianças não responderam, mas agarraram na mão de Gabriel e puxaram-no para a brincadeira. De início, estava sem jeito e envergonhado, mas depressa se integrou e já estava completamente dentro dos jogos, correrias e trapalhices. De vez em quando, certificava-se de que Jeremias ainda estava no seu campo de visão, mas rapidamente se esqueceu dele.

As brincadeiras estavam cada vez mais perto das rochas, até ao momento em que os meninos entraram numa das grutas e fizeram sinal para que Gabriel os acompanhasse. Nunca ali tinha estado, mas era um local lindíssimo, o interior dourado e rosa cintilante a contrastar com a água cristalina que invadia lentamente o espaço. Distraído com o cenário, não percebeu que os seus novos amigos já tinham avançado e que aquele sistema de grutas era como um labirinto. Aventurou-se mais um pouco e viu um deles numa das reentrâncias. Antes de seguir por aí, o outro surgiu noutra entrada, e Gabriel sentiu-se dividido. Decidiu-se pelo caminho da menina com roupa de rapaz, mas, quando lá chegou, ela desapareceu com um risinho. Atrás de si, o menino com roupa de menina chamava, desaparecendo logo a seguir.

Frustrado, Gabriel ficou com vontade de voltar para trás. Sentiu a água fria a tocar-lhe nos pés e deu-se conta da rapidez com que a maré subira, confundindo-o ainda mais em relação àquele labirinto. Concluiu que estava perdido. Assustado, recuou até um canto mais elevado das grutas, afundando o rosto nos joelhos a chorar. Sentiu-se traído pelos seus novos amigos, o fascínio a dar lugar à mágoa.

As lágrimas começavam a misturar-se com a água do mar, que subia a uma velocidade estonteante. Em pouco tempo, Gabriel estava praticamente todo submerso. Gelado e em desespero, sugou os últimos resquícios de ar até ficar completamente dentro de água escura.

— Gabriel!

A voz de Jeremias despertou-o do pesadelo. Abriu os olhos e viu-se ajoelhado à entrada da gruta com lágrimas ainda a molhar-lhe o rosto. O irmão abraçou-o com uma expressão preocupada.

— Que aconteceu? Caíste? Desculpa ter adormecido, mas não podes sair de perto de mim desta forma!

Gabriel não conseguiu justificar-se ou desculpar-se. Jeremias pegou

nele ao colo e carregou-o pela praia, de regresso à segurança da casa. Levantando a cabeça do ombro do irmão, Gabriel viu as duas crianças a acenar da entrada da gruta. Mesmo iluminadas com a intensa luz vermelha do pôr do Sol, os seus sorrisos eram serenos e apaziguadores.

Tomé

Estava com vontade de partir qualquer coisa naquela casa atafalhada de artefactos dos anos 90. Não conseguia aceitar a ideia de algo que não conseguia consertar e, naquele momento, senti que a minha estabilidade junto daquela família afinal não tinha solução possível.

A explosão de Noa não me saía da cabeça. Era impossível ficar ofendido com aquelas palavras afiadas, o seu rosto vermelho e o olhar magoado. Como pudera ser tão cego em relação ao sofrimento da minha irmã? Consequia senti-la lá fora, tal como há vinte e três anos, a sua energia caótica e ferida. Tive de me esforçar para lhe dar espaço. Tudo o que queria era sair porta fora e desfazer-me em mil perdões para que tudo voltasse a ser como antes. Mas na minha vida nunca nada voltava a um *antes* quando nem eu sabia o que isso significava para mim.

Antes.

Antes.

Nunca.

Nunca.

Em vez disso, dirigi toda a minha frenética energia para a missão que me atribuíra — descobrir onde estavam Jeremias e Cibeles. Ignorando o olhar de Leo, que seguia todos os meus movimentos como se fosse um terrorista, saí e corri para a rua oposta ao local onde sentia Noa. Após minutos a correr, entrei num parque infantil e sentei-me num dos baloiços, o único equipamento iluminado ali. Acendi um cigarro roubado a Leo e olhei para o céu estrelado, totalmente limpo. A noite estava calma, o completo oposto do que ia na minha cabeça. Ou pior, do que não ia na minha cabeça. Por mais que puxasse pelas minhas memórias, não encontrava sinal das experiências feitas pelo

nosso pai naquele local dos vídeos. Alguma droga ou hipnose? Se ao menos tivesse uma explicação da sua parte para o que o levava a usar-nos para o seu estudo. Não conseguia condená-lo sem respostas da sua boca. Tinha de haver uma lógica para tudo aquilo.

Ouvi um miado a meu lado. Um gato preto roçou-se na minha perna, e eu prontamente peguei nele e acariciei-lhe o pelo junto ao pescoço. Era tal qual *Luna*. Se fosse realmente ele, não seria a coisa mais estranha a acontecer nos últimos dias, embora soubesse que morrerá havia mais de duas décadas numa das fatídicas noites daquela casa de trevas.

O gato acabou por saltar do meu colo e fugir para as árvores. Havia algo que não me saía da cabeça: será que o meu pai tinha voltado à casa para a destruir e defender-nos da sua influência? Era por isso que gravara aquele vídeo de aviso para nós?

Ter fugido com Noa para a cidade era do mais estúpido que podia ter feito quando deveria antes estar a preparar o contra-ataque. Era uma questão de tempo até sermos novamente apanhados pelos homens de negro. Certamente estariam a vigiar-nos. Mas, então, porque não haviam ainda agido? Talvez tivessem medo de mim, uma retaliação inesperada quando ataquei o carro e aqueles homens. O meu pai tinha-mo dito naquela alucinação: eu era mais especial do que pensava e cabia-me a mim salvar o que restava daquela família.

Levantei a cabeça para a Lua, aquela conspiradora. A casa tinha um poder que eu ainda não conseguia explicar. Não tinha de o recluir, antes desafiá-lo. Domá-lo. Era ali o centro de tudo, início e final.

Aos poucos, no silêncio da noite, comecei a sentir várias presenças comigo. Pelo menos sete sombras observavam-me dos recantos mais escuros do parque. Quando me levantei, reparei que todo o ambiente estava mais carregado. O céu era novamente uma tempestade de nuvens escarlate. Levantei-me e percorri o parque, sentindo os seus olhos a seguir-me. Estavam a analisar-me. Também eu queria analisá-las desta vez. Estendi a mão para tocar no rosto de uma delas...

— Não devias fazer isso, Tomé — disse uma voz quente, atrás de mim.

A minha mãe estava encostada a uma das estruturas de metal que parecia uma aranha gigante. Também ela parecia uma sombra, mas conseguia ver claramente o seu rosto, iluminado pela luz vermelha.

Num impulso, corri até ela para lhe dar um abraço, mas parou-me com as palmas das mãos.

— Não o faças — insistiu ela.

— Já percebi. És como o pai — concluí, desiludido.

— O que estás a fazer é perigoso. Tens de te proteger.

— Eu tenho de ajudar os manos.

— Eu sei. Sempre tiveste esse teu lado de herói que tanto amava. O meu pequeno e bondoso pirata — disse ela, com um sorriso triste.

— Estou num impasse, não sei como dar a volta por cima para salvar o Jeremias e a Cibele. Temo pela Noa também.

— Sempre foste desenrascado. Tenho a certeza de que arranjarás uma forma. Mas este não é o caminho.

— Usar as sombras? O pai disse-me que sim. Não sei o que fazer então! — gritei, sentindo as sombras a ficar agitadas.

— A resposta não está na casa, Tomé — explicou ela, de forma séria. — Aquele sítio não passa de chão e paredes. Os verdadeiros demónios e fantasmas estão dentro de cada um de nós. O teu pai fez questão de provar isso.

— Sei que guardas ressentimento pelo que ele nos fez. Mas continuo a acreditar que teve um motivo especial para o fazer.

— Tens de estar preparado para aceitar a verdade, seja ela qual for. Mas não podes deixar que as sombras te consumam. Gostava de poder ajudar e defender-te como sempre fiz, mas só me resta deixar-te estas palavras. Tens de confiar em ti e nos teus irmãos. Juntos são imparáveis.

— Porque nos deixaste também, mãe? — questionei, num sussurro.

— A vida é injusta desta forma, meu amor — disse ela, num sorriso melancólico, mas ao mesmo tempo tão terno, que me senti enroscado nos seus braços. — Enquanto te lembrares de mim, nunca te vou deixar.

— Estás bem? — perguntou Leo, da entrada do parque.

Quando olhei para a frente, a minha mãe tinha desaparecido, assim como as outras sombras e o ambiente avermelhado. A noite calma e normal estava de regresso. Por um instante, fiquei com raiva dele por roubar aquele momento com a minha mãe, mas depois percebi que fora melhor assim.

— Como me encontraste?

— Tens o meu telemóvel. Há *apps* que ajudam nisso. Pensei que soubesses — brincou ele.

— Precisei de me afastar.

— A Noa voltou para casa. Não quis dizer-lhe que tinhas fugido, então vim à tua procura.

— Obrigado. Podias ter ficado com ela.

— Depois da discussão, achei melhor dar-lhe espaço também. Tomé, não te sintas mal com o que ela disse. Passou um mau bocado durante muito tempo e toda esta situação com o pai abalou-a, mesmo que não o queira admitir.

— Eu sei. Conheço a minha irmã — afirmei, de forma rude. Deixei-me cair no baloiço novamente e afundei o rosto nas mãos, sentindo-me enfraquecido. — Desculpa. Tudo isto também me está a afetar. É muita coisa ao mesmo tempo e tudo muito rápido. Só queria poder ajudar os meus irmãos. Durante muito tempo, o Jeremias cuidou de nós com a minha mãe. Queria ser eu a proteger a família para variar, em vez de ser simplesmente a ovelha negra que foge de tudo e só faz merda.

Leo sentou-se no baloiço ao meu lado e pôs uma mão reconfortante no meu ombro. Senti o impulso de a afastar, mas, quando percebi que a sua energia não me perturbava, deixei-a ficar. Leo era um deserto de gelo, frio, mas calmo. A sua força era bem-vinda.

— Sei que não me conheces, mas sinto que somos mais parecidos do que pensas. Durante muito tempo, foi difícil domar todo o caos que guardava cá dentro. É um trabalho diário. Já desisti e me levantei várias vezes. Faz parte. Mas tu tens uma vantagem que infelizmente não tenho: ainda te resta família, por mais disfuncional que consideres que seja. Agarra-te a isso.

Antes que pudesse responder àquelas palavras tão penosas para alguém que me parecia ainda tão novo, um plano arriscado explodiu na minha cabeça.

— Fico contente por saber que a Noa tem alguém como tu na sua vida.

— Tenho esperança de que um dia entenda isso. Ela também me faz bem.

— Preciso de ficar sozinho e pôr a cabeça no sítio. Vai ter com a Noa. Regresso daqui a pouco.

Leo pareceu reticente em deixar-me. Não o censurava, não era assim tão bom a mentir. Chegava a invejar a forma como Cibele o fazia tão facilmente. Era como se Leo soubesse o que eu estava prestes a fazer e o aceitasse. Quando desapareceu na madrugada, senti-me mais só do que nunca. Mas determinado.

Noa iria certamente odiar-me por a deixar de fora daquele plano, mas, se estava a tentar ajudar os outros dois irmãos, nunca iria pô-la em risco. Ela era mais inteligente e ponderada do que eu para fazer o mais correto, caso aquilo desse para o torto, mas aquela missão precisava de alguém sem nada a perder.

Depois da decisão tomada, entrei na minha página de TikTok e, durante alguns minutos, gravei um vídeo sincero onde dava conta aos meus milhares de seguidores de que estava a perseguir a história da conspiração da Casa da Lua, uma que me era pessoal e que envolvia o misterioso desaparecimento do meu pai. Intercalei com fotografias que havia tirado ao longo dos anos em que a vigiara. Naquela perspetiva, parecia uma casa assombrada.

Depois disso, fiz questão de mostrar o exato local onde estava naquele momento. Os algoritmos adoravam quando se usavam pormenores pessoais naqueles vídeos. E quanto mais emotivo, melhor. Quanto terminei a gravação e a publiquei, esperei, confiante de que aquela era a minha melhor arma naquela altura.

Passados alguns minutos, já o vídeo possuía milhares de visualizações e centenas de comentários. Mais tarde, ouvi um carro a parar na rua atrás de mim. Quando dois homens de negro saíram de lá e caminharam na minha direção, sorri.

Jeremias

Senti pingas de suor a escorrer por todo o corpo, molhando-me a roupa. Não era só devido ao fato quente ou aos fortes holofotes que estavam contra mim, mas também à situação extrema em que me encontrava. Olhei novamente para o sorriso presunçoso de Basílio e depois para o meu marido, ajoelhado a meus pés. À minha frente, a multidão continuava a bater palmas e a murmurar entre si, e eu sem saber realmente porque é que de repente me tornara na atração principal daquele circo.

— Meus senhores. Sei que estão muito entusiasmados, mas peço que se acalmem — pediu Basílio. — É com muita honra que apresento o filho mais velho do nosso estimado Mateus. Infelizmente, está a recuperar de um problema de saúde, pelo que não pôde estar presente. Mas foi com muito agrado que o Jeremias Xavier aceitou o nosso convite para fazer uma demonstração dos incríveis avanços na investigação do Mateus e que nos pode trazer novas e mais potentes terapias.

Basílio não tinha jeito para apresentador e muito menos para mentiroso. Mas compensava com o seu apetite por atenção. Ainda me lembrava dele no nosso apartamento e na Casa da Lua, sempre extravagante, boémio e exagerado nas conversas e comportamentos. O completo oposto do meu pai.

A excitação e antecipação do público era palpável. Era demasiado óbvio que aquele homem estava envolvido na traição ao nosso pai. Quem sabe até nos motivos para estar num coma inexplicável.

— Praticamente todos vocês já beneficiaram das terapias do Mateus, a cura da mente com recurso ao inconsciente. E se for possível compreendê-lo ainda melhor e, quem sabe, controlá-lo? Um

inconsciente que todos nós partilhamos, que nasce connosco e de tudo o que a humanidade já viveu ao longo da sua existência, que contém todos os segredos da nossa história? O génio de Mateus conseguiu alcançar o impossível e é isso mesmo que o Jeremias vai demonstrar esta noite.

Olhei confuso para ele. Que queria ao certo que fizesse com aquela chantagem? Tiago olhava dele para mim, também confuso e amedrontado. Só queria poder ajudá-lo e cuidar dele. Basílio fez sinal para os bastidores e surgiu uma das empregadas, carregando uma bandeja dourada com uma ampola no centro. Entregou-ma, e eu olhei para aquele líquido transparente, receoso de que fosse alguma droga que me iria fazer mal. Ou pior, a Tiago.

— Naquela ampola está o fármaco que a maior parte já conhece muito bem e que tem sido um instrumento incrível para o Mateus desempenhar o seu trabalho. O «Sonho de Morfeu» foi uma bênção nas nossas vidas e, futuramente, pode ser engrandecido para nos tornarmos mais e melhores. Jeremias, por favor — pediu ele, fazendo-me sinal para beber. O seu olhar era agora ameaçador por trás daquela máscara. Não conseguia perceber se estava a fazer *bluff*, mas não podia arriscar a vida dos meus irmãos. Eram eles ou Tiago. Daria tudo para me escolher a mim em vez de todos deles.

Não sejas ridículo. Os teus irmãos estão-se nas tintas para ti, assim como este cabrão ajoelhado no chão. Esventrados, esquartejados ou queimados, faz mas é um favor a ti próprio e dá cabo desta gente toda. Bebe e não te vais arrepender.

A voz estava de volta e agora percebia que aquele líquido iria dar-lhe o poder por que tanto ansiava. O poder de me controlar.

— Espero que não tenham pena deste homem ajoelhado. Tiago Cercas é o marido de Jeremias. Ou devo dizer: ex-marido. Infelizmente já não estão juntos, pois o senhor Cercas fez o favor de trair o esposo com vários homens. Tudo o que Jeremias queria era estabilidade e uma família, e foi apanhado de surpresa pelo adultério e o abandono. Quantos neste salão sofreram com o mesmo tipo de traição ou mentira?

Percorri os rostos obscurecidos do público enquanto crescia o burburinho. Senti-me nu e pequeno com a forma como Basílio despejara a minha vida íntima e pessoal para cima daqueles estranhos.

Como havia descoberto tudo aquilo quando nem as nossas famílias o sabiam? Olhei para Tiago, que olhava agora para o chão, e percebi como.

— Não estamos de todo a incitar a violência, mas penso que todos concordam que o Jeremias tem o direito de aproveitar a sua habilidade para dar um fim definitivo a esta relação.

— Vocês são todos doentes! Libertem-me agora! — gritou roucamente Tiago, libertando-se da mordança. — Isto não vai ficar assim! Em que merda me meteste tu, Jeremias?

O ódio nos olhos dele, como se eu tivesse culpa daquela situação, fez quebrar qualquer coisa dentro de mim. Voltei a sentir o peso da presença do *Homem*, apoiando as suas enormes e possantes mãos nos meus ombros, incentivando-me a beber o conteúdo da ampola.

E foi o que fiz.

Senti o líquido frio e sem sabor a descer pela garganta, concluindo que certamente fora a mesma droga que o meu pai usara connosco na Casa da Lua para as suas experiências. Todo o salão ficou em silêncio. Ou era eu que de repente ficava surdo. A única coisa que ouvia na minha mente era o suspiro satisfeito da voz. O *Homem* puxou-me para trás e afastou-me de Tiago. Fixou-me com os seus olhos e o sorriso de trevas. Parecia um autêntico gigante ao lado de Tiago, prostrado no chão. Estava faminto. Agarrou no colarinho da camisa do meu marido com uma mão e levantou-o facilmente, como se fosse um galho seco. Depois deu-lhe um murro que o fez virar a cabeça com violência, uma nuvem de sangue a voar para a multidão impressionada. Basílio pareceu algo assustado e recuou. Depois outro soco violento quase arrancou a cabeça do pescoço dele. Até então paralisado, corri na direção do *Homem* e comecei a esmurrar as suas largas costas nuas e a tentar arrancá-lo do pescoço de Tiago. Mesmo com os meus golpes, não se demovia. Era como se eu nem sequer existisse para ele. Se eu não fizesse nada, iria matar Tiago!

Quando o deixou cair no chão, quase nem reconhecia o rosto do meu marido, de tão ensanguentado que estava. Pus-me entre o *Homem* e ele, defendendo-o. Apesar dos problemas e erros entre nós, nada justificava aquela violência. O *Homem* olhou para mim, frustrado e ainda com uma voracidade hedionda no rosto.

Já o conhecia. Era-lhe indiferente quem atacava, desde que

conseguisse saciar a sua sede de sangue e violência. Era esse o seu prazer, independentemente das vítimas. Virei-me para Basílio e para a silhueta negra da multidão que assistia a tudo aquilo como se fora um espetáculo e deixei que o ódio que sentia por eles fluísse de mim para o *Homem*. Desviando a sua atenção de Tiago para todos os outros que estavam naquele salão, era um predador prestes a atacar a manada.

O medo deles era palpável.

Saboroso.

Viciante.

Quando as luzes do palco se apagaram de repente, os gritos das pessoas foram quase instantâneos. Enquanto o *Homem* atacava e todos fugiam naquele terror, arrastei o corpo ferido e inconsciente de Tiago para trás das cortinas. Ainda me sentia atordoado devido à droga, mas tinha de conseguir reunir força suficiente para o tirar dali.

Apalpando o espaço à minha volta, consegui ver a luz de uma porta entreaberta. Pus o braço de Tiago à volta do meu pescoço e caminhei para lá. Quando saí do salão, deparei-me com o mesmo homem que queria falar comigo na festa, ainda com máscara.

— Vem por aqui — disse ele, fazendo-me sinal e começando a correr.

Tentei avançar o mais rápido que conseguia, os gritos abafados das pessoas em pânico a ficar cada vez mais para trás. Ao piscar os olhos, ainda sentia que estava no salão com o *Homem*.

Os corredores pareciam intermináveis e eu já não aguentava o peso do meu marido. Felizmente, o homem entrou num dos quartos e trancou a porta quando entrei. Assim que pousei Tiago na cama, percebi que o *Homem* tinha entrado connosco, a sua cabeça a tocar no teto de pedra. Não estava nada contente comigo. Recuei até à parede, receoso de que voltasse a atacar. Naquele espaço mais pequeno, iria ser mais sangrento. Indiferente à presença dele, o homem que seguira agarrou no colarinho da minha camisa ensanguentada com uma mão e esbofeteou-me com a outra.

— Ainda estás sob o efeito da droga. Vais ter de controlar a tua sombra sozinho, Jeremias. Ou isso, ou todos neste quarto morrerão, entendes?

Comecei a hiperventilar quando ouvi aquilo. Olhei para Tiago, inconsciente e com o rosto completamente desfeito a manchar os

lençóis de sangue. Não podia permitir que o *Homem* o matasse, ou àquele estranho. Tinha de me controlar.

Evoquei as memórias boas que partilhávamos, tentando que se sobrepusessem ao novelo de problemas que tinham levado à nossa separação, o dia em que nos conhecemos num clube de leitura de uma biblioteca, os primeiros encontros inocentes, os segundos encontros escaldantes, o dia em que o pedi em casamento numa viagem a Florença, os sorrisos secretos, as piadas parvas, a forma como aturava as minhas longas explicações sobre qualquer assunto que eu me demorava a estudar. O amor que eu ainda acreditava que persistia.

Quando voltei a olhar para o canto do quarto, o *Homem* tinha desaparecido. Pelo menos para já, pois ainda sentia a sua ténue presença no ar. Aliviado, o homem que me salvara arrancou a máscara e pude reconhecê-lo de imediato. No ano anterior, havia aparecido em tudo o que era notícia juntamente com outros escritores.

— Ele precisa de cuidados médicos — disse ele, analisando os ferimentos de Tiago. — Precisamos de um plano, Jeremias. Podemos suspirar de alívio para já, mas ainda vai demorar a sair do teu sistema. Tens de manter o controlo independentemente do que possas ver esta noite.

— És um dos escritores daquele *reality show* de Ash Falls. Gaspar Jonas, certo? Que fazes aqui e porque me estás a ajudar? — perguntei, quase com a voz presa por ter ali uma figura pública no mesmo quarto que eu, envolvido em toda aquela loucura.

— Não temos tempo para explicações, lamento. Neste momento, sou a tua melhor hipótese de sair daqui — disse Gaspar, colando o ouvido à porta.

— Os meus irmãos podem estar aqui também — alertei eu.

— Se estão, vão complicar as coisas. — Gaspar estava agora a passar uma toalha molhada no rosto de Tiago enquanto eu nem me atrevia sequer a aproximar dele depois do que se passara. — Além disso, o presidente também está cá.

— Explica-me o que se está a passar! Que presidente? — berrei. Gaspar pareceu assustado, claramente com medo de que perdesse o controlo de novo.

— O teu pai ajudou-me no passado. Devo-lhe muito e por isso estou a ajudá-los. Mas também porque tenho receio do interesse que a

organização que outrora me enganou tem por vocês.

— Então és como aquelas pessoas da festa? Alguém que pagou por terapia?

— Não. Para já, o que precisas de saber é que há grupos perigosos interessados no que o teu pai andava a fazer com vocês e que isto é muito maior do que o drama familiar.

— Nós não pedimos para estar nesta situação.

— Pois não. Mas a realidade é que estão.

— Qual é o teu interesse nisto? — perguntei, começando a ficar com alguns ciúmes da forma como Gaspar limpava gentilmente o sangue do rosto de Tiago.

— Também tenho *demónios* como tu — suspirou ele. — E vou ajudar-te a aceites os teus, pois só assim te podes ajudar a ti e a quem te rodeia.

— Nunca irei aceitá-lo! Tu viste o que fez naquele salão!

— Jeremias, sei que vai custar-te ver isto, mas é melhor assim. Precisamos de ti.

Gaspar tirou o telemóvel do bolso do casaco e mostrou-me o vídeo da festa, gravado há minutos. Só que em palco não havia nenhum *Homem* gigante com ar monstruoso. Apenas eu, com olhar malévolo e demente a esmurrar o meu marido com uma força que nem eu próprio sabia que tinha.

A mesma sede de sangue que via no *Homem* estava bem espelhada no meu olhar.

Eu era o *Homem*.

Cibele

Os encontrões das pessoas em pânico fizeram que a minha máscara caísse. Não interessava, já que estava tudo escuro e apenas a luz do luar permitia ver os vultos que corriam e partiam tudo à sua passagem. Eu própria estava assustada, não pela confusão que se gerara na festa, mas pelo que a originara. Enquanto procurava por um local seguro, empurrando todos os que se atravessavam no meu caminho, não conseguia deixar de pensar na forma violenta com que Jeremias atacara Tiago. E tudo por causa daquela droga que Basílio o obrigara a beber e que percebi que se relacionava com as experiências do nosso pai.

Senti uma mão a agarrar-me no pulso e a puxar-me, mas não era Aida. Esta era maior e mais firme, arrastando-me pela festa arruinada. Deixei-me levar. Entrámos num corredor e depois por uma pequena porta de madeira que dava para uma escada em caracol. Largando-me a mão, vi que era um homem de casaco preto e máscara branca de expressão neutra que subia à minha frente. O seu maxilar era definido, mas ainda jovem. A minha intuição dizia-me que nada tinha que ver com Aida ou com a festa, até porque a sua postura e indumentária eram diferentes das dos outros.

Subimos até um primeiro andar que dava para um *hall* mal iluminado. Quando o homem bateu à porta, conseguia ouvir fado do outro lado. Uma figura feminina, mais baixa, também de máscara branca, deixou-nos entrar na sala, ainda mais exuberante do que o resto que vira no castelo. Tudo à minha volta gritava riqueza e não pude deixar de me sentir mais calma e confortável. Até a música saudosista me relaxava.

Um homem muito alto e entroncado, de fato, sentava-se numa

grande poltrona de padrões dourados enquanto lia um caderno rabiscado. Quando me viu, sorriu como se me conhecesse. Apesar da idade aparente, mantinha um certo charme intemporal, contraditório com a sua figura possante. Tentei imediatamente encontrar algo nele que me permitisse ter um trunfo na conversa, mas não consegui. O homem e a mulher mascarados posicionaram-se de cada lado dele como guarda-costas.

— Cibele Xavier, um prazer. Sente-se, por favor — convidou ele, apontando para outra poltrona à sua frente. A sua voz era muito grave e quase robótica, como se o próprio som pudesse comandar os movimentos dos outros.

— É a segunda vez que me cumprimentam dessa forma esta noite — disse eu, sentando-me de pernas cruzadas e fazendo um esforço hercúleo para parecer descontraída e graciosa. — Não compreendo porque me escolhem a mim para ter estas conversas.

— Estou a ver que já conheceu a Aida.

— Sim. Mas parece que quis ficar para a *festa*. Trabalha para si, presumo.

— Não propriamente. Pessoas como a Aida e como o doutor Basílio não se adequam à nossa forma de trabalhar — estremei ao ouvir o nome do suposto amigo do meu pai. Afinal aquele *bon vivant* com ar trapalhão estava metido naquilo. — Demasiado extravagantes, gananciosos e barulhentos para nós. Mas isso não significa que não possam ser úteis para o que pretendemos. O meu interesse está em indivíduos mais *interessantes*. Alguém como a Cibele, por exemplo.

— Eu? Sou apenas dona de casa e mãe extremosa.

— Não duvido — disse, com um sorriso divertido. — Mas é algo mais. Algo que apreciamos muito na nossa organização.

— O rapto é uma forma duvidosa de mostrar esse apreço.

— Nós não estivemos envolvidos no rapto — respondeu, com alguma ofensa que deixou escapar no olhar. — Apenas lançamos a semente e deixamos que o *teatro* se desenrole, como está a acontecer com o Basílio e a sua *estratégia* de verificar o seu potencial e de o apresentar àquelas pessoas. Quando o momento certo chega, nós agimos. Tem sido assim desde sempre.

— Uma organização que trabalha nas sombras então. O meu irmão iria adorar isto.

— O Tomé é de grande perspicácia. Diria até que é preocupante para a nossa existência. Por dois momentos, quase chegou a informações e provas sobre a nossa existência. Quase.

A menção do meu irmão como se estivesse a ser monitorizado fez-me perceber o quão perigosas eram estas pessoas, mas mantive o meu olhar firme nos olhos semicerrados daquele homem.

— Não encare esta conversa como ameaça — continuou ele, como se conseguisse ler-me os pensamentos. — Antes pelo contrário. Não tive oportunidade de chegar até si antes da Aida, mas há um lado positivo nisso. Assim fica logo a conhecer os dois lados. Decidi estabelecer contacto consigo em primeiro lugar, pois parece-me a mais sensata e interessada no que tenho para lhe dizer.

— Tem a certeza de que não se enganou? Nunca usaram esse termo para me distinguir deles — disse eu, com um gracejo.

— Temos um convite para lhe fazer. Em tempos, fizemos o mesmo convite ao seu pai. Nunca o aceitou, mas não deixámos de estar atentos ao seu trabalho e de ter esperança de que mudasse de ideias com o decorrer dos anos. Foi lamentável o que lhe aconteceu, mas parece-nos que os seus filhos podem ter outra opinião.

— E por que motivo iria aceitar o convite de alguém que nem sequer me disse o seu nome ou o propósito da sua organização? Não tenho motivos para acreditar em nada do que diz nem para confiar em si.

— Esses detalhes virão quando eu próprio sentir que posso confiar em si. É uma estrada de dois sentidos. Diga-me, a *Mulher das Máscaras* está aqui connosco a ajudá-la nesta conversa?

Senti-me despida à frente daquele homem. As minhas armas eram agora obsoletas perante aquele estranho com ar de quem podia controlar o mundo. A *Mulher das Máscaras* não estava ali agora, mas ele sabia da sua existência. Assustava-me, mas, ao mesmo tempo, atraía-me esse tipo de poder. E isso foi uma nova emoção que me desconcertava.

— Perdão, não quis intrometer-me desta forma. Mas é assim que se refere à figura que costuma surgir no seu inconsciente e neste plano de realidade, certo? É esse tipo de habilidade excecional, sua e dos seus irmãos, que apreciamos na nossa organização — disse ele, apontando para o caderno rabiscado que tinha no colo. Percebi então

que reconhecia aquela caligrafia.

— Isso é do meu pai...

— Correto. Devo admitir que subestimei o Mateus. Estas anotações são ouro para uma organização como a nossa. Conseguimos resgatá-lo dos aposentos de Basílio. Não foi difícil concluir que foi assim que descobriu no quão envolvidos estavam nas brilhantes investigações do Mateus. Penso que esse segredo foi o que levou à cisão na sua amizade. Julgando pelas últimas entradas neste caderno, o seu pai já não estava bem. Talvez o peso da culpa tenha finalmente afetado a sua mente...

— Esse caderno não lhe pertence. Por algum motivo o meu pai o guardou durante todo este tempo.

— Oh! Surpreende-me que esteja a defendê-lo quando sempre acreditou que ele os trocara por outra família. No meu entendimento, ninguém o forçou a nada, da mesma forma que nunca ninguém o impediu de regressar a casa. O controlo da sua vida e as decisões foram sempre inteiramente dele. Se o caderno está agora comigo, consegue garantir que a cadeia de acontecimentos não foi gerada intencionalmente por ele?

— Por favor, acabe com esta conversa cansativa e manipuladora. Não sou uma mulher paciente.

— Tudo bem — respondeu, com uma gargalhada condescendente. — Tenho dois presentes que podem contribuir para que confie em nós. O primeiro é um segredo. Sei que a Cibele adora segredos.

O homem de máscara branca agarrou num comando e acendeu um televisor ao fundo da sala. Lucas Blackburn, o escritor que encontrara no hotel aquando do ataque da *Mulher das Máscaras*, surgiu numa imagem de videochamada. Parecia algo chateado e até contrariado, tal como o tinha conhecido.

Estabeleci contacto no bar do hotel e continuei a segui-la até ao quarto, mas conseguiu fugir e não voltei a encontrá-la. Acho que me topou. Vou continuar à procura antes que os outros a encontrem.

— O Lucas trabalha com a organização?

— O Lucas e os outros cinco escritores de Ash Falls. Certamente ouviu falar desse programa. A sua fama e o sucesso triplicaram depois daquela aventura. Eles integram o grupo destas pessoas excecionais que prontamente aceitaram juntar-se à nossa organização e à nossa

causa.

Sabia que Tomé estava a perseguir essa teoria da conspiração para o seu projeto, que o programa residencial tornado *reality show* tinha objetivos mais nefastos por trás daqueles jogos psicológicos e das vivências a que eu assistira de forma quase obsessiva. Sempre duvidara dessa história tão rebuscada, mas afinal tinha razão. Lucas estava naquele hotel para me vigiar. Que outras pessoas me vigiavam e havia quanto tempo? Aos meus irmãos e aos meus filhos também?

— Muito bem. Surpreendida, mas não chocada. Já percebi que só me vai dar pormenores da sua organização e da sua identidade quando me relevar o segundo «presente». Avance com isso.

O homem fez sinal às duas figuras mascaradas e logo trouxeram um outro homem encarapuçado que obrigaram a ajoelhar-se em frente à minha poltrona. Quando revelaram o seu rosto, fiquei horrorizada. Estava calvo, grisalho e com mais rugas, mas não havia dúvidas — aquele era o homem que quase me violara no verão de 1999. O sentimento de nojo foi despejado sobre mim como ácido.

— Que significa isto? Como descobriu este homem? — perguntei, dentes e punhos cerrados.

— Temos os nossos meios. Este é o nosso presente para que possa confiar em nós. Tudo o que quiser fazer ao homem que marcou uma criança inocente. Que talvez tenha marcado outras.

— Pensei que não gostasse de teatros.

— Não costuma ser o nosso modo de agir... A não ser que sirva para satisfazer alguns dos nossos objetivos mais urgentes. Por vezes são mesmo necessários, quando temos pessoas excecionais em jogo que precisam de acordar o seu potencial. Mas antes que possamos definitivamente aceitá-la na nossa organização, preciso de ver em primeira mão se é realmente especial como o seu pai a descreveu. — O homem fez novamente sinal, e a mulher mascarada trouxe a mesma ampola que vira Jeremias beber na festa, entregando-ma. — Todo seu, Cíbele.

Olhei novamente para aquela horrenda criatura, assustada e vergada. Será que me reconhecia? A rapariga que enganara durante meses só para a foder num motel barato e satisfazer os seus impulsos doentios?

À minha volta, várias figuras da *Mulher das Máscaras* surgiram como

demónios vingativos. Continuei sentada na poltrona, rainha de todas elas, os seus gritos capazes de destruir aquele castelo e a falésia e de nos afundar a todos.

Agosto de 1999

Hoje é dia de festa, cantam as nossas almas, para o menino Gabriel, uma salva de palmas!

As vozes em uníssono na sala estavam a deixar Gabriel incomodado. Detestava ser o centro das atenções e, naquela altura, tinha vários olhos sobre si. Aquele momento em que o tempo praticamente parou e todos deixaram de respirar até que apagasse as nove velas de um bolo de aniversário de cores berrantes deu-lhe vontade de fugir. Olhou para cada membro da sua família, assim como para alguns colegas de escola e adultos que desconhecia, e imaginou um monstro a irromper do bolo para atacar toda a gente, permitindo a sua fuga.

Mas tal não aconteceu e foi obrigado a soprar as velas para que toda a gente batesse palmas e gritasse de alegria, quando tudo o que queria era estar sozinho no quarto a desenhar.

Depois de comerem o bolo, as crianças retomaram a brincadeira, enchendo a casa de gritaria e energia. Um a um, os irmãos Xavier dispersaram, desaparecendo como se nem a festa nem a casa fossem suas.

Entretanto, os adultos conversavam entre si. Mateus e Júlia tinham convidado alguns dos pais dos colegas de Gabriel na esperança de fazer novos amigos. Tão ocupados com as suas vidas profissional e familiar, que tinham negligenciado a socialização naquela nova terra. Mateus não sentia muito essa necessidade, algo introvertido toda a sua vida, mas fizera a vontade à esposa. Júlia tinha sacrificado tanto para estar ali, que era o mínimo que podia fazer pela sua mulher. Ainda assim, acabou por convidar o amigo e dono da Casa da Lua, António Basílio, com receio de que as pessoas convidadas por Júlia fossem insípidas e desinteressantes. Basílio trouxera a esposa, uma mulher

com dificuldade em esconder a cara de nojo quando via crianças a conspurar a sua preciosa casa de férias.

Reunidos numa esplanada improvisada no quintal, cada um tinha uma garrafa de cerveja na mão enquanto sentiam a brisa fresca do mar naquele agosto de calor intenso.

— Então Mateus, estou curioso. A minha esposa disse-me que recebeste uma carrada de dinheiro para investigar qualquer coisa. A tua área tem que ver com maluquinhos, certo?

Mateus esboçou um sorriso afável na direção daquele homem simplório cujo nome já esquecera. Normalmente, não se chateava com aqueles comentários. Aceitava que existissem pessoas de mundos completamente diferentes do seu. Apenas se aborrecia por ter de explicar algo de que o outro apenas iria assimilar o suficiente para tecer um comentário jocoso para fazer os outros rir. Antes que pudesse responder, Basílio pôs o braço por cima do ombro dele. Tresandava a álcool.

— Aqui o nosso Mateus é o prodígio da nossa faculdade! Nunca aqueles gajos tiveram lá ninguém com um pensamento tão fora da caixa.

— Estás a exagerar, Basílio.

— Não estou não. Até agora a universidade era dominada por velhos com teorias empoeiradas. Estávamos a precisar de sangue novo na nossa área.

— Agora fiquei ainda mais curioso. Que investigação é essa, afinal?

Mateus sentiu a energia expectante de todos, até de Júlia. Seria injusto para a mulher se entrasse em grandes pormenores, pois nem ela os conhecia. Sentiu-se encurralado, como se todos estivessem prestes a descobrir a verdade sobre os meios duvidosos que estava a utilizar para alcançar os objetivos do seu estudo.

— Bem, o tema do meu estudo centra-se no inconsciente coletivo — explicou.

— E que é isso exatamente? — insistiu o homem, depois de um sôfrego gole de cerveja.

— Basicamente, a teoria de que todos nós partilhamos o mesmo inconsciente, aspetos profundos da nossa mente que todos temos em comum e que herdámos dos nossos antepassados.

— É como sonharmos com as mesmas coisas? — perguntou uma outra mulher, encostada à janela, num misto de ignorância e interesse.

— Bem, é mais profundo do que simples sonhos, apesar de poderem ser considerados vislumbres desse domínio da nossa psique. Como o medo da morte, o instinto de sobrevivência ou a própria existência de Deus ou de certos mitos. Estes aspetos do inconsciente que várias culturas diferentes partilham, até mesmo quando nunca tiveram contacto, pode ser fundamental para compreendermos alguns problemas que encontramos nos dias de hoje, como a depressão e a ansiedade. As teorias são de Carl Jung, apenas estou a adaptá-las aos nossos tempos.

— O Mateus está a ser modesto! — berrou Basílio, soltando uma gargalhada. — Ele vai mais longe e está convicto de que vai encontrar provas da existência do inconsciente coletivo. Nem sei como é que o projeto foi aprovado pela universidade. Eu não teria tomates para apresentar algo tão arrojado. Mas a verdade é que este gajo conseguiu convencê-los.

Basílio sentou-se numa das cadeiras de plástico, disfarçando já não se aguentar de pé. Mateus percorreu os rostos impressionados dos outros adultos até terminar no de Júlia. Habitualmente, a sua mulher era muito transparente. Naquele momento, a sua expressão era indecifrável e isso assustou-o.

*

Tomé praticamente foi expulso de casa. Demasiadas pessoas e energias estavam a suscitar a desordem dentro de si. Cada vez tinha maior dificuldade em estar no meio de muitas pessoas, ainda mais desconhecidas. Os irmãos mais velhos estavam sempre a dizer que era a adolescência a chegar, mas Tomé sentia que era algo diferente, como se estivesse avariado ou com uma peça fora do sítio. Não ajudava o dormir cada vez pior, os seus sonhos e pesadelos regularmente povoados por centenas de sombras em cenários apocalípticos que o rondavam e ameaçavam.

Afastando-se da confusão da casa, desceu até à praia. Deparou-se com Gabriel no último degrau com os pés descalços na areia. Estava a fixar as rochas do outro lado da praia. Com o cabelo a esvoaçar ao vento, reparou no quão comprido já estava.

— Estás à espera de mais convidados? — perguntou Tomé. Gabriel virou-se para ele como se tivesse despertado de um encantamento.

— Não. Porque perguntas isso?

— Calma! Estou a brincar contigo.

— Desculpa. Estou cansado. Só quero que a festa termine.

— Nem sequer ligaste aos teus presentes.

— Presentes? Só recebi carros, carros da *LEGO* e roupa com carros. Nem sequer gosto de carros! Ao menos a mãe e o pai ofereceram-me o que pedi.

— Aquela coleção de lápis é fixe! Um dia tens de me ensinar a pintar, não tenho jeito nenhum. Mas e os teus amigos? Não gostas de brincar com eles?

— Não tenho amigos na escola. Não gosto dos jogos dos rapazes, e as meninas não me deixam entrar nas brincadeiras delas.

— Então porque os convidaste?

— Não sei — respondeu Gabriel, encolhendo os ombros. — Quis fazer a vontade à mãe. Uma festa só com vocês seria melhor.

— Não me parece. O Jeremias e a Cibeles fecharam-se no quarto assim que terminámos de cantar os parabéns, e o pai está sempre a pensar em trabalho.

Tomé viu a tristeza inundar o rosto do irmão, o que acabou por passar para si também. Agarrou na mão de Gabriel e apertou-a com força. O calor entre os dois foi o suficiente para algum desânimo se dissipar.

— Eu estarei sempre aqui para ti, *maninha* — segredou Tomé ao ouvido de Gabriel, arrancando-lhe o primeiro sorriso naquele dia de aniversário.

*

Basílio e a esposa foram os últimos convidados a sair da festa. Assim que o primeiro entrou no carro, adormeceu rapidamente com o rosto colado ao vidro. Com a esposa a desfazer-se em mil pedidos de desculpa, desapareceram pela estrada estreita. Àquela hora, a noite estava mais escura do que o normal para agosto.

Antes de Mateus regressar a casa, na sua cabeça ainda ecoavam a música oca e alta, os gritos das crianças e a superficialidade dos adultos. Precisava de se concentrar, pois a noite iria ser longa. Ainda

ponderou adiar os testes daquele dia, mas ainda não estava a ter os progressos desejados. Estando ele tão cansado, negligenciando o próprio sono, sentiu-se culpado por sujeitar um dos filhos a uma noite intensa de análises, especialmente em dia de aniversário. Talvez fosse melhor repensar.

O caos da festa de aniversário que ainda perdurava na sua cabeça rapidamente se desintegrou, quando entrou na sala e deparou-se com Júlia, sentada no sofá a brincar com um copo de vinho enquanto ouvia Tori Amos.

— Há muito tempo que não ouvias a Tori — disse-lhe ele, sentando-se na poltrona e observando a figura daquela mulher que seria eternamente bela aos seus olhos.

— Nunca parei de a ouvir. Sabes que é a minha favorita. Apenas não tens estado por aqui para saber.

Não era hábito da sua mulher ter aquele comportamento. Tal só acontecia quando estava mesmo chateada ou desiludida. Mateus não podia censurá-la, tendo em conta a vida dupla que levava. Mas havia também ali influência dos fármacos para dormir que secretamente lhe punha na comida do jantar para que pudesse realizar os testes em paz. Havia muitos momentos de vulnerabilidade, como aquele, em que desejava contar tudo a Júlia. Mas a sua reação era imprevisível e poderia deitar tudo a perder. Aquela *traição* fazia parte dos sacrifícios que estava disposto a fazer por um bem maior. Um bem que podia ajudar a própria família.

— Sinto-te cada vez mais distante, Mateus — continuou Júlia. — E não é só o trabalho. Há algo mais. Já não consigo sentir o teu coração como antigamente.

— Lamento que te faça sentir assim — disse Mateus, tirando os óculos e esfregando os olhos, a privação de sono a ameaçar toldar-lhe o juízo. — Reconheço que me deixo consumir pelo meu trabalho. Mas tenho feito um esforço para não deixar que isso afete a nossa dinâmica. É só uma questão de tempo e tudo ficará como antes ou até melhor.

— Se a tua investigação correr bem, que se seguirá? Viagens de trabalho? Apresentações? Mais estudos? Eu conheço as tuas ambições, Mateus, e sabes que te apoio. Mas sinto que não estás a medir as consequências destas mudanças, especialmente com quatro filhos a

crescer.

— Preferias que continuasse a dar consultas num gabinete minúsculo e a ganhar mal? — perguntou Mateus, numa voz baixa. — Sabes bem que segui a vida académica para conseguir dar uma vida digna à nossa família.

— Não és o único a sustentar-nos — respondeu Júlia, bebendo um pouco de vinho, mas sem nunca deixar de olhar para o marido. — Também eu tenho carreira e faço sacrifícios pela família.

— Tens razão. Não quis ofender-te.

— Eu sei que não — suspirou ela. — Estou apenas a dizer o que sinto.

Júlia levantou-se do sofá, já com o copo vazio, e passou a mão pelo rosto do marido com olhos semicerrados. Antes de subir a escada para o quarto, parou e olhou para as paredes à sua volta.

— Esta casa tem qualquer coisa que me deixa uma sensação estranha. É como se me rejeitasse. Enfim. Desculpa se te incomodei com a conversa. Não demores.

Sentiu o peito pesado ao ouvir aquelas palavras. Quis dizer à mulher que não era a casa, mas ele próprio que havia trazido aquela estranheza para a família.

*

Mateus conduziu Jeremias pelo elevador e depois pelo túnel até ao laboratório, como o passara a chamar na sua cabeça. Recordou o dia em que Basílio confessara a existência daquela divisão secreta que nem a sua esposa sabia existir. Um pedido de última hora feito aos construtores, bem no coração dos rochedos da praia. Para o amigo, não passava de um esconderijo para os seus caprichos e fantasias. Para ele, era o local perfeito para as suas experiências.

Jeremias caminhava a seu lado como um sonâmbulo. Deu-se conta de que já estava tão alto como ele, um crescimento que lhe fugia pelas mãos. Ainda se lembrava do calor do seu primogénito no colo enquanto lhe dava o leite naqueles primeiros meses de vida. Agora as noites eram passadas a fornecer a ajuda necessária à sua mente, ambas as perspetivas tendo em consideração a sua sobrevivência.

Olhou para o relógio. Os efeitos da segunda fase do fármaco estavam prestes a começar, pelo que acelerou o passo, puxando o

filho, cambaleante, consigo. Ajudou-o a deitar-se na cama e fechou a porta. Ligou as três câmaras e depois os rádios. Passados alguns minutos, o filho ficou mais agitado e rapidamente conseguiu sintonizar uma frequência com mais atividade. O filho já estava lá. Aproximou-se da caixa de vidro e sacou do caderno e da caneta.

— Jeremias. Consegues descrever-me onde estás?

— Estou numa escola. Mas está de noite e as luzes estão apagadas. Não deveria estar aqui — respondeu, de olhos já abertos e com lucidez na voz. Mateus começou a escrevinhar no caderno.

— Estás sozinho?

— Sim. Mas estou a ser observado.

— Consegues localizar a pessoa ou as pessoas que te observam?

Jeremias ficou em silêncio durante alguns minutos, provavelmente a perscrutar as salas daquela escola, construída no seu inconsciente.

— Encontrei-o. Está ao fundo do ginásio. Está a olhar para mim.

— Consegues descrever-mo?

— É o mesmo *Homem* das outras vezes. Mas parece-me ainda maior e mais ameaçador. Tem muito sangue na roupa e nos músculos. Está preso com dezenas de correntes que saem do chão. Está a rir para mim. Quero ir ter com ele, mas ao mesmo tempo tenho medo — disse Jeremias, já ofegante.

— És tu que controlas os teus sonhos e o teu inconsciente. Esse homem não te fará mal.

— Ele viu-me. Soltou-se das correntes. Está a caminhar na minha direção agora. Não! Está a correr demasiado rápido! Está tudo a estremecer! Tenho de sair daqui!

— Só quer assustar-te. Não vai fazer nada.

— Está a pontapear a porta para a arrombar. Quer apanhar-me! Tenho de fugir daqui! A porta está quase a ceder — gritou Jeremias.

Mateus ficou assustado. Aquela entidade nunca fora tão hostil e ousada. Havia algumas semanas que as experiências com o filho mais velho eram praticamente infrutíferas, mas naquela noite houvera uma evolução, embora perigosa.

— És dono do teu próprio inconsciente. Podes dominar a tua sombra.

— ELE ENCONTROU-ME! ESTÁ EM CIMA DE MIM!

O filho contorcia-se na cama como se estivesse a tentar libertar-se do ataque de alguém. Os gritos horrorizados de Jeremias ecoavam por todo o espaço. O instinto paternal de Mateus sobrepôs-se ao de cientista e largou tudo e correu para o filho. Jeremias magoava-o com murros e pontapés, mas, ainda assim, apertou-o contra si, segredando palavras de calma ao seu ouvido. Segundos depois, acalmou. Com o corpo suado do filho contra o seu, não conseguiu ficar contente por aquele avanço nos testes, apenas um pesado sentimento de culpa e o desespero por estar demasiado dentro da toca do coelho para conseguir voltar atrás e encontrar uma saída.

Ainda abraçado ao filho, nem tinha forma de saber que as câmaras captavam a imagem ténue de um grande homem seminu, de olhos completamente pretos e sorriso malévolo, a olhar para eles no interior da caixa de vidro.

Noa

Olhei da expressão neutra de Leo a conduzir para a mensagem de Tomé. Quase podia sentir a acidez da minha raiva a pingar para o telemóvel.

Sei que me vais odiar, mas preciso de fazer isto. Vou salvar o Jeremias e a Cibele. Preciso que esperes por nós na Casa da Lua. Encontramo-nos lá para o final de tudo. Adoro-te, maninha.

O meu coração contorceu-se de preocupação pelo meu irmão, estupidamente a sacrificar-se por uma história que o próprio fantasiara para se tornar no seu herói. Consequia imaginá-lo e enfrentar tempestades de chuva, neve e trovões em direção à sua morte, o Louco da sua própria saga.

Assisti novamente ao vídeo que publicara na sua página de TikTok, milhares de pessoas em todo o planeta conheciam agora parte da história da nossa família. Era aquela a forma de Tomé retaliar.

Percebi que Leo sabia algo sobre o seu plano. Não conseguia ficar chateada com ele, até porque fora sugado para os dramas da minha família. Não sabia se o fizera por gostar realmente de mim, por estar aborrecido ou por ainda ter a sua saúde mental fragilizada. A realidade é que estava ali, ao meu lado, ajudando-me naqueles devaneios do meu irmão. E eu não podia sentir-me mais atraída por ele. Consequia ver o sorriso dos *Meninos agora adultos* pelo retrovisor e pensei se não seria a sua influência a deixar-me mais desinibida.

— Tens alguma ideia de como me posso defender de raptos numa casa claramente vigiada? — perguntei eu, num misto de nervosismo e sarcasmo.

— Achas mesmo que ainda estão por lá?

— Na última vez que lá estive, fui perseguida por um deles e quase

morri. A casa deve ter alguma coisa que ver com estas pessoas. Desconfio que o amigo do meu pai também está envolvido.

— Vamos com cuidado. Trago comigo tacos de beisebol... se for preciso — apontou ele, para o porta-bagagem, desviando o olhar da estrada para mim, com um sorriso pateta que me fez rir.

— Posso simplesmente usar as minhas aparições para tentar qualquer coisa, caso surja alguém.

O comentário não causou o efeito esperado, dado que Leo ficou demasiado sério.

— Posso perguntar-te sobre isso? Sobre o que realmente vês? Percebi que não foste totalmente sincera com o teu irmão.

— As palavras com o Tomé têm de ser sempre bem medidas. De uma palavra ele consegue criar todo um furacão de teorias. Essa foi sempre a nossa grande diferença. Eu transponho a fantasia para a minha arte, muitas vezes apenas para mim. Ele quer queimar o mundo com as suas histórias — disse, num suspiro. — Comecei por vê-los, passados poucos meses a viver na Casa da Lua, um casal que quase me parecia de gémeos. Mas o seu género era sempre confuso, sempre a trocar de roupa e de penteados. Quando saímos da casa, deixei de os ver durante algum tempo. Mas tenho vagas memórias de vislumbres dos dois nas minhas idas ao médico e nas salas de operações. Até nas crises de saúde mental que tive.

— E agora que o teu pai voltou, começaste a vê-los de forma mais nítida.

— Exato. Foi como se estivessem aprisionados por um feitiço e o meu pai fosse a chave para os libertar. Nos últimos dias, têm parecido mais reais. Mais *presentes*. Tornaram-se adultos como eu, tão belos e perfeitos, que parecem saídos de um quadro renascentista. A ambiguidade do seu género e da sexualidade é ainda mais evidente, trocando constantemente de órgãos genitais. Na verdade, nunca soube muito bem como reagir, se assustada ou agradecida pela sua ambígua proteção. Quase morri por causa deles, mas, ao mesmo tempo, também me ajudaram a superar as adversidades.

— Eles estão connosco agora? — Leo não deixava transparecer nenhum tipo de apreensão, o que me fez pensar no quão louco tinha sido o seu passado.

— Sim e não. Posso não ser psicóloga como o meu pai e o meu

irmão, mas o processo de transformação forçou-me a aprender mais sobre o meu interior. Já percebi que são um produto do meu inconsciente, originado por o que o meu pai fez connosco. Deve estar relacionado com a minha mudança de Gabriel para Noa. Eu sou os *Meninos*.

Leo não falou durante alguns minutos. Até para mim tudo aquilo era difícil de assimilar. Não me admirava se fugisse após me deixar na casa. Olhei para a paisagem em que os enormes prédios grafitados e com tinta gasta e a pelar passavam a casas isoladas e depois a vegetação e rochas.

— Durante algum tempo viajei com uma mulher e um homem — disse ele, por fim. — Vivemos uma aventura disparatada para a qual me atirei, porque vivia no tédio e na solidão. Sentia-me um espectro neste mundo sem sentido. Também a existência deles era ambígua, sugando-me para a espiral que iria terminar na minha inevitável morte. Acabei por sobreviver, mas, em troca, os dois acabaram por me deixar na alma a incerteza de se essa viagem fora real ou não. Ainda hoje me pergunto qual foi o sentido de tudo aquilo. Por isso, Noa, conheço bem esse sentimento de confusão que vives, sozinha num mundo cada vez mais acelerado, e lamento dizer que podes nunca recuperar disso. Mas podes seguir o meu exemplo e tentar viver cada dia o melhor que podes, sem pensar no passado ou até no futuro.

Toquei na mão gelada de Leo ao volante, apertando-a. Não sabia realmente qual seria o meu futuro e se o incluiria, ou até mesmo os meus irmãos e o meu pai. Mas, naquele momento, ele estava comigo e já me ajudava a aliviar o arame farpado que rodeava o meu coração. Pelo retrovisor, vi os *Meninos agora adultos* a sorrir, não aquele sorriso travesso, mas o pacífico, como quando brincávamos horas a fio na praia por baixo da Casa da Lua.

Antes de avançarmos, pedi a Leo que parasse na pequena aldeia de Quebranto, o local onde Tomé fora raptado. Não iria avançar sem antes perceber o quão inseguro era regressar. Saí do carro e observei a intemporalidade daquele local. Ainda existia o minimercado onde me lembrava de pedir ovos *Kinder* à minha mãe, assim como o café, sempre com homens a jogar damas e a beber cerveja no exterior. Uma mulher idosa, a carregar sacos de compras, cumprimentou-nos sem

olhar para nós, e imaginei se ela se lembraria da família Xavier e do misterioso desaparecimento do misterioso Mateus.

Entrei no minimercado, sentindo os olhares de alguns clientes sobre nós. Mesmo tendo sido contaminado por turismo e visitantes de todo o tipo, ainda era o género de sítio onde uma mulher que outrora fora homem lhes faria imensa confusão. Uma senhora de bata e cabelo branco, desarranjado, perguntou-nos se precisávamos de ajuda.

— Bom dia. Peço desculpa, mas queria apenas uma informação. Conhece a Casa da Lua?

— A casa dos ricos na falésia? Sei onde é, sim — respondeu ela, com ar expedito.

— Tem-se dado conta de que algumas pessoas lá tenham ido? Algum carro estranho a passar na estrada aqui em frente?

— Bem, passa sempre muita gente por aqui na altura do verão. Parece que agora é uma espécie de albergue. Mas é difícil perceber se quem passa vai para a casa ou para a praia. Ao que parece, agora até fazem festas no Castelo de São Rafael. É bom para o negócio, mas tenho saudades de Quebranto mais sossegada.

— Muito obrigada, então. Até à próxima — despedi-me, ignorando os restantes comentários.

Passado algum tempo a percorrer o caminho de terra com o velho *Renault 4L*, chegámos à Casa da Lua. Havia alguns carros de veraneantes estacionados mais abaixo. O carro de Jeremias ainda se mantinha estacionado em frente à garagem.

— Vou entrar sozinha — anunciei.

— Fora de questão. Não vou deixar que te ponhas em perigo dessa forma. Não sabes quem está lá dentro.

— Preciso de ti cá fora, caso aconteça alguma coisa. Além disso, não vou estar sozinha.

Leo acabou por assentir, observando-me, preocupado, através do vidro enquanto eu atravessava o portão. Fez-me levar um dos tacos de beisebol para me defender, se chegasse a isso.

Levantei a cabeça e analisei uma vez mais aquelas paredes que outrora encheram a minha cabeça de monstros e pesadelos que acabei por acolher na penumbra do meu palácio mental. A porta estava fechada, mas destrancada. A casa estava quieta, mas ainda conseguia

sentir uma estranha energia no ar, diferente daquela que sentira no dia anterior. Subi cautelosamente a escada até ao observatório, levantando o taco. Uma das estantes estava desencostada da parede, revelando a entrada para um elevador. Toquei no botão para o chamar, percebendo que alguém estava lá em baixo. Em silêncio, desci e saí, sentindo a sapatilha tocar na areia molhada. Após percorrer o túnel de rochas, foi inevitável lembrar-me do labirinto dos *Meninos* e do meu quase afogamento, o que fez que sentisse a garganta arranhada, como se tivesse acabado de engolir água do mar. Abri a porta de metal e entrei no mesmo armazém mal iluminado que vira nas imagens das cassetes. A prisão de vidro fez-me estremecer.

Num dos cantos escuros, notei movimento e levantei novamente o taco, pronta para atacar. Arregalei os olhos quando vi o rosto do meu pai surgir à fraca iluminação por cima da prisão. Parecia-me ainda mais abatido do que quando o vira na cama de hospital, mas o olhar enigmático era o mesmo de que me lembrava em pequena.

— Gabriel? — chamou ele, numa voz rouca.

Algo naquele nome fez explodir qualquer coisa no meu peito. Ao meu lado surgiam os *Meninos agora adultos*, raiva a consumir os seus corpos nus, a ponto de se tornarem vermelhos, os seus cabelos agora fogo capaz de destruir o local. Agarraram nas minhas mãos, o seu toque queimante a encher-me também a mim de um ódio que não conseguia controlar. Deixei cair o taco e corremos os três na direção daquele homem que tanto mal fizera à minha família, mãos de fogo, prontas para apertar o seu pescoço até à morte. A escassos centímetros da sua pele, toda a sala desapareceu e eu vi-me noutra local que conhecia bem.

Com água até ao pescoço, na gruta infernal para onde os *Meninos agora adultos* me haviam atraído, a imagem do rosto do meu pai antes de o atacar derreteu sobre aquele mar vermelho. Acima de mim, eles observavam-me triunfantemente. Abraçaram-se, e os seus corpos começaram a aglutinar-se de forma grotesca até se formar um só corpo. Antes de ser dominada pela violência do mar, vi, horrorizada, um homem adulto muito parecido a mim.

Gabriel, se a Noa não tivesse nascido.

Tomé

Senti os solavancos do carro com violência, estando eu sem cinto de segurança. Tal como da primeira vez, estava com as mãos amarradas atrás das costas e com um saco de pano preto na cabeça. Mas agora que estava decidido a contra-atacar, entrar naquele teatro até me estava a dar algum prazer. Era o tipo de excitação que sentia quando investigava algo considerado perigoso.

— Não era necessário o saco na cabeça, se fui eu a entregar-me propositadamente — disse eu para as outras duas presenças que sentia no carro. — Estão a seguir ordens, não é? Deve ser gente com dinheiro e com muita paranoia, se se dão ao trabalho de fazer tudo isto.

Obviamente não esperava que respondessem. Mas aquela conversa não tinha apenas intenção de os irritar. Servia para acalmar a adrenalina que sentia a transbordar.

— Esta não é a primeira vez que me raptam, sabem? Quer dizer, sem contar com o outro rapto frustrado. Que aconteceu com os colegas, já agora?

Silêncio.

— Bem, posso contar a história de quando investiguei um culto baseado em tretas de autoajuda com um líder sociopata. Ou o caso do desaparecimento de uma família inteira de uma casa que se julgava assombrada. Tenho muitas histórias para os entreter.

Consegui ouvir um dos homens a suspirar. Segundos depois, estavam a estacionar para me pôr uma mordaça. Recostei-me no banco, poupando energias, caso precisasse de convocar as sombras novamente. Não devia, mas era bem provável que tivesse de recorrer a isso.

Passados alguns minutos, ouvi o som de vibração do telemóvel e um dos homens a atender.

— Que se passa? — perguntou ele. Não consegui perceber o que era dito do outro lado. — Mas há alguém ferido? [Resposta.] Nesse caso, vamos prosseguir. As ordens foram claras. [Pausa.]

A prioridade é levá-los a todos. Ainda temos uma em falta.

Ocorrera algum incidente. Estariam os meus irmãos envolvidos nisso? Se já tinham iniciado alguma espécie de retaliação, que me restaria para que pudesse salvá-los?

O carro abrandou e acabou por parar definitivamente. Conseguia ouvir o som de música, mas também barulho de pessoas exaltadas, ao longe. Um dos homens arrancou-me lá de dentro, apertando-me o braço com força. Subi alguns degraus e dei por mim a entrar noutra local mais quente. Sem nunca me libertar, fez-me caminhar com ele durante algum tempo. O barulho das pessoas era mais forte ali. Podia sentir a sua energia, caótica e assustada.

Estávamos sozinhos, era a minha oportunidade. Sentindo a presença das sombras a aproximar-se, pedi que me ajudassem. O homem foi projetado para frente, libertando-me o braço, mas fazendo-me cair também. Assim que aconteceu, o saco escorregou da minha cabeça. Num corredor interminável de pedra castanha e panos berrantes, o homem estava deitado numa posição fetal enquanto três sombras o atacavam. Sem perder tempo, levantei-me e comecei a correr, mesmo de mãos atadas. Empurrei a porta ao fundo e dei por mim em mais um corredor vazio. Parecia um castelo, a cor das paredes familiar. Seria o Castelo de São Rafael? Continuei a correr até nova porta e novo corredor. Praguejei, reparando que à medida que chegava a um novo local, as cores ficavam mais saturadas e o ambiente mais pesado. Voltar para trás estava fora de questão, pois parecia ter mergulhado num *loop*. Corri por pelo menos cinco corredores, a sensação de aprisionamento cada vez mais dominante. Deveria convocar as sombras novamente para que me guiassem?

A minha mãe aconselhara-me a não o fazer, mas era para ajudar a nossa família. Corri por mais cinco intermináveis corredores, sentindo-me esgotado e sem ar. Arrastando-me até ao próximo corredor, prestes a ceder à tentação de usar as sombras, fui apoiado por alguém antes de me desequilibrar e cair.

— Tomé? Que estás aqui a fazer?

As cores do corredor ficaram subitamente mais suavizadas e normais. Cibeles olhava para mim como se estivesse doente. Ao contrário de mim, que estava uma lástima, ferido e abatido, ela estava longe de parecer uma prisioneira, toda maquilhada, bem vestida e de cabelo resplandecente.

— Isso pergunto eu! — respondi.

Levantou-me do chão e empurrou-me para a primeira divisão destrancada que encontrou. Era um quarto. Pela janela, embora fosse de noite, consegui perceber que estávamos na costa. Começou a procurar por algum utensílio que permitisse cortar as fitas plásticas que me prendiam as mãos, e assim o fez, com uma tesoura corta-unhas resgatada da gaveta da casa de banho. Finalmente livre, olhei para os meus pulsos quase ensanguentados. Mas a minha atenção estava nos braços de Cibeles, na sua pele branca com salpicos de sangue que não era meu. Ela pareceu reparar e esfregou os braços para disfarçar.

— Não devias estar aqui — afirmou ela, como se a minha presença fosse uma afronta.

— Vim para os ajudar.

— Não preciso da tua ajuda. Mas já que aqui estás, temos de encontrar o Jeremias e o Tiago. O Basílio está metido com as pessoas que nos raptaram. Trouxeram-nos aqui para nos exibirem como animais de circo a pessoas que o pai tratou ao longo destes anos. Infelizmente, o Jeremias descontrolou-se.

Quando ela disse isso, pude sentir resquícios da energia negativa deixada pelo meu irmão, uma força tóxica que eu conhecia muito bem. A sensação assemelhava-se sempre a unhas cravadas na carne até rebentar e sangrar.

— A Noa?

— Ficou em segurança com o Leo.

— Ou assim pensas. Não estamos a lidar com amadores, Tomé. Vamos sair daqui — disse ela, puxando-me o braço, como tinha a mania de fazer em criança. Rapidamente me libertei e recuei.

— Espera aí. Estás a esconder alguma coisa. Podes conseguir enganar os outros, mas consigo ver através de ti.

— Não sejas ridículo. Quero encontrar o Jeremias e o Tiago e sair

daqui o mais depressa possível. Quero voltar para os meus filhos e processar esta gente até ficarem sem um tostão.

— Temos de voltar à Casa da Lua e terminar tudo isto, Cibeles. O pai fez experiências connosco e soltou qualquer coisa que não devia.

Ela não se virou para mim, deixando-se ficar com a mão na maçaneta numa posição que me transportou para os últimos meses na Casa da Lua, com a minha irmã praticamente irreconhecível no seu casulo.

— E se eu não quiser que termine? — perguntou ela.

— Que queres dizer com isso?

— Nunca perderei o pai pelo que nos fez — anunciou ela, fixando-me com uma ira cortante. Percebi que já sabia tanto ou mais do que eu sobre as experiências do nosso pai. — Se a nossa família foi sacrificada, ao menos quero ficar a ganhar com isso.

— Nada disto é natural, Cibeles. Estas aparições são más e querem controlar-nos — expliquei, deixando de fora as minhas visões infernais de céus vermelhos, sombras e rasgões de escuridão na Casa Lua.

— Também te conheço, Tomé. Temos o mesmo sangue e somos mais parecidos do que queres admitir. Gostas desse poder, de te sentires especial. Sonhas em tornar-te um herói desde pequeno. Não foi por isso que criaste o teu projeto?

Fiquei sem resposta. Admitia que, em parte, Cibeles tinha razão. A diferença era que eu queria usar aquele poder para fazer o bem pelos meus irmãos, e ela, para os seus caprichos. Tentei perceber em que momento a minha irmã tinha perdido a sua alma, se fora a casa a roubá-la ou se sempre fora assim.

— Podemos falar de tudo isto mais tarde quando perceberes que não sou sempre a cabra fria que tu e a Noa julgam. Estou genuinamente preocupada com o Jeremias. Eles trouxeram o Tiago para cá e obrigaram o Jeremias a beber qualquer coisa e a espancá-lo.

— Foi a sombra dele.

— Não foi sombra nenhuma! O que assisti foi ao próprio Jeremias a bater no marido. Nunca o tinha visto assim.

— Achas que o que ele bebeu era o que o pai usava connosco?

— Provavelmente. Mas chega de conversa. Vamos ter de trabalhar juntos se queremos sair daqui.

— Algum plano? Estás cá há mais tempo do que eu, pelo visto. Temos de ter cuidado. Não podemos subestimar esta gente.

— Sou obrigada a concordar contigo. Tens mais experiência com este tipo de organizações secretas.

— Se há algo que tenho aprendido com o meu projeto é que estas pessoas adoram drama.

— Podemos criar o nosso próprio teatro...

Cibele pareceu satisfeita, o mesmo sorriso que me lembrava de ver, quando organizávamos os nossos espetáculos para a família, pré-Casa da Lua, em festas de Natal ou aniversários, ela sempre a estrela e eu o dançarino ou o guitarrista de apoio. Das poucas vezes que estivera com os meus sobrinhos, também me lembrava dessa cumplicidade entre irmãos, algures perdida pelo distanciamento entre nós. Mas, naquele momento de crise, essa centelha regressara.

Jeremias

Ainda estava com receio de tocar em Tiago depois de saber que eu fora o único culpado do estado em que se encontrava. Depois de Gaspar o limpar, os ferimentos não pareciam tão graves, mas continuava inconsciente. As toalhas e os lençóis manchados de sangue eram prova suficiente de que nunca iríamos reatar a relação, e eu tinha de começar a aceitar isso, pelo bem dos dois.

Gaspar tentava, sem sucesso, apanhar rede de telemóvel, naquele quarto, e de vez em quando colava o ouvido na porta ou espreitava para o corredor para perceber se era seguro sair. Pelos seus comportamentos, pareceu-me que não sabia ao certo o que fazer para nos ajudar. Ainda me lembrava de o ver naquele programa de televisão, um homem tímido que se tornara num sobrevivente e herói relutante e que acabou por escrever um livro que ainda se mantinha nos *tops* de venda de todo o mundo. Ainda me custava crer que aquela celebridade estava ali naquele quarto comigo, envolvido em toda a conspiração. Não passava de um homem normal como eu, com os seus próprios demónios também.

— Que sabes sobre a droga que ingeri? — perguntei.

— É o que usam para entrar no nosso inconsciente. Não é legal, obviamente. Com dinheiro suficiente e os contactos certos consegues chegar a ela.

— E nasceu tudo com o meu pai...

— Não sei ao certo a história do teu pai, mas parece-me que tudo isto cresceu muito além dele e do seu controlo.

— Não deveria estar inconsciente também?

— Penso que ingeriste uma dose muito fraca. Existem várias versões e adaptações. Não é muito diferente de uma droga psicadélica, mas é

mais potente. «Sonho de Morfeu» é o que lhe chamam, uma forma de te conectares com deuses, figuras mitológicas e entidades sobrenaturais que regem todo o inconsciente coletivo, herdado desde os primórdios da humanidade. Pelo menos, é esse o tipo de *marketing* que o Basílio e o teu pai costumam usar para atrair quem pode pagar as quantias astronómicas do tratamento. Restrição e confidencialidade têm sido o segredo do seu êxito.

— E esse tal presidente de que falavas é quem coordena tudo?

— Não. Gere outra organização mais obscura — respondeu Gaspar, de forma amarga. Percebi que estava a ponderar muito bem as suas palavras antes de as usar comigo. Ainda não confiava em mim. — Uma que esteve envolvida no programa residencial onde eu e os outros escritores participámos, mas com outras intenções por trás.

— Quem são?

— Prefiro não entrar em grandes pormenores para já. Mas posso dizer que pretendem recrutar indivíduos com habilidades que consideram essenciais para a sua *causa*. Tu e os teus irmãos são especiais, e foi isso que atraiu o seu interesse.

— Ainda não consigo aceitar que tudo isto está a acontecer connosco. Sempre quis ser uma pessoa normal com uma vida estável e tranquila. Mas tudo isto, toda esta conspiração que nos põe em risco... Tudo se desmoronou.

Sentei-me na poltrona, sentindo-me ainda atordoado. De vez em quando, sentia a presença do *Homem* no quarto, mas dissipava-se assim que olhava para Tiago, na cama. Gaspar veio ter comigo e pôs uma mão confortante no meu ombro.

— Acredita que conheço bem essa angústia. Mas não é tarde. Há algo que o teu pai me disse há anos, mas que só percebi quando estive em Ash Falls. A escuridão que carregas contigo não tem de ser vista como algo negativo. Faz parte de ti. Se a aceitares, podes aprender com ela e evoluir.

— Mas tudo o que me obrigou a fazer, todo o tormento...

— Enquanto não aceitares o teu lado negro e te perdoares, vais continuar a sentir esse desequilíbrio.

Gaspar olhou diretamente para mim e quase consegui ver o seu demónio lá dentro. Ao contrário de mim, vi ali controlo. E se ele

tivesse razão e o segredo estivesse na aceitação do Jeremias negro?

— Não os queria deixar aqui, mas não vejo alternativa a não ser sair e averiguar o que se passa. Este castelo pertence à família do Basílio há uns anos. Apetrechou-o como se fosse um forte de guerra, já para não falar dos guarda-costas que contratou — anunciou Gaspar, levantando-se e voltando a pôr a máscara. — Vou tirá-los daqui, não te preocupes. Devo isso ao teu pai.

E desapareceu do quarto. Arrastei a poltrona para barricar a porta, ouvindo o som dos seus passos a desaparecer pelo corredor. Analisei com maior atenção o quarto, também ele repleto de quadros dos mais variados estilos. Seriam recriações do que os pacientes viam no seu inconsciente, representações simbólicas do que todos partilhávamos enquanto humanos em harmonia com a psique de cada um? Talvez o *Homem* não fosse meramente a representação do meu lado escuro, mas um ser transcendental que vive dentro de todos nós. Havia outro quadro do Arcanjo Rafael, novamente acompanhado por um demónio. Não lutavam, antes dividiam o protagonismo da pintura como iguais.

— Ele tem razão, sabes? — disse a voz rouca de Tiago. Mantinha os olhos fechados, ainda bastante inchados. Ainda não me conseguia demover para chegar perto dele, as imagens de violência muito recentes. — Sempre tiveste essa tendência para recalcar tudo o que era negativo.

— Nunca me disseste isso.

— Disse. Várias vezes. Mas escolheste não ouvir — respondeu ele, tossindo de seguida. — Esse foi um dos motivos para decidir terminar tudo.

— Nunca quis que as coisas acabassem.

— Tu estavas preso na fantasia da relação perfeita que idealizaste. Eu também tinha as minhas fantasias, em que adotávamos crianças e vivíamos livremente a fazer coisas tão simples como dar as mãos na rua. Mas tu estavas confortável a viver num segredo, como se fosse crime estar comigo. Até o casamento não passou de um contrato para ti. Já nem me procuravas na cama. Comecei a sentir que te enojava — cada palavra dele era ácido no meu ouvido.

— As coisas já não estavam bem. Tentei, vezes sem conta, explicar-te que já não estava feliz, que é normal as pessoas deixarem de gostar uma da outra, mas não quiseste ouvir.

— Pensei que as coisas podiam ser remediadas.

— Jeremias, eu traí-te várias vezes. Fui um cabrão, admito. Mas estava carente de afeto. Tu sabias de tudo. Caramba, até me apanhaste com outro homem na nossa própria cama. E que fizeste? Agiste como se nada tivesse acontecido. Era como se estivesse casado com uma máquina sem sentimentos. Estavas entorpecido, sem reação, mas sempre com trevas presas no olhar. Não aguentava estar casado com alguém assim. E acredita que tentei.

— Então sou eu o mau da fita, é isso? — gritei, sentindo raiva a borbulhar dentro de mim. — Tu andaste a foder meio mundo, e eu é que sou o autômato que te forçou a isso?

— Vês? É esse o Jeremias que queria ter comigo. Vivo. As únicas vezes que via centelhas dele era quando falavas com os teus irmãos.

— Quando casaste comigo já sabias que era assim.

— Estava cego. Amava-te realmente.

— Já não amas — percebi, com pesar. O silêncio dele foi suficiente.

— Desculpa-me por estares envolvido nisto e pelo que te fiz — disse eu, com uma voz mais firme, virando-me de costas ao começar a sentir os olhos aguados com a desolação.

— Não peças desculpa. Eu mereci. Também não mereces estar com alguém como eu. Há pessoas que não estão destinadas a ficar juntas, Jeremias. Só tens de aceitar isso.

— És a segunda pessoa nesta noite a pedir-me para aceitar algo que não quero.

— Então está na altura de agires e resolveres o que está aí dentro.

Olhei pela janela, para aquele horizonte tão escuro como sentia agora a minha alma. Tiago tinha razão, não estava habituado a expressar as minhas emoções. Forçara-me a não o fazer ao longo da minha vida quando havia pessoas a depender de mim.

Conseguia ver a Casa da Lua, ao longe, luz no observatório como um farol. Aquela casa e os meus irmãos eram as últimas peças a faltar para poder avançar com a minha vida, correntes que ainda me prendiam a um passado sórdido.

Pela primeira vez na minha vida, convoquei-o, abrindo a minha mente à sua presença para as necessárias tréguas. O *Homem* surgiu no quarto, imponente e tenebroso, mas agora já não tão ameaçador. Na

sua expressão vi entendimento e satisfação. Estendi a mão e ele prontamente a envolveu com a força de mil homens.

Não iria esperar por Gaspar nem queria que continuasse envolvido naquilo. Aquela era a história da família Xavier. Carregando o corpo ferido de Tiago, saí do quarto e avancei destemido pelo corredor com o *Homem* atrás de mim, meu companheiro de guerra por agora.

Setembro de 1999

— É o que te estou a dizer. O mundo vai acabar a 31 de dezembro — disse Tomé, olhando para cima. Jeremias parecia cada vez mais alto, e ele não saía do seu tamanho de criança, apesar de estar quase a entrar na adolescência.

— Isso é ridículo, Tomé. Não devias acreditar nessas parvoíces — respondeu o irmão, atravessando a passadeira em frente ao trabalho da mãe, que levava agora Gabriel para a escola primária do outro lado da estrada.

— É verdade! Vi ontem na televisão. Disseram que todos os computadores e sistemas não conseguem suportar o ano 2000 e que isso irá trazer o apocalipse.

— Com esse entusiasmo, até parece que queres que o mundo acabe.

— Claro que não! Tenho medo! Mas, ao mesmo tempo, seria bué fixe viver num mundo pós-apocalíptico, não achas?

Jeremias suspirou, sem paciência alguma para as fantasias parvas do irmão. Olhou para trás e esperou que Cibeles alcançasse, caminhando lenta e pesadamente a olhar para o chão. Estava admirado com aquele mau humor. Era o primeiro dia do novo ano letivo e, popular como era, a irmã deveria estar entusiasmada, ao contrário dele. Tinha passado o verão inteiro fechada no quarto, mais calada do que o normal. Quase apagada. Já tinha problemas suficientes na sua vida, intensificados pelo regresso às aulas, pelo que ignorou aquele comportamento infantil.

— Se calhar deveríamos falar com a mãe e com o pai para comprar mantimentos e utensílios, se o fim do mundo acontecer — continuou Tomé. — Também deveríamos deitar fora os computadores, não vão eles explodir no fim do ano.

— Para com isso! Não estou com paciência.

Tomé e Cibebe deram um salto e pararam, assustados com aquele acesso de raiva, que não era nada normal no irmão. Jeremias apertou as alças da mochila com força e saiu disparado em direção à escola, deixando-os para trás até desaparecer nas suas passadas largas.

Tomé caminhou em silêncio com Cibebe. Estar sozinho com ela era cada vez mais estranho para si, um contraste entre uma bola de energia incontrolável e uma rapariga que agora mais parecia uma parede branca, de tão indecifrável. Era habitual a irmã espicaçá-lo e até gozar com ele, mas algo acontecera no verão que a deixara assim, apática. Tomé conseguia sentir algo deprimente dentro dela, escondido atrás de muitas barreiras geladas.

No portão da escola, abandonou o irmão sem sequer se despedir, dirigindo-se ao seu grupo de amigas com roupa a menos e acessórios a mais. O seu rosto mudara tão rápido para um de êxtase, que Tomé achou ser humanamente impossível. Revirou os olhos quando começaram aos guinchos a falar de rapazes e de cantores.

Finalmente sozinho, caminhou em direção à biblioteca, ansioso por saber se havia novos livros para devorar.

*

Apesar da sua altura, Jeremias era péssimo em Educação Física. Notas excelentes em todas as disciplinas, enquanto ali se debatia com a sua falta de coordenação. Por esse motivo, era sempre o último a ser escolhido para as equipas de qualquer modalidade desportiva. Para piorar um dia que já era mau o suficiente, o novo professor quis que se jogasse uma partida de futebol na primeira aula. Acabou por ficar a maior parte do tempo no banco, enquanto olhava disfarçadamente para os corpos dos seus colegas, que odiava, mas que, ao mesmo tempo, não conseguia evitar apreciar. Com dezassete anos, era impossível ficar indiferente àqueles corpos musculados e praticamente adultos. Quando um dos colegas reparou que olhava para ele intensamente, desviou o olhar, envergonhado.

O jogo terminou e o professor pediu secamente que arrumasse todos os materiais na arrecadação do pavilhão, dado que mal tinha participado no jogo. Enquanto empurrava um carrinho cheio de bolas e pinos, conseguia ouvir os gritos selvagens dos colegas no balneário.

Talvez até nem fosse má ideia arrumar as coisas e chegar lá mais tarde.

— E não é que o paineleiro regressou? E nós a pensar que tinhas voltado para a cidade grande.

À porta da arrecadação estava um dos colegas que lhe dera uma tarefa, meses antes, acompanhado por mais três. Pareciam ainda mais entroncados desde a última vez que os vira. O seu coração acelerou quando os viu fechar a porta. Mesmo que quisesse gritar por um professor ou auxiliar, não iriam ouvir.

— Ainda por cima hoje não tens o teu maninho para fazer o trabalho sujo por ti, maricas. Sabes o que isso quer dizer, não sabes?

— Não quero problemas — balbuciou Jeremias. — Peço desculpa pelo que aconteceu.

— Foda-se, até a falar este gajo é afetado! — disse o suposto líder da matilha. Os outros acompanharam a sua risada. — Vá, despe-te.

— Como?

— Despe-te, caralho! Não é disso que gostas? Despe-te ou nós rasgamos a roupa por ti.

Jeremias não sabia ao certo o que aqueles rapazes iam fazer consigo, mas os seus olhares eram demasiado cruéis para hesitações. Lentamente, começou a despir peça a peça até ficar todo nu.

— Que vão fazer comigo?

— Não é isto que vais ter, se é o que pensas — disse o líder, agarrando nos órgãos genitais. — Vamos apenas *brincar* contigo. Lembram-se do jogo do mata?

Um dos outros rapazes puxou para si um carrinho cheio de bolas. Cada um deles agarrou em pelo menos três.

— Vai para ali para a parede — ordenou ele, apontando com o queixo.

Encolhido e amedrontado, Jeremias obedeceu, esperando o pior. Quase nem teve tempo de chegar até lá e os rapazes começaram todos a atirar com as pesadas bolas contra o seu corpo nu. Os golpes eram dolorosos, como intermináveis balas que o magoavam física e emocionalmente. Acabou por cair, dobrando-se em posição fetal para se proteger. Os risos selvagens deles misturavam-se com o som oco da borracha de inúmeras bolas a bater nele e a saltar pelo chão. Quando

finalmente terminaram, os rapazes estavam ofegantes e suados. Saciados. Um deles agarrou na roupa de Jeremias para a atirar para qualquer lado longe dali.

— Arruma esta merda toda. E aí de ti que contes a alguém!

Quando saíram, Jeremias ainda conseguia ouvir as suas risadas altas a ecoar pelo corredor. Sentiu o corpo dolorido e dormente. Mas o que lhe doía mais era a humilhação, que ameaçava transformar-se numa raiva difícil de conter.

Jeremias sentiu uma presença na arrecadação. Da porta entreaberta, o mesmo homem que já vira nos arredores da escola, em casa e até em sonhos, observava-o intensamente com os seus olhos totalmente pretos. Quando entrou, teve de baixar a cabeça, tal era o seu tamanho. Quando chegou perto dele, Jeremias sentiu-se ainda mais pequeno. Mas não teve medo. O homem estendeu-lhe a mão. Quando a aceitou e se levantou, já não se sentiu tão fraco e sozinho.

*

O jantar, lá em casa, decorreu em silêncio. Júlia olhou para cada um dos rostos da sua família, concentrados apenas na comida no seu prato. Praticamente conseguia ouvir os seus pensamentos. O problema era que já não sabia que pensamentos eram esses. Podia ser apenas consequência do seu crescimento, mas sentia os filhos cada vez mais longe do seu alcance maternal. Com o marido acontecia o mesmo. Era como se ela estivesse a mais naquela família sem sequer ter armas para lutar contra isso. Talvez fosse a mudança para aquela casa, ou o seu falhanço enquanto mãe. Mas algo se havia transformado.

— Que me dizem de vermos um filme esta noite? — perguntou. — Passei no clube de vídeo na minha hora de almoço.

— Amanhã é dia de escola — disse Cibebe, com desdém, sem tirar os olhos da comida.

— Eu sei, mas há algum tempo que não fazemos nada juntos. Vocês estão sempre fechados no quarto ou ao computador.

— Provavelmente vais adormecer passados quinze minutos — retorquiu a filha. — De que vale a seca de ver um filme que tu escolheste, se nem sequer vais tomar atenção?

Cibebe tinha razão. Já não conseguia aguentar além das 22h00 sem adormecer no sofá. Até já acontecia ao ver os *Friends*, a sua série

favorita. Aquela casa e aquele trabalho deixavam-na sempre tão cansada. Ainda assim, não justificava o tom cruel da filha.

— Podem ser vocês a escolher. Eu não me importo e tenho a certeza de que o pai também não.

— Esta noite tenho de trabalhar, lamento — desculpou-se Mateus.
— Tenho alguns exames para corrigir antes de continuar o trabalho de investigação.

— Eu tenho matéria para estudar — disse Jeremias, numa voz fraca. Júlia reparou no quão encolhido estava, como se estivesse com frio. Até parecia mais pequeno.

— Mas as aulas começaram agora...

Júlia não conseguiu continuar o seu argumento. Jeremias, Cibeles e Mateus levantaram-se com os seus pratos, deixaram-nos na cozinha e desapareceram pelas sombras do corredor sem sequer se despedirem. Júlia sentiu o peso da desilusão sobre si.

— Nós vemos um filme contigo, mãe — disse Tomé, com um largo sorriso. Gabriel também, com o seu rosto angelical. — Mas somos nós que o escolhemos... MESMO!

Da pilha que trouxera do clube de vídeo, os dois filhos mais novos acabaram por escolher *As 10 Coisas Que Odeio em Ti*. Júlia percebeu que o tinham feito para animar a mãe, pois não era de todo o género a que gostavam de assistir. Nem sequer pensou se seria adequado à idade deles. Não era uma mãe rígida e não queria afugentá-los, sob o risco de perder aquele momento em família, ainda que fragmentada.

Acabaram por adorar o filme, provocando até uma lágrima fugitiva a Júlia no discurso final da protagonista. Quando terminou, rebobinou a cassete e carregou um sonolento Gabriel ao colo, com Tomé à sua frente. Conseguia ouvir o marido a teclar furiosamente no computador no observatório. Nos quartos de Cibeles e Jeremias, também conseguia perceber que ainda estavam acordados. Despediu-se dos dois filhos mais novos com um beijo na testa e deitou-se. Adormeceu imediatamente.

*

Cibeles saiu descalça do quarto. A casa estava no mais profundo silêncio. De tesoura na mão, desceu a escada até à casa de banho. Luna estava à porta, como que a bloquear o seu caminho. Empurrou-o

com o pé e fechou-se lá dentro apenas com as luzes do espelho ligadas.

O seu sono nunca era tranquilo naquela casa, mas havia outra agravante. Tentara adormecer, mas aquela era outra daquelas noites terríveis em que não paravam de surgir as imagens daquele homem que a enganara, destruindo a sua inocência. Não tinha conseguido abusar fisicamente dela, graças à intervenção da estranha mulher. Mas algo dentro de si se estilhaçara naquele dia.

Regressar às aulas tinha sido um martírio, fingir que era uma miúda tola como as suas colegas que só se preocupavam com os membros das suas *boy bands* favoritas ou com a minissaia que iriam levar para a escola, quando ela estava apavorada por aquele homem poder aparecer em cada esquina para se vingar ou para a expor perante toda a escola. Estava exausta e tudo o que desejava era libertar-se daqueles pensamentos tóxicos e voltar a ser uma rapariga normal. Ser outra pessoa até.

Agarrou novamente na tesoura e elevou-a até aos seus cabelos escuros. Olhou para o seu reflexo fracamente iluminado, a sua mão trémula e incapaz. Deixou cair a tesoura na bacia, ao mesmo tempo que lhe escorria uma lágrima. Antes que explodisse num choro mudo, como tantas vezes fizera, fechada no quarto, naquele verão, sentiu uma presença atrás de si. A *Mulher das Máscaras*, como agora lhe chamava, estava de volta, sorrateira e enigmática como sempre. O seu rosto choroso olhava para o seu no espelho. Agarrando na pele atrás da orelha, arrancou aquela expressão, revelando uma mais reconfortante e destemida. Pegou na tesoura e pousou-a gentilmente na mão de Cibele, que, aos poucos, começou a cortar os longos cabelos ondulados. Em poucos minutos, tinha o cabelo curto, como um rapaz, a bacia e o chão com um mar de fios que lhe beijavam as mãos e os pés descalços. A mulher pegou no queixo de Cibele e virou-o para o espelho. Estava tão diferente. Parecia outra pessoa. Mais feia, invisível até. O seu sorriso juntou-se ao da mulher.

De repente, um grito horrendo ecoou pela casa. Alarmada e sem pensar, correu para fora da casa de banho, deixando a mulher para trás. Os gritos vinham do quarto de Tomé. Quando lá chegou, Jeremias estava já à porta, enquanto o pai abraçava um soluçante Tomé. Perante o horror dos seus gritos, nem sequer repararam no seu

novo visual.

— Estavam pessoas à minha janela e depois entraram no quarto. Queriam fazer-me mal — disse ele, num choro abafado no ombro do pai.

— Chh, está tudo bem. Foi só um pesadelo, filho — tranquilizou Mateus.

— Não era um sonho, eu estava acordado. Elas estavam aqui!

Quando ouviu aquilo, Jeremias desapareceu pela casa, provavelmente em busca de possíveis intrusos. Acabou por regressar, pouco tempo depois, sem grandes novidades. Cibele nunca tinha visto Tomé tão apavorado. Normalmente, era ele o corajoso e aventureiro da família. Mas também o mais problemático.

— Está tudo bem. Eu fico aqui um pouco contigo até te acalmares e adormeceres. Vão para os quartos os dois. Agora! — ordenou Mateus, sem sequer olhar para os filhos mais velhos, a sua voz firme, mas cansada.

Cibele saiu, em direção ao seu quarto, com Jeremias à sua frente, que acabou por se fechar sem sequer lhe dizer nada. Olhando para a porta fechada do quarto dos pais, pensou em como é que a sua mãe não tinha acordado com os gritos. Viu depois a luz que chegava do observatório, com *Luna* sentado à porta, novamente como um guardião ou um simples animal chato. Sentiu-se impelida a subir, mas desistiu quando ouviu os sussurros tranquilizantes do pai no quarto de Tomé. Enfiando-se no quarto e na sua cama, a cabeça agora gelada na almofada, sentiu ciúmes. Onde estava o seu pai quando ela se sentia a afundar cada vez mais na escuridão?

No escritório de Mateus, Gabriel estava deitado no sofá em frente à estante entreaberta, a sua mente num limbo em que vivenciava tudo o que se estava a passar na casa, mas que, ao mesmo tempo, era um outro lugar, desconhecido e surreal. A sua mente consciente iria esquecer tudo aquilo ou associá-lo a mais um sonho bizarro.

O rádio portátil, esquecido em cima da secretária, ganhou vida com interferências irregulares. De cada lado do corpo frágil de Gabriel, um menino e uma menina, ou uma menina e um menino, abraçaram-no. E de repente já não se sentia tão assustado no lugar longínquo onde estava.

Cibele

Estava preocupada com Jeremias. Ter atacado o próprio marido já era mau o suficiente, não sei se aguentaria saber que tinha ferido outras pessoas. Conhecia bem o meu irmão. Era um homem bom. Aborrecido e irritante, mas com boa índole. Por isso o adorava tanto e era o irmão por quem sentia mais afinidade. Bom filho, bom irmão, bom tio, bom amigo e, certamente, bom pai um dia, apesar de teimar que não o queria ser. Jeremias era o melhor de todos nós.

O descontrolo acontecia quando não sabia lidar com os pensamentos reprimidos. Ao longo dos anos, também me tornara confidente do meu cunhado. Conhecia bem os problemas do casamento, a negação de Jeremias, as traições de Tiago, a vontade de adotar uma criança só da parte deste. O meu irmão era o único que não via a falta de sentimento daquela relação e que não via problema nisso. Mas, como sempre, escolhera encobrir os problemas. Quando tentava chamá-lo à razão, conseguia sempre desviar a conversa para mim, tentando encontrar problemas na minha vida para dar os seus sábios conselhos. Nunca iria encontrá-los, eu sempre fora muito boa a esconder os meus segredos.

— Terra chama Cibele — chamou Tomé, estalando os dedos à minha frente. — Estamos demasiado expostos aqui no corredor. Sabes ao menos para onde queres ir?

— Tenho ar de quem alguma vez aqui estive ou de que é alguma agente secreta? Tu é que és o homem das conspirações.

— Tu és viciada em televisão e não és parva nenhuma. Nunca pensei que este lugar fosse tão labiríntico. Quando olhava para o castelo da janela de casa, não imaginava que fosse tão grande.

— Está muito dinheiro aqui. Lembro-me de a mãe dizer que estava

fechado, mas já vi muito luxo por aqui esta noite. Será que há alguma sala de vigilância ou assim? Uma passagem secreta, talvez? Só o saberemos se cuscaros as divisões.

— E dar de caras com um daqueles gajos de preto? Eles estão armados.

— Achas mesmo que nos vão ferir? Somos as estrelas da festa.

— Sim. Diria até que pareces muito à vontade com essa ideia.

Havia poucas pessoas naquele mundo que me conseguiam tirar do sério. Tomé era a pior delas. A forma como entrava na minha cabeça e me desmascarava era desconcertante. Era tão destemido e sem filtros, que chegava a achá-lo perigoso. Se ao menos tivesse coragem para lhe dizer o quanto o admirava. A sua vida tão aventureira e livre quando eu vivia prisioneira do meu conformismo. Numa situação daquelas, era de alguém como ele que precisava, daquele rapaz malandro, enérgico e intuitivo de que me lembrava desde miúdos e que ainda estava bem presente naqueles olhos atentos a perscrutar todos os recantos do castelo em busca de sinais de perigo.

— E se não encontrarmos o Jeremias e o Tiago? Eles podem já nem estar cá — sugeri.

— Fora de questão! Nem que tenha de virar este castelo do avesso, não saímos daqui sem eles.

— Quem diria que seríamos nós a salvá-lo um dia — disse, com uma gargalhada leve. — Ainda por cima tu, que sempre te deste mal com ele.

— Não me dou mal com ele. É o nosso irmão mais velho, criou-nos. Mesmo que defenda o pai, nada apaga isso. Apenas lida mal com a escuridão dele, penso eu. E isso descontrola-me.

Aquela resposta surpreendeu-me. Em toda a minha vida, nunca ouvira Tomé defender o irmão ou reconhecer algo que eu já percebera havia muito. Ainda me recordava dos gritos lá em casa, já sem o nosso pai, discussões de meia-noite que terminavam sempre com alguém a bater portas, zangado. Também nunca me defendera a mim, mas tinha consciência de que fora uma adolescente difícil, sem paciência para a família. Mas Jeremias havia sido um pai, especialmente para ele e para Noa. Agora que se começavam a desvendar alguns dos segredos do meu pai, percebia que a relação entre ele e Jeremias tinha sido influenciada por forças maiores. Porém, Tomé já era uma criança

complicada antes da Casa da Lua...

— Não oiço nada do outro lado, vamos tentar esta divisão — disse ele, com o ouvido na porta.

Entrámos em mais um quarto sem ninguém, mas com o mesmo tipo de riqueza que já tínhamos presenciado noutros locais. Mas havia algo mais. Assim que entrei, fui confrontada com o perfume do meu pai, tal qual me lembrava antes de desaparecer, trazendo com ele todo o peso das memórias felizes que ainda guardava. Tomé também o reconheceu, pelo que desatou a percorrer o quarto, como se de uma caça ao tesouro se tratasse.

— Este é o quarto do pai! — exclamou ele, passando a mão por uma pilha de livros na secretária e um casaco na cadeira.

Perceber que o nosso pai vivera naquele luxo durante aqueles anos, quando nós passáramos dificuldades, foi outra facada no meu coração. O seu egoísmo era atroz. Nem eu seria capaz de tal coisa, muito menos agora que era mãe. Isso fez-me ver a minha mãe de outra perspetiva, todo o esforço para nos criar sozinha como uma guerreira. Arrepentia-me de todas as discussões que tivera com ela, motivadas pela minha revolta e falta de empatia. Mas já não podia fazer nada quanto a isso...

Agarrei no livro que ele tinha na mesa de cabeceira, o *Livro Vermelho*, de Carl Jung, aquele pensador maldito que envenenara o meu pai com teorias perigosas. Folheando aquelas páginas, repletas de ilustrações psicadélicas e textos sem sentido, custava-me acreditar que se tinha deixado enfeitiçar por algo tão bizarro. Isso fez-me ponderar no momento da sua vida em que o meu pai se tinha perdido ou se sempre escondera esse seu lado enganador. Um impostor como eu.

— Nem acredito que estamos no quarto onde o pai viveu todo este tempo — afirmou Tomé, com um entusiasmo que me desagradava. Como podia convencê-lo de que o nosso pai estava muito longe de ser um herói martirizado?

— Sim, todo este luxo é admirável. Muito parecido com o nosso pequeno apartamento.

— Lá estás tu. O dinheiro é tudo para ti? O pai era claramente um prisioneiro.

— Isto não é uma prisão, Tomé. É uma clínica de reabilitação para gente rica, que o pai e o Basílio têm estado a operar todos estes anos.

— Eu sei que guardam muita mágoa do pai. Mas, por favor, tentem

dar-lhe uma chance para se explicar.

— Se voltar a acordar... — respondi eu, com acidez.

Antes que Tomé pudesse ripostar, ouvimos vozes no exterior. Empurrei-o para uma divisão que me pareceu um *closet* cheio de roupa do meu pai. Apagámos a luz e espreitámos por uma fresta. Um casal mascarado entrou no quarto, claramente embriagado e a rir. Quando tiraram as máscaras, reconheci-os de imediato como dois *influencers* de viagens que seguia. Tinham milhões de seguidores, e fiquei fascinada por os ver ali. A mulher atirou com o namorado para a cama. Usava um apertado vestido vermelho que acentuava todas as suas exageradas curvas, e os cabelos loiros eram dourados e exuberantes. Mas eu conseguia ver além da aparente beleza, os retoques, as plásticas e as extensões mais baratas do que alguém como ela podia pagar.

— Ainda bem que encontrámos este quarto livre — disse ela, trepando para cima do namorado, deitado. — Safámo-nos a tempo.

— Olha para os óculos na secretária. Não são do Dr. Mateus? Acho que viemos logo parar ao quarto de um dos *big bosses* — riram-se os dois.

— Não tiveste medo daquele gajo? Viste como se transformou, mesmo à nossa frente? Juro que achei que ia matar o outro.

— Confesso que me deixou... excitada — respondeu ela, naquele sorriso de lábios quase a rebentar. — Parecia pronto para foder como um selvagem.

— Ah, gostas disso, é? Então vê o que consegui surripiar no meio da confusão.

O *influencer*, um homem musculado, mas com traços demasiado femininos para o meu gosto, tirou três ampolas do bolso do casaco, as mesmas que Jeremias tinha bebido na festa. Quando a mulher olhou para aqueles tubos na mão dele, a sua expressão era um misto de receio com entusiasmo.

— Como os conseguiste? Tens aí uma fortuna!

— Roubei-os a um dos empregados, no palco. Podemos usá-los agora, se quiseres.

— Sem supervisão?

— Não precisamos do Dr. Mateus ou de nenhum dos outros. Podemos guiar-nos um ao outro.

— Não sei, parece-me perigoso... Precisamos mesmo disso?

— Já fizemos isto dezenas de vezes, vai correr bem. Lembra-te daquela noite em que chegámos das Filipinas e viemos para cá? Estávamos com *jet lag* e exaustos e, mesmo assim, tivemos a melhor noite de sexo das nossas vidas quando chegámos a casa. Estou de pau feito só de me lembrar.

Antes que pudessem falar mais sobre aquilo, ela agarrou rapidamente numa das ampolas e bebeu tudo. Ele pareceu ainda mais entusiasmado com aquilo, bebendo a outra. Depois começaram aos beijos esfomeados na cama do nosso pai. Tendo Tomé ao meu lado, totalmente imóvel a assistir àquilo, tentei disfarçar o facto de eu própria me sentir excitada ao vê-los naquela euforia.

— Consigo vê-lo! Já o encontrei! — gritou ele, levantando-se de cima dela com um enorme volume nas calças. Olhava para um ponto qualquer do quarto, mas sabia que a sua mente já estava longe dali.

— Trá-lo para aqui — pediu ela. — Quero que me fodas como ele.

O *influencer* começou a despir-se e depois praticamente rasgou o vestido dela, virando-a de costas e penetrando-a com força. O grito de prazer foi tal, que as paredes do quarto quase estremeceram.

— O teu pai fode tão bem! Isso, continua! Consigo senti-la, ela está perto!

— Gostas de o sentir dentro de ti? É de um homem assim que gostas, não é?

— Isso, já estou a vê-la a correr para nós. Está aqui!

— Sim, estou a senti-la! As mãos dela no meu corpo, as mamas grandes da tua mãe na minha boca!

Fiquei enojada com aquela cena. Não tinha vergonha de admitir que apreciava pornografia e sexo, mas não quando o que via era um casal com *mommy* e *daddy issues* a cavalgar à minha frente com o meu irmão mais novo ao lado. Tomé não se mostrava incomodado, antes pensativo. Sabia que estava a ignorar a cena de sexo ao vivo e a cismar sobre a droga que transportara a mente daqueles dois para as profundezas do seu inconsciente. E, de súbito, saiu do *closet* sem que eu tivesse tempo de o puxar de volta para ali. Avançou para o casal que fazia sexo na enorme cama como animais. Não notaram a sua presença.

Fiz o mesmo e saí, aproximando-me deles. O cheiro a sexo e a perfume era intenso no quarto. Estavam de olhos abertos. As suas mentes não estavam ali, mas noutro lugar em que faziam sexo com os pais de cada um, as figuras do seu inconsciente que certamente eram as raízes das suas inseguranças ou pulsões. Se tivesse um telemóvel comigo, podia filmar aquilo e vender as imagens a alguém. Ia ser a ruína daqueles *influencers* superficiais. Quase podia ouvir os sussurros da *Mulher das Máscaras* impelindo-me a fazer isso. Mas detive-me.

Tomé agarrou na outra ampola não utilizada, espalhada nos lençóis, e enfiou-a no bolso, com um ar sério. Agarrou no *blazer* caído no chão e nas máscaras e saiu do quarto, fazendo-me sinal para que o seguisse. Fechando a porta, conseguia ainda ouvir os gemidos lá dentro.

— Acho que não vou conseguir continuar a seguir a página deles depois disto... — disse eu.

— Não me lembro de alguma vez ter bebido aquilo — explicou Tomé, com ar preocupado, ignorando o meu sarcasmo. Ainda estava a cismar sobre o quarto e aquela droga.

— Nós somos diferentes, Tomé. As experiências que o pai fez connosco distinguem-nos destas pessoas, penso eu. Parece-me que a droga que estão a dar a estas pessoas é mais fraca.

— Quer dizer que não precisamos dela para aceder ao inconsciente?

Conseguia sentir a energia nervosa do meu irmão, aquele momento em que algo dentro dele dispara e parece uma bola de eletricidade difícil de controlar. Não me lembrava de alguma vez ter «viajado» para o meu inconsciente, a não ser quando a *Mulher das Máscaras* aparecia e trazia consigo o surrealismo desse lado sombrio da nossa mente. No entanto, Tomé parecia conhecer muito bem essa realidade. Algo no seu olhar inquieto praticamente gritava isso. Ao longo das nossas vidas, atribuímos a culpa da instabilidade do meu irmão à sua saúde mental. Mas era, afinal, uma vítima das ambições do nosso pai, como nós. A *Mulher das Máscaras* surgiu atrás dele, envolvendo-o num abraço, com expressão de culpa. Assim que tocou na sua pele, Tomé pareceu dar-se conta e afastou-se do local onde estava parado, deixando-a livre para trocar para um novo rosto, agora de ira.

— Podemos usar isto para andarmos por aí mais facilmente — explicou ele, vestindo o casaco e pondo a máscara.

— Não vai ser assim tão fácil. Estas pessoas não são ignorantes.

— É o melhor que podemos fazer para ganharmos algum tempo e encontrarmos o Jeremias e o Tiago.

Decidi alinhar no plano, não por estar confiante naquela estratégia, mas por me sentir segura após a conversa com o presidente. Apesar de estar em terreno inimigo, havia ali um terceiro elemento mais poderoso, que nos podia ser útil. Aceitara aquele acordo por achar que podia ser mais astuta e enganá-los, mas também sabia que seria facilmente espezinhada como uma barata assim que o fizesse. Porém, ainda não tinha as minhas armas todas disponíveis. Uma delas já estava comigo. Precisava das outras duas.

A música do outro lado da porta era frenética e alta. O meu irmão olhou para mim como que a perguntar-me se estava pronta para regressar à festa. Olhei para os meus braços. Ainda conseguia ver as minúsculas gotas de sangue na minha pele. Sabia que, por mais que as limpasse, aquele sangue nunca iria desaparecer. Acenei e entrei na festa, sentindo dezenas de versões de *Mulheres das Máscaras* a entrar comigo, um exército. Eu, a rainha *Persona*.

Noa

A primeira coisa que vi, quando acordei, foi uma forte luz branca que me fez cerrar os olhos novamente. Senti a textura áspera da manta da cama e o seu odor empoeirado. À minha volta, a sujidade dos vidros baços quase me impedia de ver além deles, mas percebi onde estava — na prisão do meu pai.

Um movimento no escuro atraiu a minha atenção. O meu pai observava-me com o mesmo olhar intenso de que me lembrava em pequena; nas suas mãos, fotografias que não consegui identificar. Aterrava-me o facto de se parecer tanto com Jeremias.

— Devo-te um pedido de desculpas — disse ele, numa voz grave, mas rouca. — Sei que o teu nome é Noa.

Estremeci ao lembrar-me do nosso reencontro naquele laboratório. Não sabia ao certo quanto tempo havia passado desde esse momento, mas a forma como o ouvira dizer «Gabriel» ainda me arranhava os ouvidos. Piorava por o sentir ali, perto de mim, observando-me da penumbra, antes *Meninos*, agora *Gabriel adulto*.

— Como é que conseguiste sair do hospital? — questioneei, levantando-me da cama. Sentia a sua cautela a olhar para mim, cada palavra a ser pensada ao pormenor. Estava com receio de mim.

— Consegui sair de situações mais complicadas no passado.

— Sou tua prisioneira? — perguntei, sabendo que a porta estava trancada, mesmo sem a testar.

— Espero que não te ofendas. É para tua segurança.

— Talvez estejas preocupado com a tua própria segurança. Pergunto-me de quem será a culpa disso — acusei eu, sentando-me na cama.

— Não condeno o teu ressentimento. Não adianta encontrar

argumentos para me perdoarem, pois sei que não é possível. Há muito que aceitei isso.

Aquela conversa de mártir salvador foi como uma cascata de lava sobre mim. Conseguia sentir o ódio por aquele homem a borbulhar dentro de mim, tal como quando perdera o controlo.

— Presumo que não tenham visto a cassete que deixei. Caso contrário, não estarias aqui.

— Vimos todas as tuas cassetes. Eu e o Tomé, pelo menos. Estranha forma de nos ajudares.

— O Tomé viu as cassetes? — perguntou ele, deixando exposta alguma preocupação. — Qual foi a reação dele?

— A que se pode esperar do Tomé, uma tempestade de planos e teorias. Ainda te idolatra, sabes? — disse eu, mais em tom de acusação do que elogio.

— Não tive alternativa. Deveriam ter recebido a mensagem antecipadamente, mas as coisas não correram como esperava — respondeu, esfregando as marcas do cateter nos braços.

— Se ainda tens um pinga de bondade dentro de ti, solta-me e ajuda os meus irmãos. Foram levados pelas mesmas pessoas com as quais te envolveste.

O rosto dele ficou pálido, parecendo doente até.

— Há vários elementos em ação, Noa. Perigosos e contra os quais não tenho mais armas.

Levantei-me e bati nos vidros com força. Ao meu lado, surgiu Gabriel a bater violentamente como eu. Não conseguia olhar diretamente para ele. A sua presença ainda me queimava a pele e a alma. Algures no armazém, o som de interferências radiofónicas ecoava de forma irritante.

— São os teus filhos, os mesmos cujas vidas estragaste com o teu egoísmo. Porque não nos deixaste em paz?

Ele caminhou lentamente na direção da prisão e mostrou-me uma das fotografias que tinha na mão, eu a sair do hospital em pleno processo de transição de Gabriel para Noa.

— Tudo o que fiz durante todos estes anos foi deixá-los em paz. Mas fui forçado a sair das sombras para evitar que os meus erros os prejudicassem ainda mais.

— Tu andaste a espiar-nos todo este tempo em que achávamos que estavas morto ou desaparecido? — perguntei, num sussurro raivoso, vendo que tinha também nas suas mãos fotografias de Jeremias, Cibele e Tomé já adultos.

— Apesar de tudo, são meus filhos. Eu sou humano, também tenho as minhas fraquezas.

— Um pai que faz isto não é humano! — gritei eu, quase em uníssonos com Gabriel, ao meu lado. As paredes de vidro da prisão estremeceram perante a nossa ira.

— Noa, tens de controlar as emoções. O inconsciente está a conseguir dominar-te e só te vais magoar, dessa forma.

— Foi por isso que me prendeste aqui? Para continuares com as tuas experiências doentias? — gritei eu, lembrando-me das minhas imagens e das dos meus irmãos naquela cama, durante noites a fio, reféns daquele monstro.

— Eles estão contigo aí dentro, não estão? — perguntou ele, inabalável.

Deixei cair as mãos. Gabriel afastou-se do vidro e senti-o recuar até desaparecer para a escuridão que rodeava aquela grande sala. Senti-me nua e vulnerável, percebendo que o meu pai sempre soubera da existência dos *Meninos*, quem sabe até instigados por ele para escaparem do meu inconsciente para aquela realidade. O que ele não sabia era que os *Meninos* eram afinal uma representação da dualidade da minha alma — Noa e Gabriel.

— Que são, afinal? Entidades sobrenaturais? Fantasmagoras?

— Nada de sobrenatural nesta situação. Os únicos *fantasmagoras* aqui, se é que se podem chamar assim, são os que guardamos na nossa mente. Cada um de nós e todos nós em conjunto.

— Então porque estão aqui? Porque interferem com a nossa vida, com a nossa realidade?

— Isso só acontece com vocês. São diferentes. O meu maior erro e a maior conquista. Mas também o meu maior segredo.

— Nós éramos uma família feliz. Podias ter ficado. Certamente iríamos perdoar-te.

— A tua ingenuidade é encantadora. Já me tinha esquecido desta sensação, depois de tanto tempo a lidar com pessoas cínicas e

superficiais. Infelizmente, era tarde de mais. Já não podia voltar atrás, depois de tudo o que fiz e do que aconteceu — explicou ele, voltando a olhar para as fotografias. — Tudo o que sempre quis foi ajudar, sabes? Conseguia prever os seus problemas, sinais de que se tornariam em algo pior, como via nas pessoas que tratava. Quis apenas antecipar-me e ajudá-los a criar os instrumentos para lidar com isso.

— Fazendo experiências secretas connosco, que nos deixaram com mazelas mentais e emocionais? Desaparecendo durante vinte e três anos?

Desviou o olhar de mim, recuando com uma expressão envergonhada. Algures na escuridão, desligou os rádios cuja estática se estava a tornar aflitiva. Não conseguindo vê-lo, o eco da sua voz soou fantasmagórico.

— Sabes que os rádios surgiram na minha experiência de forma accidental? Podes não acreditar, mas, muito antes das minhas experiências com vocês, fui a minha própria cobaia, ainda no nosso apartamento. Numa das minhas incursões no meu gabinete, acordei com o rádio completamente descontrolado. À terceira vez em que isso aconteceu, imaginei que estivesse relacionado e, quando o usei com os voluntários do estudo e depois com vocês, passou a ser um instrumento para captar os momentos em que encontram as entidades no inconsciente.

— Como caçadores de fantasmas? — perguntei, sentindo-me a acalmar ao ouvir aquela explicação.

— Não propriamente. Os nossos cérebros também emitem ondas, embora muito fracas e dificilmente mensuráveis. Mas algo muda durante as incursões, especialmente quando encontram as entidades que povoam o inconsciente. É como se o nosso cérebro passasse de sussurro a grito. E isso interfere com as frequências de rádio. Como deves calcular, não foi possível encontrar alguém de confiança que aprofundasse essa análise. Mas revelou-se um importante instrumento no meu trabalho.

— Continuas a encarar tudo isto como «trabalho»...

— Independentemente do que aconteceu na nossa família, não posso apagar terem sido o meu resultado mais brilhante. Pode não servir de consolo agora, mas, graças a vocês, ajudei centenas de pessoas até hoje.

— Espero que tenha valido a pena sacrificares a tua família para ajudares toda essa gente.

— Nunca consegui ter prazer pleno a ajudar nenhuma delas. O fantasma estava sempre presente.

— Tu é que és o fantasma! Tu é que desapareceste da face da Terra!

Gabriel já estava novamente comigo dentro da prisão. Sentia o seu ódio entrancado com o meu. O rosto do meu pai surgiu no círculo de luz, ponderado e interessado. Na minha cabeça, *flashes* de memória soltos daquelas noites em que fazia os testes comigo, aquele mesmo olhar inquisidor. Percebi o que estava a fazer. Não queria que me controlasse, queria que convocasse Gabriel em pleno para continuar com as suas mórbidas experiências. Queria que voltasse para o labirinto nas rochas e que me afogasse no mar vermelho do meu inconsciente.

Não podia dar-lhe esse prazer.

Tomei coragem e peguei na mão de Gabriel, obrigando-o a acalmar-se. Fiz que recuasse até ao fundo da caixa de vidro. Tive pena dele, o seu esquelético corpo nu, tão vulnerável, tão ferido. Magoado por mim. O meu pai parecia olhar diretamente para ele como se também o conseguisse ver. Senti-me impelida a proteger aquele ser frágil.

— Quais são os teus planos afinal?

— Esperar. Não contava chegar a este ponto, mas não me restam mais opções a não ser esperar pelos teus irmãos.

— Achas mesmo que vêm até aqui? Eles estão em perigo.

— Nós somos o perigo, Noa. A família Xavier. Eles vão regressar, esta casa arranja sempre forma de nos atrair até cá. Aqui, onde tudo começou e onde tudo deve acabar — disse, numa voz cansada.

Aquela frase arrepiou-me. Até Gabriel ficou sem forças e deixou-se cair no chão, amedrontado e encurralado como um animal. Naquele momento em que via o meu pai ser novamente engolido pela escuridão da sala como um feiticeiro maléfico, senti-me presa nos últimos resquícios de luz de um mundo amaldiçoado. O meu coração finalmente aceitava que, para mim, aquele homem tinha mesmo morrido no final de 1999.

Tomé

A festa tresandava a segredos. A energia que sentia de todas aquelas pessoas mascaradas, aparentemente influentes, era palpável e estava já a mexer com as minhas emoções. Conseguia ouvir, aqui e ali, conversas sobre Jeremias e o susto com aquela demonstração de poder com Tiago. A minha raiva por Basílio e por todos os envolvidos naquela conspiração aumentou ainda mais.

Cibele desfilava à minha frente como se fizesse parte da festa. A forma camaleónica como se adaptava a todas as situações sociais era assustadora. Não abria muito o jogo comigo, mas sabia que as suas habilidades estariam relacionadas com isso.

Entre as pessoas na festa havia uma clareira com estátuas. Uma delas estava partida em estilhaços no chão, um empregado a varrer-lhe os pedaços para uma pá. Percebi imediatamente que eram representações de nós — Jeremias com o seu demónio, Cibele com as suas máscaras, e Noa, dividida entre duas figuras de género ambíguo. Eu e as minhas sombras estávamos agora a caminho do lixo, dezenas de pequenos fragmentos brancos e pretos.

— Que estás a fazer? Temos de continuar — disse-me Cibele ao ouvido, apertando-me o braço.

A minha irmã parecia ansiosa, mas não apenas pela situação em si. Sentia que havia algo mais do que encontrar Jeremias e Tiago e escapar. Cibele nunca fora muito fácil de ler, mas eu conseguia ver sempre qualquer coisa escondida nas fissuras das suas mentiras ou ocultações. Toquei na ampola no bolso e senti-me mais confiante por ter ali uma saída, caso as coisas dessem para o torto, mesmo que fosse a minha própria irmã a causar isso. Sabia que era errado recorrer às sombras, ou até mesmo àquela droga, para enfrentar a situação, mas

não olharia a meios para salvar a minha família.

Por entre as cortinas ao fundo do salão, vi Basílio com uma mulher. Assim que os viu, Cibeles saiu disparada naquela direção, desviando-se das pessoas como uma leoa. Já eu, dava encontrões em todos os que se atravessavam no meu caminho, aos poucos perdendo a minha irmã para a multidão. A energia de todas aquelas pessoas estava a ser demasiado avassaladora para mim e sentia a minha consciência a resvalar para o outro lado, *flashes* de imagens do castelo em ruínas debaixo de um céu vermelho e de um mar de fogo.

Entrei nas cortinas escuras em busca de uma parede, de uma porta ou até de Cibeles, que me abandonara na sua perseguição cega. O barulho das pessoas na festa começou a diminuir até desaparecer completamente, mas eu continuava a afastar pano e mais pano, cada vez mais perdido naquele labirinto interminável. Era como os corredores quando ali tinha chegado. Chamei por Cibeles, mas não saiu nenhum som da minha boca. Deixei cair a máscara no chão, sentindo o ambiente a ficar cada vez mais denso e claustrofóbico. Asfixiante.

Pedir ajuda às sombras estava fora de questão para já. Mas talvez os meus irmãos pudessem ajudar-me. Parei de resistir contra as cortinas e tentei concentrar-me na energia de Cibeles e de Jeremias.

Algures no castelo, conseguia sentir a energia difusa dela e algo tóxico que sabia ser dele, ambas familiares. Mesmo de olhos fechados, continuei a caminhar por onde sentia a energia mais forte, finalmente chegando a uma porta. O toque da minha mão na maçaneta fez todo o mundo surreal desaparecer.

Quando entrei numa sala com aparelhos de vigilância, deparei-me com Cibeles de pistola apontada à cabeça de Basílio. Uma mulher mais velha olhava assustada para a minha irmã, assim como um homem que reconheci de imediato como sendo Gaspar Jonas, um dos escritores do *reality show* de Ash Falls, que eu andava a investigar antes de tudo aquilo. A cena inusitada fez-me pensar em quanto daquela história tinha perdido até chegar ali.

— Que estás a fazer, Cibeles? — chamei eu.

— Isto não te concerne a ti, Tomás. Sai daqui e vai procurar o Jeremias — respondeu ela, sem sequer olhar para mim. Estava totalmente fixada em Basílio, embora o homem não demonstrasse medo, mesmo com o cano da arma quase colado na testa.

— Estávamos juntos, pediste para te seguir e agora mandas-me embora?

— Tu é que desapareceste. Não te vejo há mais de meia hora — afirmou Cibeles, numa voz firme.

— A Cibeles não quer fazer isto... Pense nos seus filhos — suplicou a mulher baixa.

— É exatamente por estar a pensar nos meus filhos que o estou a fazer, Aida. Se conseguirmos escapar daqui, não vão parar de nos perseguir. Volto a repetir: Basílio, onde está o meu irmão?

— Não faço ideia. O castelo é grande, e o Jeremias desapareceu depois daquele episódio na festa — explicou languidamente. — Talvez seja melhor perguntares àquele senhor, já que nem sequer foi convidado — disse, apontando para Gaspar.

— Ajudei o Jeremias e o Tiago — respondeu o escritor. — Estão em segurança num dos quartos. Posso levar-te até lá e podemos sair daqui.

— Não será assim tão fácil. Estes dois têm alguma na manga, tenho a certeza.

— Cibeles, vamos simplesmente amarrá-los e sair daqui — pedi, sabendo que aquele comportamento era exagerado para ela.

— Ainda não percebeste, Tomás? Fomos enganados este tempo todo. O pai e o Basílio construíram um império à volta de uma droga ilegal para pessoas poderosas. Um império criado graças aos nossos sacrifícios. É justo que acabemos com isso.

— Não sejas hipócrita, Cibeles — acusou Basílio, sem se deixar demover pelas ameaças da minha irmã. — Até parece que não ficaste fascinada com toda a riqueza e o prestígio que isto te pode trazer. No fundo, ainda és aquela adolescente superficial, obcecada por celebridades. As que estão na festa são apenas uma pequena parte de todas as outras que fazem parte da nossa *família* e que podes vir a conhecer.

— Não oiças o que ele está a dizer, Cibeles — pedi. — Está claramente a manipular-te.

— Não sou idiota. Faria o mesmo no lugar dele.

— Então vamos simplesmente deixar tudo isto e fugir.

— Sei que não és tão ingénuo assim, Tomás. Isto não vai acabar. O

Basílio traiu o pai e quer usar-nos para as suas ambições. Isto vai ter de terminar aqui, ou nunca mais teremos paz. Tenho duas crianças para proteger!

— Eu traí o Mateus? — riu-se Basílio. — O seu pai é a pessoa mais manhosa e manipuladora que alguma vez conheci. Não foi só a vocês que mentiu. Estão redondamente enganados se acham que tudo isto foi para os prejudicar. Quero-os a meu lado. Foi por isso que os atraí para a casa e depois os trouxe para aqui. Quero que despertem o seu potencial. Há um lugar de destaque para vocês aqui.

Não compreendia de que forma Basílio achava que ia conseguir melhorar o negócio comigo e os meus irmãos, mas sem o nosso pai. Talvez nos quisesse usar apenas como *marketing*. Havia ali toda uma história de amizade, parceria e traição que desconhecia e que podia muito bem ser anterior ao desaparecimento dele, mas ser a chave para descobrir todos os mistérios daquela sociedade.

— Não fales assim do meu pai! — gritei eu.

— Esclarece-me porque continuas tão defensor de um homem que usou os próprios filhos para os seus objetivos. Diz-me, lembras-te do que realmente aconteceu no final de 1999 para ter desaparecido das suas vidas?

Avancei sobre Basílio, sentindo a ira das sombras que entravam na sala juntar-se à minha. Ignorei a pistola nas mãos da minha irmã e a sua indignação, quando comecei a esmurrar a cara arrogante de Basílio, um sorriso que não desaparecia, mesmo quando o sangue lhe enchia a boca, os dentes e os olhos. Queria arrancar-lhe aquela presunção do rosto à força.

Senti as mãos de Gaspar a puxar-me, mas foi afastado pelas sombras como o inseto. Até os gritos de Cibele e da outra mulher eram abafados pelas sombras que se juntavam a mim no ataque àquele homem que contribuía para afastar o meu pai da família.

— Tomé!

A voz grave de Jeremias despertou-me da desconcertante fúria. Larguei o colarinho de Basílio, deixando-o cair no chão numa confusão de sangue e tosse dolorosa. Tiago estava sentado no chão, ferido, e Jeremias, especado à porta a olhar para mim como um pai a repreender o filho. Parecia-me ainda maior, mais colossal. A sua energia estava mais controlada do que alguma vez sentira. Isso fez-me

sentir insignificante e fraco, a raiva e as sombras a encolher e a desaparecer como papéis ao fogo.

— Não podes continuar. Vais matá-lo — reforçou Jeremias.

O seu tom não era condenatório, antes complacente. Senti vontade de chorar e dificuldade em respirar, dominado pelo desespero de ter cometido um enorme erro, que poderia ter tido um final trágico se Jeremias não tivesse chegado. O meu irmão aproximou-se e agarrou-me gentilmente no braço, o seu toque a evocar memórias de todos os momentos da minha adolescência em que ficara doente ou fizera alguma estupidez perigosa. Pela primeira vez em muito tempo, aquele toque era apenas um toque, sem influência da sua energia na minha estabilidade.

— Respira. Está tudo bem. Estou aqui — continuou ele.

Enquanto me afastava lentamente do corpo caído de Basílio, ainda a tossir e a cuspir sangue, vi Cibeles recuar, mas ainda de arma levantada, agora na direção de Aida. Gaspar estava já em cima da mesa de controlo da sala de vigilância a carregar numa série de botões. Poucos segundos depois, soou um alarme por todo o castelo.

— Isto vai fazer que todas as pessoas saiam em segurança — explicou ele.

— Tu. Abre o cofre — ordenou Cibeles à outra mulher, que rapidamente digitou o código numa parede e tirou lá de dentro uma mala de metal cheia de ampolas e várias pastas com documentos. — Agora desaparece.

Aida fugiu como um animal assustado, tendo sempre a pistola de Cibeles a acompanhá-la. O som do alarme era um martelo na minha cabeça já de si debilitada. Jeremias fixava-me com o seu olhar penetrante, mantendo-me à tona.

— Gaspar, podes amarrar o Basílio? Deve haver por aqui alguma coisa que possas usar — pediu ele.

O escritor arrancou o fio de um telefone e começou a amarrar as mãos do outro. Assim que o fez, Basílio começou a rir fracamente, todo ele cara negra, dentes partidos e sangue, o mesmo que eu ainda tinha nos meus punhos doridos.

— Acham mesmo que isto vai acabar aqui? Este fogo que o Mateus lançou no mundo é impossível de apagar.

— A conversa de vilão clichê não lhe fica bem, Basílio — disse

Cibele, já com a pistola em baixo.

— Continuam a achar que o *vilão* sou eu. Tão ignorantes...

— Jeremias, temos de ir. Já temos a nossa distração — anunciou Gaspar.

— Podes ajudar o Tomé? — pediu ele.

Gaspar ajudou-me a levantar e apoiou o meu braço no seu pescoço. A sua energia e o toque eram muito semelhantes aos de Jeremias. Em vez de se dirigir para Tiago, o meu irmão abriu a mala de metal que Aida tirara do cofre e tirou uma mão-cheia de ampolas. Senti a escuridão, que normalmente prendia dentro de si, andar à solta naquela sala. Nunca o tinha visto a permitir tal. Era ele a dominá-la agora. Jeremias puxou o cabelo de Basílio e obrigou-o a abrir a boca ensanguentada. Ainda se debateu, mas o meu irmão não estava com medo de usar a sua força. Foi aí que vi verdadeiro medo no olhar de Basílio. Nem quando levara uma sova da minha parte mostrara tanto pavor. Uma a uma, Jeremias enfiou o conteúdo de umas dez ampolas pela garganta dele. Não tardou muito até que o seu corpo caísse como se tivesse desmaiado. Tive sérias dúvidas de se alguma vez acordaria dos efeitos daquela quantidade de «Sonho de Morfeu».

Pela primeira vez na vida, tive medo de Jeremias. Nenhum de nós disse nada, quando pegou em Tiago e exigiu que saíssemos, cada um com uma máscara. No corredor, vi pelo menos três homens caídos e imóveis no chão. Feridos ou até mortos, sabia que Jeremias era o responsável.

Conseguimos chegar ao salão a tempo de nos misturarmos com outras pessoas que saíam do castelo perante o alarme tão forte, umas assustadas, outras confusas. Os homens de negro também pareciam atarantados, sem saber ao certo o que fazer ou como controlar a súbita agitação, o que nos permitiu atravessar as pesadas portas do castelo para o exterior, onde algumas viaturas começavam a arrancar dali para fora.

O ar da noite permitiu-me recuperar algumas das minhas forças, pelo que larguei Gaspar e segui rapidamente os meus irmãos para o estacionamento junto aos altos muros. Era Cibele que agora nos guiava, ainda agarrada à mala com as ampolas e os documentos. Uma mulher com máscara branca esperava por nós junto a uma carrinha

preta. A minha irmã entregou a mala e abriu a porta, convidando-nos a entrar, como se tudo aquilo fizesse parte de um plano. Percebi que Gaspar tinha estacado o passo, cruzando o olhar preocupado com o de Jeremias. Mais uma vez, sentia que estava a mais em qualquer uma daquelas histórias.

— Vamos. Confiem em mim — pediu Cibeles, enquanto a mulher mascarada entrava para o lugar do pendura.

— Jeremias, não sei se deveríamos... — sugeriu Gaspar antes de a minha irmã o interromper.

— Não temos grande alternativa nem tempo para explicações. Entrem na carrinha.

Tinha de concordar com a minha irmã. Os homens de negro começavam a reparar em nós e, se queríamos fugir e ajudar Tiago, não tínhamos outra opção a não ser confiar em Cibeles. Fui o primeiro a entrar, com Jeremias, Tiago e Gaspar logo atrás de mim. Assim que fechámos a porta, o homem mascarado que estava ao volante rapidamente arrancou, passando por todos aqueles carros topo de gama e pessoas emproadas que escapavam.

Olhei através do vidro de trás para o Castelo de São Rafael, que ficava cada vez mais pequeno, o lar do meu pai durante todos aqueles anos. Tão perto e tão longe. Eu, Cibeles e Jeremias entreolhámo-nos, cada um perdido nos seus segredos, também nós tão perto, mas afinal tão distantes.

A estrada junto à costa permitiu ver a Casa da Lua a quilómetros dali. A luz do observatório acesa. Estava lá alguém, conseguia senti-lo. Enquanto via surgir a ténue imagem do rasgão no céu vermelho por cima da casa, fui invadido pela terrível sensação de que tudo aquilo estava quase a chegar ao fim.

Outubro de 1999

Jeremias sentiu a faca de cozinha ficar ainda mais pesada na sua mochila quando atravessou o portão da escola. Tentou concentrar-se na música de Marilyn Manson que ouvia no *discman* para não desistir daquele plano que andava a engendrar havia quase um mês. Viu o *Homem* sorrir da entrada do edifício, dezenas de alunos a passar por ele, sem sequer repararem naquele gigante com fome de carne jovem. A figura acabara por se tornar numa obsessão para Jeremias em todas aquelas noites em que se fechava no quarto, vingança e desejo, evocando os seus instintos mais selvagens.

O interior do edifício estava completamente decorado com abóboras, fantasmas e morcegos para celebrar o *Halloween*, que teria lugar no domingo seguinte, uma data anglo-saxónica imposta por uma professora de Inglês e à qual aqueles alunos pouco ou nada ligavam.

Quando soou o toque, as centenas de jovens começaram a escorrer para cada uma das salas, deixando Jeremias sozinho naquele corredor que agora parecia demasiado grande para ele. O *Homem* pousou uma mão no ombro do rapaz. Podia sentir a pele dele a arder, suor como se tivesse acabado de chegar do Inferno. Olhou através do vidro da porta da sala de aula para os colegas que lhe atormentavam a vida e a integridade, todos eles virilidade tóxica, tão descontraídos na sua vil crueldade. Cego pelo desejo de vingança, apertou a mão no cabo da faca dentro da mochila.

No piso acima, Tomé esforçava-se por se manter acordado na aula de Ciências Naturais. Mal tinha tido tempo para se sentar, a professora começara logo a rever a matéria do dia anterior. Na noite passada, voltara a ter pesadelos, milhares de sombras a observarem-no num deserto de areia vermelha. Havia acordado mais cansado do que

quando se deitara, e a viagem de carro até ao trabalho da mãe tinha esgotado ainda mais a sua energia. Cibele e Jeremias afundavam-se cada vez mais no seu mau humor a ponto de contagiar todos lá em casa. Até Gabriel emitia uma energia tão emaranhada que deixava Tomé exausto. Havia momentos em que só pedia uma pausa da sua família para poder descansar.

De repente, um disparo de adrenalina fê-lo despertar do seu torpor, um sentimento de inquietação que lhe deixou um gosto amargo na boca e o estômago revoltado. Era uma sensação familiar, algo que já sentira lá em casa. Pondo o dedo no ar, pediu ao professor para ir à casa de banho e saiu disparado, sentindo aquela energia negativa a puxá-lo. Quando desceu a escada, deu com Jeremias especado à porta de uma das salas. Estava com a mão enfiada na mochila. Quase não parecia ele, antes um monstro demolidor prestes a atacar. Tomé correu na sua direção, mas nem os seus passos pesados a ecoar no corredor o fizeram despertar. Praticamente atirou-se para cima do irmão e apertou o corpo dele num abraço, prendendo o seu olhar suplicante no dele. Conseguiu sentir todas as emoções do irmão a passar para ele — sofrimento, mágoa, humilhação, vergonha, covardia, raiva, ira —, tudo a ser enfiado à força na sua cabeça como pregos ferrugentos.

— Tomé? — chamou Jeremias, num sussurro fraco, como se tivesse acabado de acordar. Recuou num impulso, deixando cair a mochila no chão, assim como a faca a reluzir à luz do Sol que entrava pelas janelas.

Tomé sentiu a presença das mesmas sombras que atormentavam os seus sonhos e pesadelos. Mas havia uma maior e mais dominante, como um imperador malévolo das histórias que lia. Já tinha visto traços das sombras ao longe, mas nunca tão perto e tão perniciosas. Não se limitavam a observá-lo como sempre. Exigiam que Tomé fizesse algo. Algo mau.

Abriu a porta da sala de aula de Jeremias com um pontapé, assustando o professor e todos os alunos lá sentados. A voz do irmão e do professor eram apenas ecos distantes, quando começou a gritar, a pontapear mesas e a atirar com cadeiras. Os alunos levantaram-se e correram para o canto da sala, assustados com aquele pequeno terror que tingia a tranquilidade de uma manhã de sexta-feira. Até os

atacantes de Jeremias se afastavam dele, como se tivesse uma doença contagiosa.

No seu interior, Tomé era um ser pequeno e indefeso, preso num corpo agora controlado pela vontade das sombras. Mas tinha de resistir. Por ele. Pelo irmão. Pela família. Continuou a partir e a bater em tudo o que encontrava à frente para esgotar aquela energia. Quando finalmente isso aconteceu e caiu no chão sem força nas pernas, sentiu uma série de mãos adultas a levantá-lo com violência e a arrastá-lo para fora do buraco negro que se formara ali.

*

Cibele fechara-se na casa de banho das raparigas no momento em que os boatos do incidente com os irmãos começaram a correr a escola como um rastilho. Nem sequer sabia o que tinha acontecido nem onde estavam, quando começou a sentir os olhares de todos nela, como se também ela fosse delinquente. Tinha levado semanas a tornar-se noutra pessoa naquela escola para, de repente, os idiotas dos irmãos deitarem tudo a perder. Desde que cortara o cabelo e começara a usar roupa preta e mais acessórios de aspeto perigoso, passara de rapariga popular e bonita a gótica que toda a gente evitava. Era um alívio para si ser deixada em paz. Era outra pessoa agora, mais invisível, e isso era excitante.

Até acontecer aquilo com Jeremias e Tomé e passar a ser vista como outra louca. Dava tudo por poder desabafar por mensagem com o seu namorado de há meses, não fosse ele afinal um pedófilo violador de trinta e tal anos.

Quando ouviu vozes de raparigas a entrar na casa de banho, parou a música da Alanis Morissette, tirou os *headphones* e subiu as botas para a sanita.

— Juro-te! Foram os irmãos dela — disse uma, que Cibele reconheceu como sendo sua colega de turma. — Achas assim tão inacreditável? Vê bem a figurinha dela desde o início do ano, armada em gótica martirizada. Até parece um rapaz com aquele cabelo curto.

— *Yah*, podes crer — disse outra colega. Pelos sons que ouvia, pareciam estar a maquilhar-se, como era habitual, o que as fazia parecer prostitutas aos olhos de Cibele. — Estas pessoas das grandes cidades pensam que são superiores a nós, mas não passam de

depravados.

— Sim. Se são assim tão bons, porque vieram para cá? Deixem-se ficar na cidade grande, já que é tão bom.

— Olha, ao menos deixou de ser a queridinha da turma. Tão feia agora, coitada.

— Por falar nisso, ouviste as histórias? Dizem que foram para aquela casa isolada na costa, porque todos na família se enrolam uns com os outros. O pai acho que é um daqueles psicólogos de malucos. Até devem pertencer a alguma seita, sei lá. Não é de admirar que depois façam estas coisas violentas.

Aquela última frase fora a gota de água para Cibeles. Até então a controlar-se para passar despercebida, saltou da sanita e abriu a porta do cubículo com força. Mas não estava sozinha. As portas dos outros cubículos abriram-se ao mesmo tempo e em uníssono, e surgiram três figuras iguais da *Mulher das Máscaras*, todas com a mesma expressão de ira. As duas raparigas olharam para Cibeles com um misto de surpresa e medo. Não tiveram tempo de reagir quando as mulheres saltaram para cima delas e começaram a esbofeteá-las e a arranhá-las com as longas unhas. Os gritos das colegas deram-lhe um intoxicante prazer. Uma delas conseguiu escapar da casa de banho, gritando por ajuda. De repente, Cibeles já não estava à porta do cubículo a observar o ataque. Era ela que estava ajoelhada em cima da rapariga que estava aos gritos e com a cara e braços ensanguentados. Suplicava por misericórdia. Olhou dela para o seu reflexo no espelho. Não era ela, era a *Mulher das Máscaras* que sorria de volta, manipuladora e vil.

*

Jeremias, Cibeles e Tomé estavam alinhados no sofá da sala, os seus tamanhos decrescentes como um perfeito quadro naquele fim de tarde, não fosse a desilusão de Júlia, enquanto andava de um lado para o outro, a tentar encontrar as palavras certas para conversar com os filhos. *Luna* estava aninhado aos pés de Tomé, indolente ao sermão. Gabriel observava o cenário, escondido no topo da escada, preocupado com os irmãos. Os *Meninos* acompanhavam-no, igualmente curiosos. No tenso caminho até casa, tinha estado a desenhar demónios e fantasmas, no carro.

— Não entendo. Como é que num só dia os três se meteram em

sarilhos na escola? — perguntou Júlia aos filhos, que olhavam agora para o chão. — Vocês nunca fizeram algo assim. Que aconteceu?

— A culpa é minha. O Tomé não teve nada que ver com o que se passou — defendeu Jeremias.

— Penso que os teus colegas e professor discordam, pois todos viram o teu irmão a destruir a sala de aula. Claro que isso não desculpa teres levado uma das nossas facas para a escola. Que pensavas fazer, Jeremias? E tu, Cibele? Atacar as tuas amigas daquela forma... Felizmente só ficaram com arranhões e nódoas negras.

— Elas não são minhas amigas — explicou.

Júlia deixou-se afundar numa das poltronas, frustrada. Olhou para os rostos dos filhos, à procura de algo ali que pudesse explicar aqueles comportamentos. Ainda se lembrava de quando era pequena e a sua mãe lhe dizia que havia sempre ficção nas brechas de histórias contadas. Mas ali nem havia histórias para analisar, apenas vazio.

— Sempre tentei ser uma mãe diferente das outras, mais descontrainda. Não sou rígida com vocês e sempre tiveram liberdade para ser as crianças e os jovens que querem ser. Nunca me deram motivos para agir de outra forma. Mas hoje sinto que falhei como mãe — confessou Júlia, mais a si do que aos filhos. Os três tiraram imediatamente os olhos do chão, mas foi Tomé que se levantou rapidamente e veio a correr até à mãe, pegando na sua mão.

— Tu és a melhor mãe do mundo! Não digas isso! — pediu Tomé, com os olhos aguados.

— Estás sempre a dizer que todos cometemos erros. Somos jovens, mas somos humanos e cometemos erros como todos os outros — afirmou Jeremias, com o tom mais adulto que Júlia alguma tinha ouvido nele.

— Tudo bem — aceitou ela, suspirando. — Tenho de admitir que tens razão. Ainda assim, não apaga o estarem suspensos da escola durante uns dias e de isto ficar nos registos. Nunca pensei ser o tipo de mãe que faz isso, mas, nesse período, também estarão de castigo. Nada de Internet ou jogos, apenas estudo para compensar a ausência das aulas.

Nenhum dos três retaliou. Júlia preferia que tivessem reclamado, pois mostraria que as acusações eram injustas.

— É esta casa — disse de repente Tomé, baixinho.

— Desculpa? — perguntou Júlia.

— Esta casa não é boa para nós — Jeremias e Cibeles viraram a cabeça quase ao mesmo tempo para o irmão. — Desde que viemos para aqui, acontecem coisas estranhas. Falta muito para voltarmos para a nossa casa?

Tomé estava a verbalizar o que Júlia sentira desde que entrara ali, uma energia negativa que flutuava como pó invisível no início, mas que agora era um denso nevoeiro preto. O seu instinto praticamente esteve a gritar e não lhe ligou durante todos aqueles meses. Havia ali algo diferente. A sua família estava a mudar, cada um a isolar-se na sua ilha pessoal. E só havia uma forma de resolver isso.

*

Na manhã de domingo, Dia das Bruxas, a casa acordou com um grito seguido de um choro aflitivo. Júlia e Mateus praticamente voaram escada abaixo. A televisão estava acesa e passava os primeiros desenhos animados do dia. Seguindo o som dos soluços, passaram por um pacote de leite entornado no chão e foram dar com Tomé descalço, paralisado e a soluçar à porta que dava para o quintal.

À sua frente, o sangue do cadáver esventrado de *Luna* misturava-se com a água da chuva que caía pesada, o pelo molhado e os olhos envidraçados longe da vivacidade do gato preto que toda a família adorava. Uma faca de cozinha ainda estava enfiada na sua barriga. Jeremias, Cibeles e Gabriel estavam já no local, juntando-se ao choque dos outros, com o último a fugir escada acima para se refugiar no quarto, os outros dois a desviar o olhar do cenário horrendo e do desespero de Tomé.

Júlia virou-se para o marido com uma ira que ele nunca vira. Era como se soubesse que, no fundo, a culpa de tudo aquilo era dele.

— Eu e os miúdos vamos voltar para casa. Tens agora a tua oportunidade de decidir se queres vir connosco ou continuar neste sítio horrível.

Jeremias

Quando me deitei nessa noite, o *Homem* ficou comigo, observando-me num dos cantos do quarto com o sorriso largo a cintilar à luz fraca que entrava pela janela aberta. Conseguia sentir a sua satisfação com o que tinha feito com Basílio, uma decisão inteiramente minha e sem a sua influência. Estava surpreso por não sentir remorsos pelo que havia feito, nem sequer medo das consequências. Depois de saber tudo o que fizera, ele tinha merecido aquilo. Merecia ainda pior, mas fora um castigo justo. Não sabia quais os efeitos daquela quantidade da droga. Talvez até recuperasse. Mas, olhando para a expressão saciada do *Homem*, acreditava que aquele havia sido o fim de Basílio naquela história.

No entanto, o eco das suas últimas palavras permanecia na minha cabeça antes de adormecer — ele não era o verdadeiro vilão. Quem era então? O meu pai? Havia sequer vilões em todo aquele novelo de problemas? Havia muito daquela história que não conhecia, como a origem e o poder daquela droga, o «Sonho de Morfeu».

Juntava-se agora o envolvimento daquela organização da qual Gaspar fazia parte. Pelo visto, Cibele também estava envolvida. Nunca esperei ver a minha irmã com uma pistola apontada a outra pessoa e a entregar documentos como se fosse agente secreta. Era como se não a conhecesse de todo.

E Tomé, aquela extrema violência a que assistira e que, felizmente, consegui interromper. Parecia que tínhamos voltado àqueles meses terríveis na Casa da Lua. Ele nunca devia ter deixado a medicação, e eu nunca devia ter deixado que partisse e se mantivesse fora da minha supervisão. Era meu dever cuidar dele.

Ainda me custava acreditar que em tão pouco tempo as nossas vidas

tenham sido viradas do avesso. A minha rotina diária parecia agora tão distante.

Em todos aqueles mistérios e segredos, havia uma certeza: o meu pai continuava a estar no centro de tudo, e isso fazia-me odiá-lo ainda mais. Era libertador poder admiti-lo finalmente. Quando adormeci, o seu rosto enigmático não deixou a minha mente. Quis arrancá-lo à força.

*

Quando acordei, com o som de alguém a bater à porta, parecia ter estado a dormir durante dias. Os loucos acontecimentos da noite anterior rapidamente ressurgiram, mas ao menos o *Homem* já não estava ali comigo. Ainda estava com a roupa que Basílio me obrigara a vestir para a festa, as manchas de sangue de Tiago na camisa a relembrar-me as atrocidades que havia cometido.

— Bom dia. Não sabia se já tinhas acordado — cumprimentou Gaspar, espreitando pela porta. Estava com ar limpo e descontraído, ao contrário de mim. Trazia roupa asseada.

— Acordei há pouco. Estava exausto, mas não pensei que adormecesse tão rápido — confessei.

— Não dormimos assim tanto. São nove da manhã. Tendo em conta tudo o que se passou, era importante que descansassem. Achei que quisesses saber que o Tiago está bem. Já foi tratado e está a caminho de casa. Pelo que sei, não te denunciou nem tenciona fazê-lo.

Assim que fomos despejados naquele local, Tiago fora levado pelas duas figuras mascaradas da carrinha para ser assistido, possivelmente pela própria organização. Antes de fechar a porta da viatura, vi o seu rosto ferido e inchado a analisar o meu. Não se despediu, mas também não vi ódio no seu olhar inchado. Ao observar a carrinha a partir, imaginei se aquela seria a última vez que o via. Éramos ambos vítimas de uma relação condenada. Ainda assim, não merecia ter sido arrastado para a insanidade da minha família. Não sabia ao certo como ou se iria conseguir superar do fim daquela relação. Daquela ausência. Mas ausência era ao que mais estava habituado na minha vida.

— Obrigado por toda a tua ajuda, Gaspar. Não precisavas de te arriscar daquela forma.

— Não precisas de agradecer — disse ele, de forma modesta, mas estava claramente radiante com aquelas palavras. — Como te disse, o Mateus ajudou-me muito. É um prazer ajudar a sua família, dentro das minhas possibilidades. Trouxe-te uma muda de roupa, já agora.

— Estou mesmo a precisar.

— Lamento tudo o que te aconteceu. Não só a situação com a tua família, mas tudo o que aconteceu entre ti e o Tiago. Também terminei uma relação há uns meses. Sei o que custa e o vazio que fica. Às vezes, as coisas simplesmente não dão certo.

Fiquei a pensar se a pessoa a que ele se referia seria Baltazar, o *ghostwriter* com quem se envolvera na casa de Ash Falls. O seu olhar era tão pesaroso, que não quis aprofundar isso.

— Neste momento, apenas quero que fique bem e que siga em frente. Eu já o deveria ter feito há muito tempo.

Gaspar ficou a olhar para o meu rosto durante algum tempo. Quase conseguia ouvir os seus pensamentos e a sua hesitação. Pouco depois, avançou sobre mim e deu-me um inesperado abraço. Senti o cheiro de sabão na sua pele, mas também o seu calor confortante.

— Não confies em ninguém. A organização tem olhos em todo o lado — segredou-me ele ao ouvido. — Nem nos teus irmãos.

Quando se descolou de mim, o seu olhar sério remeteu-me para a nossa conversa no castelo, sobre a organização perigosa na qual fora forçado a entrar. Ainda que estivesse agradecido pelo seu aviso, apenas o conhecia havia umas horas. O mais sensato seria desconfiar dele. No entanto, sentia uma estranha ligação com Gaspar, como se fôssemos impossivelmente parecidos. Referira que também ele tinha um demónio, e imaginei se seria um ser enorme a impeli-lo a fazer ou a dizer coisas cruéis, como acontecia comigo.

As palavras segredadas continuaram comigo, mesmo quando saiu do quarto e tomei um banho quente. «Nem nos teus irmãos.» Tinha de falar com eles. Eram meus irmãos, ajudara a minha mãe a criá-los. Acreditava que os conhecia melhor do que ninguém. Mas se nem eu próprio me conhecia, podia afirmar com certeza que podia confiar neles? Olhei para o meu reflexo no espelho da casa de banho, o meu rosto agora misturado com o do *Homem*, afinal manifestação da minha psique, potenciada pelas experiências do meu pai, uma representação de todos os meus segredos e pulsões, recalcados na parte mais

profunda da minha mente. Se não confiava em mim, como é que podia confiar em Cibeles, Tomé ou até Noa?

Olhei pela janela antes de descer. A praça da aldeia de Quebranto continuava tão pacata como há décadas quando ali tinha passeado pela primeira vez. Havia mais visitantes, mas, ainda assim, mantinha aquele encanto de que me lembrava. Será que os seus habitantes sabiam o que se passava no Castelo de São Rafael, a quilómetros dali? Conheceriam os segredos que a Casa da Lua guardava?

Quando desci, pensei se aquele local onde estava seria apenas uma casa de férias ou uma espécie de base daquela organização. Se estavam envolvidos naquela conspiração e o castelo era onde o meu pai e Basílio realizavam o seu *negócio*, certamente quereriam estar perto para vigiar a sua atividade.

Conseguia ouvir a voz de Cibeles, algures numa divisão da casa, a falar ao telemóvel. Tomé estava sentado na cozinha a tomar o pequeno-almoço. Estava com ar abalado, olhos fundos e despenteado. Não me pareceu que tivesse dormido sequer. Quando me viu, sorriu, o que me surpreendeu. Havia muito tempo que o meu irmão não sorria para mim de forma tão honesta. Quando me sentei, empurrou um prato com torradas acabadas de fazer. Não me dera conta da fome que tinha até as devorar em poucos segundos.

— Se quiseres café, há ali — disse ele.

— Então já sabes sobre este terceiro elemento...

— Mais ou menos. Há umas semanas que ando a investigar teorias sobre o *reality show* dos escritores. A Internet está cheia de histórias sobre isso, apesar de os escritores não abrirem o jogo. Sabia que Ash Falls era muito mais do que um programa de televisão, mas ainda não sabia o quê. Quando vi o Gaspar Jonas naquela sala, percebi logo que essa organização também estava metida nisto. Estou com uma curiosidade doida para saber porquê. Algo me diz que a Cibeles deve saber — disse ele, num tom acusatório.

— Não tiremos conclusões precipitadas. Eu próprio já tomei conhecimento de algumas coisas pelo Gaspar, quando nos ajudou. Vamos esperar e falar com ela.

— Sim. Acho que está a falar com o Omar e, pelo tom, não me parece que esteja a ser uma conversa muito agradável.

Quase imediatamente a dizer isso, Cibeles surgiu a descer a escada. Já não estava maquilhada e vestia agora umas simples calças de ganga e *T-shirt*. Era raro vê-la naqueles preparos.

— Bem, já estive mais longe do divórcio — disse ela, com um sorriso sarcástico que percebi que servia para disfarçar a possibilidade. — Felizmente, os miúdos já estão com os avós, ou a minha família iria aparecer no noticiário: *Pai não aguenta filhos hiperativos e afoga-os na piscina*.

— O Rafi e o Rami são adoráveis — defendi eu. — Acredita que trato crianças e adolescentes bem mais complicados.

— Isso é porque não lidas com eles diariamente — disse a rir. — Sim, têm muita energia, mas realmente não me posso queixar muito. Na maior parte do tempo, são exemplares.

— É normal as crianças terem energia. São crianças — disse Tomé. — Os pais é que deixaram de ter paciência para as aturar. Imagina terem um Tomé para criar.

Eu e Cibeles não resistimos a dar uma gargalhada com aquele comentário autodepreciativo. Aquele breve momento de conversa leve era como uma bolha que nos protegia da nuvem escura que estava as nossas vidas. Apesar de todas as questões e dúvidas, permiti-me relaxar durante uns momentos, pois sabia que a toxicidade iria chegar, célere e imprevisível. Cibeles sentou-se connosco à mesa e roubou as torradas que acabara de fazer para mim.

— Já conseguiram falar com a Noa? — perguntei.

— Não — respondeu Tomé. — Nem com ela nem com o Leo, o amigo dela. O telemóvel está desligado. Podem estar ainda a dormir, não sei. Deve estar fula comigo, vim embora sem ela.

— Fizeste bem — afirmei. — Seria mais um membro da família Xavier a passar por esta loucura toda.

— Sei que têm muitas perguntas para mim — disse Cibeles, num tom monocórdico enquanto bebia o seu café. — Só quero que saibam que fiz o que tinha a fazer para nos ajudar, a mim e a vocês.

— Que queres dizer com isso? — perguntou Tomé.

— Vamos aguardar. Não serei eu a ter essa conversa.

— «Aguardar»? Parece que o culto já te apanhou...

— Calma, Tomé — pedi eu. — Tenho a certeza de que a Cibeles tem

os seus motivos. Vamos parar durante uns momentos, estamos todos a precisar. Comam.

*

Ao final da tarde, comecei a sentir-me um prisioneiro naquela casa. Gaspar tinha saído para fazer alguma coisa que não nos quis contar. Cibeles e eu fazíamos *zapping* na única televisão da casa, enquanto Tomé dormitava numa das poltronas, todo torcido como fazia desde miúdo. Cansados e apáticos, não tinha havido grandes conversas durante o dia. Continuávamos preocupados com Noa, que não dava sinal, cada vez mais convencidos de que lhe tinha acontecido algo terrível. Mas, na situação em que estávamos, não adiantava sair porta fora numa cega busca por ela, mesmo que Tomé insistisse. Aquela organização secreta tinha-nos na sua mão, e até desconfiava que aquela demora se relacionava com esse tipo de manipulação.

— Vocês veem o quê? — perguntou Tomé, ainda de olhos fechados, perturbando o silêncio da sala. — Já tive esta conversa com a Noa. Diz que vê um casal de género ambíguo. Eu vejo sombras. Estou curioso para saber o que os dois veem e se é tão surreal como acontece connosco.

— Não sei se é boa ideia falarmos disso aqui — adverti eu.

— Jeremias, por favor — gemeu Tomé, sentando-se mais direito. — Achas mesmo que eles não sabem tudo sobre nós? Calculo que saibam até mais. Pessoas como estas têm meios e contactos que nem imaginas.

— Uma mulher — explicou Cibeles. — À primeira vista normal. Mas depois começa a arrancar o rosto como um pedaço de carne e, por baixo, há uma expressão ou emoção diferente.

— Eu vejo um homem — descrevi eu, cedendo. — Enorme, musculado, habitualmente seminu e com expressão de demónio. Muitas vezes a sua aparição é antecipada por uma voz que evoca pensamentos dos quais não me orgulho.

— Faz sentido, agora que finalmente explicas isso — disse Tomé, quase aliviado.

— Sabem que estas *aparições* são manifestações das nossas próprias mentes, certo? — perguntei. — O pai estava a explorar as ligações entre a nossa consciência, o nosso inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. Acredito que aquilo que nós vemos e o que as

peçoas tratadas por ele veem não passam de representações disso mesmo.

— Mas não achas que é mais do que isso? — questionou Tomé. — O inconsciente coletivo não é aquilo que nós, humanidade, herdamos dos nossos antepassados? O pai pode ter descoberto uma brecha para esse conhecimento proibido e perigoso. Quando há alguém que encontra uma forma de mexer com um inconsciente que nos liga a todos, estamos a pôr toda a sociedade em risco.

— Talvez. Há aqui um lado metafísico que ainda não consigo explicar. Precisaria de me debruçar sobre o assunto e estudar mais sobre essas teorias. Mas, do que vi e ouvi até agora, nestes anos todos o pai não esteve a utilizar em pleno o que descobriu. Creio que esse conhecimento ficou escondido dentro de nós os quatro.

— Achas que este inconsciente pode ser algo ainda maior? — continuou Tomé. — Uma dimensão para onde vão todas as almas?

— Já estás a exagerar. Lembra-te de que o Jeremias é um homem da lógica e da racionalidade — rematou Cibeles. — Não sou parva, esta *Mulher das Máscaras* é uma clara representação dos meus desejos e frustrações. *Persona*. Não é esse o meu arquétipo dominante? Não entendo é porque tem de se manifestar e continuar a sair livremente do fundo da minha cabeça. Esta droga que o pai criou, ou encontrou, deve ser muito poderosa.

— Sombra, *Persona*, *Animus* e *Anima*, e *Self* — disse eu, num sussurro. — Ele atribuiu um dos arquétipos principais a cada um de nós. Adapta-se às nossas personalidades e experiências. Mas, para isso, precisava de saber que tipo de adultos nos iríamos tornar.

— Pode ser um *loop* — continuou Tomé, nas suas conSPIrações. — Pode ter antecipado alguns dos nossos problemas por conhecer bem os seus filhos ou pode ter criado esses problemas ao convocar estas entidades de dentro das nossas mentes. Abriu uma porta que já não conseguiu voltar a fechar.

— Regressamos ao mesmo — disse Cibeles, desdenhosa. — Isso não desculpa as experiências que fez connosco, as memórias que apagou, nem ter-nos abandonado.

— Perdoem-me a intromissão na conversa — disse uma voz muito grave, atrás do sofá. Vi um homem muito grande, de fato castanho, olhar para cada um de nós com um sorriso. Custava-me acreditar

como é que um homem com aquele porte tinha entrado sorrateiramente na casa. — E peço também desculpa por os ter deixado à espera. Tivemos alguns *contratempos*.

Já tinha anoitecido. Apenas a televisão iluminava o espaço. O homem deu a volta ao sofá grande e sentou-se numa das poltronas vazias. Gaspar surgiu também na sala, mas manteve-se de pé, encostado a uma das paredes, de braços cruzados. Trocou brevemente um olhar comigo e lembrei-me daquelas palavras ao meu ouvido nessa manhã.

— Antes de mais, o meu nome é Abel. Na nossa organização, sou conhecido como presidente, mas é como uma alcunha. Somos todos iguais, sem hierarquias. Bem, não adianta estar com rodeios ou usar labirintos de palavras. Vocês são pessoas astutas e inteligentes, e eu tenho todo o interesse em que confiem em mim. Aliás, a Cibeles já me deu provas mais do que suficientes de que está do lado certo. O que está em cima da mesa é a adesão à nossa organização, a Ordem de Prometeu — desvendou ele.

— Como a figura mitológica que roubou o fogo dos deuses para o dar aos humanos? — desdenhou Tomé. — Que pomposo! Só falta dizer que existem há milénios.

Abel apenas sorriu enigmaticamente.

— Calculo que saibam que Prometeu foi punido por isso... Que é exatamente essa *organização*? — continuou Tomé.

— Somos observadores deste mundo e da sua história, por assim dizer. Há muito tempo que é nossa missão salvaguardar a integridade da sociedade como a conhecemos. Mas também reconhecemos que a humanidade caminha perigosamente para a sua ruína. Caso isso aconteça, entramos em ação.

— O apocalipse, é isso? — perguntou o meu irmão.

— Não acredito que seja tão dramático. Mas a verdade é que assistimos diariamente a sinais de que a humanidade pode, a qualquer momento, colapsar. Crises económicas, sobrepopulação, desastres naturais, alterações climáticas, guerras, ameaça nuclear, o cardápio é vasto, meus caros. Não é uma questão de *se*, mas de *quando*.

— E onde entramos nós no meio de tudo isso? — indaguei.

— Interessa-nos preservar o que a humanidade construiu até hoje e é por isso que nos esforçamos por encontrar e recrutar indivíduos com

habilidades específicas para recuperar a sociedade em caso de extrema necessidade. Por esta altura, já sabem que os escritores de Ash Falls foram alguns dos recrutas mais recentes. —

O homem olhou para Gaspar com um sorriso jocosos que me demonstrou o tipo de controlo que tinha sobre ele. — Mas há mais, muitos mais, espalhados por todo o globo, que têm estado connosco desde sempre e que vão passando o seu conhecimento e experiência para as novas gerações. Teria muito gosto em que pudessem aceitar o nosso convite para se juntarem a nós.

— Não entendo que tipo de contributo podemos dar — rebati. — Nem eu nem os meus irmãos conhecemos aprofundadamente o que o meu pai testou em nós nem os pormenores do seu trabalho ao longo destes anos.

— O seu domínio da mente e do inconsciente é impressionante, Jeremias. Creio que, por esta altura, já sabem o suficiente para perceber que o seu pai desencadeou em vocês um potencial que nem eu acreditei ser possível dentro de cada um de nós. Esqueçam o fármaco usado pelo negócio do Mateus e do Basílio. Foi apenas a chave para abrir a porta ao extraordinário potencial. Não temos muitas pessoas como vocês na nossa organização.

— Peço desculpa, mas insisto. Quaisquer que sejam as habilidades que acredita que temos, não me parece que sejam muito úteis para as suas previsões apocalípticas.

— É verdade. O seu pai manteve as habilidades em segredo durante todos estes anos, o que a meu ver foi um desperdício.

No entanto, a porta já foi aberta. Na nossa organização podemos ajudar a controlar essas capacidades e, possivelmente, a que evoluam.

Olhei para os meus dois irmãos. Tomé estava inquieto e a bater o pé, aquela conversa de conspirações e sociedades secretas já a formar um turbilhão na sua cabeça. Cibeles mantinha uma expressão impassível. Desconfiava de que já sabia tudo aquilo por uma conversa prévia com aquele homem. Que lhe teria prometido ele para entrar naquela farsa?

— Suponhamos que aceitamos a sua proposta. Que implica isso para nós?

— Não quero de todo que pensem que serão nossos *servos*. É do nosso interesse que continuem com as vidas normais. No caso

específico, oferecemos a oportunidade de cada um explorar o potencial. Em troca, apenas pedimos que contribuam para a recuperação da sociedade em caso de necessidade e que nos ajudem a encontrar outros que o possam fazer de igual forma.

— Abel, tendo em conta os últimos acontecimentos e o atual estado da nossa família, não estamos em condições de dar uma resposta — afirmei eu. — Agradecemos o apoio que nos deu até agora, mas precisamos de tempo para ponderar sobre a sua proposta, como deve compreender.

— Não esperava uma resposta imediata, obviamente. Aliás, não temos os irmãos todos aqui reunidos e temo que não tenha boas notícias em relação a isso — anunciou Abel, com expressão grave.

— Está a falar da Noa? — perguntei eu, levantando-me alarmado.

— A Noa foi vista a caminho da Casa da Lua. Mas não foi a única. Recebemos informações de que o seu pai acordou e fugiu do hospital.

— Ele está com a Noa na casa? — gritou Tomé, levantando-se também. — Temos de ir para lá imediatamente!

— Esta é daquelas situações em que não nos devemos precipitar — disse o homem, com um gesto tranquilizador para que nos voltássemos a sentar. O meu coração já estava acelerado com aquelas palavras. — O seu pai não está estável. Há algum tempo que monitorizávamos a sociedade do Mateus e do Basílio, e a relação chegou a um ponto de rutura, muito devido à instabilidade emocional do seu pai. Se realmente o Mateus está com a Noa, temos de estar preparados. A integridade da mente da sua irmã está em jogo.

— Ele é nosso pai! Nunca faria mal à Noa — defendeu Tomé.

— Sei que me tenho repetido nestes dias, mas consegues realmente confiar nele? — perguntou Cibebe, numa voz que chegou fria após tanto tempo em silêncio. — Sabemos pouco ou quase nada sobre a vida dele, ao longo destes anos, e acabou de sair do coma.

— Que propõe então, Abel? — questionei.

— Podemos ajudar. Com a nossa experiência nestas situações de crise, podemos chegar a um plano para salvaguardar a integridade física e mental da Noa, ao mesmo tempo que pomos os dois em segurança. Isto se aceitarem a nossa proposta para integrarem a nossa organização, claro.

Olhei para os rostos preocupados dos meus irmãos e depois para

Gaspar, claramente desiludido. Percebi ali mesmo que tínhamos acabado de ficar presos na teia de manipulação daquele homem e da sua organização secreta.

Cibele

Por mais que esfregasse, não conseguia limpar o sangue das minhas mãos e dos braços. Já estavam praticamente em carne viva de tanto os lavar, mas continuava a ver aqueles minúsculos salpicos vermelhos. Eram como uma pútrida doença. Olhando para o meu reflexo, parecia que todo o meu rosto estava prestes a apodrecer, como se ele tivesse conseguido entrar dentro da minha pele para contaminar tudo à sua passagem. Ainda conseguia ouvir os seus gritos e ver o sangue a encharcar a carpete, a *Mulher das Máscaras* e eu, uma só a consumir a nossa vingança.

E isso continuava a dar-me um prazer do caraças.

Molhei a cara com água fria para despertar da sonolência daquele dia, mas também do entorpecimento da conversa de Abel com os meus irmãos e da revelação de que o nosso pai tinha Noa como refém. Cada dia em toda aquela saga familiar me parecia cada vez mais aquelas séries que me viciavam, quando estava sozinha, e com cujas personagens adorava gozar, por serem ridículas nas suas atitudes e decisões. Mas ali estava eu, a agir de forma ainda mais vergonhosa.

Deitei-me na cama e tirei o caderno do meu pai, escondido debaixo do colchão. O acordo com Abel tinha sido muito claro. Ofereceu-me a preciosa vingança daquele que povoou os meus pesadelos e traumas durante anos. Explicou-me alguns detalhes da sua organização, com a promessa de que a minha adesão garantiria que eu seria alguém relevante, não aquela dona de casa aborrecida na que me tornara com o passar dos anos.

Em troca, tinha apenas de resgatar documentação privada sobre os clientes do meu pai e de Basílio, a fórmula do «Sonho de Morfeu» e os frascos do fármaco existentes no castelo. Mas não era só isso. Era

também minha missão mostrar àquela organização o potencial dos meus irmãos e convencê-los a aceitar a sua proposta. Daí todo aquele teatro com a pistola apontada a Basílio e Aida. Se não tivesse a ajuda da *Mulher das Máscaras*, nunca teria sido capaz sequer de segurar a arma sem tremer. Mas, naquele momento, eu era outra Cibele. Mais forte e que poderia ser ainda mais poderosa na Ordem de Prometeu.

O caderno do meu pai havia sido exigência de última hora da minha parte. Queria ser eu a conhecer os seus segredos antes dos meus irmãos. Isso dar-me-ia vantagem sobre eles, ao mesmo tempo que ficaria a saber mais sobre o homem que originara todo aquele sofrimento nas nossas vidas.

Mas tinha de ser cuidadosa. Vira a forma desconfiada como Jeremias e Tomé olhavam para mim, na sala, aquando da conversa com Abel. Também não adiantava tentar enganar Abel nem subestimar o poder daquela organização. Era tudo uma questão de saber jogar muito bem: proteger os meus filhos, ajudar os meus irmãos e satisfazer os meus objetivos pessoais. Pobre é aquele que não consegue admitir algo assim.

O telemóvel vibrou na mesa de cabeceira. Tinha sido fornecido pela organização, dado que o meu estava perdido sabia-se lá onde. Uma fotografia de Rafi e Rami com a avó. Estavam com ar tão feliz, agora que a escola terminara. O rosto presunçoso da minha sogra fez-me revirar os olhos, sempre a comprar o seu afeto com dezenas de presentes caros só para prejudicar o meu tipo de educação. Respondi à imagem com vários corações, dizendo que estava a morrer de saudades e que em breve estaríamos juntos, o que correspondia à verdade. Por momentos, fiquei com receio de que os meus filhos não reconhecessem a mãe. Fisicamente era a mesma, mas algo dentro de mim mudara. E continuava a mudar, só não sabia ainda se para melhor.

Abri o caderno que ainda não tinha tido oportunidade de ler com atenção. Notava-se que fora escrito ao longo de vários anos, as primeiras folhas mais amareladas e com uma letra mais cuidada. Nas mais recentes, a caligrafia, cada vez mais irregular do meu pai, parecia mais desajeitada. Os primeiros apontamentos davam conta das primeiras observações das experiências connosco: os locais surreais que descrevíamos, quando estávamos sob o efeito do «Sonho de

Morfeu», os primeiros encontros com as entidades, a forma como ele deduzia que estavam a passar para a nossa realidade consciente, como uma espécie de possessão, e a possível ligação com o oculto, como as cartas de *tarot*, representações de mitos e arquétipos mais específicos. Até a questão das frequências de rádio estavam ali. Depois havia uma paragem de alguns anos, altura em que começou a descrever genericamente os tratamentos com os novos pacientes. No entanto, com esses era tudo mais controlado, quase como uma sessão de hipnose para tratar problemas psicológicos. Nada da tremenda loucura que acontecia nas noites connosco.

A tinta de caneta das últimas páginas quase parecia fresca, certamente escrita havia pouco tempo. Parecia quase o diário de um louco, com a confissão de que estava arrependido das decisões que tinha tomado e que «nunca deveria ter aberto as portas para o proibido». Havia algumas descrições nossas, feitas com base na observação de fragmentos das nossas vidas, já em adultos. Até da minha mãe. Estremeci de raiva perante a noção de que o nosso pai, rico e egoísta, tinha andado sempre a vigiar-nos como um *stalker*. O caderno terminava com uma simples e ominosa frase.

Tenho de remediar tudo.

Apesar do sentimento ambíguo que tinha por aquele homem, conseguia sentir desespero naquelas palavras. De todos os irmãos, sabia que era a mais parecida com ele. Também eu queria remediar tudo sozinha, com todo o peso e sacrifício que isso poderia trazer. Era vista como a irmã mais egoísta e superficial e, por isso, a mais inesperada para cuidar da sua família. Mas a Cibele podia ser várias Cibeles, e nem algo como a poderosa sombra de Jeremias podia superar isso.

Alguém bateu à porta do quarto e rapidamente escondi o caderno debaixo da almofada. Jeremias entrou e depressa percebi que estava ali para me testar.

— Pensei que estavas a dormir — disse ele, num sussurro.

— Com tudo o que está a acontecer, só lá vai com um ou dois comprimidos e um grito na almofada.

Jeremias sentou-se aos pés da cama e lembrei-me daquelas madrugadas em que ficávamos a conversar no quarto, já depois de os nossos irmãos e mãe estarem a dormir. Era com ele que sentia a maior

ligação de entre toda a família. Fora numa dessas noites que lhe contara sobre a perda da minha virgindade e que ele assumira a sua homossexualidade, a primeira pessoa a quem contara. Fiquei com um orgulho tremendo dele, nesse momento. Mas, infelizmente, nunca conseguira livrar-se da vergonha, mesmo depois de casado.

— Ainda não tínhamos tido oportunidade de estar sozinhos no meio de toda esta loucura.

— Jeremias, sei que estás aqui para me testar; pelo que avança logo com isso, porque quero conversar normalmente com o meu irmão e melhor amigo.

Ele odiava que eu fizesse aquilo, que o desarmasse quando já tinha todo um discurso eloquente preparado. Ainda assim, a sua expressão ofendida rapidamente se suavizou.

— Não se trata de te testar, Cibeles. Ao longo da nossa vida, já conheci várias versões de ti: a menina popular, a gótica, a *punk*, a aluna exemplar, a rebelde, a esposa e mãe... Não me podes censurar quando não sei com que Cibeles estou a falar. Não é uma crítica. Admiro a forma como te adaptas. Mas sinto que estás a guardar qualquer coisa que não me queres contar. Sabes que detesto isso, especialmente quando alguém me diz que não és de confiança.

— E quem te disse isso? Aquele escritor, o Gaspar? Por favor, nota-se a milhas que te quer comer. Provavelmente disse isso só para cair nas tuas graças.

— Cibeles, estamos a ter uma conversa normal... Não foi isso que pediste?

— Tudo bem — suspirei. — O Abel conseguiu apanhar-me na festa, depois de ter falado com aquela mulher que trabalhava para o Basílio, e fez-me a mesma proposta que apresentou esta tarde: entrar para a Ordem de Prometeu e explorar o meu potencial. Aceitei fazer o que me pediu, pois acho sinceramente que pode ser uma coisa boa e que posso proteger a minha família dessa forma. Vocês incluídos.

— Apenas isso? Tens a certeza de que não te deixaste enfeitiçar pelas promessas dele?

— Há algo errado em querer ser útil e relevante? Não acho assim tão difícil de acreditar que o mundo está em declínio, com todas as notícias que vemos diariamente. Se fui sacrificada pelo pai para ter este poder, habilidade, ou o que quer que seja, ao menos pode ser pelo

nosso bem. E, sim, admito que me agrada essa posição de destaque num mundo em ruína.

— Tenho sérias reservas em relação a esta organização. Os seus objetivos parecem-me falaciosos. Se têm os meios para prever o declínio do mundo, porque não os usar para o evitar? Parece-me que estão a tentar criar uma sociedade dividida entre pessoas *perfeitas* e outros mais fracos que serão dominados.

— O ser humano é podre, Jeremias. O nosso próprio pai acobardou-se e fugiu quando percebeu que fez merda. Nos vinte e três anos em que viveu no luxo, não se dignou sequer de ajudar os seus filhos e esposa que passavam dificuldades. Nós estamos longe de ser perfeitos, mas se realmente esta *maldição* do pai nos permitir ser algo mais e melhor, porque não? Não é crime nenhum.

— O que estou a querer dizer é que a sua forma de ação mediante as sombras não me inspira confiança, especialmente quando criam situações extremas para recrutarem indivíduos. Escondem-se por trás do nome de uma figura mitológica, que desafia os deuses para engrandecer os humanos, e de objetivos aparentemente nobres de recuperação da sociedade em declínio, mas parece a base para um perigoso e niilista regime ditatorial. São claramente pessoas que não olham a meios para atingir o que pretendem e, neste momento, querem-nos a nós. Quem te garante que esta situação com o pai e a Noa não foi originada por eles também? Viste o que aconteceu com o programa de escritores de Ash Falls...

Com aquela conversa de conspiração, fiquei a pensar se Jeremias não tinha falado com Tomé antes de mim. Num impulso, tirei o caderno do nosso pai de debaixo da almofada e atirei-o para o colo de Jeremias.

— Consegui negociar isso com o Abel. É o caderno de anotações do pai. Dá para teres um vislumbre de que não está nada bem.

Deixei que Jeremias folheasse o caderno, o seu rosto a ficar cada vez mais pálido enquanto avançava nas páginas.

— Também estou preocupada com a Noa. Não me agrada estarmos aqui sentados, enquanto está naquela casa com o pai, mas não acredito que faça nada a não ser que se sinta encurralado. Afinal, nós somos «os resultados mais preciosos da sua investigação».

— Sim, talvez tenhas razão — cedeu ele. — Por muito que me custe

admitir, precisamos dos meios desta organização para resgatar os dois. Podemos voltar a falar sobre o futuro depois disso.

— Não temos de tomar uma decisão conjunta. Somos adultos e já não estás em posição de tomar conta de nós. Cada um pode decidir por si.

Vi a desilusão no rosto de Jeremias quando disse isso. Era como se estivesse a desvalorizar tudo o que fizera por nós. Era naquelas alturas que sentia arrependimento pela forma tão direta e dura com que falava com os meus irmãos. Era algo que não conseguia controlar quando em todos os outros momentos da minha vida tinha de fingir ser várias Cibeles.

— Tens razão. Tenho de aprender a pensar mais em mim, como sempre mo disseste.

— Talvez dessa forma não reprimisses tanto os teus sentimentos e emoções, Jeremias. Falas de falta de confiança da minha parte, mas o que posso dizer da forma como espancaste o Tiago e enfiaste aquela droga pela garganta do Basílio?

— Não agi de forma totalmente consciente...

— Sei que não, mas não podes ignorar que essa entidade que vês e ouves é a manifestação do Jeremias negro. O mesmo acontece connosco, e isso diz muito sobre essa *confiança* de que falas.

— Mais uma vez, admito que tens razão — respondeu ele, num misto de derrota e desconsolo. — Mas estou muito longe de conseguir aceitar este meu lado obscuro e o controlo que tem sobre mim. Dadas as circunstâncias, optei pelas tréguas.

— Tal como eu. Não penses que tive tempo suficiente para aceitar tudo isto de ânimo leve.

— Por mais que nos custe, somos mais parecidos com o pai do que queremos admitir, este nosso lado tão analítico das nossas próprias emoções. Por isso é que nos cabe a nós ajudar a Noa e o Tomé.

— O Tomé?

— Certamente já viste o quanto a situação o está a afetar. Sabes tão bem como eu que ele é diferente de nós, e temo que as experiências do pai tenham afetado ainda mais os seus problemas. Ele confessou-me que deixou de tomar a medicação há uns meses.

— Muito inteligente da parte dele... — respondi, abanando a

cabeça. — Mas podes condená-lo? Sabes bem o que sofreu com os tratamentos ao longo da vida.

Vieram-me à memória todos aqueles momentos em que vira Tomé, ora entorpecido no sofá da sala do nosso pequeno apartamento, ora totalmente excitado com energia inesgotável que cansava toda a família. Mas o pior eram os pesadelos, os gritos a meio da noite, as mudanças repentinas dos traços de personalidade... Durante muito tempo, achei que se devia ao trauma com o desaparecimento do nosso pai. Jeremias e a nossa mãe tentavam escondê-lo, mas eu sempre soubera que havia algo mais nefasto.

— O Tomé afastou-se de todos nós, Jeremias. Sei que é nosso irmão, mas tomou essa decisão. Agora que sei o que passámos às mãos do pai, consigo entender porque fez isso. A nossa influência é como uma doença para ele, como se absorvesse toda a nossa negatividade. Sinceramente, parece-me mais feliz sem nós.

— Não posso nem quero desistir do Tomé dessa forma. É nosso irmão. Se ele me afastar mil vezes, eu vou tentar mil e uma.

— Mais um motivo para aceitarmos a proposta do Abel. Eles podem ajudá-lo.

Fomos interrompidos por alguém a bater à porta. Jeremias abriu-a, revelando Gaspar Jonas. Ainda não conseguia evitar ficar entusiasmada por estar na presença de uma celebridade, ainda mais sabendo que algumas delas tinham sido recrutadas pela organização. No entanto, começava a perceber que não gostava de Gaspar. Das poucas interações que tivera com ele, parecera-me alguém cheio de segredos e que se esforçava demasiado para agradar aos outros. Tal como eu...

— O Abel já regressou — anunciou ele. — Pediu-me que os chamasse. Já tem um plano, mas as notícias não são boas...

Noa

Não sei quanto tempo estive a dormir. A primeira coisa que vi foi Gabriel, ainda sentado num dos cantos da prisão de vidro. Já conseguia olhar para ele sem sentir a agonizante mágoa, mas agora havia um torniquete a apertar-me o coração quando olhava para a sua figura tão frágil como um boneco velho e esquecido. O seu olhar sobre o meu, qual súplica para acabar com o seu sofrimento, mas sem saber como o fazer.

Algures no armazém, conseguia sentir o meu pai a deambular por ali, como um fantasma, e a remexer nos objetos encostados às paredes.

— Vais manter-me aqui durante quanto tempo? Mais cedo ou mais tarde, vou ter de comer ou ir à casa de banho.

— O tempo que for necessário — respondeu ele, sem surgir na luz que me rodeava.

— Necessário para quê?

— Para decidir como te posso ajudar, a ti e aos teus irmãos.

— Eles podem nem saber que estamos aqui.

— Sabem sempre onde estou. Nestes anos em que não sabiam o que me tinha acontecido, houve aqueles que sabiam sempre onde estava, controlando todos os meus passos. Inicialmente quis que assim fosse, mas acabei por me tornar prisioneiro das minhas próprias intenções. Aos poucos, deixei de ser pessoa para passar a ser instrumento.

— E porque deixaste chegar a esse ponto?

Ouvi os seus passos na minha direção até entrar no círculo de luz e quase se colar ao vidro que nos separava. Consequia ver as lágrimas a surgirem nos seus olhos cansados.

— Morri no dia em que os deixei, Noa. A minha alma ficou perdida

para sempre.

— Então porque o fizeste? Que aconteceu afinal?

— Se não o fizesse, seriam vocês a perder as almas. Tive de fazer esse sacrifício para os proteger.

— O vazio que deixaste em nós foi muito pior.

— Acredita que não. Olha bem para vocês, adultos resilientes e bem-sucedidos. A Júlia foi uma excelente mãe e estar-lhe-ei eternamente grato por toda a força que demonstrou, mesmo após lhe partir o coração.

A menção da minha mãe fez ceder algo dentro de mim e soltei uma singela lágrima. Gabriel estava igualmente a chorar, com o rosto enterrado nas mãos esqueléticas, juntando-se ao meu sofrimento, que afinal era o mesmo.

— A mãe já não está entre nós. Faleceu há três anos, vítima de cancro no pâncreas. Viveu apenas seis meses após o diagnóstico.

Ele recuou novamente para a penumbra do laboratório, certamente para esconder de mim a fragilidade das suas emoções. Fiz questão de lho dizer para causar dor, mas também para perceber se afinal ainda havia ali algum coração.

Fui arrebatada pelas memórias da minha mãe, uma mulher vigorosa e saudável, a definhar devido a uma doença estúpida que, em menos de nada, lhe roubou as forças, a dignidade e a vida. O dia em que cada um de nós a visitou no quarto antes de partir, entubada, magra, quase transparente, era a memória mais grotesca que ainda sangrava na minha alma e que nunca iria cicatrizar. Aquele vazio era muito mais doloroso do que qualquer mágoa na minha vida, até a do desaparecimento daquele homem.

— Eu sei — confessou ele. — Em todos estes anos, vivi como recluso no Castelo de São Rafael. Da minha janela, conseguia ver a Casa da Lua, sempre a relembrar-me de vocês, de Júlia e de tudo o que fiz. Era como um castigo. Mas, por muitos momentos, não consegui resistir à tentação de os ver e de saber de vocês. Durante todo este tempo, observei-os das sombras. A última vez que fiz isso foi quando assisti ao funeral da sua mãe.

— Estiveste lá? — perguntei, chocada, sentindo-me suja por ter tido aquele homem a espiar-nos no momento mais duro da minha vida. Imaginei a alma da minha mãe, naquele cemitério, inquieta e em fúria

por ter aquele homem a perturbar a merecida tranquilidade de poder voar para o Céu.

— Foi o ponto de viragem para mim. A Júlia fez isso. Vi os quatro e percebi que afinal os problemas não tinham desaparecido, apenas estava cego pela fantasia que criara das suas vidas. Conseguia ver cada um, assombrado pelas entidades que soltei quando os submeti às minhas experiências.

— Consegues *ver*?

— Sim. Vocês não são os únicos a ter essas visões das entidades do inconsciente. Chamo a minha de *Sábio*. Cedi às tentações do mundo surreal da nossa cabeça e das suas mensagens. Durante anos, achei que me haviam dado a missão de descobrir e dar a conhecer os mistérios da nossa mente. Era demasiado tentador pensar que podia estar envolvido em algo tão grandioso, que podia ajudar tantas pessoas, a começar pelos meus filhos. Mas a solidão acabou por me mostrar que, afinal, tudo não passava de truques dos desejos e pulsões da minha psique. A minha mente estava cega.

— E foi aí que decidiste rebelar-te contra o teu próprio empreendimento...

— O Basílio não ficou contente, obviamente. Foram muitos anos a criar riqueza e contactos com pessoas importantes, algumas perigosas. A teia era demasiado forte para quebrar, e as coisas não iriam funcionar sem mim. Tentei buscar ajuda junto de outra organização mais poderosa, mas as chantagens e a paranoia fizeram-me perceber que tinha de agir sozinho.

— Então vieste para a Casa da Lua com as cassetes e as fotografias.

— Sim. Era tudo o que me restava de vocês. Tem sido usada como casa de hóspedes para as pessoas que tratava no castelo. Houve momentos em que achei que o Basílio fazia isso apenas para me martirizar. Tinha de acabar com tudo. Fechar as portas proibidas que abri.

— Que aconteceu no dia em que ficaste inconsciente? Porque estás aqui agora comigo, fechada? — insisti eu.

— Já falei demasiado — disse ele, após um breve momento de silêncio. — Nunca foi minha intenção deixar-te o fardo das minhas confissões, mas creio que me compreendes. Herdaste de mim essa tua inevitável atração pela solidão e melancolia.

— Que pretendes fazer? — pressionei, agora num grito.

Percebi que o tom de voz do meu pai estava a ficar mais arrastado. O ambiente também ficava mais sinistro, como o final de um filme de terror. Vindo novamente das trevas do laboratório, aproximou-se da porta da prisão com uma seringa na mão.

— Vou ter de te injetar isto, se queres eliminar os *Meninos*. Vou ajudar-te.

Gabriel olhou para mim em pânico. Não queria nada mais do que libertar-me da prisão daquelas visões e retomar a minha normalidade, longe de todo aquele drama. Ansiava por voltar a casa e rodear-me da minha arte, o meu santuário. Levava uma vida inteira a tentar apagar o Gabriel da minha vida e condená-lo ao oblívio. No entanto, agora que sabia que os *Meninos* eram afinal aquela figura atormentada, ainda que existisse somente na minha mente, consciente e inconsciente, não conseguia ter força suficiente para a matar. Queria antes protegê-la.

— Não preciso disso. Não quero que voltes a usar-me nas tuas experiências.

— Não entendes. Isto é para te libertar — afirmou ele, mudando a expressão para uma de impaciência. — A tua libertação e a dos teus irmãos é essencial para o resto das pessoas. O inconsciente coletivo é muito maior do que vocês os quatro. As portas que abri nas suas mentes estão a derramar-se para esta realidade e receio que possam pô-la em risco. Só posso consertar o que fiz se voltar a fechá-las.

Não era só o tom de voz dele que mudara, era como se a personalidade se tivesse transformado também. Teria tomado aquela droga também para mudar daquela forma, ou a insanidade estava a dominar a mente de um homem assombrado por mais de duas décadas de culpa?

Ele abriu a porta da prisão de vidro e avançou rapidamente sobre mim. Tentei resistir, e Gabriel ajudava-me, mas, mesmo abatido e acabado de acordar do coma, o pai demonstrava uma força surpreendente.

— Isto é para te ajudar, Noa! Estou a fazer isto para o teu bem — disse ele, defendendo-se dos meus golpes e tentando espetar-me a seringa na pele.

Quando já estava prestes a ceder, libertou-me e caiu para cima de

mim. Atrás dele, surgiu Leo, taco de beisebol levantado. Com o meu pai caído no chão a gemer, ajudou-me a levantar, puxando-me para fora daquela prisão em direção à saída. Com a porta aberta, Gabriel tinha, entretanto, desaparecido.

— Tens a Morte ao teu lado — disse o meu pai, de súbito.

— Que disse? — perguntou Leo, parando antes mesmo de sair do laboratório e virando-se para ele.

— Consigo senti-la. Tresandas a morte. Não és assim tão diferente de nós, pois não?

Leo avançou rapidamente sobre ele e levantou-o do chão pelo colarinho. Era a primeira vez o que o via com raiva espelhada no olhar.

— Não sabe nada sobre mim! Não sabe aquilo por que passei! — gritou ele, com uma força capaz de estilhaçar aquelas paredes de vidro.

— Consigo vê-la nos teus olhos. Eu também já a vi — continuou o meu pai, mesmo com Leo a agité-lo violentamente.

— Leo, deixa-o — pedi eu. — Está apenas a manipular-te. Vamos embora, não merece nada nosso.

Leo deixou-o cair no chão, mas não por ter respeitado o meu pedido. Vi, com horror, que tinha a seringa espetada no pescoço. Agarrei nele antes que pudesse cair no chão, com o olhar vítreo e a mente já longe dali.

— Porque fizeste isto? Não tinhas de o envolver nisto! — gritei eu.

— Desculpa — balbuciou o meu pai. — Estava apenas a defender-me. Não era minha intenção...

— Resolve isto imediatamente!

— Não consigo — explicou. O seu rosto encovado demonstrava apreensão. — Esta versão do fármaco é muito forte e foi feita especialmente para vocês. Não sei que efeitos poderá ter em quem nunca a tomou. Especialmente em alguém como ele.

— Se tens um pinga de decência ou bondade dentro de ti, tens de resolver isto. É o mínimo que podes fazer depois de tudo o que nos fizeste. Se acontecer alguma coisa ao Leo, não terei problemas em fazer justiça pelas próprias mãos. Não sinto nada por ti!

Pude ver a dor no seu rosto quando disse aquelas palavras tão

odiosas. Isso deu-me prazer, um tipo de negritude que começava a preencher-me o coração, mas que me dava o ímpeto necessário para me impor.

— Temos de o levar para o Castelo de São Rafael. Tenho lá os meios para o libertar desse estado.

Ajudou-me a levantar Leo do chão e ambos arrastámos o seu corpo desfalecido para a saída e depois pelo túnel. Atrás de nós, os rádios começaram a berrar com interferências e estática.

— Porque me deixaste? — sussurrou Leo, como se estivesse a falar com alguém. — Diz-me se foi tudo real!

Quando chegámos ao elevador, este não estava lá. O meu pai carregou no botão, mas vi a forma como ficou alarmado. Pouco depois, ouvimos o som metálico a descer. Quando a porta abriu, fomos confrontados com Basílio, acompanhado por dois homens armados. A expressão tresloucada dele era aterradora e até o meu pai recuou.

De repente, senti que aquele local era um tumulto.

Novembro de 1999

«Depois do Ano Novo» foi o prazo que Mateus conseguiu acordar com a esposa até saírem da Casa da Lua e regressarem à sua antiga casa. Era o mínimo de tempo que conseguiam para garantir as transferências de escolas e trabalhos, e também para retomar o pequeno apartamento que, entretanto, haviam arrendado.

Júlia admitira que se tinha deixado levar pela emoção quando lhe fizera esse ultimato, afetada pelas ações dos filhos, na escola, e pela morte, ainda por explicar, de *Luna*. Continuava a insistir que a casa tinha influência negativa na família e que os filhos estavam com comportamentos que não eram deles. Mateus ouvia em silêncio ou justificando que era devido à mudança ou ao crescimento.

A mulher ficava frustrada com a sua falta de emoção ou posição sobre a educação dos filhos, muitas vezes saindo do quarto com um suspiro cansado.

Naquele dia de novembro em que discutira uma vez mais com Júlia, agarrou-se ao parapeito da varanda do quarto, sentindo na pele a chuva que tornava o mar cinzento e agitado. A responsabilidade pelo que estava a acontecer com os filhos era inteiramente sua. Que raio de pai era ele quando provocava aquelas feridas emocionais em crianças com as suas mentes ainda a formar-se? Por outro lado, decidira arriscar-se a envolvê-los na sua investigação por acreditar que estava a protegê-los do seu próprio futuro. Mas uma faca na escola? Violência física contra colegas e propriedade escolar? Um gato assassinado por um deles? E sabe-se lá o que Gabriel andava a fazer nos seus momentos de isolamento.

Como temia, a influência dos inconscientes dos filhos estava a resvalar para o plano consciente. E se as suas teorias mais radicais

estivessem corretas, não era apenas o seu inconsciente pessoal, mas as entidades do inconsciente coletivo a tentar infiltrar-se naquele plano. Mateus abria uma fresta para aquele conhecimento proibido e agora a porta estava escancarada sem que pudesse voltar a trancá-la. Que consequências poderia ter para os seus filhos, se tentasse?

Havia chegado muito longe... e estava tão perto dos seus objetivos e da sua missão, que conseguia senti-lo. Mas também tinha de proteger a sua família. Sentia a sua mente a ser puxada ao limite para direções diferentes, quase a rasgar-se.

A campanha tocou. Nessa semana, tinha recebido uma chamada de uma antiga paciente sua, de quando ainda dava consultas na minúscula sala de um centro comercial em decadência. Implorava por uma consulta com o filho, um rapaz da idade de Tomé. Desde que abandonara a metodologia de atender voluntários para se centrar nos testes com os filhos que não recebia pessoas ali em casa.

No entanto, a tom de súplica da mulher fê-lo ceder.

— Bom dia, Dr. Xavier. Muito obrigado por nos receber — cumprimentou a mulher, com expressão de profundo agradecimento.

— Como está, Lara? Não há nenhum problema, especialmente quando vieram de tão longe. Sempre me apoiou, quando tinha o meu consultório, é o mínimo que posso fazer. Tu deves ser o Gaspar — disse ele, analisando a figura franzina do rapaz quase escondido atrás da mãe. Nem respondeu.

— Muito bem. A minha família está fora, sintam-se à vontade para esperar aqui na sala durante a sessão. Vamos, Gaspar?

Subiu até ao observatório com o rapaz enquanto se recordava do que a mãe tinha relatado ao telefone. Gaspar era um rapaz solitário e que sofria de *bullying* na escola, muito possivelmente devido às constantes mudanças de residência, por vezes, de país. Até aí nada de novo. Mas havia ali algo mais profundo que desconfiava estar no espectro do autismo. Dificuldade em se relacionar com os outros, atividades solitárias, incidentes com perseguição a colegas... Mas algo pior que preocupava Mateus. A mãe tinha dado com ele a cortar os pulsos com um x-ato. Porque é que alguém ainda tão novo faria isso?

— Fica à vontade, Gaspar. Vamos apenas conversar. Sei que pode ser difícil, dado que não me conheces, mas tenho a certeza de que podes sair daqui mais leve. Tenho quatro filhos mais ou menos da tua

idade, sabes?

Quando disse isso, tirou os olhos do chão e encarou Mateus, como se o próprio o estivesse a analisar. Havia ali algo perturbador no seu olhar incisivo. Algum trauma? Algo preso no inconsciente? Foi comandado por uma extrema tentação de fazer a experiência com aquele rapaz. A mãe dele estava tão perto, era como violar a sua confiança e ir contra tudo o que havia de ético e moral. Mas lembrou-se do desespero da sua voz, a longa viagem que fizera até ali por não ter mais alternativas... Certamente não se iria importar, se conseguisse ajudar o rapaz, qualquer que fosse o método.

Dirigiu-se à secretária. Depois deitou o conteúdo de uma ampola num copo de água que ofereceu a Gaspar. Percebeu que era o tipo de pessoa que fazia tudo para agradar aos outros, pelo que bebeu logo tudo quando Mateus insistiu. Durante alguns minutos, fez perguntas ao rapaz sobre a sua vida, às que respondia com monossílabos. Até que o seu olhar vítreo e postura relaxada o fez perceber que já estava dentro do seu inconsciente.

— Gaspar, consegues descrever-me onde estás?

— Numa floresta. As árvores são muito altas, nem dá para ver o Sol. Estou a ver uma casa em ruínas também.

Mateus ficou surpreso com a eloquência dele, assim como com a rapidez com que chegara lá. Era como se estivesse confortável lá dentro.

— Consegues perceber se estás sozinho?

— Não vejo ninguém. Mas oiço alguém a segredar por entre as árvores.

— Consegues ouvir o que dizem?

— Há alguém na casa. Têm medo de quem lá está.

— E tu? Também tens medo?

— Sim. Mas quero saber quem é — disse ele, com determinação inusitada para o perfil que começara a traçar antes daquela incursão pela sua mente.

— Vai com cautela, Gaspar.

— A porta está trancada. A maçaneta está cheia de sangue. Fiquei com a mão toda suja.

— Consegues observar o interior através de uma janela?

— Há alguém lá dentro. Vejo uma sombra. Alguém de costas. Alguém muito grande. As paredes e o chão estão cheios de sangue também.

A Sombra é dominante nele, tal como em Jeremias, pensou Mateus. A facilidade e o controlo com que estava a viajar pelo seu inconsciente, até mais do que pelo dos seus filhos, estava a enchê-lo de adrenalina. Mas tinha de se conter.

— Ele sentiu a minha presença. Está a vir na minha direção — anunciou, começando a ficar com a respiração acelerada e encolhendo-se no sofá.

— Não precisas de ter medo, Gaspar. Não te vai fazer mal. O inconsciente é teu, és tu que o controlas.

— Ele está a tentar partir a janela para escapar. É horrível, parece um demónio! Estou a ver melhor a sua cara. SOU EU! SOU EU! — gritou, em pânico. Mateus correu na sua direção e abraçou-o, tapando-lhe a boca antes que a mãe pudesse correr escada acima.

— Calma. Tu tens o controlo, Gaspar.

— Não, não! Ele vai fazer-me mal! — disse ele, atrás da mão de Mateus, contorcendo-se como se estivesse em sofrimento.

Gaspar era ainda muito jovem para compreender o significado de ter um lado negro que podia ser controlado e até aproveitado. O mesmo acontecia com Jeremias e Tomé. Era muito cedo.

A solução seria mesmo suprimir ou prender esse ser nas profundezas da mente daquele rapaz antes que pudesse piorar a sua vida. A facilidade com que chegara até ali e encontrara aquela entidade mostrava que já estava muito perto de começar a dominá-lo.

— Tens de derrotar esse demónio, Gaspar. Se ele ainda não conseguiu sair da casa, ainda vais a tempo. Consegues encontrar algo para atear fogo?

— Não. É uma floresta. Não há nada à minha volta — disse ele, com um ar mais destemido.

— Procura com mais atenção. O inconsciente é teu.

— Sim. Encontrei fósforos e gasolina ao pé de uma árvore.

Mais uma vez, Mateus ficou surpreendido com a forma célere e fácil com que Gaspar conseguia controlar a sua mente e resolver problemas. Tinha a certeza de que, por esta altura, já estava a

espalhar a gasolina por toda a casa.

— Não tenhas receio.

— A casa está toda a arder. O demónio está a gritar lá dentro.

— Certifica-te de que arde com a casa. Vais conseguir destruí-lo.

— Deixei de o ouvir — disse, aliviado. — A casa ruiu, só restam cinzas e destroços.

— Estou muito orgulhoso de ti. Agora procura um local seguro, deita-te e adormece.

Deitou-o no sofá e aguardou até que a sua consciência regressasse, sentando-se na poltrona. Estava exausto depois daquele episódio tão intenso. Anotou alguns pormenores no seu caderno. Sendo um domínio ainda inexplorado, não sabia se aquela estratégia de suprimir a sua sombra iria resultar. O mais provável era ser apenas uma ilusão. Não podia simplesmente anular um ser que era parte integrante de cada humano. No entanto, podia ajudar aquela mente ainda jovem. Se mantivesse uma vida tranquila sem situações de extremos, era bem provável que a sua sombra se mantivesse adormecida e inofensiva.

Quando se despediu do rapaz e da sua mãe, percebeu que o rapaz parecia mais leve. Até sorriu quando se despediu. Restava saber durante quanto tempo aquela paz duraria.

Regressou ao observatório e viu o caos causado pela sessão com o rapaz — a mesa tombada, as folhas espalhadas, o copo com o resto da droga entornada, as almofadas do sofá no chão. Até as cartas de *tarot*, que trouxera na expectativa de que Gaspar encontrasse alguma daquelas representações de arquétipos, estavam dispersas. Uma delas estava virada para cima no sofá, a do Diabo, a mesma que surgia sempre com Jeremias.

A epifania chegou graças àquela consulta e viagem com Gaspar. O inconsciente era perigoso e não tinha poder suficiente para estar envolvido em algo tão grandioso, divino até. Talvez devesse mesmo tentar fechar aquela porta. Tirou o telemóvel da secretária e ligou para Basílio.

— Temos de falar. Podes encontrar-te comigo?

*

Nessa noite, encontrou-se com o seu amigo no único café de Quebranto. Basílio era já bem conhecido do velho que geria o

estabelecimento, naquele instante, deserto. Desde pequeno que fazia férias ali, e isso ajudou a que conseguissem mais privacidade ao encaminhá-los para a sala fechada. Acendeu a pequena lareira e serviu dois copos de medronho caseiro. Antes de desaparecer, deixou a garrafa.

— Espero que o que tens para me dizer justifique conduzir durante uma hora debaixo de chuva — disse Basílio, com a sua habitual boa disposição. O seu sorriso era o contraste do ar sempre sério de Mateus. Era das coisas de que mais gostava nele.

— Precisamos de sair da Casa da Lua — anunciou, sem rodeios.

— Mas está tudo bem? Aconteceu alguma coisa?

— A investigação não está a correr bem. Penso em desistir do projeto.

Basílio pareceu incomodado com aquela decisão. Antes de responder, bebeu tudo o que tinha no copo e voltou a servir-se.

— Estás a precipitar-te, Mateus. Eu tenho lido alguns dos teus relatórios, e os resultados são dos mais promissores que vi em investigações na nossa área. Revolucionários até. Não podes desistir agora. Diz-me do que precisas.

— Não tenho sido sincero contigo e não posso continuar a envolver-te em algo tão arriscado quando sempre me apoiaste.

— Que queres dizer com isso? Arranjaste algum problema com algum participante?

— Lembras-te da convenção, no Japão, em 1994? Aconteceu algo lá que mudou a minha perspetiva de tudo na vida, uma droga experimental que me permitiu ter acesso a uma nova experiência e ao contacto com o nosso inconsciente, não só o pessoal, mas o coletivo também. É possível até interagir com elementos desse inconsciente. Tenho usado essa droga ilegalmente em participantes do estudo para testar as minhas teorias. Sem o seu conhecimento ou consentimento.

— Mateus... — Basílio olhou chocado para o amigo, bebendo novamente e passando uma mão nervosa pelo cabelo, enquanto Mateus o observava, reto e impassível. — Isso não dá só direito à suspensão do teu projeto e a despedimento da universidade. É criminoso também.

— Eu sei disso e tenho plena consciência dos meus erros e possíveis consequências. Deixei-me levar pela ambição. Mas estou disposto a

parar e a deixar tudo, se mo permitires.

— Porque me estás a dizer tudo isso agora? Arranjei-te este trabalho e consegui as cunhas de que precisavas para o financiamento do projeto. Até te cedi a porra da casa para teres o cenário e a privacidade ideal para o estudo! Sempre te apoiei, porque sempre acreditei que eras verdadeiramente um génio. Enquanto eu andava a mendigar por notas e dependia do dinheiro e dos contactos dos meus pais para me safar no mundo profissional, tu sempre foste o esforçado e o mais inteligente dos dois. E agora atiras-me com essa!

— Por isso mesmo. Por seres como um irmão. Devo-te uma explicação pelo menos, apesar da desilusão que sentes.

Basílio tirou um maço do bolso do casaco, pousado na cadeira, e acendeu um cigarro. O seu olhar mudou, entretanto. Mais calculista, mais observador, quase maquiavélico à luz do fogo que iluminava a sala.

— Fala-me dessa droga.

Mateus hesitou, mas o olhar expectante de Basílio impelia-o a continuar.

— É caseira, criada fora do meio científico. Os efeitos não passam por simples alucinações ou efeitos psicadélicos. Consegues realmente imergir e interagir com o inconsciente. É como viajares pelos teus sonhos e estares consciente de tudo à tua volta. Eu próprio já passei pela experiência por diversas vezes e posso comprovar a sua eficácia. Também é totalmente indetetável. Um simples copo de água e não sabes que a estás a tomar.

— Continuas a ter acesso?

— Já não. O inventor faleceu, infelizmente. Mas deixou-me a fórmula em *herança*, digamos assim. Os ingredientes não são fáceis de arranjar, mas também me deixou informações e contactos de pessoas de confiança para conseguir produzi-la fora da vigilância e controlo das autoridades.

— Tens a noção da mina que encontraste?

— Como assim?

— Enquanto estás preocupado com estudos sobre o inconsciente, deste com um fármaco que pode realmente tratar os problemas das pessoas.

— Basílio, é uma droga ilegal, que não foi testada e cujos efeitos a médio ou longo prazo ainda são desconhecidos.

— Não, nada disso. Não estou a falar de a tornar legal. Isso demoraria anos e provavelmente não daria em nada. Não estás a ser ambicioso o suficiente nem a ver o grande cenário. Estás preocupado com projetos de investigação numa universidade da treta quando podias estar a ganhar milhões com essa merda.

— Isso não seria correto nem ético.

— Amigo, não me venhas falar de ética quando tens estado a usar a droga secretamente em pessoas inocentes só para brilhares com as tuas teorias. Já imaginaste quanto dinheiro uma cantora deprimida, um jogador de futebol com ansiedade ou um grande empresário com traumas de infância estão dispostos a pagar por algo assim? Conseguires entrar no inconsciente das pessoas para detetar e resolver esses problemas... é do mais revolucionário e lucrativo que já ouvi! Pensa na vida que a tua mulher e os teus filhos podem ter.

— Não sei se sou o tipo de pessoa capaz de fazer dinheiro dessa forma.

— Por isso é que precisas da minha ajuda. Já somos amigos há tanto tempo, mais vale sermos parceiros de negócio também. Preocupas-te com a parte científica da coisa, e eu com o negócio, dinheiro e contactos para mantermos a nossa sociedade. Que te parece?

— Basílio, isso é muito arriscado...

— Pensa bem! Não precisa de ser perigoso. Se tens a fórmula, podes arranjar maneira de a adaptar e arranjar várias versões, umas mais fortes, outras mais fracas. Somos capazes de cobrar uma pipa de massa só com as versões mais fracas. Arranjo pessoas para isso. Tenho bons contactos de gente habilidosa que consegue manter a boca fechada com o dinheiro certo na mão. Vão ser inofensivas, mas eficazes para estas pessoas com capacidade de pagar por milagres de cura da mente.

A velocidade de Basílio a estabelecer estratégias para aquela parceria era assustadora, mas igualmente atrativa. Mateus sentiu novamente a sua mente a ser rasgada para caminhos diferentes.

— Até podemos arranjar um nome pomposo, algo como «néctar» ou «néctar dos deuses», talvez.

— «Sonho de Morfeu» — anunciou Mateus, sem permitir outra

hipótese.

— «Sonho de Morfeu». Gosto! As pessoas adoram referências mitológicas. É perfeito! Até consigo sentir e ver o dinheiro a fluir. E o melhor de tudo é que será com o meu melhor amigo. Meu irmão.

Basílio estava com um brilho nos olhos que Mateus conhecia bem. Sempre vivera rodeado de riqueza e boa vida, mas dinheiro era algo que nunca era suficiente para si. O seu entusiasmo era elétrico e contagiante, o mesmo que mostrava quando tinha alguma ideia ridícula e que costumava arrastar Mateus para sarilhos.

Mas... e se tivesse razão? E se aquela parceria fosse a resposta para continuar com a sua missão sem a rigidez das amarras do mundo académico e científico? Não era o seu objetivo ajudar as pessoas? Seria apenas um atalho para começar a fazê-lo mais rapidamente. No processo, ainda conseguiria uma vida mais confortável para a sua mulher e os seus filhos, como forma de compensação pelo que haviam sofrido nos últimos meses. De uma coisa tinha certeza: se aceitasse aquela proposta, os testes com os filhos teriam de terminar e sairiam daquela casa. Começar do zero.

Mateus levantou o copo no ar. Basílio sorriu abertamente e brindaram para firmar aquela perigosa parceria.

Tomé

— A culpa é sua! — acusei, apontando para aquele homem enorme cujo nome não confiava sequer que fosse «Abel». — O tempo que demoraram a encontrar a merda de um plano é que deixou que isto acontecesse!

— Compreendo a sua frustração — disse o homem, com uma voz que mais parecia gravilha nos meus ouvidos. — Subestimámos o Basílio e a sua sociedade. Depois do golpe no Castelo de São Rafael, especialmente depois do que o seu irmão fez, não esperávamos que retaliasse tão cedo.

— Tomé, vamos ao menos ouvir o plano que têm para nos apresentar — pediu Jeremias.

Olhando para ele, sentado ao lado de Cibeles, percebi de imediato que já se haviam rendido à manipulação daquelas pessoas. Era como se nunca tivessem visto os meus vídeos e as minhas opiniões sobre grupos daqueles, cujos objetivos eram tudo menos benevolentes. Todo aquele culto apocalíptico estava a transbordar de mentiras.

— Não posso ficar quieto quando a Noa e o pai estão em perigo naquela casa. Temos de fazer alguma coisa!

— É precisamente isso que estamos a tentar fazer, se o deixares falar — repreendeu Cibeles, com o habitual desdém que mostrava em relação aos meus argumentos. Era como se eu tivesse viajado para todos aqueles momentos em que a família olhava para mim como um maluco quando tentava discutir sobre qualquer tema.

— Muito bem, vamos lá ouvir esse plano *fabuloso*. Mas aviso já que não sou obrigado a aceitar e que sou livre para sair porta fora logo após a conversa.

— Compreendo e aceito — disse o homem, sem se mostrar abalado

pelas minhas ameaças. — Quero apenas reforçar que também é do nosso interesse resgatar a Noa e o seu pai intactos.

— Abel, qual é a situação? — perguntou Jeremias, ignorando a minha impaciência.

— O Basílio tem a casa cercada com os guarda-costas que contratou. Foi visto a entrar, mas, até ao momento, não saiu. Podemos depreender que está a manter reféns a Noa e o Mateus. Aliás, tem também o amigo da sua irmã, que entrou primeiro na casa.

— O Leo? — questionei, alarmado. O homem acenou.

— Temos de avançar com cuidado. Já não se trata apenas da instabilidade de Mateus, mas também da de Basílio.

— O meu pai não vai fazer nada à Noa — garantiu Cibeles. — E o Basílio também não. Pelo menos para já. Atualmente estão divididos, mas querem a mesma coisa.

— Nós e o que está cá dentro — continuei eu, apontando para a cabeça.

— O pai andou a brincar às terapias com ricos e famosos, quando nós os quatro somos o verdadeiro resultado da sua investigação. Algo aconteceu para nos abandonar e esconder esse segredo até do melhor amigo e parceiro.

— Ele estava a proteger-nos — assegurei.

— Talvez — disse agora Jeremias. — Mas estou mais inclinado para achar que tinha medo de nós, do que libertou e das respetivas consequências.

— Tive o prazer de entrar em contacto e de conversar com o seu pai nalguns raros momentos. O Mateus é muito bom a guardar segredos e a mascarar as emoções. Sempre desvalorizei as suas terapias, pois escondeu um verdadeiro conhecimento revolucionário durante todo este tempo. Vocês.

— Algo aconteceu para isso mudar — insinuei eu. — Não foi só o Basílio, foi algo mais. Falta-nos aqui uma peça.

— Nada disso interessa para já, Tomé — disse Jeremias. — O que importa é resgatá-los. Qual é o seu plano, Abel?

— O nosso plano é arrojado, mas tenho a certeza de que estarão à altura. Se tanto o Basílio como o seu pai os querem, vamos pô-los na frente de batalha. Com o nosso apoio na retaguarda, obviamente.

— Fala como se fosse uma guerra — afirmou Jeremias, com desdém.

— E não é? Iniciámos o conflito no castelo, temos de continuar a retaliar — disse eu.

— Estou apenas a aguardar por um novo ponto de situação na Casa da Lua e pela chegada de alguns operacionais. Quando isso acontecer, podemos partir.

— Que seja rápido então. Se nada acontecer no espaço de uma hora, saio porta fora — anunciei, sem sequer olhar para os meus irmãos e dando um encontrão a Gaspar, que ouvia toda a conversa como um espião.

*

Do terraço daquela casa conseguia ver toda a aldeia de Quebranto. Àquela hora, o único sinal de vida era a iluminação do café. As madrugadas eram os momentos do dia de que mais gostava, quando a maioria das pessoas estava a dormir e não havia tanta confusão de energias para me desinquietar. Aqueles momentos de calma eram tão raros no meu dia a dia, que chegavam a ser irresistíveis.

Saquei de um segundo cigarro, pensando nos meus dois irmãos a cirandar pela casa, de certeza a conspirar contra o instável irmão mais novo, que se sentava perigosamente com os pés de fora no parapeito. Tinha ouvido a sua conversa privada de havia horas. Considerarem-me hiperativo era uma vantagem, pois nunca punham a hipótese de, afinal, eu ser muito bom a espiar os outros. Não tinha sido intencional. Quis convidar Cibebe para um cigarro e deparei-me com as vozes dos dois no quarto, algo que me remetia para quando segredavam sobre mim, já adolescente. Custou-me perceber que, em vez de se preocuparem com a situação de Noa e do nosso pai, estavam mais preocupados com a minha saúde mental.

Hipócritas.

Levaram anos a convencer-me de que tinha uma doença, quando todos eles sofriam de sintomas semelhantes, causados pelas experiências do nosso pai. Ao contrário deles, que escondiam ou recalavam isso, nunca fora capaz de o fazer, e por tal é que sofrera durante tanto tempo com a medicação que me obrigavam a tomar e que destruí a minha mente e a personalidade. Depois de tudo, ainda

se admiravam por me ter afastado e libertado de todo esse drama?

— Não culpes os teus irmãos. Eles amam-te. Estavam apenas a tentar cuidar de ti da forma que conseguiam. Tal como eu.

A voz da minha mãe foi um alívio para o meu humor. Quando olhei para o meu lado esquerdo, ali estava ela, sentada no parapeito comigo. A luz da Lua cintilava nos seus olhos azuis, tal qual me lembrava deles.

— Eu sei disso. Ainda assim, precisei de me afastar.

— Foi algo que me magoou, mas sabia ser inevitável. Eras a minha bola de energia incandescente. Sabia que não irias ficar parado num sítio só. Tenho orgulho no que te tornaste, meu pirata — sorriu ela para mim. Toquei na sua mão e senti-me estremecer com aquele toque quente, tão familiar.

— Sei o quão ansioso estás para ajudar a Noa e o teu pai, mas tens de ser cauteloso. Tens de pensar em ti, mas também no resto da família.

— Eu sei. Se fosse há uns anos, acredita que já teria partido. Mas tenho tentado mudar. Já sei reconhecer que não adianta atirar-me de cabeça quando não tenho meios para me safar depois.

— A união entre os irmãos Xavier é a chave, Tomé. Chega de divisões, devem estar mais unidos do que nunca. A maior mágoa que senti ao deixá-los foi saber que estavam tão distantes.

— Lamento que tenhas sentido isso — disse eu, com pesar. — Depois de tudo isto terminar, prometo que vou tentar melhorar as nossas relações. Mesmo que a Cíbele e o Jeremias me irrite tanto — disse, com uma gargalhada.

Quando voltei a olhar para o lado, já ela tinha desaparecido. No entanto, ainda conseguia sentir o cheiro acolhedor à minha volta. Expeli uma nuvem de fumo na direção da Lua, tentando encontrar nas palavras da minha mãe a força de que precisava para ajudar a minha família.

— O segredo não está apenas na sua união, filho.

A voz rouca do meu pai surgiu da escuridão à minha direita. Quando olhei para lá, apenas conseguia distinguir metade da sua expressão séria.

— Não basta apenas o seu potencial. O segredo também está em ti.

Especialmente em ti.

— Que segredo é esse, pai?

— Só tu o podes descobrir. Sou apenas uma manifestação da tua psique. O verdadeiro Mateus está neste momento a proteger a Noa na Casa da Lua.

— Mas como posso desbloquear isso?

— Tens de te lembrar. As memórias estão aí dentro, apenas tens de as encontrar. E quando isso acontecer, terás uma escolha e um sacrifício.

— Que queres dizer com isso? Por favor, para de falar por enigmas e ajuda-me a perceber!

Já não obtive resposta. Naquele canto do terraço, apenas o vazio da alucinação que se dissipara. Naquela tarde, as palavras dos meus irmãos sobre a minha saúde mental e a fragilidade emocional ecoaram no meu ouvido. Após ser visitado pela minha mãe, morta, e pelo meu pai, louco, começava a acreditar que realmente o meu cérebro estava doente.

Senti a ampola no bolso das calças. Apesar dos avisos da minha mãe, tinha de tentar.

Tinha de saber.

Tinha de tentar.

Tinha de saber.

Tinha de tentar.

Tinha de beber.

Engolindo de uma só vez aquele líquido sem sabor, senti o meu coração acelerado enquanto esperava. Não demorou muito até me ver transportado para outro espaço e outro tempo — os meandros do meu inconsciente.

Senti os pés na areia húmida e os salpicos das ondas a molhar-me o rosto. No horizonte daquele mar de desespero, o céu escarlate, que já conhecia, parecia agora mais intenso, como lava. Naquele local, a escuridão era quase palpável. Olhei para o topo da falésia e a Casa da Lua surgiu como o monstro de um pesadelo. Tão hipnotizado estava, que nem me dei conta de uma pequena sombra que se aproximava de mim. Quando foi banhada pela luz vermelha do céu, percebi que estava a olhar para o Tomé de onze anos. Com um gesto, pediu que

me ajoelhasse para ficar ao nível dos olhos dele. Depois colou a sua cabeça à minha, e fui invadido por uma infinidade de imagens, memórias escondidas e que agora regressavam para o domínio da minha consciência. Eram como pequenas lâminas espetadas em todo o meu corpo, dilacerando-me como o ser insignificante que era naquela grandiosa existência.

Vi a minha mãe.

Vi o meu pai.

Vi Jeremias.

Vi Cibele.

Vi Noa.

Vi as sombras.

Vi-me a mim.

Vi o que tinha de fazer.

Quando regressei, estava deitado no chão do terraço, ofegante e a chorar enquanto olhava para a calma noite estrelada.

Agora que vira a verdade, sabia o que tinha de ser feito para acabar com tudo e salvar não só a minha família, mas todo o mundo também.

Jeremias

Apesar do calor, estava a choviscar naquela manhã de junho. Muitas pessoas encaravam isso como presságio, algo que sempre achei ser superstição ridícula; porém, dadas as circunstâncias em que me encontrava, começava a acreditar também.

Atravessei a praça de Quebranto com o carro emprestado pela organização. Cibele seguia a meu lado e Tomé atrás. Nenhum de nós falava. Olhei pelo retrovisor e cruzei o meu olhar com o do *Homem*, o seu enorme tamanho impossivelmente dentro daquela viatura. Desde aquelas tréguas que deixara de me atormentar. Ou então era eu que começava a aceitar-lhe a presença. Não me queria habituar à sua influência, mas a verdade é que continuava a precisar dele. Especialmente agora. Conseguia sentir que me estava a testar, pronto a intervir quando a sua insaciável sede de violência se tornasse grande de mais para conter dentro de mim.

Algures por aquele território, Abel seguia com alguns operacionais para estar a postos para interceder caso fosse necessário. Eles tratariam dos guarda-costas de Basílio. A estratégia era nós os três avançarmos para a Casa da Lua sozinhos. Sabíamos que era uma armadilha, mas também a única maneira de fazer algo para evitar a possível tragédia. Era tudo muito poético, na realidade. Regressar ao ponto em que a família começara a ruir numa tentativa de restabelecer o que restava de nós.

Gaspar havia ficado para trás quando partimos. Antes disso, puxou-me para as traseiras da casa para uma última conversa.

— É aqui que nos separamos, Jeremias — disse ele, claramente desconfortável.

— Não vais com o Abel?

— Não. Aliás, eu nem devia estar aqui. O meu envolvimento com a organização seria apenas exigido diante da possibilidade de um apocalipse, mas as suas ações e intenções são ambíguas e imprevisíveis. É algo que vais perceber com o tempo, a forma como te controlam e criam a ilusão de livre-arbítrio. Fazem-te acreditar que és um herói com uma missão, mas não passas de um instrumento. Estou a dizer-te isto, porque suponho que somos muito parecidos e que compreendes o que sinto.

— Eu não decidi nada em relação à organização.

— Não há decisão. Já fazes parte da Ordem de Prometeu quer queiras quer não. É assim que funciona.

— Não vou vender a minha alma dessa forma.

— Não tens de o fazer — explicou ele, pondo uma mão no meu braço. — Apenas tens de ser fiel a ti mesmo e continuar a defender aquilo em que acreditas. Não estaria aqui se não o fizesse. Eu e alguns dos outros escritores de Ash Falls pensamos assim. Sabemos que a organização tem conhecimento destas pequenas traições, estão presentes em todo o lado. Se calhar até riem das nossas vãs tentativas de resistência e sabotagem. Mas precisam de nós, e é por isso que não vamos parar.

— Voltaremos a ver-nos?

— Talvez. Se o fim do mundo que eles profetizam realmente chegar, será uma certeza.

Gaspar deu-me um aperto de mão quente e desapareceu pelas ruas da aldeia. Conhecia-o havia tão pouco tempo, mas tinha razão: a ligação era inegável. Não sabia se voltaria a vê-lo tão cedo, mas queria aprender mais sobre ele, pois isso seria aprender mais sobre mim. Conseguia acreditar em tudo o que dizia, até mesmo quando me avisava para que duvidasse dos meus próprios irmãos.

Não há ninguém em quem possas acreditar e confiar a não ser em ti próprio. A tua irmã é mentirosa e falsa, e o teu irmão é instável. Noa seria mais feliz sem vocês, e sabes bem que preferias que o teu pai estivesse morto; por isso, que fazes realmente neste carro a caminho da Casa da Lua? Quiseste ser o líder da família e vê o que isso te trouxe.

A voz do Homem tinha surgido insidiosa na minha mente, lançando todas aquelas mórbidas dúvidas. Sabia exatamente o que estava a fazer: atentar sobreviver. A sua existência dependia do desfecho

daquele plano e das minhas decisões em relação à minha família.

Os solavancos do carro na estrada cheia de buracos agitavam o corpo magro de Tomé, que seguia sem cinto de segurança. Estava tão calado. Não era só Noa que me preocupava, era também Tomé. Não adiantava simplesmente não o levar connosco, pois sabia que iria arranjar forma de lá aparecer à mesma. Ao menos, estaria sob a minha proteção.

— Tomé, está tudo bem?

— Hã?

— Vai correr tudo bem. Vamos ajudá-los — assegurei.

— Sim — respondeu, secamente.

— Ainda não to disse, mas tens sido fundamental para o início da minha recuperação, se é que lhe podemos chamar isso. A forma como sempre acreditaste em tudo isto e defendeste aguerridamente as tuas teorias e pensamentos tem-me ajudado. Fizeste-me acreditar nalguma coisa. Agora apenas te peço que confies em mim quando digo que vai ficar tudo bem.

— Eu acredito em ti, Jeremias — disse ele, com um sorriso nervoso.
— Acredito em nós.

— Se pararem o carro para dar um abraço, juro que me vomito toda — queixou-se Cibele, o que me motivou a tocar na mão dela.

— Deixa as máscaras por momentos e admite que estás tão nervosa como nós. Não tens de as usar quando estás connosco.

Cibele olhou ofendida para mim, mas foi como se, de repente, se tornasse noutra pessoa quando esboçou uma expressão mais vulnerável. Mais humana. Lembrava-me tanto a nossa mãe. Era o mesmo rosto que vira naquelas madrugadas em que ficava sozinho com ela na sala, exaustos, quando os meus irmãos estavam a dormir. Todavia, foi naqueles momentos de sacrifício que nos tornámos ainda mais próximos. Cúmplices. Em anos mais recentes, era o único que continuava a ir lá a casa com regularidade ou que se lembrava do Dia da Mãe ou do seu aniversário. Ainda não tinha conseguido lidar com o luto e a devastação por me ter deixado tão cedo e tão repentinamente.

— Só quero que termine. Não pedi nada disto — disse Cibele, cruzando os braços.

— Nem nós...

Quando chegámos à Casa da Lua, a chuva parou. O meu carro ainda lá estava, símbolo de uma vida anterior àquela situação e que agora parecia tão longínqua. O mesmo tipo de homens encapuzados que nos tinham raptado rodeavam a casa, pelo menos sete. Tanto nós como a Ordem de Prometeu tínhamos sido descuidados ao achar que a empresa do meu pai e Basílio terminara com a nossa fuga do castelo. Não sabia ao certo o dinheiro envolvido nem a extensão dos seus contactos, mas era óbvio que iriam defender os interesses até às últimas consequências. Naquele momento, a família Xavier era simultaneamente obstáculo e bem inestimável. Só esperava que o grupo de Abel tivesse chegado a tempo para nos defender.

As figuras de negro pareciam estátuas quando atravessámos o portão. Estavam à nossa espera. No *hall* de entrada, mais dois homens esperavam-nos em silêncio. Revistaram-nos e ficaram com telemóveis e chaves. Depois apontaram para o piso de cima. No observatório, Aida, a mulher que levava Cibele para o Castelo de São Rafael, estava sentada no sofá, mesmo em frente à entrada secreta para o elevador. Basílio aguardava-nos no laboratório.

Enfiámo-nos os três no elevador apertado, os meus irmãos pela primeira vez, ao menos de forma consciente. Percorremos o túnel até chegarmos à porta de metal, a adrenalina quase a roubar-me o ar.

A primeira coisa que vi foi Noa, deitada na cama da prisão de vidro. Havia também um homem no chão, que supus ser Leo. Atrás de nós, Basílio e o nosso pai saltaram-nos para cima. Num instinto, recuei, mas Cibele e Tomé não tiveram tanta sorte. Vi com horror as seringas espetadas nos pescoços e a forma como caíram pesadamente no chão. Os olhos de Basílio estavam raiados de sangue, laivos de demência possivelmente deixados pela *overdose* que eu provocara. Já o meu pai esboçava uma expressão completamente neutra. Ver aquela versão mais velha dele era grotesco para mim.

Não deixes que te ataquem. Deixa-me entrar em cena e dou cabo deles.

Não conseguia ver o *Homem*, mas sentia a sua presença algures no laboratório, desejoso por entrar em ação.

— Fizeste-a bonita, cabrão! — grunhiu Basílio para mim, salivando excessivamente. — Ainda estou a lidar com os efeitos daquela quantidade exagerada de «Sonho de Morfeu» que me enfiaste pela garganta. Se não fosse pelo Mateus, tratava-te da saúde.

— Jeremias, isto não é o que parece — disse o meu pai, numa voz fraca. — Isto é para os ajudar. É a única forma.

— A única forma de quê? — perguntei. Estar na presença dele enojava-me. Dentro de mim, o meu lado negro era um terremoto a chegar. — De continuares a atormentar-nos com o teu egoísmo?

— De acabar com tudo.

— Acabaram de atacar os meus irmãos, porque deverei acreditar no que dizem?

— Não adianta falares com ele! Atacamo-lo os dois! — berrou Basílio, descontrolado.

— Por favor, Jeremias! — disse o meu pai, agora numa voz autoritária que me lembrou os momentos da minha infância em que fazia asneiras. — Sei que não confias em mim, mas é muito importante que faças o que te digo e nos deixes injetar isto. Pensa nos teus irmãos!

Vê a forma nojenta com que ele fala dos teus irmãos. É um monstro muito pior do que eu, violou as suas mentes, conspurcou as suas vidas e agora ainda te dá ordens. És mais forte do que eles os dois. Estão velhos. Mata os gajos!

Olhei para cada um dos meus irmãos inconscientes, ignorando a voz. O meu instinto dizia-me que a melhor forma de os proteger seria juntar-me a eles, ainda que não soubesse as verdadeiras intenções daqueles dois homens. Fixando o meu pai, afastei o colarinho da camisa e ofereci o meu pescoço. Quando se aproximou e me injetou a droga, senti imediatamente a atordoante dor de cabeça que me fez tombar. Era a mesma sensação que sentira no Castelo de São Rafael, mas dez vezes mais forte, puxando-me para a inconsciência ao mesmo tempo que ouvia o rugido do *Homem*.

Antes de desmaiar, ainda vi o meu pai a tirar outra seringa do bolso e injetar-se com ela, perante os gritos de raiva de Basílio, que acabara de ser traído novamente.

*

Senti o contraste do frio da faca com o sangue quente que me molhava a pele. As paredes e os cacifos também estavam manchados de vermelho. O corredor tinha uma manta de corpos de estudantes e professores cortados e esventrados. Conseguia ouvir o som viscoso dos

ferimentos com os gemidos de súplica de sobreviventes a perturbar o silêncio sepulcral. As luzes avariadas que piscavam mostraram-me a figura colossal do *Homem*, a rir ao fundo do amplo corredor.

Ao contrário de mim, o seu tronco nu e as calças estavam limpos.

— Que fizeste?

— Não sou eu com a faca na mão e o sangue na roupa e na pele — disse ele, causando-me estranheza por estar a vê-lo a falar pela primeira vez.

Recuei em pânico, tropeçando no cadáver quase irreconhecível de uma rapariga.

— Foste tu, não fui eu! Seria incapaz de fazer algo assim!

— Então porque é que levaste a faca para a escola naquele dia? Este cenário podia ser uma realidade, se o Tomé não te tivesse impedido. Quando é que vais aceitar que tu é que és o demónio?

O *Homem* começou a caminhar na minha direção, as botas pesadas a pisar os corpos sem piedade. O seu olhar insidioso não deixava margem para dúvidas: queria dominar-me e tomar o meu lugar na realidade consciente. Levantei-me do chão e corri até à porta de entrada da escola. Estava trancada. Com ele quase em cima de mim, entrei numa das salas e barriquei a porta com um armário. Os socos dele na porta faziam as paredes estremecer. Mas não conseguiu entrar. Após algum tempo a tentar, desistiu, e ouvi os seus passos a afastar-se pelo corredor.

De súbito, ouvi alguém a bater na janela. Mas não era o *Homem*. Era o meu pai. Tentei abrir ou partir os vidros, mas era impossível. Era como uma prisão.

— Não vais conseguir sair, Jeremias — explicou ele. — E eu também não vou conseguir entrar. Não enquanto continuares a resistir.

— Não vou deixar que me controle!

— Tu és a representação da Sombra, os segredos e sentimentos mais obscuros que queremos ignorar ou afastar. Por mais receio que possas ter, tens de a aceitar como parte de ti. Tu conheces estas teorias.

— Não consigo aceitar que sou um monstro!

— Não és um monstro. Tudo isto que estás a viver é uma construção do teu inconsciente. Só tu podes libertar-te. Por favor, preciso da tua

ajuda para encontrar os teus irmãos.

A menção dos meus irmãos trouxe-me alguma lucidez e consegui aceder às memórias deles, caídos no laboratório. O meu instinto paternal despertou em mim a coragem de que precisava para sair daquela sala de aula e enfrentar o *Homem*.

Ao atravessar o corredor de corpos, segui a energia negativa que emanava. Antes de abrir as portas que davam para o ginásio, já sabia que iria encontrar um cenário ainda mais aterrador, mas não estava preparado para o que vi. O espaço estava muito escuro e havia dezenas de homens nus e sujos a rastejar na direção do *Homem*, sentado num trono feito de membros mutilados. Atrás dele, na parede, vi os meus irmãos, o meu pai e Tiago crucificados e feridos. Como é que o meu pai me pedia para aceitar a minha sombra quando me deparava com aquele cenário dantesco dentro de mim?

— Eu sei o que estás a fazer — disse eu. — Queres que te odeie, que te renegue.

O *Homem* esboçou um sorriso ainda mais repuxado e cheio de dentes amarelos e pontiagudos. Quando o fez, todos aqueles homens notaram a minha presença e rastejaram para mim como se eu fosse um deus, agarrando nas minhas pernas e puxando-me para eles. Tentei libertar-me e caminhar na direção do rei daquele mundo macabro.

— Eu sei que tu e eu somos o mesmo — continuei.

Os corpos feridos da minha família começaram a cair, um a um, sendo engolidos pelo aglomerado de corpos.

— Enganaste-te, Jeremias — acusou ele, levantando-se. — Eu já existo há milénios, desde o primeiro despertar da consciência humana. Eu sou aquele que vive no recanto mais obscuro das mentes, onde moram os desejos e segredos mais perniciosos.

— Não. Tu és o Jeremias. Tu és eu — insisti, caminhando com cada vez mais dificuldade, mas mais convicção. Os homens faziam-me cair, mas fiz um esforço hercúleo para me levantar novamente e avançar.

— Tu renegas-me desde sempre. Sou vergonha, humilhação e mágoa, a representação de tudo aquilo que odeias em ti e na tua vida.

— Tudo isso faz de mim quem sou.

— Vais dizer-me que mudaste de perspetiva repentinamente, só porque o desgraçado do teu pai to pediu?

Olhei para a parede onde apenas restava o corpo do meu pai pendurado. Estava completamente coberto de sangue. Ao vê-lo assim, o ódio deu agora lugar ao reconhecimento de que éramos mais parecidos do que queria admitir, dois homens complexos e cinzentos. Mas não era suficiente. Aproveitando aquele meu momento de fraqueza, o *Homem* abriu a boca num grito poderoso e horrendo, que me fez cair e ser praticamente engolido pela ganância e ferocidade da multidão. Queriam dilacerar o meu corpo, a dor demasiado excruciante para aguentar.

E então, no meio de toda aquela violência, surgiu um gentil e familiar toque. Entre todos os homens que me prendiam, vi o rosto glorioso da minha mãe a dar-me força e motivação para não desistir. Concentrei-me na sua imagem e consegui reunir força suficiente para me libertar e emergir daquele mar humano. Ainda tive um vislumbre da sua expressão maternal por entre os corpos, um sorriso repleto de amor, que me enchia de luz em todo aquele terror.

Quando finalmente consegui trepar pelo monte de pessoas até chegar ao trono onde o *Homem* estava, vi na sua expressão desdenhosa a forma como me subestimava.

— Vá, mata-me — pediu ele, abrindo os braços. — Elimina-me e acaba com o teu pesadelo. Torna-te num homem melhor, Jeremias.

Reparava agora que nunca tinha largado a faca. Ou então tinha regressado a mim. O *Homem* levantou a cabeça para o teto, deixando todo o seu enorme corpo à minha mercê. Estava ali a minha oportunidade para acabar com o tormento, eliminar toda aquela escuridão de dentro de mim. De faca na mão, continuei a subir.

Abracei-o.

A sua pele fervente queimava a minha. Ouvi o som metálico da faca a cair no chão e percebi que todos os homens tinham desaparecido, deixando-me sozinho com o *Homem*, num ginásio escolar vazio. Não era o *Homem* que abraçava. Era o Jeremias assustado, reprimido e solitário, aquele que crescera de todo o sofrimento e sacrifício. Naquele abraço, senti a dualidade do bem e do mal dentro de mim, o vazio, mas também o prazer. O equilíbrio e a evolução que estudara na minha profissão, mas que nunca soubera aplicar à minha realidade e identidade.

Quando dei por mim, estava a abraçar o ar, sozinho naquele local

agora tão normal. Deixei-me cair de joelhos, no chão, chorando pelo *Homem*. Por mim. Seria aquilo o que Gaspar sentiu quando enfrentou o seu demónio e o aceitou?

Ouvi a chiadeira da porta do ginásio e passos na minha direção. O meu pai avançava cauteloso. A imagem do seu corpo ensanguentado e crucificado ainda estava bem presente na minha mente.

— Portaste-te bem — disse ele, tocando no meu ombro, a medo. — Pode não significar muito para ti, mas estou orgulhoso. Agora levanta-te. Temos de ajudar os teus irmãos. Enganei o Basílio, não temos muito tempo até que faça alguma coisa.

— Como é que podemos ajudá-los?

— Este é o inconsciente que nós partilhamos enquanto família. É uma teoria que andava a explorar, mas que nunca consegui comprovar. Até agora. Eles estão aqui algures. Consigo senti-los. Também tu, se te concentrares.

Ainda não conseguia perdoar o meu pai. Mas, depois de aceitar a minha sombra, consegui libertar-me das amarras que me impediam de confiar nos nossos laços de sangue. Éramos ambos «pais» dos meus irmãos.

Cibele

Quando acordei no banco da praça onde conhecera o meu abusador, percebi imediatamente que estava dentro do meu inconsciente. Abel já me alertara para as várias versões da droga usada pelo meu pai, e de certeza que tinham usado a dose mais forte conosco. Provando tudo o que defendia junto dos meus irmãos, o nosso pai era um filho de puta traidor. Quando vi que tinha sido ele a injetar-me o conteúdo da seringa, nem sequer fiquei surpreendida, apenas mais enfurecida. Não sabia qual era o plano deles, se se relacionava com o querer controlar as nossas habilidades ou se até com fazer mais experiências. Só sabia que tinha de tomar partido daquela oportunidade.

Sentei-me no banco e observei as pessoas que passavam pela praça. Só estava a ver mulheres e, com um olhar mais atento, percebi que eram todas eu. Penteados, roupa e estilos diferentes, assim como expressões faciais ou estados de espírito. Mas eram a Cibele. O prédio do motel esperava por mim.

Não sabia ao certo o porquê de estar ali. Não havia nada relacionado com o outro cabrão que ainda precisasse de enfrentar. Abel já me oferecera isso. Obviamente não o tinha matado. Não era esse tipo de pessoa. Bastou apenas obrigá-lo a despir-se, a deitar-se no chão e esmagar-lhe os órgãos genitais com a poltrona onde estava sentada. Claro que também aproveitara para o socar e pontapear até ficar com a cara num bolo. O casal de guarda-costas de Abel teve de me afastar quando percebeu o meu descontrolo. Os gritos daquele homem velho, doente e pervertido tinham sido música para mim. Viveria em sofrimento físico, mas também emocional, tal como fizera comigo e possivelmente com dezenas de outras raparigas. Não era uma questão de *karma* ou providência divina. Apenas uma mulher

vingativa. Estava vivo, mas tinha destruído a sua alma, o que, para mim, era pior.

Avancei para o motel, curiosa sobre o motivo para o meu inconsciente construir tudo aquilo e me levar ali. As várias Cibeles olhavam para mim, como se soubessem mais do que eu. Subi até ao quarto onde a *Mulher das Máscaras* me protegera naquela tarde de julho. Ou, aliás, a primeira vez que me desassociara para eu própria me defender. Já havia aceitado a ideia de que eu era a representante do arquétipo *Persona*, a mestra das várias facetas de personalidade que se usam nas relações com os outros. Eu era a *Mulher das Máscaras* e estava em paz com isso, por mais absurdo que pudesse parecer aos ouvidos de uma pessoa normal. Sempre o soubera no meu interior, apenas não o compreendia.

Quando rodei a maçaneta e entrei, deparei-me com centenas de máscaras a cobrir todo o quarto. Não. Não eram máscaras, mas, sim, caras. A minha cara. As várias versões de Cibele. Fui alertada pelo som de risadas atrás da cama e fui dar com os meus filhos, sentados no chão a brincar e a experimentar as minhas caras. Os seus rostos estavam manchados com o seu sangue escuro. Imediatamente arranquei-as das mãos deles.

— Isso não é para mexer, meninos!

— Estamos só a brincar, mãe — disse Rafi.

— Olha, agora estou triste. Assim estou alegre — riu-se Rami, experimentando os meus rostos.

Sabia que eles não estavam realmente ali. Porém, a visão deles dentro dos meus segredos, daquela forma tão leviana, de repente fez-me sentir vergonha por ser assim. Não queria que os meus filhos herdassem *aquilo* de mim. Queria que fossem... normais. A minha família estava muito longe de ser normal, e a última coisa que eu queria era que o sangue da família Xavier os conspurcasse dessa forma.

Assim que esse pensamento me passou pela cabeça, as dezenas de rostos começaram a chorar lágrimas de sangue até inundar a carpete do quarto. Rafi e Rami pareciam contentes com aquilo, brincando com o sangue como se fosse água de uma piscina. Aquela visão horrenda fez-me perceber que, afinal, não me aceitava tão facilmente como pensava. Não quando aquela bizarra realidade se podia infiltrar na

vida *perfeita* que construía. Recuei até à janela e vi, nas ruas lá em baixo, que todas as Cibeles olhavam para mim como se esperassem algo.

Que deveria fazer? Aceitar que a minha mente estava quebrada e que me aterrorizava a ideia de isso ter passado para os meus filhos? Ou que afinal tinha escolhido uma vida de que ainda duvidava se teria sido a certa, abdicando de antigos sonhos e desejos de uma rapariga inocente, que se tornara adulta cedo de mais?

Alguém bateu à porta. Relutante, acabei por abrir. A minha mãe olhava para mim no corredor, uma visão tão normal, que parecia inusitada ali.

— Precisas de ajuda com os miúdos, Cibele? — perguntou. Já me tinha esquecido do som da sua voz.

— Porque estás aqui?

— Nós, mães, não somos de ferro. Sempre foste orgulhosa de mais para me pedir apoio, mas estou aqui agora.

Não, não estava. Tinha enterrado a minha mãe anos antes. Não eram só saudades que sentia, era também culpa por todas as vezes que recusara a sua mão quando queria apenas fazer o seu papel de mãe e avó. Compreendia-a tão bem agora. Mas lamentavelmente já não tinha possibilidade de lho dizer. O meu orgulho era o meu maior inimigo quando envolvia as pessoas que deveria amar incondicionalmente.

— Avó! — gritaram os meus filhos em unísono, correndo para ela.

— Como é que estão os meus piratinhas? Tive saudades de vocês!

Na realidade, havia estado poucas vezes com eles. Até naqueles momentos em que eu duvidara ser capaz de fazer aquilo, nunca lhe ligara a pedir ajuda. Não se tratava apenas de distância física, mas também emocional. Desde que o meu pai desaparecera, houvera uma quebra na nossa relação que nunca conseguira recuperar. Era como se a culpasse pelo que tinha acontecido. Com Tomé na sua vida de nómada e Noa fechada no seu mundo melancólico, apenas Jeremias sobrava para apanhar os cacos emocionais da minha mãe. E, ainda assim, ela resistia com uma força que sempre invejara. Até morrer estupidamente de um dia para o outro, graças à porra de uma doença!

— Não te culpes pelo que aconteceu. Nunca deixei de te amar, Cibele — disse a minha mãe, já sentada na cama enquanto os meus

filhos lhe mostravam uma brincadeira qualquer. — És minha filha e nem a distância mudaria isso.

— Fui péssima filha. Nunca fui para ti aquilo que sempre foste para mim: um pilar. Tenho receio de que o mesmo aconteça com os meus filhos. Tenho medo de um dia simplesmente me afastar dos meus filhos e deixar de ser o seu pilar.

— Não és perfeita, Cibeles. Nem tens de o ser. Eu também não fui a mãe ideal. Não percebi quando gritavas por ajuda, não vi os sinais. É um longo caminho até se compreender que não somos heroínas.

— Sou uma pessoa terrível.

A minha mãe sorriu, com o meu comentário juvenil. Levantou-se da cama e pousou as mãos nos meus ombros, com o mesmo olhar que usava na minha infância quando me repreendia gentilmente.

— És terrível, mas também és boa. Nós somos muito parecidas. Temos de ser cinzentas pelos que mais amamos. Neste momento, os teus irmãos precisam de ti e tu precisas deles. Estes miúdos adoráveis também estão à espera que a mãe regresse — explicou ela, apontando para Rafi e Rami.

— Mãe, onde estão os tios? — perguntou Rami.

— Os tios? — balbuciei.

— Sim. O tio Tomé é superdivertido. A tia Noa adora pintar connosco. E o tio Jeremias entra sempre nas nossas brincadeiras. Vieram contigo?

— Sim, queremos estar com eles! — pediu Rafi, chapinhando no sangue escuro.

Olhei novamente pela janela. As, agora, centenas de Cibeles estavam a apontar para o horizonte onde, reparava eu, havia montanhas de rochas iguais às da costa da Casa da Lua. Estavam a guiar-me. Seria possível que os nossos inconscientes estivessem, de alguma forma, ligados?

Beijei os meus filhos imaginários enquanto a minha mãe lhes dava a mão. Estava desejosa de que tudo aquilo terminasse para voltar para eles. Já estivera temporadas longe deles, em férias, mas aquelas saudades eram diferentes, quase insuportáveis.

Despedi-me da minha mãe com um aceno e um sorriso de agradecimento por me ajudar ali dentro. Ainda que aquela versão

apenas existisse na minha cabeça, desejei que, onde quer que estivesse, a sua alma sentisse o meu pedido de perdão e o peso das saudades que me tinha deixado.

Atravessei a multidão de Cibeles que continuavam a apontar para as rochas. O tempo ali parecia passar de forma diferente. Ainda assim, demorei a sair da cidade. Comecei a subir e a trepar até chegar ao topo, onde fui confrontada com um revoltado mar que refletia remoinhos de nuvens vermelhas. A uma distância ainda maior, vi a Casa da Lua, envolta em sombras densas. Senti que aquela visão infernal não era minha. Estava agora a invadir os inconscientes dos meus irmãos.

De repente, ouvi um débil pedido de ajuda entre o ruído das ondas. Percorri as rochas, tentando perceber de onde vinha. Voltando a ouvir a mesma voz, encontrei um buraco fundo que dava para o mar lá em baixo. Depois vi alguém na água.

— Noa! — chamei eu.

A minha irmã olhou para cima com desespero. Estava a agarrar num homem desmaiado, muito possivelmente Leo, tentando mantê-lo à tona de água.

— Por favor, ajuda-me, Cibele. Não aguento muito mais tempo e a água continua a subir.

— Vou ajudá-los! Mantém-te calma! — gritei.

Olhei à minha volta como uma barata tonta. Como raio ia fazer aquilo? Não tinha ali nada que me pudesse ajudar a descer nem sabia como entrar naquelas grutas. Se me atirasse lá para dentro, passaríamos a ser três pessoas a precisar de ajuda.

Que estava eu a dizer? Nós estávamos no inconsciente, um mundo surreal que não se regia pelas mesmas normas do plano consciente. Noa podia não entender ainda, mas eu já sabia que aquele domínio cognitivo já tinha sido explorado por nós durante as experiências do nosso pai. O segredo estava em nunca esquecer que nós é que o controlávamos, ainda que eu estivesse num inconsciente diferente do meu.

— Afasta-te. Vou mergulhar.

E foi isso mesmo que fiz, sem medos. Nadei até à superfície, sentindo formigueiros no corpo e o quão gelada estava a água. Cheguei até uma pálida e amedrontada Noa, que apertava o homem

contra ela. Quando me aproximei, percebi logo que não era o seu amigo Leo. O seu rosto era praticamente igual ao de Noa, embora mais masculino.

— É o Gabriel. Tenho de o ajudar — explicou ela, com voz triste.

Não conseguia imaginar o que Noa havia passado com as aparições do seu inconsciente, certamente uma tortura associada à sua transformação. Estar a tentar salvar quem teria sido, se nunca tivesse mudado de sexo, era do mais atroz que podia pensar para a minha irmã, e isso fez-me odiar ainda mais o nosso pai. Agarrei Gabriel para que Noa pudesse descansar, mas nunca o largou.

— Como chegaste até aqui? — perguntei.

— É um labirinto. Termina sempre com o meu afogamento.

— Noa, este labirinto é a manifestação da tua psique. Tu consegues controlar isto.

— O pai disse-me o mesmo antes de o Basílio me injetar a droga. Mas não sei como o fazer. Não quando tenho de ajudar o Gabriel.

Olhei para o rosto magro do homem nos meus braços, alguém reconhecível e irreconhecível ao mesmo tempo. O nosso afastamento resultara dos estúpidos mal-entendidos entre nós. Noa achava que não apoiava a sua mudança de sexo. Eu achava que simplesmente não gostava de mim. Ver a forma como tentara eliminar a sua versão masculina das memórias e que agora estava num desespero para o salvar fez-me sentir culpada por não a ter guiado e aconselhado como uma irmã mais velha deveria. Pelo contrário, ralhara com ela em todas as vezes que me roubara bonecas, roupa ou maquilhagem e evitara todas as vezes que fora ao médico ou era operada, por não saber como lidar com a perda do meu adorável irmãozinho. Não conseguira ver que a pessoa fora sempre a mesma, o corpo é que era o errado.

— Noa, só conseguiremos sair daqui se aceites que este Gabriel nos nossos braços não é real. Ele está aí dentro — expliquei, tocando no peito dela. — Sempre esteve. O Gabriel e a Noa são a mesma pessoa maravilhosa e talentosa. Um foi o caminho, o outro o destino.

Os seus olhos de azul-pálido fixaram os meus. Duvidava seriamente se aquela revelação mágica iria mudar alguma coisa nela tão rápido. Como mulher inteligente que era, sabia que já tinha chegado a essa conclusão. Mas aceitar algo que levamos tanto tempo a reprimir não

era fácil nem se resolvia de um momento para o outro.

— Eu sei que não sou a melhor irmã — continuei eu. —

E não te culpo por todo o ressentimento que sentes em relação a mim. Sou péssima na maior parte das vezes que estou com vocês. Mas és minha irmã e eu amo-te. Tal como amo o Jeremias e o Tomé. Eu defendo a minha família com unhas e dentes, e isto não é uma das minhas máscaras a falar. Sou eu mesma.

Senti a forma como Noa me analisava. Estava a tentar procurar a mentira ou o engano nas minhas palavras. Na sua mente criativa, estaria já a imaginar milhões de facas que eu tinha escondidas para a apunhalar nas costas. Mas nunca havia sido tão sincera com ela como naquela situação. Quando arrancou Gabriel dos meus braços, temi a derrota.

— Fui injusta para contigo. Perdoa-me — disse ela para o homem adormecido nos seus braços, beijando-lhe os lábios. Depois largou-o, deixando que o seu corpo débil se afundasse até desaparecer.

Puxei Noa contra mim, apertando-a num abraço maternal. Conseguia sentir o calor e o perfume da nossa mãe connosco. Todos nós tínhamos percorrido um longo caminho até ali, mas a saga ainda continuava. Noa percebia que não tinha de o fazer sozinha.

Tal como eu.

Uma corda robusta caiu na água mesmo a nosso lado. Olhei para o buraco de onde fora lançada e vi o rosto de Jeremias a chamar por nós. O alívio por ver o meu irmão durou pouco, pois, logo depois, vi o nosso pai a seu lado. Ajudei Noa a subir e eu fui a seguir. Sãs e salvas, embora encharcadas e geladas, abraçámos Jeremias. Pareceu-me mais confiante e emotivo, o que me deixou curiosa com a sua história ali dentro.

Nenhuma de nós se aproximou sequer do nosso pai, que se mantinha à parte daquela pequena reunião familiar. Tentava disfarçar a tristeza, virando-se para a Casa da Lua. Percebi que eu não sentia assim tanto prazer ao vê-lo assim.

— O Tomé está ali. O Basílio também pode aparecer a qualquer momento. Consigo senti-lo cá — anunciou ele, apontando para a escuridão tão compacta, que quase não se distinguiam as paredes brancas. — Não vai ser fácil. O Tomé não é como vocês.

— Como assim? — perguntei, tentando ignorar ser a primeira vez

que falava com ele em vinte e três anos.

— O inconsciente dele é muito mais complexo e perigoso do que os seus.

Entreolhámo-nos os três, sabendo que se referia à saúde mental do nosso irmão.

— Tu sabias que ele era doente e, mesmo assim, fizeste as experiências connosco — acusei, mas ele respondeu com olhar ofendido.

— Fi-lo por isso mesmo! Qualquer um de vocês podia mostrar sinais a todo o momento, tal como o Tomé mostrou desde cedo. Uma herança da minha parte da família. Sei que foi um erro, mas achei que podia ajudar-nos a todos.

— Podes ter piorado tudo, sabes disso? — gritei eu, com intenção de o magoar o máximo que podia.

— Vocês estão bem. Apesar dos problemas, tornaram-se adultos com vidas normais. Mas o Tomé não, e sabem disso. Este é o momento para pormos as diferenças de lado e nos unirmos para o ajudar. Ele acha que é o herói desta história, mas é ele quem precisa de salvação.

Olhámos os quatro para a bolha de escuridão que engolia a casa. Com olhar mais atento, percebi que eram sombras, as mesmas que Tomé dizia que o perseguiram. Era agora uma incógnita se estariam relacionadas com as experiências do nosso pai ou se já existiam desde sempre, aguardando o momento certo para aprisionar o nosso irmão na sua própria mente.

Abril de 1994

Era a segunda vez que Mateus viajava de avião. A primeira tinha sido em criança, quando visitara os avós maternos no Japão. Por coincidência, era para esse mesmo país que estava a voar. Hesitara em fazer a viagem, preocupado com Júlia, sozinha em casa com quatro crianças pequenas. Mas havia sido a própria a insistir para aproveitar aquela oportunidade.

Basílio seguia a seu lado, entretido a ler um policial. Desde que o conheceu na faculdade, anos antes, que se lembrava de o ver sempre agarrado a esse tipo de livros. Segundo contara, lia-os desde tenra idade e tinham sido os responsáveis pela decisão de enveredar pela área da Psicologia. Não que precisasse de um curso ou de um trabalho, já que a sua família era bastante rica. Aliás, até fora ele a propor e a insistir em pagar a viagem e a sua participação naquele congresso no Japão, o qual iria reunir profissionais de todo o mundo. Mateus acabou por aceitar, admitindo que aquela iniciativa iria ser muito positiva para a sua ainda insuficiente experiência profissional. O consultório não estava a funcionar como idealizava e até estava a ponderar ceder à proposta de Basílio para seguir a via académica. Mas estava tudo por definir por enquanto. O que o atraía na profissão era conseguir tratar as pessoas pela manipulação da mente. Ensinar alunos não era a mesma coisa.

Exaustos e com *jet lag*, aterraram em Osaka ao final da tarde. Depois de se instalarem no hotel, Basílio ainda insistiu para que fossem a um bar. Mateus sabia que não adiantava recusar. O amigo tinha aquele poder de o vencer pelo cansaço só para ver os seus caprichos satisfeitos. Não se importava de ceder. O lado de *bon vivant* do amigo era sempre lufada de ar fresco numa vida tensa de filhos, preocupação

com o dinheiro e sonhos desfeitos.

Percorreram a rua cheia de gente, ladeada pelos mais exóticos aromas de comida de rua. Acabaram por entrar num bar com música *jazz* ao vivo. Mateus analisou os comportamentos dos clientes, na sua maioria japoneses. Não conseguia resistir a fazê-lo quando estava num local com várias pessoas. Entretanto, Basílio já estava a fazer amizade com algumas pessoas, mesmo sem falar a língua.

— Ei!, a tua família não é japonesa? — perguntou Basílio, com o bafo de álcool no ouvido de Mateus. — Tenta lá perceber o que estes gajos me estão a dizer.

— Da parte da minha mãe, mas sabes que nunca tivemos muito contacto. Lamento, há muito que não pratico a língua.

Apesar de a sua mãe ser japonesa, não conseguia sentir nenhum tipo de afinidade com aquele país e a sua cultura. Até fisicamente tinha apenas ténues traços asiáticos. Fora praticamente criado apenas pelo pai, porque a mãe saíra de casa cedo. Os pais tinham-se conhecido num programa de intercâmbio cultural, ambos ainda jovens estudantes, uma paixão arrebatadora e inocente que resultou na mudança da mulher para o país dele. Mas a mãe tinha muitos fantasmas, intensificados quando engravidou e deu à luz. Vários episódios trágicos em casa levaram a que os abandonasse aos dois. Ao longo do seu crescimento, Mateus ainda recebia alguns telefonemas dela em aniversários e natais, mas pouco mais. Até ao dia em que chegou a casa e o pai lhe dera a notícia do suicídio da mãe e lhe confessara que ela sofria de esquizofrenia. Foi nesse momento que Mateus decidira seguir Psicologia, uma forma de preencher o vazio que eram a ausência e o desconhecimento da vida e da essência da mãe.

A televisão, no canto do bar, mostrava a fotografia de Kurt Cobain, o vocalista da banda Nirvana, de que tanto gostava. Não conseguia ler as informações que passavam, mas, pelas imagens, percebeu que tinha morrido. Suicídio, aparentemente. De olhos fixos no ecrã, Mateus deixou de ouvir o barulho à sua volta. Que leva alguém a fazer algo tão cruel a si próprio? Que labirintos de desespero levam alguém a fazer algo assim? Eram perguntas como essas que deixavam em Mateus a sede de se tornar mais e melhor na sua profissão, sempre com o fantasma da mãe a espreitar dos cantos mais obscuros. Não era

só o compreender a mente humana.
Era curá-la.

O congresso estava a ser mais aborrecido do que antecipara, a sequência de apresentações de velhas teorias e práticas desatualizadas que nada acrescentavam à área. Desiludido por ter percorrido meio mundo para aquilo, imaginou-se um dia naquele palco a falar para aquelas centenas de colegas com teorias que iriam mudar o mundo e a humanidade.

Ao fim do primeiro dia, Basílio veio ter com Mateus, acompanhado por um colega alemão e outro britânico. Tinham sido convidados para uma festa em casa de um dos oradores, algures no centro de Osaka.

O apartamento ficava no último andar de um dos prédios mais altos em que alguma vez estivera. Em poucos minutos, já os seus colegas estavam de gravatas desapertadas a beber *sake* e cerveja japonesa e a cantar *karaoke*. Mateus sentiu-se deslocado, como era habitual em si. Aproximou-se das janelas altas e olhou para as luzes frenéticas e coloridas das ruas e dos prédios da cidade.

— Não se está a divertir?

Mateus não se deu conta da presença da mulher a seu lado. Pela aparência, parecia japonesa, mas o sotaque americano era perfeito. Usava um sofisticado vestido preto até aos joelhos e um sorriso afável.

— Penso que ainda estou cansado da viagem. Estava a apreciar a cidade. É tão diferente do que estou habituado.

— O Basílio disse-me que tem raízes nipónicas.

— Sim, a minha mãe nasceu aqui. Mas não fui criado por ela.

— Temos algo comum então. Pai japonês, mas vivi toda a minha vida na Califórnia. Decidi mudar-me para cá há uns meses. Menos superficial para mim. Himiko Hino — apresentou-se ela, estendendo a mão.

— Mateus Xavier. Um prazer.

Em poucos minutos, a conversa de circunstância mudou para gostos e perspetivas comuns, a ponto de Mateus perder a noção das horas e do cansaço. Sentados num dos sofás ao canto da sala, com uma grande quantidade de psicólogos bêbados, partilharam aspirações, teorias e histórias.

— Não fosse o Mateus casado, diria que éramos almas gémeas, com

tanto de comum — disse ela, apontando para a aliança dele.

— Almas gémeas também existem entre amigos.

— Há algo que gostava de lhe mostrar. Pode vir comigo?

Himiko levantou-se e caminhou para o corredor sem que ninguém notasse. Mateus ficou com receio de que estivesse a seduzi-lo. Fiel à sua mulher, era incapaz de fazer algo que a magoasse, ainda que estivesse noutra país e pudesse simplesmente fingir que nem acontecera. Mesmo assim, seguiu a mulher até um dos quartos e fechou a porta como ela pediu. Himiko sentou-se elegantemente na ponta da cama e remexeu na sua mala, tirando uma bolsa azul. Lá dentro estavam duas ampolas de líquido transparente.

— Que é isso?

— Apenas uma pequena diversão. Diga-me, qual é a sua opinião sobre o inconsciente?

— Pouco explorado por ser tão difícil de observar e analisar. Essa é, aliás, a área que mais me interessa. Ainda que seja visto como um teórico maldito, sempre me fascinou a perspetiva de Carl Jung sobre o tema.

— Parece gostar de estar sempre no controlo — disse ela, satisfeita com a resposta de Mateus — Penso que vai achar esta experiência muito empolgante. Quer arriscar?

Himiko entregou uma das ampolas a Mateus e bebeu o conteúdo da sua. Deveria confiar numa mulher que conhecera poucas horas antes? Nunca fizera algo tão espontâneo na sua vida, e muito menos quando era pai de família com quatro filhos que dependiam de si. Na verdade, precisava de se soltar mais, de novas experiências que o fizessem estar mais em contacto com a vida e a sua mente. Foi por isso que bebeu.

— Não tenha receio. Aceite as dádivas que forem apresentadas — sugeriu Himiko, deitando-se na cama e convidando Mateus a fazer o mesmo.

Mateus deitou-se ao lado dela e olhou para o teto branco, aguardando algo inesperado. Não sabia o que iria acontecer depois de ingerir aquele líquido sem sabor. Após vários minutos à espera, começou a achar que era apenas água. Virou o rosto para Himiko, que parecia estar a dormir. Sorria prazerosamente. Mateus fechou os olhos e continuou à espera, sentindo a sua mente a resvalar para o sono, devido ao cansaço.

De repente, sentiu pingas na cara e abriu os olhos. O teto era agora um mar azul-escuro, ondas brancas a salpicarem o seu rosto. Himiko tinha desaparecido, deixando-o sozinho no quarto. Levantou-se e caminhou pelo chão, que agora era também mar, a sua água quente a molhar-lhe as meias pretas e a batinha das calças. Lá fora, a cidade fora substituída por torres de rocha compridas e coloridas, e o céu era um remoinho de luminosas nuvens douradas e azuis. Todo aquele cenário surrealista transmitia profunda calma, mas não como um sonho ou uma alucinação. Mateus sentia que estava consciente, os seus sentidos plenamente vivos e a sua mente ativa. Aquele local era algo diferente. Algo entre a realidade e a profundidade da mente.

Sentiu alguém a observá-lo da porta entreaberta do quarto, um velho de barbas com um manto a cobrir-lhe corpo e cabeça. Pegava numa lanterna a óleo, que iluminava o corredor escuro. Estava a chamá-lo.

Ao contrário do cenário colorido e brilhante, aqueles corredores eram demasiado sombrios. Já nem sequer era uma casa ou um prédio, apenas um labirinto de paredes sujas. Mas Mateus seguiu-o sem medos, a sua curiosidade a dominar cada passo que dava, atrás daquele velho com ar de sábio. Depois de subir uma interminável escada, atravessou duas portas e deu por si no terraço do prédio. Olhou com mais atenção para o cenário que o rodeava. Não era um prédio, mas uma das torres de rocha, a mais alta de todas as que brotavam daquele mar. Nas nuvens douradas, sentavam-se milhares de figuras, de costas, todas a observar o centro do remoinho etéreo. Mateus teve de se proteger da luz intensa que emitia, mas, depois de se adaptar, conseguiu perceber que lá dentro estava um enorme olho, a mirar as várias direções. Quando reconheceu a presença de Mateus, centrou-se nele, fazendo-o sentir pequeno, mas, ao mesmo tempo, que finalmente pertencia a alguma coisa. Algo maior do que ele, algo que faria a diferença.

Sentiu novamente o *Sábio* a chamar por ele na beira do topo da torre. Não usava palavras, mas era como se as suas intenções lhe preenchessem a mente. Mateus aproximou-se, e o velho estendeu a lanterna. Era uma missão. Um propósito.

Aceitou.

Assim que sentiu o toque quente da lanterna nas suas mãos, todo

aquele mundo desapareceu, e deu por si ainda com a mão estendida, em plena noite de Osaka. Estava descalço em cima do parapeito do terraço do prédio. Assim que viu as luzes tão longe lá em baixo, quase se desequilibrou e teve de se atirar para a segurança do terraço. Ajoelhado e ainda com a cabeça num turbilhão de imagens que não queria que desaparecessem, ouviu alguém chamar por ele, da porta. Himiko olhava para ele, preocupada, com Basílio a seu lado, ainda embriagado.

Com toda a confusão que se gerara com o seu desaparecimento, nessa noite não falou com Himiko sobre o que se passara nem sobre a droga que tomara. Sendo tão tarde, apenas tiveram tempo de voltar para o hotel. Mateus não dormiu, receoso de se esquecer daquela visão e respetivos pormenores. Sabia que se adormecesse, iria ter sonhos desinteressantes e sem sentido, longe daquela fantasia psicadélica.

No dia seguinte, na convenção, não prestou atenção nenhuma às chatas sessões. Passou todo o tempo a olhar para Himiko, do outro lado da plateia, claramente a evitá-lo.

Terminada a sessão de trabalhos ao fim do dia, conseguiu atravessar a multidão e arrastar Himiko para uma sala vazia. Quando viu o seu ar assustado, imaginou que não seria bem-visto um homem com o seu tamanho e ar intimidante trancar-se, daquela forma, com uma mulher. Mas estava desesperado por saber mais sobre o que se passara consigo.

— Perdão, eu não sabia que teria aquele efeito em si — começou ela por se desculpar com as mãos levantadas. — Não quis pôr a sua vida em risco.

— Não é disso que se trata. Quero apenas saber que droga é aquela.

— Por favor, não quero problemas. O consumo de estupefacientes é bastante penalizado neste país — disse ela, em pânico.

— Himiko, não vou denunciá-la. Eu tive uma das experiências mais incríveis da minha vida ao tomar aquilo. Quero apenas saber mais.

— Mas que viu ao certo? — perguntou ela, com o pânico a dar lugar à curiosidade.

— Um mundo surrealista e um sábio que me pediu para o seguir até ao topo de uma torre de rocha — explicou ele, deixando intencionalmente de fora pormenores como os milhares de figuras nas nuvens e o grande olho luminoso no céu.

— Viu uma pessoa? É a primeira vez que oiço isso. Geralmente só

vemos cenários, como praias ou florestas — afirmou ela, pensativa. — Bem, penso que lhe devo uma explicação. Esta droga é experimental. Foi desenvolvida por um amigo de um colega meu da universidade. É inclusivamente indetetável. Pode muito bem atravessar uma fronteira sem que as autoridades deem conta. Mas reforço: é experimental. Não se conhecem os efeitos a médio ou longo prazo, porque não foi desenvolvida em meio científico, mas de forma caseira. Daí só apenas um grupo muito restrito de pessoas ter acesso.

— Consegue dar-me o contacto do criador dessa droga?

— Não deveria. Pode dar-me problemas — explicou ela, mordendo o lábio nervosamente.

— Por favor! Prometo que não vou mencionar o seu nome.

A responsabilidade será inteiramente minha.

Himiko hesitou durante alguns momentos em que analisou o olhar de Mateus. Algo no desespero e na sede de explicações deste a fez anotar uma morada num pedaço de papel, que entregou um pouco relutante. Foi a última vez que falou com ela.

Nessa noite, Mateus apanhou sozinho o metro para o centro de Osaka. Depois de uma hora à procura por entre bancas de comida de rua, lojas luminosas e turistas, lá deu com a morada — uma porta num beco entre dois restaurantes minúsculos. Quando bateu, um japonês de rabo de cavalo e óculos redondos, mais ou menos da sua idade, olhou para a sua figura desconfiadamente. Depois perguntou o que queria, num inglês algo massacrado. Mateus optou por ser direto. Explicou que tinha conhecimento da droga, que podia pagar por ela e que seria sigiloso. Depois explicou cada pormenor da sua visão e foi isso que fez o homem mudar de opinião e ceder. Não estava contente, mas acabou por convidá-lo a entrar. Descalçou-se e olhou para o interior do espaço. Tudo naquela casa era pequeno, especialmente para um homem alto como ele. Cheirava a frituras, o que o deixou a pensar em como alguém com ar tão duvidoso quanto aquele homem podia ser um génio capaz de criar uma droga assim.

— Fujimoto — apresentou-se ele, secamente. — O que chama de «droga» eu chamo de «Sonho de Morfeu». Mais poético e mitológico, e menos ilegal. Diz-me que viu figuras humanas quando estava sob o seu efeito?

— Sim, sendo a mais nítida a do velho sábio.

— Isso é fascinante. Ainda ninguém me tinha reportado algo tão intenso.

— Nunca tive uma experiência tão transcendental. Quero voltar a tomar o «Sonho de Morfeu».

— Tudo bem, tenho algumas ampolas comigo. Mas não será barato.

— Tinha algo distinto em mente. Sou psicólogo e um grande apaixonado pelo estudo do inconsciente. Acredito que pode conter os segredos da natureza humana e da nossa herança coletiva. Algo em mim mudou ontem à noite. Foi como se os próprios deuses me tivessem dado uma missão. Isso pode ser possível com a sua invenção. Juntos, podemos mudar o mundo.

— Porque devo confiar num estrangeiro que nem conheço? Ainda mais com ambições tão irrealistas e até juvenis. Afastei-me do meio acadêmico e científico por algum motivo.

— Porque ambos sabemos o que é estar isolado no nosso próprio meio. Incompreendidos. E porque não teria inventado algo assim, se não achasse que pode ser algo revolucionário.

Mateus era demasiado racional para acreditar no sobrenatural, mas, ao mesmo tempo, ansiava desesperadamente por acreditar em algo mais, além da Ciência e do explicável. Só assim podia alcançar o impossível da mente humana. Ao ler Fujimoto e observar o altar religioso que tinha na sala, soube que o homem partilhava da mesma visão, intensificada pela sua herança nipônica muito dada à espiritualidade.

— Antes de tomar uma decisão, preciso de mais provas de que está a falar a verdade e de que não é apenas mais um viciado — disse ele, tirando uma ampola da gaveta atrás do sofá. Antes de a entregar, agarrou firmemente nela e fixou os olhos de Mateus seriamente. — Não tem historial de doença mental na família, certo? Recuso-me a pôr alguém em risco dessa forma.

— Não. Pode confiar — mentiu ele.

Engolindo o líquido de uma só vez, Mateus viajou novamente pelo seu inconsciente. O cenário era o mesmo. No entanto, do alto da sua torre de rocha onde conseguia sentir a brisa das poderosas ondas, era ele quem segurava agora a lanterna. Todas as figuras que na noite anterior tinham estado de costas estavam agora viradas para ele, expectantes. Assim como o grande olho no céu.

Quando despertou no sofá pequeno, passadas algumas horas, Fujimoto anotou tudo o que Mateus descreveu, com o máximo pormenor.

E foi assim que, em 1994, Mateus estabeleceu parceria com aquele irreverente cientista japonês. Durante anos, recebeu em casa aquela droga experimental que jamais seria detetada no circuito dos correios, devido à genialidade e astúcia de Fujimoto. Mateus começou por fazer experiências consigo próprio, partilhando tudo por *e-mail* com o japonês, que aproveitava para fazer ajustes na fórmula, consoante a clareza das visões. Esperava que os filhos e a esposa adormecessem para se deitar no sofá da sala, e viajava. Já não faltava muito para conseguir terminar a proposta de projeto de investigação onde usaria secretamente aquele fármaco para tratar pessoas. Era arriscado, mas os maiores revolucionários da História tinham sido todos considerados loucos nalgum ponto do seu percurso.

No final de 1997, enquanto esperava por uma nova entrega de Fujimoto, recebeu um *e-mail* encriptado com a fórmula do «Sonho de Morfeu», assim como os meios para conseguir arranjar os ingredientes e contactos de pessoas confiáveis, que ajudariam na sua produção. Do pouco que conseguia entender, havia na sua base flor de lótus azul, extrato de Sapo Bufo Alvarius e algo semelhante a LSD. Depois dessa herança e voto de confiança para receber algo tão secreto, Fujimoto confessou que estava doente havia muito tempo e que seria uma forma de fazer vingar a sua invenção. Deixou de receber respostas e, semanas mais tarde, conseguiu descobrir por uma pesquisa na Internet que Fujimoto tinha falecido.

Nunca fora propriamente amigo, mais um parceiro. Mas, nessa noite, enquanto pensava no seu único encontro e em todas as trocas de *e-mails*, viu Fujimoto num canto escuro da sala de estar mal iluminada. Estava com um manto e uma lanterna iguais às que usava no seu inconsciente. Não era uma visão nem estava a dormir ou viajar, mas aquele mundo a intrometer-se naquela realidade.

Foi aí que percebeu que tal domínio cognitivo e o «Sonho de Morfeu» eram muito mais poderosos do que julgara. Algo capaz de mudar, de desvendar o segredo supremo da mente humana e unir os dois domínios, consciente e inconsciente.

Perigoso, mas divino.

Noa

A experiência imersiva de estar dentro de um amálgama de inconscientes é o sonho de qualquer artista como eu. Durante anos, tinha desenhado e pintado mundos surrealistas como aquele, povoados por monstros sombrios e personagens góticas, e agora tinha oportunidade de o sentir. No entanto, tudo o que desejava era sair dali. Sentia-me intrusa num domínio que não era para ser visitado, muito menos com os meus irmãos e o meu pai.

Jeremias ajudou-me a descer as rochas. Ainda estava encharcada e com os membros sensíveis por ter estado tanto tempo na água gelada. Sabia que aquele mundo não era físico, mas para a minha mente era bem real, e tinha quase a certeza de que o meu corpo adormecido no laboratório estava a sentir tudo o que sentia ali.

O nosso pai seguia na dianteira, calado. Todos tínhamos perguntas, muitas perguntas que ainda queríamos fazer e que esvoaçavam à nossa volta como traças. Mas Tomé era a prioridade agora.

O céu cor de sangue começou a ficar obscurecido pelas sombras que circulavam à volta da Casa da Lua, como um tornado. Quando nos aproximámos, vimos que dezenas de pessoas rodeavam a moradia, também elas envoltas em sombras que impediam que fossem identificadas. Escondemo-nos atrás de arbustos secos para avaliar a situação.

— O Tomé está preso lá dentro — disse o nosso pai. —
As sombras não nos vão deixar entrar.

— Estão a protegê-lo? — perguntei.

— Ou ao contrário...

— Tu pareces saber demasiado sobre o que se está a passar — acusou Cibebe. — Que tal explicares o que se passa antes de fazermos

seja o que for?

Reparara que ficava sempre muito ofendido quando o pressionávamos. Não podia esperar outra coisa dos filhos, que achavam que estava morto. Porém, começava a perceber que não eram as perguntas o que o irritava, mas a dificuldade de interagir connosco. Apesar de nos espiar nalguns momentos das nossas vidas, praticamente não conhecia os adultos em que nos tínhamos tornado.

— Passei muito tempo a explorar o meu inconsciente e o dos outros. Isso permitiu perceber melhor o seu funcionamento.

— E também serviu para te tornares melhor a manipular os outros? — questionou Cibele, na sua incansável missão de o atormentar. — Que tal explicares como saíste do hospital? Aprisionaste a Noa e traíste o Basílio para entrar neste lugar connosco?

Apesar da mistura de sentimentos negativos em relação àquele homem, a verdade é que assistira a uma centelha de bondade quando me ajudara a levar Leo para fora do laboratório. Queria acreditar com todas as minhas forças que estava, afinal, a ajudar-nos, mesmo que os segredos fossem como pústulas na sua pele.

— A minha intenção foi sempre trazê-los para aqui e ajudá-los — explicou ele, cedendo à pressão cortante de Cibele. — A mente do Basílio está quebrada, tive de agir como se estivesse do lado dele para que não os magoasse.

— Para de falar por enigmas e meias-palavras! — gritou ela. — Diz de uma vez por todas porque é que voltaste!

— Cibele, para, por favor! — pediu Jeremias, numa voz firme que até a mim me fez estremecer. — Este não é o momento. Temos de ajudar o Tomé e sair daqui.

— Estás a defendê-lo? Logo tu?

— Não estou a defender ninguém. Estou exausto e quero apenas voltar à minha vida. Nem eu nem vocês pedimos nada disto, pelo que vamos pegar no Tomé e acabar com isto de uma vez por todas.

Cibele pareceu ofendida, num primeiro momento, mas acabou por assentir. Voltei a olhar para a casa e percebi que aquela discussão atraía a atenção das sombras. Lentamente, todas viraram os rostos para nós. Uma delas moveu-se e caminhou na nossa direção. Fora daquele caos, vi com mais clareza que usava uma máscara de caveira e agarrava numa enorme foice, como a Morte. Reconhecia aquele

corpo e postura em qualquer lado.

— Leo... — avisei eu.

— O homem que estava contigo? Porque está aqui? — perguntou o nosso pai, intrigado. — Este inconsciente deveria ser partilhado apenas entre nós.

— Se tomou a mesma droga, não era de se supor que estivesse aqui? — sugeriu Jeremias. — Além disso, faz parte do plano consciente da Noa e do Tomé.

— Parece que faz mais parte da cabeça do Tomé — disse Cibebe, recuando. — Acho que nos vai atacar.

Leo levantou a foice com as duas mãos e correu na nossa direção. Todos os outros se levantaram e começaram a fugir. Mas eu não arredei pé. Não acreditava que Tomé estivesse a controlá-lo para nos fazer mal, e muito menos que Leo fosse capaz de o fazer. Não o meu Leo. Arrastara-o para tudo aquilo, era meu dever ajudá-lo.

Os outros gritavam pelo meu nome, e ainda ouvi Jeremias correr até mim para me puxar para lugar seguro, mas Leo fora célere e mortífero. Fechei os olhos e deixei cair as mãos, aceitando qualquer que fosse o meu destino ali. Senti a lâmina fria da foice a tocar levemente na pele do pescoço e um fio de sangue a escorrer daí até ao meu peito. Quando abri os olhos, vi os de Leo dentro da máscara, debatendo-se com o controlo que aquele mundo estava a ter sobre si. Mas não era só o poder do inconsciente. Era também o das suas trágicas memórias, contaminadas pela presença da Morte.

Quando Leo deixou cair a foice, foi imediatamente agarrado por Jeremias e pelo nosso pai, que o atiraram ao chão e começaram a amarrá-lo com cordas que ainda tinham consigo. Cibebe agarrava-me nos ombros, verificando se ainda estava inteira e não decapitada. Levei os dedos ao sangue no pescoço, imaginando se também estaria a sangrar naquela cama da prisão de vidro. Baixei-me e tirei a máscara de caveira do seu rosto. Leo estava ali e ao mesmo tempo não estava. Era um prisioneiro daquele mundo, pelo que a missão de salvar Tomé se tornara ainda mais urgente.

— Temos de avançar. Estamos a perder tempo — disse eu, olhando na direção da casa.

— É perigoso, Noa — advertiu Jeremias.

— Tens uma ideia melhor? O Tomé está apenas a assustar-nos para

nos manter longe, tal como fazia em pequeno.

— Só mais um pouco. Não me esquecerei de ti — disse eu a Leo, passando-lhe a mão no rosto. Consequia sentir a sua consciência, presa e asfixiada algures lá dentro.

Atravessámos o mar de pessoas que, entretanto, já se tinha virado novamente para a casa como num culto a uma divindade. Aos poucos, comecei a identificar algumas daquelas pessoas: habitantes de Quebranto, vizinhos, colegas e professores de Tomé, amigos que chegara a conhecer. Eram todas as pessoas com quem o meu irmão se cruzara ao longo da sua existência, absorvendo as suas vidas e emoções negativas. Tal como fizera connosco para nos aliviar dos nossos tormentos.

Um a um, penetrámos no tornado, na esperança de conseguir chegar até à casa. Perdi os meus irmãos e o meu pai de vista, e rapidamente fiquei isolada na mais densa escuridão e no silêncio. Consequia ouvir as suas vozes a chamar por mim num eco ao longe, mas depressa se extinguiram também. Era como se me tivessem fechado numa prisão sem luz. Sentia unhas a arranhar-me e mãos a tentar agarrar-me com força. Afinal não era forte o suficiente para salvar o meu irmão.

Sentei-me no chão e toquei no meu peito, manchado de sangue, onde batia o coração de Noa e de Gabriel. Senti uma angústia tremenda e extenuante que me tentava a desistir. Era um ser pequeno e insignificante naquela imensidão preta.

De súbito, alguém se ajoelhou à minha frente. A minha mãe. Naquele escuro todo, estava com aspeto enfraquecido como eu. A sua expressão gentil encheu-me de esperança, mas também saudade. Foi inevitável chorar, quando me apertou as mãos de forma reconfortante, como fizera durante toda a minha vida, nos momentos bons, nos maus e nos péssimos. Sem palavras, ajudou-me a levantar, conduzindo-me.

Concentrei-me naquela força divina, nos meus irmãos, em Leo, e até no meu pai, e deixei que a centelha voasse na direção de Tomé, onde quer que estivesse.

Dezembro de 1999

O ambiente estava tão mais leve, que Mateus dava por si a sorrir sem o perceber. Os filhos e Júlia preenchiam a casa com gargalhadas e música, e nem a chuva que caía dias a fio conseguia desmotivá-los. Era como se a névoa sombria, causada por si, tivesse desaparecido. Um alívio para toda a família Xavier.

O Natal estava a chegar, o primeiro e último na Casa da Lua. Em janeiro, após as férias dos filhos, iriam regressar ao apartamento na sua antiga cidade. Ainda estava a tentar coordenar com Basílio de que forma iriam iniciar a sua parceria secreta, mas, para já, devia à sua família um recomeço.

Tinha o porta-bagagem do carro repleto de presentes, e conseguia imaginar perfeitamente os sorrisos de todos eles ao rasgar o papel de embrulho depois de um copioso jantar de Natal: uma tela e tintas para Gabriel, livros de fantasia para Tomé, uns CD de música para Cibebe e videojogos para Jeremias. Para Júlia, tinha já escondidos alguns livros das suas autoras favoritas, no observatório.

Aquela paz era cura para a sua ambição. Sabia que não os merecia, e por isso é que pairava sobre si um nevoeiro de culpa. Talvez com o tempo passasse, quando comesse a ter verdadeiros resultados e até ganhos com aquela parceria com o amigo. Seria tudo para a família, isso era certo.

Nessa noite, depois do jantar, aninharam-se todos no sofá da sala a ouvir a chuva lá fora e a assistir ao filme *The Matrix*, escolha consensual entre todos. Com os filhos e a esposa cheios de sono, caminhando para os seus quartos, subiu para o observatório e esperou que todos adormecessem. Agarrou num dos livros de Carl Jung, na estante, *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, as páginas já gastas de

tanto o ler desde a adolescência. Jung era, na realidade, um dos atores de tudo aquilo. Imaginou se estaria orgulhoso por ter continuado o seu trabalho ou desiludido por ter sido usado em crianças inocentes.

Mas isso ficava para trás. Ao longo daquelas semanas, tinha levado cada um dos filhos para o laboratório pela última vez, de forma a bloquear o acesso aos domínios secretos do seu inconsciente, assim como as entidades que povoavam a sua psique. Faltava apenas Tomé, e podia finalmente esquecer tudo aquilo. O jovem Gaspar havia sido fundamental para decidir como remediar o que fizera com os filhos. Não conseguia eliminar o que tinha feito, mas podia ao menos tentar trancar aquelas portas.

Já no laboratório, deitou o filho na cama da caixa de vidro. Depois de fechar a porta, ligou os rádios enquanto esperava que o fármaco passasse à segunda fase dos seus efeitos. Hoje, já não iria ligar as câmaras, não fazia sentido. Arrastou uma cadeira até ao círculo de luz que envolvia a caixa e esperou mais alguns minutos.

— Tomé? Estás a ouvir-me? — perguntou Mateus, observando o filho a acenar lentamente. — Consegues descrever-me onde estás e o que estás a ver?

— Estou na praia. Está tudo escuro, mas não é de noite ainda. O céu está cheio de nuvens vermelhas. O mar também.

Os rádios começaram a berrar com interferências.

— E estás sozinho?

— Não. Estão cá as sombras. Estão a olhar para mim, das rochas. Ao fundo da praia e à porta de casa também.

Aquela era das visões mais recorrentes de Tomé, uma representação surrealista da Casa da Lua e sua envolvente. Ao contrário de Gabriel, Cibele e Jeremias, as manifestações do inconsciente de Tomé eram muito mais complexas e intensas, o que permitia explorar mais facilmente as influências do *Self* enquanto arquétipo. Era como se ele fosse a concentração de todos os outros arquétipos. Como se os absorvesse.

— Eis o que preciso que faças. Calmamente, faz sinal para que as sombras te sigam. Elas não te vão fazer mal, estão apenas a observar-te. Quando começarem a seguir-te, sobe a escada até à casa.

Tomé ficou em silêncio durante alguns minutos, certamente a fazer o que a voz do pai lhe pedia.

— Estou no portão da casa. Elas estão à espera. São muitas.
— Agora vais convidá-las a entrar na casa. Podes entrar também, mas preciso que fiques perto da porta.

— Já entraram todas — anunciou, ao fim de alguns momentos.

— Ouve-me com atenção agora. As sombras que estás a ver são as almas amaldiçoadas de guerreiros mortos em batalha há milénios — explicou Mateus, usando a base da história de um dos livros favoritos do filho. — Há muito tempo que estão à espera de alguém especial que as liberte. Tu tens esse poder, Tomé. Podes quebrar a maldição e ajudá-las a todas.

— Que preciso de fazer? — perguntou, com uma voz determinada que me lembrou Gaspar.

— Preciso que saias de casa e que tranques a porta. Daí em diante, as sombras não poderão sair. Depois, vais afastar-te e vais pedir às divindades desse mundo, com todas as tuas forças, que destruam a casa. Só assim podes libertar as almas desses inocentes. Tu tens o poder em ti para tornar isso real.

Tomé contorcia-se na cama, a expressão de força a provar que estava a tentar fazer exatamente o que o pai lhe pedia. De súbito, deu um salto na cama, como se se tivesse assustado.

— Que está a acontecer, Tomé?

— Começaram a cair raios vermelhos na casa. Muitos e muito brilhantes. As paredes da casa começaram a desmoronar-se. Vai cair tudo!

— Vai para um local seguro — pediu, com voz tranquila.

— Consigo ouvir os gritos das sombras! — disse, ofegante.

— Não te preocupes. A sua escuridão está a desaparecer. Estão prestes a ser libertadas. Continua a caminhar para lugar seguro.

— A falésia e a casa foram destruídas. Caiu tudo no mar.

— Ainda ouves as sombras? Sentes a sua presença?

— Não — respondeu, cansado, mas aliviado. — Começou agora a chover. O céu está a ficar menos vermelho.

— Estás a ver? Conseguiste libertar as almas dos guerreiros. Já não te podem incomodar. Esse mundo está agora em paz.

— Ainda bem. Estou contente — disse, com um sorriso.

— Podes descansar agora. Procura um local onde possas deitar-te e

adormecer. Fizeste um excelente trabalho. Tu mereces.

Mateus esperou até que Tomé fechasse os olhos e ficasse totalmente imóvel na cama. Os efeitos estavam quase a dissipar-se, permitindo que o levasse de regresso ao quarto. Aquela última sessão tinha corrido muito bem, talvez até melhor do que com os outros filhos. Gabriel tinha encerrado os *Meninos* num labirinto, agora debaixo de água, Cibele tinha trancado a *Mulher das Máscaras* num quarto de hotel que não voltaria a encontrar, e Jeremias tinha explodido a escola com o *Homem* no interior. Apesar de aquele domínio cognitivo ser um eco do consciente e de ser ainda pouco explorado, estava confiante de que aquela estratégia seria suficiente para encerrar o acesso das entidades às mentes dos filhos e àquela realidade.

Enquanto desligava os rádios, na secretária, pensou ter ouvido um miado familiar a ecoar ali dentro. Mesmo que *Luna* estivesse vivo, seria impossível descer até ali. Olhou para todos os recantos do espaço. Sentiu ali uma presença, e um vulto aqui ou ali, que o confundiu. Até que ficou tudo em silêncio novamente. Talvez estivesse cansado, a sua mente a pregar partidas depois de tantos meses com sono insuficiente.

— Não vai resultar, sabes?

Mateus olhou para a origem da voz e viu Tomé, de pé, com as mãos coladas no vidro da caixa fechada. Olhava diretamente para ele, mas algo na sua expressão era desconhecido e totalmente diferente do filho. Até a forma como falava parecia outra.

— Tomé? — chamou, sentindo um arrepio na pele.

— O Tomé está a descansar. Não foi isso que lhe pediste que fizesse?

— Que significa isto? Quem és tu?

— Eu sou todos aqueles que pensas ter *libertado*. Achavas que seria assim tão fácil, Mateus? Estamos muito gratos por nos teres dado este acesso. Mas a «porta» a que sempre te referes não pode ser fechada assim tão facilmente.

— Não vou voltar a fazer os testes com os meus filhos. Já não terão esse acesso.

— Aquilo a que tu chamas «Sonho de Morfeu» foi apenas a chave para desbloquear o seu potencial. As suas mentes em crescimento fizeram o resto. Também tu já nos visitaste, sabes que o que estou a dizer é verdade.

— São apenas crianças. São fortes, podem resistir.
— Talvez — respondeu Tomé, com um sorriso condescendente. — Mas não podes voltar atrás. Não depois de tudo o que alcançámos. Vais continuar.

— Sim. Mas não com os meus filhos.

— Sabes bem que o que vais fazer com os outros não será a mesma coisa. Vais retrair-te, usar apenas uma pequena parte do teu potencial. Tens medo.

— Por favor, vou continuar com as experiências, peço apenas que deixem os meus filhos fora disto.

— Não fomos nós que tomámos a decisão de usar os teus filhos, Mateus. Foste tu — disse, com olhar demasiado malicioso para o rosto de uma criança. — Enquanto existires, nós também vamos existir nas mentes deles, mas também fora delas.

— A minha decisão está tomada. Tudo farei para os compensar depois do que fiz.

— Como queiras. Mas se algo acontecer, será por tua culpa. Nós somos apenas construções da mente de cada um. Não existimos sem vocês, mas vocês também não existem sem nós. Somos unos.

Tomé fechou os olhos e desfaleceu. Mateus abriu a porta e puxou-o para o seu colo. A sua pele estava gelada, mas parecia estar pacificamente a dormir, indolente às palavras obscuras que a sua boca tinha acabado de proferir.

Mateus teve de o carregar às costas pelo túnel e depois pelo elevador e para a sua cama. Parecia tão puro, tão pacífico, ali deitado. Seria possível que o bloqueio daquelas entidades no inconsciente de Tomé não tivesse resultado? Seria ele assim tão diferente dos irmãos, que não seria facilmente libertado? Lá fora, pela janela entreaberta, a figura escura de um gato observava-o, a dúvida a surgir como unhas na jugular. Estaria, afinal, a sua própria mente perdida e não a dos filhos?

*

No dia 31 de dezembro, decidiram celebrar o Ano Novo em casa. Tomé andava pela casa a desligar computadores e aparelhos da tomada, receoso com o suposto *bug* do milénio, mas também com as teorias de fim do mundo que vira na televisão. Mateus andava a vigiá-

lo naqueles dias, mas parecia mais normal do que nunca.

Antes da meia-noite, toda a família se juntou no quintal para assistir ao fogo de artifício nas cidades da costa. Gabriel e Cibele tinham decorado o espaço com luzes de Natal, e Júlia e Jeremias traziam consigo passas e copos de *Champomy*. Naquele momento, em que cada um gritava a contagem decrescente, a família Xavier estava feliz.

Quando a primeira madrugada do milénio chegou, o mundo não acabou. Aliás, Mateus sentia até que havia sido renovado. Abraçando cada um dos filhos e beijando a mulher, sentiu-se abençoado.

Já passava da uma da manhã quando se foram deitar. Júlia foi dar as boas-noites aos filhos nos seus quartos enquanto Mateus conversava com Jeremias. Sentia falta daqueles momentos a dois com o seu filho mais velho. Num ápice, estava já um homem, capaz de enfrentar tudo e todos. O orgulho que sentia era enorme.

— Obrigada por tudo isto, Mateus — disse Júlia, já consigo na cama. Estava a acariciar-lhe o braço. — Há muito tempo que não tínhamos um Natal e um Ano Novo tão felizes.

Júlia beijou-o ternamente, como há muito não fazia, e acabaram por fazer amor. Quando apagaram as luzes, rapidamente adormeceram.

*

Mateus acordou sobressaltado, o seu instinto praticamente a pulsar por todo o corpo. Algo errado se passava. Olhou para o relógio na mesa de cabeceira e viu que eram três da manhã. Algures pela casa ecoava um ruído crepitante. Júlia ainda estava a dormir, mas arrepiou-se quando viu por cima dela o homem sábio do seu inconsciente. Fazia muito tempo que não o via, mas agora estava novamente ali, a apontar com a lanterna para a porta do quarto, e não era um sonho ou efeito do «Sonho de Morfeu».

De súbito, o rádio despertador começou a berrar com interferências. Quando saiu da cama, disparado, Júlia chamou por ele ensonada, perguntando o que se passava. Entrou nos quartos dos filhos. Estavam todos lá, exceto Tomé, que tinha os lençóis da cama puxados para trás. Correu na direção do som e deu com a porta da rua aberta, com chuva torrencial a molhar a entrada.

O pânico começou a instalar-se, quando correu, mesmo descalço, para a rua em busca do filho, as memórias daquela última conversa no

laboratório a surgir como alarmes altos no seu ouvido.

Se algo acontecer, será por tua culpa.

Da falésia, conseguiu distinguir movimento na praia lá em baixo e percebeu que era o seu filho, ainda de pijama, a caminhar para o mar agitado. Praticamente voou pela escada, ouvindo a voz de Júlia a gritar por si ainda na casa. Nunca correu tão rápido na sua vida, ao ver o filho, tão pequeno e frágil, ser engolido pelas gigantescas ondas. Quando entrou na água gelada, sentiu-se a ser puxado pela sua força, naquela noite de tempestade, mas tinha de se manter firme para salvar Tomé. Olhando para todas as direções, viu a sua figura a ser empurrada pelas ondas. Nadou o melhor que pôde até lá, a aflição do filho a afogar-se dando-lhe o ímpeto de que precisava para enfrentar aquele mar impiedoso. Quando finalmente conseguiu agarrar no corpo agora inconsciente de Tomé, apertou-o com força contra si. Enquanto tentava nadar de regresso à praia, viu Júlia aos gritos a andar de um lado para o outro com água pelos joelhos. Só quando finalmente conseguiu tocar com os pés na areia e libertar-se das amarras das ondas é que percebeu o quão exausto estava.

— Que aconteceu? Por favor, faz alguma coisa! — gritou Júlia.

Fustigados pela chuva, que continuava a cair violenta, Mateus deitou o filho na areia, o seu rosto de uma palidez atroz e a sua pele ainda mais gelada do que a sua. Não estava a respirar. Imediatamente começou a tentar reanimá-lo. Sentiu que estava ali há horas a tentar trazer o filho de regresso à vida, os gritos histéricos de Júlia a misturar-se com a repetição daquela conversa no laboratório na sua cabeça.

De repente, Tomé começou a tossir. Virou a cabeça dele para cuspir a água salgada. Assim que acalmou, pegou nele e correu com Júlia de regresso a casa, pedindo-lhe que fosse buscar mantas e aquecesse água. Já na sala, despiu toda a roupa molhada do filho, que estava a tremer, secando-o com uma toalha. Estava ainda atordoado com tudo aquilo, o olhar distante e confuso. Júlia chegou com os cobertores e embrulharam-no o máximo que podiam, dando-lhe água quente a beber devagar. Aos poucos, a cor foi regressando ao seu rosto e os tremores acalmaram.

— Temos de chamar uma ambulância — disse Júlia.

— Não podemos — respondeu, com voz rouca. A adrenalina já se

tinha esvanecido e teve de se sentar no sofá, ainda molhado, para não cair.

— O nosso filho quase morreu afogado, Mateus! Obviamente precisamos de uma ambulância. Até tu precisas de ser observado. Vai trocar de roupa.

— Vão questionar o motivo para isto ter acontecido. Podem pôr em causa a nossa integridade ou até mesmo a estabilidade do Tomé. Ele vai ficar bem. Conseguimos salvá-lo a tempo.

Júlia pareceu hesitar após aquele argumento. Apertou ainda mais Tomé contra si, completamente embrulhado em cobertores.

— Vai secar-te. Vais ficar doente — pediu ela, novamente.

Mateus subiu a escada, a custo, despiu o pijama molhado e secou-se. Olhou para o seu reflexo no espelho da casa de banho e quase não se reconheceu. Era como olhar para o rosto de um bicho putrefacto que contaminava aquela família.

Enquanto existires, nós também vamos existir nas mentes deles, mas também fora delas.

Quando regressou à sala, apenas iluminada por um candeeiro de mesa, Tomé já estava a dormir nos braços da mãe. Mateus sentou-se numa das poltronas.

— O Tomé não está bem — sussurrou ela, vendo a hesitação na expressão do marido. — Temos sido negligentes com os sinais. Como é que uma criança de onze anos faz isto?

— A culpa é minha.

— Como assim? Também sou mãe dele.

— Tudo isto é culpa minha.

Num tom monocórdico, Mateus confessou tudo à mulher: os verdadeiros objetivos da sua investigação, as experiências secretas com os filhos no laboratório, o que tinha libertado das mentes deles, a conversa com a entidade que possuía Tomé, quando já havia decidido acabar com tudo, até a forma como a drogara todos aqueles meses para que se mantivesse adormecida enquanto tudo acontecia. Júlia ouviu tudo em silêncio, sem mostrar nenhum tipo de emoção. Mas Mateus reparou na forma como apertava o filho contra si com cada vez mais força. Quando terminou a confissão de todos aqueles segredos, o olhar indecifrável de Júlia manteve-se preso no seu.

— Vais abandonar a nossa família — disse ela, por fim.

— Eu sei que errei. Mas tudo o que fiz foi pelo bem dos nossos filhos, Júlia.

— Não. Conheço-te melhor que ninguém, Mateus. Ou pelo menos achava que sim. Sei que queres convencer-te disso com todas as tuas forças, mas os erros já foram cometidos e não podes voltar atrás. A realidade é que as tuas ambições te transformaram. Talvez tenha sido essa droga que os obrigaste a tomar todos estes meses...

— Eu mudei, Júlia. Quero remediar o que fiz.

— Quero que desapareças — ordenou ela gelidamente.

— Sim, posso ficar num hotel ou com o Basílio uns dias até...

— Não estás a perceber. Eu quero realmente que *desapareças*!

Mateus ficou alguns momentos sem falar, assustado com a cólera gelada que fervia dentro daquela mulher.

— Não posso simplesmente desaparecer.

— Se ainda tens um pinga de amor pelos teus filhos, vais desaparecer das nossas vidas. Para sempre. Quero que desapareças para algum lado e que vivas na mais profunda solidão, sabendo que a tua família persiste sem ti.

— Ninguém desaparece assim, Júlia. A minha ausência vai ser pior para os miúdos.

— A tua presença quase matou o Tomé. Neste momento, estou a olhar para um monstro que matou o meu marido e quase matou o meu filho. Estou a dar-te esta oportunidade por todos os anos de felicidade que me deste. Se deres algum tipo de sinal a mim ou aos meus filhos de que estás vivo, juro por tudo o que é mais sagrado que a minha vingança será bem pior. Eu destruo-te, Mateus. Nem sequer quero o teu dinheiro. Sobreviverei sozinha com eles. Quero apenas que desapareças das nossas vidas. Quero que deixes de existir. Já.

Aquelas duras palavras fizeram algo quebrar-se dentro de Mateus.

Enquanto existires, nós também vamos existir nas mentes deles, mas também fora delas.

Júlia tinha razão. O mal estava feito e não havia nenhuma forma de remediar isso. Enquanto estivesse presente naquela família, a porta do inconsciente dos filhos estaria sempre aberta. Ele era a origem de tudo, não adiantava bloquear ou eliminar as entidades nas suas

mentes, quando estaria diariamente com eles, permitindo que as suas vidas ficassem em risco.

Olhou uma última vez para Tomé, agora tão pacificamente adormecido no colo da mãe. Sentiu um vazio no coração ao ver a mulher que amava desviar o olhar, amálgama de ódio e mágoa, mas também ferocidade de mãe guerreira. Olhou para o piso de cima onde Gabriel, Cibele e Jeremias dormiam, indolentes a toda aquela tragédia.

Apenas com a roupa que tinha no corpo, saiu e desapareceu daquelas vidas.

Cambaleando pela estrada escura, dominada pela chuva, os seus pensamentos iam caindo pelo chão à medida que sentia o vazio a crescer dentro de si. Fez um desvio e subiu as rochas até tocar com a ponta dos pés no limite que dava para o mar raivoso que quase lhe roubara o filho.

Desaparecer era a melhor forma de salvar os filhos. Aquele seria realmente um apocalipse. Se aquela primeira noite do milénio exigia um sacrifício, seria o dele. Pela sua família, deu um passo em frente. Antes que desse outro, sentiu uma presença atrás de si, iluminando as suas costas: o sábio do seu inconsciente, trazendo consigo toda a sabedoria do mundo, até a proibida. Conseguia sentir as suas intenções. Estava ali para o dissuadir, não para encorajar o que estava prestes a fazer.

Desaparecimento não tinha de ser sinónimo de morte. Podiam ser simplesmente sombras, sempre presentes, mesmo quando não as vemos.

Quando Mateus recuou, a chuva acalmou e o céu começou a abrir, revelando uma Lua brilhante, que iluminou a casa e o Castelo de São Rafael mais ao longe. Regressando à estrada, aceitou a escuridão como o seu novo lar.

Tomé

Conseguia sentir as centenas de sombras atrás da porta da rua, protegendo-me, mas ao mesmo tempo encurralando-me. Eu era o seu rei.

O rei da Dor.

O rei da Escuridão.

O rei dos Loucos.

Estavam à espera. Exigiam que lhes pedisse alguma coisa, como sempre. Era essa a razão da sua existência. A pressão lá dentro era tão intensa, que sentia poderosas e intermitentes ondas de energia a atravessar-me o corpo, fazendo-me estremecer com violência. Estar lá dentro era estar num pesadelo. Mas eu estava bem acordado.

Recordava-me da picada da seringa no pescoço e do rosto tresloucado de Basílio, acima de mim, enquanto eu caía ao lado de Cibele. De repente, estava ali, bem dentro do buraco negro da Casa da Lua das minhas visões. Mas agora parecia diferente.

Mais ameaçador.

Mais real.

Mais meu.

Todas as portas daquele piso estavam trancadas, e a escada estava bloqueada por algumas sombras que se mantinham ali de pé. Por mais que tentasse, não me deixavam passar. Continuava sem conseguir distinguir os seus rostos, mas sentia a familiaridade de sempre.

A casa estava decorada tal qual me lembrava em 1999, a *PlayStation 1*, a manta no sofá, até as canetas e os lápis de Noa, espalhados pelo chão. Mas havia algumas diferenças. Além das dezenas de televisões e telemóveis apagados, espalhados e empilhados

por todo o lado, a mesa de jantar estava posta com seis pratos, com comida podre e copos entornados. A minha mãe sentava-se à frente de um deles, cabisbaixa e magra, como me lembrava naqueles primeiros anos sem o meu pai. Ainda assim, olhar para ela enchia-me sempre de calor aconchegante, mesmo naquele mundo.

— Não queria que estivesse aqui — disse ela, numa voz baixa.

— Eu sei porque estou aqui. Vou fazer o que tem de ser feito — anunciei, quase mecanicamente.

— Não és um mártir, Tomé. Não é esse o teu papel nesta história.

— Então diz-me qual é!

Luna surgiu subitamente, saltando para o sofá, ao mesmo tempo que todos os ecrãs ganhavam vida com cenas da minha existência.

— Sei que é difícil para ti, filho, mas tens de te lembrar.

— Eu já me lembrei. Vi tudo quando bebi aquela droga.

— Não. Tu viste o que as sombras queriam que visse. Estão a lutar pela sua sobrevivência, tal como tu deverias estar a fazer.

— Também és uma sombra aqui dentro...

— Mas também sou a tua mãe.

Sentia a minha cabeça dilacerada, embora estivesse efetivamente dentro dela, uma loucura metafísica que nunca pensei ser possível. Consciente dentro do inconsciente. Naquele mundo novo e inexplorado, podia confiar na minha mãe a sorrir-me, junto daquela mesa de decadência, quando a havia enterrado anos antes?

— Tens de procurar mais fundo, olhar com mais atenção. Os segredos têm estado sempre dentro de ti.

O olhar dela desviou-se para um dos muitos televisores, impelindo-me a analisar as minhas memórias que lá passavam como filmes. Estava a deambular por uma estrada, o caminho que saía de Quebranto em direção à Casa da Lua. Parecia um *zombie* a cambalear, vagaroso, a minha mente longe dali. Depois vi-me de pé na beira de um penhasco que dava para a praia, ficando ali horas, especado, enquanto o Sol passava e a minha mente vivia uma arriscada aventura num carro com raptos e uma fuga com a ajuda das sombras. Uma aventura que nunca fora real. Noa surgiu a caminhar na praia, entrando na água, também ela refém da sua mente, a sua quase-morte despertando-me daquele feitiço.

Afastei-me da televisão, sentindo aquelas imagens a queimar-me ainda mais o cérebro. *Luna* observava-me do sofá, atento às minhas reações. Embati na parede, fazendo cair alguns telemóveis que aí estavam colados.

Vi-me de pé no muro do quintal da Casa da Lua numa noite calma e silenciosa, e Jeremias a aproximar-se para me empurrar.

Vi-me a falar sozinho num parque infantil à noite.

Vi-me ajoelhado no chão do Castelo de São Rafael com uma expressão apagada enquanto a minha mente se apressava por corredores intermináveis.

Vi-me a atacar Basílio, com energia animalesca.

Deixei-me cair, fechando os olhos com força e apertando a cabeça, como se isso pudesse expulsar daí as falsas memórias.

— Eu sei que custa, mas não podes resistir. Tens de enfrentar a tua própria mente — ouvi a minha mãe dizer, com uma voz carinhosa. — Neste momento, é tua inimiga.

Abri os olhos, assustando-me com todos os ecrãs, que tinham agora o triplo do tamanho, forçando-me a assistir aos vídeos. Aquelas imagens eram mais antigas, mais proibidas.

Vi-me a entrar no mar, numa noite de chuva, com o fumo de fogo de artifício a perdurar ao longe, as ondas como dentes monstruosos, prontos a rasgar o meu corpo infantil.

Vi as minhas mãos no pescoço do meu pai, a tentar roubar-lhe a vida.

Em todos esses momentos, estive preso num lugar de mil noites, sem saída possível, um pesadelo interminável que me dominava como um cancro da mente.

Pânico.

Desespero.

Agonia.

Senti-me a morrer repetidamente, como se o Tomé nunca tivesse existido, apenas sombra a dissipar-se até um nada condenado ao oblívio.

O rosto da minha mãe surgiu à minha frente, pesaroso.

— Tens de combater as sombras, Tomé. É a única forma de regressares. Os teus irmãos precisam de que os salves. Tens de usar a

luz que tens dentro do teu coração.

A minha mãe pousou a mão no meu peito, transmitindo-me a força única que só ela me conseguia transmitir. Fazia-me lembrar de todos os momentos em que me abraçava, quando caía e me aleijava, quando estava doente, quando fazia algo que a orgulhava, quando os pesadelos se tornavam insuportáveis, quando me reencontrava após meses a deambular pelo mundo, quando fazia alguma parvoíce em que precisava de me reerguer. De repente, a minha mente era inundada por uma sensação de paz como nunca sentira.

— Sabia que tinhas essa luz aí dentro. És o meu pirata incandescente!

Não confies!

A voz de Noa surgiu como o eco no fundo de um poço.

A mãe já não está connosco. Essa não é a mãe!

Ouvi eu agora Cibebe, ao longe.

Não debes combater as sombras. Tens de as aceitar. Fazem parte de ti.

As palavras dos meus irmãos fizeram-me levantar do chão, perante o rosto impassível da minha mãe.

— Estou a ouvir os manos...

— É um truque das sombras, Tomé. Os teus irmãos não estão aqui, mas precisam de ti.

— Eles estão cá dentro. Consigo senti-los lá fora. Querem chegar até mim.

— Não oiças o que dizem. Não são eles.

Procurei por *Luna*, que até então estivera perto de mim, mas não o encontrei. Quando olhei inadvertidamente para a mesa, vi o seu cadáver esventrado e apodrecido no centro.

— Estás a fazer com que repudie as sombras, com que odeie tudo isto — disse eu, afastando-me dela.

— As sombras são a manifestação do teu lado negro. Tu já viste as coisas atrozes que és capaz de fazer quando tomam o controlo.

— O Jeremias diz que devo aceitá-las. Que fazem parte de mim.

— Não era o teu irmão a falar — insistiu ela, apertando-me os ombros. Afastei as suas mãos com um gesto brusco.

— Não sou um herói. Sou apenas um homem que tem de aprender a crescer, lado escuro incluído — expliquei eu, percebendo, pela

primeira vez na minha vida, que o pequeno Tomé traumatizado, com onze anos, continuava refém dentro de mim.

A minha mãe afastou-se de mim, a sua pele de repente a ficar negra e ressequida como um cadáver. Abriu a boca e soltou um grito horrendo, que me fez tapar os ouvidos. Os ecrãs à minha volta mostraram repetidamente as imagens de mim a afogar-me no mar da Casa da Lua e a apertar o pescoço do meu pai. Senti a minha mente novamente atacada pelo caos, mas desta vez era mais forte, como um devastador tremor de terra.

Come as you are, as you were

As I want you to be

As a friend, as a friend

As an old enemy

A música dos Nirvana surgiu a flutuar pelo furacão de trevas, atraindo-me. Nesse momento, fui invadido por memórias do meu pai na Casa da Lua, mas também antes disso, uma infância feliz e despreocupada sem a tensão constante da instabilidade mental.

Os ecrãs à minha volta estilhaçaram-se até desaparecerem todas as imagens. À medida que a música ficava mais alta, vinda dos andares superiores, o cadáver da minha mãe aglutinava-se à escuridão da sala, como carne derretida.

Segui os Nirvana escada acima, já sem as sombras a bloquear o caminho. Conseguia sentir a subtilidade do perfume do meu pai no ar. Quando abri a porta do observatório, vi-o, de costas junto à sua secretária. A Lua vermelha parecia pronta a derramar sangue sobre nós. Ao nosso redor, em vez de altas estantes de livros, havia centenas de cérebros humanos amontoados e encostados aos vidros das janelas.

Quando se virou para mim, senti o impulso de correr e de o abraçar, mas algo na sua expressão sisuda a olhar para o chão me demoveu. Era o mesmo homem que vira na cama de hospital, praticamente um estranho, apenas com alguns resquícios do pai que eu conhecia.

— Foi aqui que o Basílio me encontrou, inconsciente e quase às portas da morte. Levou-me para aquele hospital para os atrair — disse ele, com voz arrastada. — Desde que a sua mãe faleceu, entrei numa depressão profunda, e nem as viagens com o «Sonho de Morfeu» me ajudaram. Nada consegue sarar um coração vazio, Tomé. Sem a Júlia, achei que precisariam de mim, e essa ideia

infetou-me. As discussões com o Basílio multiplicaram-se e pioraram, também ele vítima das minhas ambições. Fui descuidado. Tentei esconder os meus segredos durante todos estes anos para os proteger. Mas, de repente, tornaram-se num alvo para o Basílio e para a Ordem de Prometeu.

— Não precisas de te explicar, pai...

— Preciso. Não é só por vocês. É por mim também. Sabia o que tinha de ser feito. Agarrei em todos os artefactos que restavam de vocês, as cassetes, as fotografias, as anotações com todos os meus erros, e vim para esta casa maldita para me destruir com ela e, finalmente, aniquilar todos estes traumas das suas vidas. Eu incluído. Ainda gravei um vídeo de aviso e despedida para vocês, caso a minha estratégia não funcionasse. Ainda bem que o fiz.

— Estraguei-te o plano. Apareci aqui em casa, eu, mas não eu, para te matar. As marcas no teu pescoço são das minhas mãos.

Ele ficou surpreso por ver que, afinal, eu já vira a verdade.

— O meu filho nunca seria capaz de algo assim. O teu olhar era o de um estranho, o mesmo de há vinte e três anos, no laboratório. O de algo ou alguém que inadvertidamente deixei entrar neste mundo.

— Não sei o que aconteceu a seguir, não consigo lembrar-me.

— Paraste antes que me matasses e desapareceste. Encontravas sempre forma de te libertar do domínio das sombras, até quando te obrigaram a entrar no mar naquela primeira madrugada de 2000. Mas era tarde de mais para mim. A minha saúde fragilizada fez o meu corpo ceder à força da mente, aprisionando a minha consciência quando vocês estavam em perigo.

— Não és tu que tens de morrer. Sou eu! — expliquei. — Eu sou o portal para estas entidades. Se eu morrer, morrem comigo.

O meu pai sorriu condescendentemente como se ouvisse uma das minhas teorias da conspiração em criança.

— Essa é uma fantasia tua, Tomé. Tu és especial, sim, mas não pelos motivos que pensas. No sangue da nossa família corre uma maldição chamada esquizofrenia. Mostraste sinais desde cedo.

Os teus irmãos nem tanto. Todavia, quis antecipar o problema e tentar encontrar a cura da forma mais revolucionária e rápida que consegui. Falhei. E piorei ainda mais o problema. Na noite em que quase morreste, foi a força do teu inconsciente a controlar-te pela doença, a

manifestação da raiva que sentias com as experiências que fazia, pois, de alguma forma, sempre soubeste. A complexidade da tua psique estava a castigar-me.

— Eu nunca te odiei. Amo-te, apesar de tudo o que aconteceu. És o meu pai!

— Isso é o que o *meu* Tomé deseja e sente realmente. Mas os Tomés desassociados pensam de outra forma. Foi por isso que desapareci todo este tempo. Eu é que sou a verdadeira porta para os seus traumas. A origem de tudo. Agora chegou o momento do fim.

Não aguentei mais e corri na direção dele, envolvendo-o num abraço. Ao contrário das aparições da minha mãe e dele próprio, o seu cheiro e calor eram reais e terrenos. Um tanto hesitante e tenso, acabou por ceder e devolver o abraço.

— Tive tantas saudades tuas! Fizeste-me tanta falta. Não tens o direito de voltar a desaparecer novamente — disse eu, molhando-lhe a roupa com as lágrimas e tomando consciência de que parecia uma criança a falar.

— Vocês são um orgulho para mim. São mais especiais do que alguma vez podia desejar. São boas pessoas, por mais que ainda não o vejam. Têm de se cuidar. Tens de ouvir os teus irmãos e aceitar o seu apoio, filho.

— Já perdi a mãe. Não quero voltar a perder-te!

— Não tenho muito tempo, Tomé. Tanto o meu corpo como a minha mente estão a definhar. Foram muitos anos a viajar com o «Sonho de Morfeu». Só me resta ajudá-los nos meus últimos momentos de vida.

— Não! Não aceito isso!

— Tens os teus irmãos. Tens...

Um disparo ecoou pelo observatório. Descolei-me do meu pai e vi com horror o seu olhar vítreo e a mancha de sangue que se formava rapidamente na sua camisa. Deixou-se cair no chão, agarrando-se ao ferimento no abdómen. Atrás de mim, Basílio estava ainda de braço esticado, com o cano de uma pistola na nossa direção. O seu olhar era mistura inconstante de ódio e arrependimento. Gritei de raiva e corri na sua direção, mas o meu pai agarrou-me no pulso.

— Não cedas aos teus impulsos aqui, filho. Estamos no nosso inconsciente partilhado. Não é real como pensas.

— Oh, isto é bem real. Apenas um real diferente daquele que meros humanos compreendem — disse Basílio, salivando descontroladamente. — O inconsciente da família Xavier é muito poderoso. Vale por mil doses de «Sonho de Morfeu». Nem acredito que escondeste toda esta magnificência de mim todos estes anos, Mateus.

— Isto não és tu, Basílio — disse o meu pai, com dor na voz.

— Pois não. Este é o Basílio que tu arrastaste para o Inferno contigo.

— E lamento isso todos os dias. Não foi só a minha família que destruí naquele ano. Foi também a nossa amizade.

Basílio baixou a arma, de expressão agora magoada. Consegui ver no seu olhar a dificuldade em estabilizar as suas emoções. Aquela *overdose* da droga tinha estilhaçado a sua mente. À medida que via a mancha de sangue alastrar-se no chão por baixo do meu pai, ajoelhado, vi que também os cérebros à nossa volta começavam a mirrar e a morrer.

— Eu aceitei descer ao Inferno contigo. E foram os anos mais felizes da minha vida. Éramos mais do que amigos ou parceiros. Éramos irmãos.

— E eu estraguei tudo com os meus segredos.

— Não foram apenas os segredos. Sempre te aceitei como és, mesmo com todos os erros que cometeste. Sempre fui o mais imperfeito dos dois. O que me matou foi o não confiares em mim. Achavas mesmo que faria mal aos teus filhos? Queria que estivessem ao nosso lado para que tivesses oportunidade de te redimir. Queria que o «Sonho de Morfeu» mudasse o mundo como sempre idealizámos!

— A nossa fantasia foi criada com base no sofrimento da minha família. Não ia mudar o mundo. Ia adoecê-lo.

— Eu também sou a tua família, Mateus! — gritou ele, com olhar colérico, levantando novamente a pistola. — Estive sempre do teu lado. Fiz tudo para ajudar a que te tornasses num fantasma, sem questionar as tuas decisões. Segui todos os teus devaneios, dei-te a mão em todos aqueles dias e noites de depressão em que te apagavas lentamente. Sabia que a culpa te estava a matar, mas nunca contrariei a decisão que havias tomado anos antes. Por tudo isso, não tens o direito de acabar com tudo o que construímos!

— Compreendo a tua frustração e a mágoa. Não merecias nada disto. Perdoa-me estes meus momentos de fraqueza e cobardia. Ajuda-

me a levantar — pediu o meu pai, estendo a mão a Basílio. Prontamente voltou a baixar a pistola e acudiu o amigo, que gemeu ao levantar-se. Também tentei ajudar, mas o meu pai afastou-me com o braço.

— Só quero que tudo volte a ser como dantes, Mateus. É assim tão difícil perceberes isso?

— Sempre fomos bons companheiros. É justo que acabemos com isto juntos. Por tudo o que fizemos.

De súbito, empurrou Basílio contra a janela que dava para o mar, o rosto deste repleto de pânico e confusão quando caiu numa confusão de vidros partidos.

— Sê feliz, Tomé. Cuida dos teus irmãos e deixa-os cuidar de ti — sorriu o meu pai, atirando-se imediatamente a seguir.

Gritei por ele e corri para a janela quebrada. O mar vermelho, lá em baixo, estava encrespado e violento, e o meu pai estava algures perdido naquela imensidão com Basílio. Lembrei-me das suas palavras sobre aquele mundo ser o nosso inconsciente partilhado, mas como conseguia ter a certeza de que não morreria no mundo consciente? Não podia arriscar perdê-lo novamente. Saltei do observatório e mergulhei naquele mar de escuridão.

Tentei nadar contra a força da corrente em busca do meu pai, lembrando-me daqueles momentos de desespero em que salvara Noa.

Nadei.

Nadei.

Nadei.

Nada.

Nada.

Nada.

A água estava cada vez mais escura, e eu cada vez mais pequeno. De vez em quando, pensava ver o corpo do meu pai a flutuar, para desaparecer logo de seguida. A esperança começou a dissipar-se no momento em que percebi que estava perdido. A escuridão fria era estranha e opressora à minha volta, e eu queria repeli-la por voltar a roubar-me o pai.

Sem forças.

Estava preso.

Para sempre.

Aceita! A escuridão faz parte de ti.

Ouvi Jeremias muito ao longe.

Acredita em ti, idiota.

Disse Cibele, fazendo algo rir no meu interior.

Regressa para nós, maninho!

Suplicou Noa, com voz doce.

Abri os olhos. Dezenas de sombras flutuavam à minha volta como que a proteger-me. Naquele momento, transmitiam-me tanta calma e paz. As sombras não eram os *outros*. Eram eu.

Por entre elas, surgiram três figuras a nadar para mim, nítidas e destemidas — um homem enorme, uma mulher de cabelo negro e um homem magro e loiro. Os três agarraram no meu corpo enfraquecido e puxaram-no para lugar seguro. Quando emergimos, já não eram as três figuras que arrastavam o meu corpo morto para a praia por baixo da Casa da Lua, mas Jeremias, Cibele e Noa, feridos e fracos, mas determinados a salvar-me. Deitaram-me na areia, e Jeremias começou a reanimar-me. Eu observava tudo, dentro e fora daquele corpo.

— Respira, Tomé. Vá lá, fica connosco — pediu ele.

— Nem penses em deixar-me sozinha com estes dois! — disse Cibele, andando de um lado para o outro.

— Precisamos de ti. Sei que estás aí algures. Volta! — implorou Noa, agarrando na minha mão fria.

O amor que sentia dos meus irmãos era tão quente e tão poderoso, capaz de sarar as feridas causadas por anos de traumas. Tão distantes, mas agora tão perto. A minha mente e alma estilhaçadas aos poucos começaram a restabelecer-se, a vontade imensa de regressar para eles e salvar o que restava da família Xavier.

Tossi violentamente, e Jeremias ajudou-me a cuspir a água salgada. Vinha-me agora à memória a noite de Ano Novo em que tinha estado naquela mesma situação com os meus pais. Achava que o meu destino fora interrompido nesse momento, permitindo a entrada daqueles seres do inconsciente no domínio do consciente. Mas, afinal, havia sido o início do meu processo de evolução. A noite em que o mundo *acabava* para dar lugar a outro, necessário para a construção do Tomé.

Os meus três irmãos abraçaram-me. Estavam diferentes. Pareciam

mais e melhores. Quase podia sentir o peso das suas demandas ali dentro. O tom avermelhado do céu dissolvia-se, deixando nuvens luminosas de um tranquilo início de manhã. Dezenas de sombras espalhadas pela praia e pelas rochas afastavam-se de mim até se desvanecerem. Já não sentia a pressão da sua expectativa. Era como uma cisão. Uma libertação, minha e delas.

A Casa da Lua, no topo da falésia, parecia agora uma habitação banal. *Luna* observava-me lá do alto, no muro do quintal, o seu olhar de ouro verde a despedir-se até saltar e desaparecer. Olhei para o mar, agora mais calmo, e recordei o rosto do meu pai antes de se atirar. Por mais que a sua ausência me doesse, algures dentro de mim sabia que estava finalmente em paz. Tal como eu.

Exaustos, deitámo-nos na areia, de mãos dadas, para regressar enquanto a chuva caía na nossa pele como um milagre.

*

A textura fria e tão terrena do chão do laboratório foi tanto alívio como assombro. Ainda sentia o corpo gelado daquele mar do nosso inconsciente, assim como a garganta dorida devido à água salgada. Quanto daquele mundo se tinha espalhado sobre aquela realidade? Percebi que, aos poucos, me esquecia dos pormenores de tudo o que se passara dentro das nossas cabeças. Como um simples e rotineiro sonho. Tentei gravar na minha mente o máximo possível, mas aceitei que talvez fosse melhor esquecer.

Apoiei-me nos cotovelos e sentei-me com dificuldade, observando o cenário à minha volta. Noa saía da caixa de vidro, apoiando Leo. Jeremias ajudava Cibele a levantar-se do chão. Pelo menos quatro operacionais da Ordem de Prometeu estavam lá dentro, prontos para nos resgatar. O gigante Abel estava ajoelhado perto do meu pai e de Basílio. O seu rosto grave ao tocar neles foi o suficiente para perceber que o que acontecera no nosso inconsciente tinha subjogado os seus corpos naquele domínio físico.

O meu pai estava mesmo morto.

2024

Jeremias

Estava encostado à parede de um beco enquanto esperava. Deslizei o dedo pelo meu *feed* de Instagram. Pus um gosto numa imagem artística de Noa, e outro na fotografia de Cibeles, na praia, com os meus sobrinhos. Depois surgiu Tiago, abraçado a outro homem.

O seu rosto ainda mostrava algumas cicatrizes do que lhe tinha feito, mas continuava bonito como sempre. Nunca mais falámos desde os acontecimentos no Castelo de São Rafael. Até a burocracia do divórcio tinha acontecido sem que nos cruzássemos. Ainda me doía aquela separação, mas, ao mesmo tempo, agradava-me a ideia de ter outra oportunidade para tentar ser feliz, se isso fosse possível. Resisti à tentação de pôr um gosto nessa imagem e continuei a explorar o meu *feed*.

Minutos depois, vi o rapaz a contornar a esquina e a caminhar sozinho, como um troglodita. Sabia que costumava seguir a estrada atrás da escola para regressar a casa. Àquela hora, não havia muitas pessoas por aquelas ruas. Por isso foi muito fácil de o surpreender e de o puxar para as traseiras de uma casa devoluta. Atirei-o para a terra cheia de lixo, e o seu rosto passou de medo a reconhecimento.

— Você é o psicólogo da escola. Que quer comigo? — perguntou rudemente.

— Dá-me o telemóvel. Sei que tens aí vídeos do teu colega — ordenei, estendendo a mão.

— Está louco? Nem pense que lhe vou dar o telemóvel!

Agarrei no colarinho dele e levantei-o, quase colando a testa na dele. O seu olhar enchia-se de pavor.

— Vais dar-me já o telemóvel ou dou cabo de ti, seu merdas.

Larguei-o no chão e acabou por tirar um *smartphone* do bolso,

entregando-mo. Como calculava, a galeria estava repleta de fotos e vídeos do colega que atormentavam havia anos e que era presença recorrente no meu gabinete, imagens degradantes com o poder de destruir a sua mente. Aquela crueldade deu-me a volta ao estômago. Arranquei o cartão de memória, partindo-o, e depois pisei repetidamente o telemóvel até ter a certeza de que estava destruído.

— Cabrão, porque fez isso? Tem ideia do preço desse *smartphone*? Vai ter de me pagar um novo. E vou denunciá-lo. Vai ser despedido.

Dei-lhe uma forte chapada na cara, deixando a sua pele tão encarnada, que quase explodia. Estava completamente em choque.

— De hoje em diante, tu e os teus amigos vão deixar de atormentar os colegas. Não me interessa se me denuncias ou não. Se descubro que fizeram mal a alguém, da próxima vez não vai ser apenas um telemóvel partido ou uma chapada.

O medo no seu rosto vermelho deu-me prazer. Não tinha certeza de se aquele susto ia ser suficiente para mudar a sua atitude, mas seria um bom contributo. Acabou por fugir, assustado e sem olhar para trás.

Quando saí das traseiras da casa para regressar à escola, deparei-me com uma cara familiar que me observava do outro lado da rua. Ao ver Gaspar Jonas, todos os bizarros acontecimentos do ano anterior aterraram à minha volta.

— Andas a seguir-me, Gaspar? — perguntei, sorrindo.

— Há quem diga que é um defeito meu — respondeu, de rosto impassível. — Não tens de te preocupar, não vi nada. Mas foi merecido — disse, com um sorriso cúmplice.

— Passou-se quase um ano, mas não esperava reencontrar-te tão cedo. Aconteceu alguma coisa?

— Não propriamente. Tenho de admitir que, ao longo dos meses, pensei muito em ti e tentei resistir a voltar contactar-te. Também não ajudou ter lançado um livro novo. Tenho estado ocupado com a sua promoção. A tentar manter uma vida normal, por assim dizer.

— Sim, tive oportunidade de o ler. Gostei do risco que assumiste ao escrever algo diferente do *Corações de Papel*. Assisti à tua apresentação aqui na cidade.

— Podias ter dito alguma coisa.

— Não quis estragar o teu momento. Mas vou querer um autógrafo.

— Não estragarias. Detesto as luzes da ribalta.

— Então, diz-me, a que se deve a tua visita?

O rosto dele ficou mais enublado, e a paranoia que me recordava de ver nele regressou quando olhou para os dois lados da rua.

— Como ficou a tua situação com a Ordem de Prometeu?

— Após o funeral e a cremação do meu pai, o Abel sentou-se comigo e com os meus três irmãos. Foi uma conversa muito franca. Depois do que aconteceu, nenhum de nós experienciou mais visões ou aparições, nem mesmo o Tomé. Foi como se a morte do nosso pai tivesse apagado tudo isso. «Uma libertação da maldição», como a Noa referiu. Posto isso, todos concordámos que já não seríamos úteis para a organização. Desde aí, nunca mais fui contactado por eles e acredito que os meus irmãos também não.

— Claro que sim — disse Gaspar, com um sorriso desdenhoso. — É óbvio que querem que acreditem nisso. Não foram contactados, porque ainda não precisaram de vocês, apenas isso.

— Achas mesmo?

— Tenho a certeza. Já ando nisto há algum tempo. Vocês são como soldados adormecidos. Podem achar que já não têm as habilidades, mas continuam a ser especiais. Eu não possuo nenhum tipo de habilidade, mas a Ordem de Prometeu continua a considerar-me um «elemento valioso».

Eu não era ingénuo a ponto de achar que aquela organização perdera o interesse em nós. As suas intenções pairavam na nossa vida como radiação silenciosa. Até acreditava que pelo menos um dos meus irmãos tinha acabado por se envolver. A nossa relação estava melhor que nunca, mesmo que não vivêssemos perto uns dos outros, mas era normal ainda existirem segredos entre nós. Sempre houvera. As aparições e as viagens ao inconsciente haviam desaparecido, mas nós tínhamos mudado. Evoluído. O *Homem* tinha-se esvanecido, pois agora éramos um só, equilibrado e em controlo. Como Gaspar.

— Supondo que a organização ainda nos tem na sua mão, presumo que a tua presença aqui esteja relacionada com isso.

— Já to disse antes. Sinto uma ligação muito forte contigo. Ambos lidámos com os nossos demónios e aceitámo-los. Não conheço ninguém que tenha passado pelo mesmo e que o compreenda. Por isso é que acho que serias útil.

— Não me digas que tens uma organização também — brinquei eu.

Gaspar respondeu apenas com um meio sorriso e um olhar suspeito.

— Consegues sentir no ar? — perguntou ele. — A quantidade de guerras a decorrer, a pobreza a crescer, as alterações climáticas? O fim pode estar iminente. Temos de estar preparados.

— Para o apocalipse ou para o domínio da Ordem de Prometeu?

— Ambos.

— Tenho de pensar sobre isso. Ainda mal recuperei da loucura do ano passado, não sei se estou preparado para entrar noutra conspiração.

Gaspar pareceu um tanto desiludido com a minha resposta. Deixou descair os ombros e enfiou as mãos no bolso do casaco, preparando-se para partir.

— Tens esse direito. Contacta-me quando tomares uma decisão — pediu ele, entregando-me um cartão com um número de telemóvel rabiscado. — Adeus, Jeremias.

— Posso convidar-te para jantar? — chamei eu, num impulso. — Nada de conversas de conspirações. Apenas dois homens a conversar descontraidamente. Acho que estamos ambos a precisar.

Gaspar perdeu a postura de valente que estava a forçar durante todo aquele tempo e sorriu, timidamente, acenando. Caminhámos lado a lado, as duas sombras projetadas pela luz dourada a inundar a rua de escuridão.

Cibele

— Vais demorar muito, mãe? — perguntou Rafi, a fazer beicinho. Estava a demorar mais tempo a libertar-se das atitudes infantis do que Rami.

— Não, meu querido. Será só durante o fim de semana. Vocês adoram estar com a avó. Aposto que já tem lá dois presentes para vocês.

E uma lista de coisas para falar mal de mim também, podia apostar.

— É tão estranho trabalhares. Estávamos habituados a que estivesses sempre em casa — explicou Rami.

— É uma questão de hábito. Será só de vez em quando.

— Nunca! Nós gostamos muito de ti! — exclamou Rafi, indignado.

— Eu também, meus piratas. Vá, toca a ir para a escola, as aulas estão quase a começar. Não tarda muito estão de férias. Na segunda-feira, já estaremos juntos.

Vi os meus filhos correrem para a entrada da escola, acenando-me da entrada. Judite e o marido estavam fora do carro à minha frente a acenar para a sua filha mimada. Quando me viram, sorriram avidamente. Quando os dois começaram a caminhar na direção do meu carro, arranquei dali o mais depressa possível.

Estacionei no parque do aeroporto, peguei na minha mala e passei por todo o longo e aborrecido processo de *check-in*, segurança e embarque, até finalmente me sentar no avião. Liguei o telemóvel, lendo uma mensagem de Omar a desejar-me boa viagem. Um *emoji* de coração no final? Progressos. Não ficara contente por ter arranjado um trabalho, mas desde então andava mais carinhoso. Já não me tomava como certa. Claro que achava que era delegada de informação médica, mas essa era uma mentira necessária.

Um rosto familiar surgiu no corredor e sentou-se a meu lado, trazendo com ele um aroma sedutor de cabedal e perfume forte. Lucas Blackburn, o escritor de Ash Falls que me tratara tão mal um ano antes num hotel, sorria-me agora com a sua sexy barba cerrada e olhos pretos.

— Olá, Cibebe — cumprimentou ele, com tom jocoso.

— Nunca imaginei que o meu companheiro de viagem pudesse ser uma celebridade. Sinto-me honrada! — disse, sarcasticamente. —

O meu marido leu o teu último livro, já agora. Achou-o uma merda.

— É uma merda mesmo. Mas os meus leitores gostam de tudo o que escrevo, deixa lá — disse ele, recostando-se e fechando os olhos como se quisesse adormecer mesmo antes de descolar.

Sempre adorara ver o avião a levantar voo através da janela, o mundo a ficar pequenino até mergulhar nas nuvens, milhões de pessoas nas suas vidas, indolentes em relação ao perigo iminente que podia pôr fim a tudo. Eu era agora uma de muitos que tinham a responsabilidade de monitorizar e amenizar o possível cataclismo.

— Também te tornaste numa espécie de celebridade, sabes? Pelo menos no nosso *meio* — disse Lucas. O interior do avião já estava escuro e em silêncio, pelo que o rosto dele parecia agora mais sombrio.

Um ano antes, no final de toda aquela loucura de inconscientes, raptos e mortes, tivera oportunidade de conversar com Abel. Não a conversa com os meus irmãos após o funeral do nosso pai, mas um encontro posterior só comigo. O presidente da Ordem de Prometeu ficara impressionado com as minhas ações. Graças a mim, a sociedade do meu pai e de Basílio, agora mortos, tinha-se dissolvido. Até o Castelo de São Rafael fora vendido. A organização possuía agora centenas de documentos confidenciais e comprometedores sobre celebridades, políticos, empresários e outras pessoas poderosas, e que seriam muito úteis na sua atividade. Também tinham consigo as últimas unidades e a fórmula do «Sonho de Morfeu», mas não era certo o que fariam com isso. Sinceramente, estava-me nas tintas, até porque não precisava disso. Eu, a *Mulher das Máscaras*, existia em todo o meu esplendor.

Recrutar indivíduos especiais para a organização — fora esta a proposta de Abel, que aceitara prontamente. Não era só pelo dinheiro

que oferecia, era também pela proteção que a minha família teria em caso de desastre, irmãos incluídos. Bem, tinha de admitir que também me fazia bem ao ego ser tão reconhecida e admirada por outros membros da organização.

— Estás preparada para isto? — perguntou Lucas, despertando-me dos meus pensamentos.

— Achas que esta é a minha primeira vez? Convencer e enganar os outros é fácil para mim.

— Sim, já ouvi falar dos teus talentos para a persuasão. Mas este grupo é tramado.

Um grupo de *influencers* presos num cruzeiro de luxo, muito à semelhança do que fora feito com os escritores em Ash Falls. Essa era a minha praia. Ainda assim, do que havia lido sobre essas pessoas, iria ter alguns problemas com alguns deles. Mas as minhas *máscaras* seriam úteis para qualquer caso mais complicado.

— E tu foste chamado porquê? Consigo tratar da situação sozinha.

— Quem te disse que fui chamado?

O rosto de Lucas ganhou contornos mais sinistros. Habitualmente, tinha imagem de *bad boy* exuberante e brincalhão, mas, naquele momento, pareceu mais calculista. Aproximou-se de mim, como se me quisesse abraçar, e segredou-me ao ouvido.

— Consigo ver através da tua máscara. Sei que os estás a usar. Como eu.

Quando se descolou de mim, o seu sorriso era travesso. Retribuí, sentindo-me atraída pelo mistério e rebeldia que agora emanava.

Estava a voar com um *Homem das Máscaras*.

Noa

A brisa da montanha agitou-me os cabelos, mais compridos do que alguma vez tivera. Um dos meus lápis rolou para fora do bloco, caindo para o precipício. Teria de usar outra cor para pintar as árvores na base do desenho. Quando terminei, olhei satisfeita para a folha com um anjo de cabelo loiro a pairar no céu, por cima de um vale repleto de tentáculos de monstros grotescos.

Saltei das rochas e caminhei pelo trilho de terra até chegar ao estacionamento onde tínhamos a nossa caravana. Quando lá entrei, Leo estava a fazer ovos mexidos para o nosso pequeno-almoço.

— Bom dia, alegria — cumprimentou ele, divertido. — Levantaste cedo.

— A luz do crepúsculo é ótima para a minha arte — expliquei, passando a mão pelas tatuagens dos seus braços nus. Olhei para os lençóis remexidos na cama.

— Já pensaste para onde queres ir hoje?

— Não sei. Por aí. Estou a gostar de viajar sem rumo. Nunca pensei gostar desta vida de nómada. Talvez seja devido à companhia — confessei, arrancando-lhe um sorriso.

Havia já alguns meses que andávamos na estrada. A morte do meu pai e de Basílio tinha sido estranha, mas bem encoberta por vários intervenientes. A nossa teoria era que o falecimento no inconsciente tinha levado à morte dos seus corpos físicos. Mas eu sabia que ambos estavam em contagem decrescente e, na cabeça do meu pai, aquele sacrifício serviria para que o perdoássemos e para que o seu final definitivo pudesse *curar-nos*.

Por mais trágica e até poética que pudesse ter sido a sua morte, a verdade é que trouxera coisas boas para a minha vida. Além de me

trazer alguma libertação dos traumas relacionados com ele, havia acumulado bastante dinheiro, que herdámos e acabámos por dividir entre os quatro. Usara o meu para comprar a caravana mais *vintage* que encontrara, convidando Leo para viajar comigo. Mantinha contacto regular com os meus irmãos, a nossa relação a melhorar lentamente, mas precisava daquele escape. Nada de dramas familiares, organizações secretas ou conversas de apocalipses.

— Estás novamente a viajar para o teu mundinho — disse Leo, com um sorriso gentil.

— Desculpa-me...

— Estava a dizer que estamos perto da cidade onde vivias e onde nos conhecemos. Algum local que queiras visitar?

— Quero ver a minha mãe.

Depois do pequeno-almoço e de mais alguma diversão na cama, partimos. Com Leo a conduzir, ouvíamos agora Jeff Buckley, um dos favoritos dele e do meu pai. Apesar de o ter renegado durante a minha vida, a verdade é que chorara no seu funeral. Era irónico ser a filha com menos ligação emocional, mas que acabou por ser a quem confessara alguns dos seus segredos. Ainda não o conseguia perdoar. Mas compreendia-o. Com as suas cinzas agora espalhadas pela costa da Casa da Lua por insistência de Tomé, não conseguia deixar de sentir uma ominosa melancolia, quando pensava nele.

Antes de sairmos da montanha, parámos numa estação de serviço para abastecer. Havia apenas outra caravana estacionada. Quando entrei para pagar, estava lá uma mulher de cabelo cor-de-rosa que me pareceu familiar. Quando regresssei ao exterior, ela estava à minha espera. Tirou os óculos de sol vermelhos e sorriu como se me conhecesse.

— Aquela caravana é tua? Que beleza! — elogiou de forma efusiva.
— Andei à procura de uma dessas, mas acabei por comprar uma porcaria mais moderna.

— Não podia ser de outro modo. Sempre gostei deste género mais antigo. Tem mais alma.

— Como eu te compreendo. A viajar também?

— Sim. Com um amigo. Bem, namorado — confessei, algo envergonhada sem compreender porque me estava a abrir daquela forma a uma desconhecida.

— Complicado, hã? Entendo. Eu ando a viajar sozinha. Um retiro espiritual, por assim dizer. Estava a precisar de fugir da loucura do mundo *real*. É solitário, mas também libertador.

— Sim. Consigo compreender esse sentimento e necessidade — concordei, sentindo uma estranha empatia com ela.

— Cecília Celes — apresentou-se com um sorriso, estendendo a mão.

— Noa Xavier. Prazer.

— Desculpa-me, se fui muito intrusiva. Tenho esta mania de me meter com pessoas cuja energia sinto ser parecida à minha. Pessoas que preferem ficar de fora da influência de terceiros, como organizações com nomes de figuras mitológicas — referiu agora, com um sorriso insidioso.

Arregalei os olhos perante aquela referência tão direta à Ordem de Prometeu. Foi então que reconheci aquela mulher, uma das escritoras do programa Ash Falls. Uma fugitiva como eu.

— Parece que temos muito de comum, Noa — explicou ela. — Tenho a sensação de que ainda nos vamos cruzar. Toma — disse ela, estendendo-me um cartão com um número de telemóvel escrito à mão. — Neste momento, não tenho redes sociais, mas também não sou nenhuma eremita.

Despediu-se com um ávido aceno já dentro da sua caravana, toda ela uma medusa de cabelo rosa. Quando partiu, pude ver a esperança no seu olhar, mas também um tipo de solidão que conhecia bem. Percebi que não seria a última vez que a veria.

Ao final da tarde, chegámos ao cemitério onde a minha mãe estava enterrada. Antes de entrar, Leo parou junto à porta de metal retorcido. A mente de Leo ficou fragmentada durante semanas. Estive sempre a seu lado, sentindo-me responsável pelo que lhe acontecera. Foram precisas muita medicação e idas ao médico até que começasse a recuperar a sua estabilidade. Agora estava melhor, mas ainda via no seu olhar os estilhaços que nunca seriam reparados, especialmente naqueles momentos inesperados em que ficava a contemplar o vazio.

— Prefiro ficar cá fora, se não te importas — pediu ele. — Os cemitérios são difíceis para mim.

— Claro que sim. Não vou demorar — disse, beijando-lhe os lábios.

A lápide da minha mãe tinha três flores murchas e quase secas, que

sabia serem dos meus irmãos. Até conseguia identificar qual era a de cada um, com base nas suas personalidades. Coloquei lá a minha, um lírio branco, por sugestão de Leo.

— Espero que estejas feliz onde quer que estejas, mãe. Estarás sempre comigo — disse eu, sentindo outra voz a proferir aquelas palavras comigo. Gabriel.

Sabia ser um truque da minha mente, mas quase podia ver a figura da minha mãe a sorrir para mim, ajoelhada e a tocar na flor que acabara de colocar ali. Mulher e mãe exemplar e vigorosa com um destino cruel, mas que nos amara incondicionalmente. Se pudesse ter pelo menos uma pequena fração daquela força, seria uma mulher feliz.

Despedi-me com um toque na pedra fria, regressando para Leo, à minha espera no exterior daquele lugar de silêncio e paz. De mãos dadas em direção à caravana, nosso santuário, continuámos a jornada pelo nosso pequeno mundo.

Tomé

— Nada de episódios, Tomé? — perguntou-me o psiquiatra, um homem rechonchudo de cara rosada.

— Nada, doutor.

— E as sombras? Continua a vê-las?

— Não. Nada desde o que aconteceu na Casa da Lua. Nada de visões de apocalipses e mundos malucos.

— E ainda sente a energia dos outros? Continua a afetá-lo?

— Felizmente não. Tenho tido uma vida muito mais calma.

— Muito bem. Folgo em o ouvir. Significa que acertámos na medicação e está finalmente a funcionar consigo.

Havia uns sete meses que tinha consultas com aquele médico, sugestão de Jeremias com base nos seus contactos. A Ordem de Prometeu insistira em ajudar-me nesse aspeto, mas recusava associar-me a uma organização desse tipo. Obviamente sabia que nós os quatro já estávamos presos na sua teia, mas quanto menos me envolvesse com eles, melhor.

— Sim. Agora estou muito centrado na minha recuperação e no meu projeto. Acaba por me tomar muito tempo.

— Tem corrido bem?

— Sim, bastante. As minhas redes praticamente triplicaram o número de seguidores no último ano. Gosto muito do que faço.

— E amizades ou relacionamentos? Ligações familiares?

— Está tudo bem entre mim e os meus irmãos. Apesar de afastados fisicamente, temos falado com muita regularidade. Tenho tentado socializar mais. Já organizei alguns encontros com outros *tiktokers* ou alguns seguidores que tenho.

— Perfeito. Lembre-se de ir devagar. O processo de recuperação deve ser sempre cauteloso.

— Claro, doutor. Estou a tentar.

— Vou prescrever-lhe mais duas caixas.

— Doutor, não tenho interesse em voltar à vida que tinha. Eu sei que a medicação me ajuda. Não se preocupe, estou bem. Estou estável e feliz.

— Fico contente por ouvir isso. Confesso que fiquei reticente a tratá-lo quando o Jeremias me ligou. Não sabia se iria estar à altura da sua confiança. Sei de alguns pormenores do que se passou com vocês e achei que seria demasiado para a minha experiência. Mas o Tomé tem-se revelado um paciente exemplar.

— Só quero recuperar. Já sofri muito ao longo destes anos.

— E vai conseguir. Tenho a certeza.

Despedi-me dele com um aperto de mão e saí para a rua que, àquela hora, estava cheia de gente a passar. Era um alívio tão grande poder misturar-me na multidão sem o choque avassalador das suas energias caóticas de depressão, ansiedade e frustração. Era como se aquele mundo barulhento fosse agora um oceano tranquilo onde eu podia nadar livremente.

Levantei a minha medicação na farmácia ao fundo da rua e enfiiei-a na mochila. Antes de abrir o cadeado da bicicleta, vi que recebera uma mensagem de Jeremias a perguntar como tinha corrido a consulta. Respondi com um «Correu bem. Sinto-me cada vez melhor. Obrigado pela tua ajuda» e terminei com um *smile*.

A nossa relação tinha melhorado muito, assim como a relação com Cibele e Noa. Estava a esforçar-me para melhorar e sei que eles também. Apesar de cada um estar nas suas vidas, falávamos constantemente por chamadas ou mensagens, nem que fosse com *memes* ou vídeos parvos de gatos a cair ou de receitas estrambólicas. Era o mínimo que podíamos fazer pelos nossos pais, mas também por nós.

A ouvir música dos Nirvana nos *phones*, percorri as ruas da cidade em direção à estrada nacional que me levaria até Quebranto. Ao longo da viagem, concentrei-me no trabalho de investigação que estava a fazer sobre o misterioso desaparecimento de uma mulher de vinte anos, após iniciar uma *road trip* sozinha. Havia já uma série de teorias

virais, cada uma mais fantasiosa do que a outra. Nessa tarde, ia ter uma conversa por *Zoom* com um ex-namorado.

Parei na mercearia da aldeia, a mulher grisalha cumprimentou-me com um sorriso caloroso, como se já fosse família.

— Tenho aqui o teu pão, Tomé. Ainda está quentinho — anunciou ela, entregando-mo num saco de plástico.

— Obrigado. Vai já marchar todo daqui a bocado. Qualquer dia não caibo nas portas — brinquei eu, arrancando-lhe uma gargalhada.

Aquele dia de junho era dos que eu adorava: nem calor, nem frio e com o cheiro a maresia a invadir a estrada até à Casa da Lua. Quando lá cheguei, antes de entrar, observei a praia, tão poderosa e pacífica. Havia por ali um grupo de adolescentes a fumar charros e um casal a passear um cão. Todo o cenário me acalmava e me inspirava.

Guardei a bicicleta na garagem e entrei na casa que agora era minha, comprada à viúva de Basílio com o dinheiro deixado pelo meu pai. Fora uma decisão impulsiva e sujeita a muitos gritos de descontentamento dos meus irmãos, que receavam que fizesse mal à minha saúde mental. Mas que melhor forma de apagar os traumas da minha vida do que viver na casa que estivera na origem deles? Depois do que acontecera, a maldição levantara-se. Não passava de chão e paredes. Uma simples casa, luminosa e grande, agora mais positiva. Além disso, era ótima e ficava à beira da praia. Com o mercado imobiliário como estava, aquele era um verdadeiro sonho que deixava qualquer pessoa com inveja.

Eu estava bem. Melhor do que nunca, até.

Depois de guardar o pão na cozinha, fui até à casa de banho e abri o armário. Guardei lá as duas caixas de medicação, juntando-as às dezenas de outras por abrir e consumir desde o primeiro momento em que o psiquiatra as receitara.

Subi a escada até ao observatório, assobiando a versão dos Nirvana da música *The Man Who Sold the World* que vinha a ouvir no caminho. Olhei para os vestígios de cimento que ainda conseguia ver atrás da estante onde outrora estivera o elevador secreto. Uma das condições para os meus irmãos deixarem de me chatear sobre querer comprar aquela casa era destruir o laboratório e fechar a entrada, uma forma de exorcizar todos os nossos demónios.

Ainda tinha algumas horas até à entrevista com o ex-namorado da

mulher desaparecida. Abri a janela que dava para o mar e deixei que o sol me queimasse a pele. Adorava estar ali, havia sempre tanta luz, especialmente naqueles dias de início de verão. Acendi um cigarro, enfiei os *headphones* com a música no máximo e dancei ali, de olhos fechados, até à exaustão. Completamente suado e cansado, senti a habitual presença quente. Abri os olhos.

O *Homem*, a *Mulher das Máscaras* e *Gabriel* sentavam-se confortavelmente no chão com almofadas e no sofá, como gostavam de fazer. *Luna* observava-me, sentado na secretária. De cada lado dele, a minha mãe e o meu pai sorriam pacificamente para mim.

Eu estava bem.

Estava em *casa*.

Nota do autor

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e situações são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, negócios, empresas, iniciativas, instituições ou locais é mera coincidência. Declarações, atividades, descrições, informações e materiais referidos no livro servem apenas para fins de entretenimento e não devem ser replicados.

O «Sonho de Morfeu», o fármaco/droga, e respetiva fórmula referidos nesta obra foram inventados para servir o propósito da narrativa. Não se pretende incentivar, de maneira alguma, o consumo de substâncias desse tipo, que podem pôr em risco a saúde e a integridade dos leitores deste livro.

Agradecimentos

Gatos na Noite foi o livro mais desafiante que tive o prazer de criar. Ao longo da sua produção e possível publicação, tive um imenso gosto em contar com a preciosa ajuda de algumas pessoas a quem não podia deixar de agradecer.

À minha editora, Sara Wunderly Gomes, por ter acreditado em mim quando mais ninguém o fez.

À Sílvia Dias, pelo profissionalismo e «olho de falcão» na revisão da história.

Ao Luís Silva, por toda a paciência ao ouvir a história ainda em fragmentos para me ajudar a «montar o *puzzle*».

A Nanci Pires, Rúben Pires, Vanessa Sebastião, Diogo Martins, Luísa Carvalho, André Segurado, Dora Santos Marques e Miguel d'Alte, por todo o apoio e contributo na leitura da história, mesmo antes de chegar às livrarias.

A todos os leitores que continuam a contribuir para que este algarvio prossiga o seu sonho de escrever histórias para os outros.